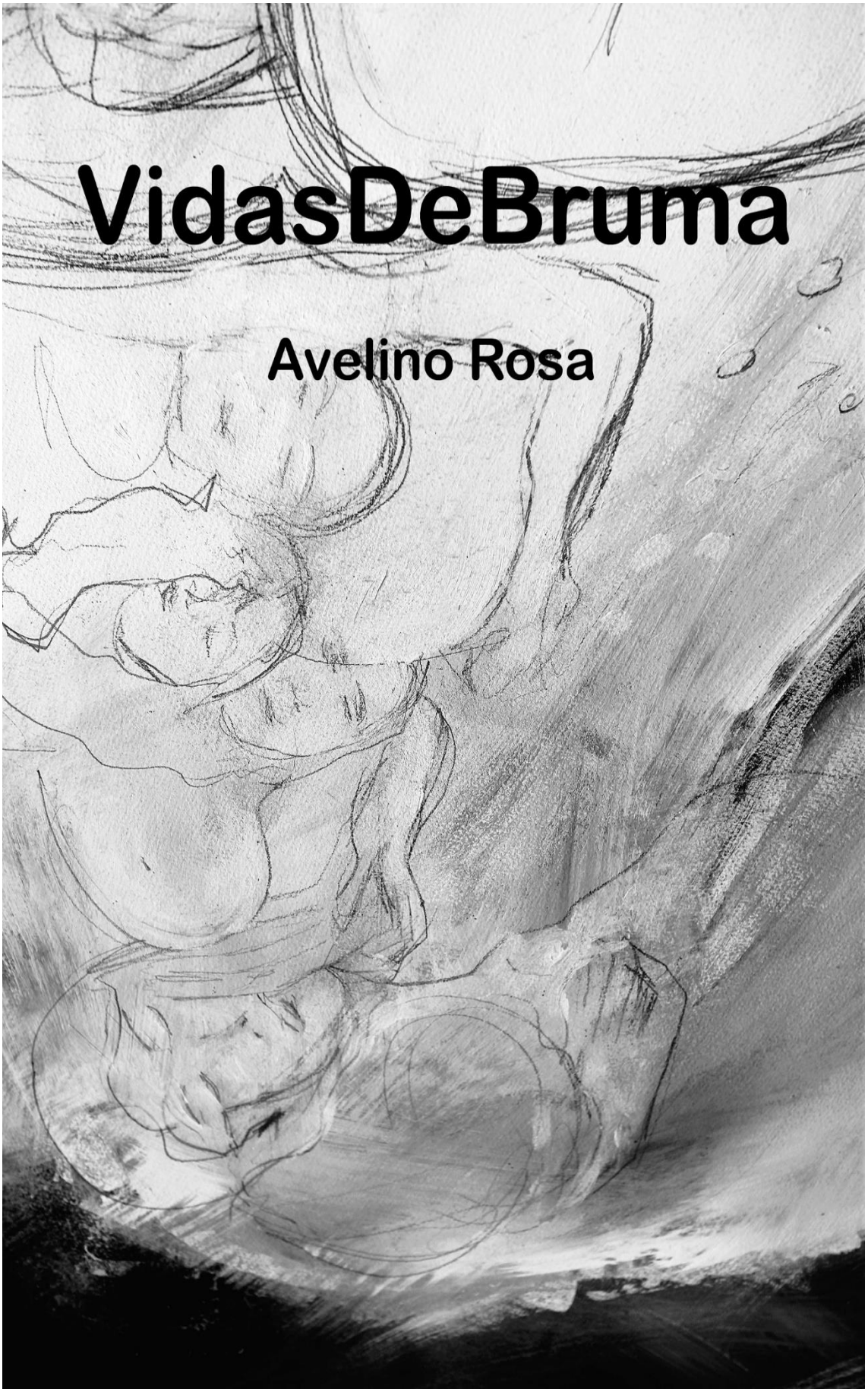
VidasDeBruma

Avelino Rosa



Avelino Rosa

Vidas de Bruma

Capa de
Helena Trindade

Março de 2022,
usando, na generalidade,
o Acordo Ortográfico em vigor.

Nenúfar

Vivo mergulhado
num lago de cisnes
A princípio, debicavam-me
os cabelos
depois, habituaram-se
ao estranho nenúfar
desenraizado
Passam e nem ligam
esticando os pescoços
mas indiferentes
ao homem que vegeta
naquelas águas
ausente.

Avelino Rosa, 03-06-2002

Viver para quê

Vive-se para amar, ser feliz
para ter família, homilia
e via sacra alternada
entre quase tudo
e muito nada

Para navegar nas ondas do mar
mergulhar na lava líquida e ardente
que tudo reduz a pó e a pedra
com que se constrói adegas e casas
onde se faz e prova vinho e aguardente

Dementes nos fazem os dias…
sem culpa de ninguém, apenas da vida
que nem sonhámos e não vivemos
morrendo, aos poucos, em extremos
autoflagelo do corpo que esquecemos

E que, já abandonado ao destino sabido
só queremos que tenha sentido o final
momento fatal e redentor e que as cinzas
espalhadas ao vento apaguem a dor.

Avelino Rosa, 16-08-2019

A vida vive-se. É assim. Cada um devia dar graças a Deus pelo que tem. Filosofia da resignação que se prega nas igrejas. Que o Estado novo incentivava. "Deus, Pátria, Família... Autoridade". "A minha alegre casinha / Tão modesta como eu / Como é bom, meu Deus, morar / Assim num primeiro andar / A contar vindo do céu...".

O pobrezinho mas honrado, mesmo que a família morra aos poucos, à míngua de pão e de tudo, deve sentir-se feliz. Porque tendo família e um teto, não se é um sem-abrigo. Logo, tem um estatuto social que, pelo menos, é superior ao mais baixo. E isso é já um caminho, uma esperança. E, na verdade, basta um golpe de sorte, para se ficar rico. Os jogos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e os concursos são o instantâneo passaporte, como num passe de mágica. Há outra forma: poupar, poupar muito, aplicar bem o dinheiro e esperar que cresça e se multiplique. Há gente, que vindo do nada, enriqueceu assim. Alguns usaram de meios menos lícitos, mas isso de pouco importa quando aos outros até dá jeito esquecer o passado do Senhor Comendador. É a filosofia renovada da mediocridade. Ninguém sendo pobre chega a rico, poupando, investindo nada. Porque nada tem. E quem, porventura, enriquece assim ou por um golpe de sorte, continua pobre de espírito.

A classe média, que foi capaz de subir um degrau na estrutura social, adquirindo educação e conhecimento, pode gozar de uma vida melhor. Geralmente trabalhando por conta de um patrão qualquer que se aproveita das suas competências e dedicação, retribuindo-lhe uma pequena parte dos seus lucros.

O consumismo potencia. Quase se pode viver como os ricos, com o crédito fácil. Mas não por muito tempo. Ao cabo de uns meses, o carro e até a casa mudam de mãos, que não de dono, porque este foi sempre o financiador. O efeito imitação das telenovelas, das figuras públicas e mesmo a inveja do vizinho que se antecipou na pele de novo-rico, deixam um sabor amargo, ressabiando ainda mais a vida.

Casa-se e tem de ter-se casa, sem uma relação sólida, preparada para a competição feroz no mercado de trabalho. Ao primeiro embate as juras cedem, retalham e morrem, deixando os filhos percorrendo a via-sacra dos progenitores e dos avós. E ficam as dívidas do casamento, da casa e do caro. A economia global dita a localização (deslocalização) das multinacionais. O desemprego de uns será o trabalho de outros, até novo ciclo. Quem tinha a subsistência em perigo, mas debilitado fica e os ricos mais ricos, ainda. Vem, então à cabeça o velho ditado de que as grandes fortunas são herdadas ou roubadas. Há quem lhe chame Sorte ou Azar e também Destino, entidade abstrata que, em último caso, parece depender do Céu ou do Inferno, conforme melhor corresponda à situação ou possa dar mais jeito.

A Sociedade extrema-se. Há quem entenda que estamos num ultraliberalismo ou liberalismo extremista. Esse neoliberalismo é autofágico. Alimenta-se do lucro fácil e rápido, esquecendo que vai secando as fontes. Pior do que isso, vai fazendo crescer a revolta latente, até a fazer explodir. Com uma conduta inconsistente, sem qualquer sustentação local ou global, faz perigar o Planeta, e não só climaticamente, próximo de um ponto de não retorno. Os Governos, com a mesma cartilha, em vez de regularem a Ordem Internacional, tudo fazem para fazer crer internamente que a solução é o próprio País ser mais competitivo do que os outros. Ganham os que nunca tiveram direitos sociais, perdem os que vêm reduzidos os direitos conquistados, porque em vez de enriquecerem, empobrecem.

A condição do ser humano passou a ser uma simples vertente da Economia. Dito de outro modo, a Economia deixou de ser uma resposta ao ser humano para passar a ser um fim em si mesma, por comando das multinacionais e, sobretudo, do setor financeiro. E este não produz, especula. Transfere apenas riqueza, não acrescentando nada. Deste modo, Países ditos emergentes e os que vão reemergindo tendem a ficar em equilíbrio periclitante. Perigoso. Há sinais claros, como os ocorridos a propósito do aumento dos bens essenciais, incluindo o petróleo e os cereais. A globalização da economia está a gerar, também, uma contestação global, que não augura nada de bom para a própria Humanidade.

O crime financeiro, associado à corrupção e à fuga de capitais e aos impostos, ocupa importantes recursos dos Estados modernos. Muitas vezes, simplesmente, assenta em dois corolários, para os incumpridores: a não deteção das infrações ou o lucro a obter face à punição legalmente prevista. Apesar do crescente apetrechamento em meios e conhecimento dos aparelhos da Administração Pública, a engenharia financeira, apoiada em especialistas da Lei e da Contabilidade, pretende estar sempre um passo mais à frente da última interpretação judicial. O objetivo é sempre o mesmo: pagar o menos possível pelos lucros obtidos, dispensando os descontos para a Segurança Social, as indemnizações devidas por despedimento ou mesmo os incentivos recebidos por investimento de instalação, nalguns casos aquando da deslocalização. Mais os paraísos fiscais, os *offshores*... Tudo é possível para reduzir custos, em todas as áreas de uma empresa, marimbando-se, quem nelas manda – Fundos e pessoas singulares -, na sustentabilidade do Estado "aprisionado" e dos seus trabalhadores, privilegiando sempre a distribuição de dividendos aos acionistas, mesmo que isso implique a diminuição de recursos para futuros investimentos ou o recurso aos procedimentos de falência.

A vontade dos cidadãos deixou de contar. O voto, como instrumento

democrático, é apenas um pró-forma de legitimação do poder político. Nunca se sabe, ao certo, ao que cada partido se propõe e se o básico propagandeado na campanha eleitoral – em "chavões" mais ou menos retorcidos - poderá, algum dia, ser concretizado. Os cidadãos, em geral, alternam entre os grandes Partidos, em consequência das sequelas da governação anterior e a reboque de novas promessas que, não cumpridas, fazem mudar o voto mas também engrossar a abstenção. O que começou a alimentar o ciclo do aparecimento e reforço dos partidos populistas. Os cidadãos mais informados dividem-se em duas posições que, parecendo antagónicas, desaguam num mesmo propósito. Os que propõem o voto em branco ou nulo, partem do pressuposto de que votar é um dever cívico, assumindo a sua participação. A segunda corrente entende que, em qualquer eleição, os votos brancos e nulos nunca têm qualquer destaque, nem como votos de protesto, acabando por legitimar os eleitos. Defendem, antes, que esses votos deviam acrescer à abstenção tendo esta uma expressão ainda maior, não deixando margem para dúvidas quanto ao desinteresse e ao descontentamento geral. Donde o ato eleitoral teria de ser repetido até o número de votantes ser superior a cinquenta por cento. Senão, no limite, sendo a abstenção superior aos votantes, os políticos seriam eleitos apenas pelos respetivos aparelhos partidários e simpatizantes de cada partido. Facto que provocaria, de certeza, uma mudança drástica no modo de encarar a política e os destinos de cada País, pelo menos nos denominados Países democráticos.

Digamos que estamos perante uma perspetiva simplista da relação cidadãos e política e os políticos, num enquadramento global determinado pelo neoliberalismo. Mas a situação é bem mais complexa. As políticas de migração, não sustentadas, com regras e com integração efetiva, criaram guetos. As consequências têm sido bem visíveis, em muitos países, provocando tumultos, acrescendo violência e mesmo criminalidade. Alimentando sentimentos de xenofobia e de racismo. O receio de atos terroristas, agora também à escala global, sabendo-se dos acontecimentos reais, fazem dispensar direitos, liberdades e garantias a troco de segurança, apesar de um pretenso – e quase hipócrita -, esforço em proteger os dados pessoais. Mas fica a convicção de que o uso desses novos poderes públicos extravasam os limites do razoável, controlando o que até agora pertencia ao nosso foro íntimo ou ao nosso quotidiano de sempre. Numa espécie de *Big Brother*, que tudo vê e tenta corrigir, na generalidade ou individualmente, para a nossa proteção e sobrevivência. Naturalmente, claro…

É este o cenário real, portanto, objetivo. Um neoliberalismo autofágico que determina a nível global. Governos que governam com as máximas dessa falaciosa teoria económica, deixando o mercado sem regras essenciais. Políticos mal formados ou mesmo aprontando-se para lugares importantes ou de topo das

grandes empresas, divorciados, cada vez mais, dos interesses dos Países e dos cidadãos. Incapazes de dar respostas concretas aos surtos migratórios, ao terrorismo global e às questões do Ambiente. Cidadãos que, perante esperanças defraudadas, vão apoiando, depois tolerando, até que sobrevém o desespero. As diferenças entre ricos e pobres acentuam-se, com uma classe média desaparecida e desesperançada. Com ou sem manipulação, pequenos empresários e trabalhadores começam a vir para a rua exigir. Hão de engrossar, em caudal. Os conflitos sociais multiplicam-se. Há quem venha chamando a atenção para as consequências. Mas os olhos e os ouvidos, que deviam ver e ouvir, permanecem cegos e moucos, mergulhados nos seus interesses mesquinhos. A contestação, desde há muito, que começa por problemas simples, reais, mas vai-se transformando, com o tempo, em atos de violência gratuita que denegam as raízes da própria contestação. Há forças (ocultas ou identificadas) que semeiam o caos para colher frutos que, pelo menos a população em geral, não entende ainda.

Quer queiram ou não, está aí o prenúncio de algo de contornos ainda mal definidos. Mas que vai acontecer muito mais breve do que seria expectável. E esta nova revolução não se explica com nenhuma teoria ou dogma conhecidos. Pode não ser o Apocalipse, mas vai mudar a face da Terra. A questão é que ninguém, ao que parece, está preparado para a enfrentar e, sobretudo, para reencaminhar os Estados na transição para um novo paradigma. O nosso Mundo, agora já quase global, mas que é ainda o nosso planeta Terra, parece ir passar por maus momentos.

A fuga do interior para as grandes Cidades e, em particular, para o litoral, é também responsável pela ausência de coesão dos Países. Passa a acreditar-se em *El Dourados* imaginários, que proporcionam uma maior permeabilidade ao desprendimento dos escrúpulos, até a esquecer os valores e a dignidade do ser humano. A maior parte das vezes, é uma migração compreensível, mesmo de sobrevivência, face às oportunidades que o interior não permite e às que as grandes cidades do litoral podem proporcionar, sobretudo aos alunos dos Politécnicos e das Universidades que, na sua origem, teriam uma espécie de referência, de cordão umbilical, a uma terra ou região progenitora, fixando os seus formados em atividades locais. Mas se os Governos e Autarquias não proporcionam o investimento, a comodidade e os incentivos adequados, não há fixação de quadros no interior, ampliando-se, cada vez mais, a sua desertificação. Num estádio de desenvolvimento em que a tecnologia permite o trabalho remoto e a implementação de *Start ups*, não se entende que um País, como Portugal, com a sua dimensão, não seja capaz de ultrapassar esta dessintonia, ao mesmo tempo

que fomenta um plano de economia digital e parece preparar-se para uma Regionalização continental, que nada disto vai resolver, aumentando em muito os recursos que esta última opção vai exigir. Sinais contraditórios de uma política errática e sem objetivo e alvos capazmente definidos.

A Justiça também não ajuda. Não tem de cuidar do caráter, mas apenas dos factos quanto deles deva conhecer. O anátema das situações recorrentes exige uma reestruturação do Sistema Judicial, capacitando os magistrados a aplicar a Lei e as sanções nela previstas, em tempo útil, para que a Sociedade entenda as razões da conduta e eventual condenação do arguido ou réu. E acabando, de vez, com as condenações em "praça pública", por respeito aos elementares direitos da pessoa mas, sobretudo, em obediência ao princípio de que se pressupõe a inocência do indiciado até ao trânsito em julgado da sua condenação, e esta salvaguarda é essencial e da responsabilidade do Sistema Judiciário.

As Pandemias, como a atual, provocada pelo COVID-19, além de diferenciarem os Estados, separa as pessoas. Uma espécie de "lepra" que atinge a Humanidade há milhares de anos, periodicamente, com novos Vírus e, mais recentemente, vacinas que foram sendo criadas, reagindo à doença, e evitando a perda de vidas mas, como no caso presente, levando também à perda de direitos e de liberdades em que assentam as sociedades democráticas, com confinamentos e restrições, a uma cidadania mitigada. Distinguindo também Estados ricos e pobres, estes que vivem de eventuais doações, esquecendo os primeiros que sem a imunização de todos os cidadãos do Mundo não há equilíbrio global.

Com fundamento nos males difusos que as vacinas poderiam provocar, os "negacionistas" tentaram convencer as pessoas a não se vacinarem, reagindo, nalguns casos, com violência, como em França, sobretudo, mas também em Portugal, de modo mas pacífico mas mesmo assim agressivo, sem nunca apresentarem uma razão válida, baseando-se exclusivamente na rapidez com que haviam inventado e testado as vacinas, ignorando os progressos da Ciência neste domínio. E, afinal, a vacinação revelou-se como um meio eficaz para, substancialmente, evitar o contágio e combater os efeitos da doença provocada pelo COVID-19.

Nos últimos tempos surgiu uma nova ameaça, demonstrando que o Mundo, atualmente, senão desde quase sempre, têm a Humanidade em perigo, mais ou menos eminente. Agora, apesar de provado que não há raças (tendo caído o conceito de racismo já há uns bons anos, com o projeto Genoma), mas apenas a raça humana, mantém-se o racismo, enformado pela educação e vivências de algumas pessoas, estas e outras também capazes de afirmar que a Terra é plana ou que as vacinas matam em vez de curar. São nichos de desinformação ou

mesmo de tentativas, por vezes pagas por Estados ou em obediência a ideologias, pretensamente retrógradas, cujo objetivo primordial é a destabilização da ordem social democrática, para obedecer a valores próximos de um caos que permita um futura aglutinação de sociedades sobre a "guarda ou autoridade" de uma ditadura global qualquer. E é, nesta amálgama de distopia, entranhada de informação e contra informação, que se desenrolam procedimentos, à primeira vista estranhos, mas que pretendem levar a cabo uma transformação dos atos e valores, mais ou menos comummente aceites, levando-os para um patamar em que a obediência cega é o valor mais importante de todos, tendo em conta que o Estado por todos zela e satisfaz as suas necessidades.

O neoliberalismo, ou mesmo o ultraliberalismo, não parecem querer tanto, embora se aproximem em termos materiais. Quando, por exemplo, se concessiona a exploração da água ou da eletricidade a grupos ou fundos económicos, a quem apenas importa o lucro, pode ficar-se refém do exclusivo objeto dessas empresas: o lucro! E já temos exemplos disso, de sobra. Como temos da apropriação de recursos, como o gás e o petróleo.

A invasão pela Federação Russa da Ucrânia, a 24 de Fevereiro, tem, parcialmente a ver com isso. Mas não só. A tentativa de reconfiguração da extinta URSS e a ascensão da República Popular da China têm vindo a marcar, sobretudo a última, uma nova ordem Mundial. O que vai acontecer quer em termos de COVID -19, quer de guerra na Europa ou mesmo a nível Global (Terceira Guerra Mundial), ninguém sabe. Apenas que, desde a Guerra Fria e agora, cada vez mais, o Mundo está um barril de pólvora que pode explodir a qualquer momento. Como diria uma respeitável "conselheira": "Nada disso é grave porque face aos desastres ecológico e às Pandemias, uma guerra nuclear global resolve, de vez, todos os problemas deste Mundo. E vamos deixar de nos preocupar com as despesas da casa, da comida e transporte e com os problemas do trabalho que, na maioria dos casos até odiamos. Bem-vinda a hecatombe que acaba com o planeta Terra, que se há de refazer-se como após o desaparecimento dos dinossauros e com outra raça humana, mas mais civilizada!". Há gente com um humor muito peculiar…

O romance desenrola-se nesse contexto, com uma abrangência de mais de 2 anos de Pandemia, com a perda de muitas vidas, mas, talvez mais ainda, da liberdade de viver uma vida normal, sem máscara e outras restrições. Agora até se definia tudo isso como o "novo normal", eufemismo que se calhar explicava alguns comportamentos menos normais (os "COVIDados") e o facto de ter aumentado significativamente a venda de antidepressivos e ansiolíticos.

Finalmente, faço questão de ter em primeiro plano as minhas origens. Com o tempo, algumas memórias não esmoreceram e ficaram até mais vivas, como se as aprimorasse agora, vincando factos que poderiam ter acontecido, mas não exatamente como são transpostos para a narrativa.

Pássaro livre

Libertei um pássaro
que não quis voar
ficou-se a debicar grãos
pelo lado de fora da gaiola

Decidi então voar eu
por entre o milheiral do serrado.

Avelino Rosa, 10-03-2022

Loulé, hipermercado, Verão, com toda a gente, sobretudo estrangeiros, a comprar, a comprar, carrinhos cheios, de cerveja e de vinho, com pacotes de tudo: muitas embalagens de plástico de comida para aquecer em micro-ondas, de batatas fritas e tantas outras coisas que nem a imaginação era capaz de alcançar o que poderiam conter. Não sendo gourmet, apenas incomodava a Virgílio o tempo de espera nas filas, o cheiro a suor dos homens com aquelas camisas largas sem mangas, deixando ver os pelos sebosos e brilhantes, requerendo uma lavagem de chuveiro ou à mangueirada numa Estação de Serviço, jorrando a água em alta pressão, garantindo a limpeza exterior e interior. Gostaria de ver alguém a lavar os bofes, o estômago já tintado e a bexiga rebentando e todo o resto, só a segurar os líquidos e os semissólidos porque não havia buracos evidentes na pele. Na verdade, bastava-lhe que os sovacos, de ambos os géneros, cheirassem a nada ou a sal do mar, vendo-se os cristais de sódio a rebrilharem na iluminação manhosa do teto da superfície comercial, como se dizia, nunca soube bem porquê. Talvez por contraponto às superfícies que não tendo artigos para venda são de uso pago mesmo indiretamente.

A superfície das Repartições de Finanças até são pagas duas vezes: o arrendamento pelo Estado, que somos todos nós, tansos e obedientes, e pelo nosso IRS e IVA, ou outro imposto qualquer, siglas odiosas, que muitos nem sabem o que querem dizer. Só que é para pagar. Senão, vende-se ao desbarato, para além da penhora do parco ordenado, os bens como o carro, esfolado e tão ou mais decadente que nós, e a TV, quando não juntam mais uns móveis e até o fogão e o esquentador…

Só dormindo debaixo da ponte ou num vão de escada ou num recanto qualquer, sob cartão e plástico, com uns cobertores doados e sustentado pela Caridade – palavra abominável -, se conseguia fugir ao Fisco. Claro que havia os outros, os "trutas", que fugiam parcialmente aos impostos, mais que parcialmente, com a sua engenharia financeira e contabilidade sofisticadas, de que do muito reduziam a quase nada e, mesmo do nada, ainda obtinham benesses. Com os lucros a sobrar e a viajar para os Paraísos Fiscais. Destinos insondáveis do dinheiro que juntavam à custa dos outros e do País.

O que se pensa numa fila que parece mover-se à velocidade de uma lagartixa com reumatismo… Até uma mulher, de cabelos brancos e bigode preto retinto, que devia ser cozinheira num restaurante qualquer, empurrou, chateando toda a gente, dois carrinhos a transbordar de tudo. Um presunto, envelhecido por artes mais antigas que o desgraçado animal sacrificado, cheirava ainda pior do que os sovacos da clientela, exalando uma podridão de múmia retirada do seu habitat natural, descoberta por arqueólogos que já haviam batido a bota. Mas descobriu que o odor não era tanto do presunto mas mais dela, que havia passado do prazo.

E, pior ou normal, assentou, de repente, uma lambada no marido ou acompanhante que tentava segurar o segundo carrinho. Só porque o homem, com mais de setenta anos, tinha sorrido para a mulher da caixa, meia desdentada e a enrolar a fala denotadora de uma deficiência qualquer ou das consequências de um acidente vascular cerebral (AVC) prematuro. E, o coitado, levou uma de não tens de te fazer de engraçadinho, que até girou o pescoço, ficando aturdido, feito parvo e com um fio de sangue a deslizar do nariz à boca, deixando-se ficar como se nada tivesse acontecido. A empregada da caixa é que não demorou a zarpar dali, até que fosse substituída, não fosse sobrar para ela também. E os clientes, enfileirados, à espera que a velha com dentadura postiça – que Virgílio bem a viu a empurrá-la para dentro da boca e a cerrar os maxilares para a fixar – pagasse e desamparasse o raio da fila, que já toda a gente bufava e começavam a surgir os insultos, destabilizando os mais calmos e tolerantes. Ainda pensou em perguntar-lhe o nome do Restaurante em que trabalhava, onde nunca iria, por mera segurança, evidentemente.

Veio uma outra "caixa", uma jovem negra, altiva, garbosa, mas pouco expansiva. Ainda assim, o velho sorriu-lhe, depois de limpara o fio de sangue com a manga da camisa, percorrendo-lhe o corpo com os olhos. Nova lambada se adivinhava, mas não, a velha também pareceu derretida com a "pretinha" e tudo se compôs, finalmente. Depois de apreciar o seu desembaraço, achou que mocinha tinha um excelente potencial para singrar no seio de uma organização que tratava as pessoas como pernas de presunto, enquanto vistosas e dentro do prazo que lhe convinha, despejando-as no lixo quando encareciam ou reivindicavam o que lhes era devido.

Tentando manter o carrinho, com poucas compras, que teimava em escapar por trajetórias de risco, sobretudo contra a barriga proeminente de outros clientes, Virgílio quase o arrastou até ao parque de estacionamento, com os braços e as pernas prestes a uma greve sem precedentes. Olha quem ele é. Estás bom rapaz? Uma abordagem direta e íntima, à queima-roupa, de um condutor qualquer. Por onde tens andado? Está tudo bem contigo? E blá, blá… Esta é a minha mulher e ela a minha sobrinha que só tem 13 anos, apontava ele para o banco do pendura e para o detrás, onde a rapariga se sentava com as cuecas à mostra e os botões do vestido prestes a rebentar. Sabes há quantos anos não nos vemos? E o "rapaz" a pensar que estava a ser enrolado, mas não queria dar parte de fraco. "Andei pelo estrangeiro…" – ainda conseguiu articular. E eu também. Olha, em nome da velha amizade, tenho aqui uma oferta para ti, um relógio todo digital que faz tudo sozinho… Estupefação. Confirmando os receios e maquinando em como sair dali, até porque era useiro e vezeiro em não reconhecer alguns "velhos" conhecidos, de há muitos anos, com quem nunca

mais havia contactado. E ele, sempre, com o blá, blá, blá… E já agora podes dar alguma coisa à minha sobrinha, o dinheiro que tiveres. E aí finalmente confirmou-se o "enrolanço". Mas quando, finalmente, o ia mandar desamparar-lhe a loja, surge, providencialmente, um carro da Guarda Nacional Republicana (GNR) e o "amigo" arrancou por entre as colunas do parque de estacionamento, perseguido pela autoridade. Embatucado, mas a ferver de raiava, condescendeu que, felizmente, nada tinha ainda nas mãos que pudesse interessar aos guardas.

Mais uma vez, a sentir-se quase enganado por um vigarista, atraiçoado pela memória, mais atenta a pormenores do que afinada para amigos de ocasião. A verdade é que esteve prestes a cair no conto do vigário. Quase lhe apeteceu voltar atrás e respirar o ar viciado do hipermercado, empeçar nas barrigas disformes, cheirar os cheiros dos sovacos, do bacalhau, do peixe descamado e atrasado, do presunto pretensamente curado ao sol, deliciar-se com as caras, por vezes bem bonitas, das raparigas das caixas mas que, ao abrir a boca, salivavam e mostravam os dentes tortos e cariados de assustar qualquer dentista e ele que só gostava de gente normal e bonita ou, como gostava de dizer, igual por dentro e por fora, o que não era igual.

Decidiu nunca mais ir àquele hipermercado ou apenas em último recurso, até porque em Loulé, que abrangia Quarteira e Vilamoura, nem conhecia outro, apenas uns supermercados parcos em bens alimentares, sobretudo frescos. Embora, tratando-se de peixe, marisco e moluscos e, ainda de legumes e fruta, o Mercado de Quarteira fosse uns dos melhores da região. Uma excursão de americanos e outra de japoneses, estes com a guia com uma bandeirinha – como se os turistas se fossem perder algures ou fazerem reviver Pearl Harbor. Mas não, nem se cruzaram, apenas atrapalharam o trânsito. Virgílio transpôs a bandeirinha para os portugueses, sobretudo açorianos, que haviam emigrado para os Estados Unidos da América (USA), sobretudo após o Vulcão dos Capelinhos, e que, com o tempo, se tornaram cidadãos americanos, numa cerimónia em que empunhavam a bandeira de papel, do Tio Sam, na mão direita e colocavam a mão esquerda sobre o coração, adquirindo os direitos e deveres inerentes à sua nova condição. Era o que tinha visto na televisão e pensado logo: "Se me tivesse de tornar português assim, atirava-me ao mar, do Cabo da Roca, ficando na História como o suicida mais ocidental da Europa. Talvez até tivesse direito a uma menção nos livros e prospetos turísticos. Certo é que me muniria do Certificado de ter atingido o ponto mais Ocidental da Europa a que, no caso, me parecia justo que acrescentassem "e um pouco mais além"". – O que uma velha mal-encarada e mandona, de cabelo branco e bigode preto, podia provocar num jovem homem… "Rapaz" que, quase de seguida, ia sendo vigarizado por um falso amigo com uma menor de cuecas à mostra. Culpa da velha, claro, que

cheirava a ontem.

Virgílio entrou na IC 125, a estrada da morte e nada azul, pelo menos nesse dia, para entranhar-se na serra algarvia e experimentar um restaurante caseiro de que lhe haviam falado. Lembrou-se de uma amiga e mulher do seu melhor amigo, que morrera de um cancro "galopante". Sempre divertida, cheia de vigor. A vida era traiçoeira.

Há quem diga que, por isso, a devemos viver com intensidade. Concordou, acenando a cabeça, ao som de uma música rock, parecendo cumprimentar os ocupantes do carro com que se cruzou. Mas sem nunca perder a identidade, o que nos caracteriza e define como seres humanos. A vida é um simples fio que pode partir a qualquer momento. E ele sabia isso bem. O pai esteve, estivera quase do lado de lá.

Que raio de pensamentos… Que lhe estava a acontecer? Até parecia que só por ter fixado os olhos negros, encovados e profundos, da mulher velha de bigode preto tinha ficado hipnotizado e que era ela que lhe atormentava a mente. Felizmente chegou ao restaurante e pediu uma água fresca, antes de falar com a responsável e cozinheira. Sentia-se já completamente recuperado quando ela se veio sentar na sua mesa para tratarem do que o levara ali, no alto da serra algarvia.

Com 24 anos, Virgílio vivia do turismo, enquanto ia frequentando um curso superior pós-laboral, que contemplava a gestão e, em particular, o turismo. Só podia ser assim, já que não queria depender dos pais. Aliás, o pai, único sustento da família dissera-lhe, ainda antes de concluir o Secundário, que a partir daí tinha de "desemerdar-se". E era o que tinha feito, reconhecendo, embora sem nunca o dar a entender, que herdara dele a sua capacidade de empreendedor.

Conhecendo bem os lugares mais habituais que, sobretudo, os estrangeiros buscavam em Portugal, Virgílio resolveu criar a sua própria empresa, com sede no pequeno apartamento nos arredores de Oeiras, criando o seu Site, com uma estética apelativa e desempenho profissional, apostando na informação e num tom sério e convincente sobre a sua disponibilidade para dar a conhecer todo o País. Assumiu-se como um agente, sem restrições, capaz de realizar os sonhos de quem gosta de viajar, incluindo o alojamento, deslocações internas e acompanhamento, conforme os itinerários agendados. Até os vários caminhos de Santiago eram uma alternativa viável. A Internet era um instrumento essencial e uma agência de viagens e turismo, de um amigo, complementava, inicialmente, o seu empreendedorismo, dando-lhe apoio logístico.

Ele próprio ou um dos três guias, que com ele colaboravam, podiam mesmo acompanhar uma família ou um pequeno grupo de pessoas que o solicitasse, em qualquer parte do País. Foram muitas as aventuras proporcionadas e, num mutuo conhecimento entre a pequena empresa AzorTours, Lda - designação que tinha a ver com a sua infância e vivências nos Açores - e os clientes, sobretudo no Portugal mais desconhecido. Lembrava-se, ainda, de no ano anterior ter acompanhado duas famílias aos Açores, com estadia nalgumas Ilhas, mais precisamente São Miguel, Terceira, Faial, Pico, São Jorge e Graciosa. O apoio dos agentes turísticos locais, que já colaboravam com a sua empresa, foi inexcedível. Até ele, que não ia ao arquipélago havia uns bons anos, deliciou-se com os recantos que nunca tinha conhecido e com as novidades que se ofereciam aos visitantes, desde furnas, museus e viagens por mar com avistamento de golfinhos, cachalotes e baleias.

Os cachalotes que, outrora, eram caçados, sangrentamente e esquartejadas, para a produção de óleos com diversos fins, designadamente cosméticos, eram agora, bem como as baleias, objeto de fotos e registos nos museus baleeiros, que conservavam os instrumentos da "caça à baleia", desde os botes aos arpões apenas como uma memória, cada vez mais longínqua de um tempo em que o homem não vivia só da terra ou da pesca, mas também daquele complemento significativo para sustento da família. Depois, os botes foram recolhidos, os arpões guardados e os homens sentiram que a sua vida continuava, adaptando-se, deixando os cetáceos viver livremente no seu meio ambiente em todo o seu esplendor. Por se sentirem livres ou também por gratidão, cachalotes e baleias

davam autênticos *shows* da vida marinha, aparecendo mesmo no canal entre as ilhas do Pico e do Faial, imortalizado por Vitorino Nemésio em "Mau Tempo no Canal".

Virgílio, apesar de continental, tinha feito aquela viagem algumas vezes, em embarcações de casca de noz, como a Calheta e a Espalamaca e que, nos dias de mar zangado, toda a gente rezava para chegar à Madalena ou à Horta, desfeita em pranto e vómito. Rezas e promessas ao Bom Jesus, que se pagavam geralmente na festa do santo em São Mateus do Pico. Era então o seu pai, homem de Fafe, com a casa de família em Ovar, gestor da fábrica de Atum das Angustias, aonde chegavam diariamente muitas toneladas de peixe, através da doca da Horta, nos atuneiros carregados de atum, que era tratado e acondicionado, com óleo, em latas que, na sua esmagadora maioria, vinham para o Continente.

O rapazinho da altura, depressa retornou ao Continente, com a mãe, farta de ouvir falar e mais ainda de sentir pequenos tremores de terra, na proximidade do vulcão, temendo que este voltasse a atear-se um dia e a casa do Varadouro, no Faial, lhe caísse em cima e a deixasse inválida e numa cadeira de rodas, como a prima que vivia em Ovar e era a tristeza da família.

Lá, no Faial, ficou sozinho o Senhor Anastácio a tomar conta da Fábrica e a visitar a família duas vezes por ano. No entretanto, habituado ao cheiro do atum, fresco ainda, de boca e guelras abertas, cozido e enlatado, inspecionava o funcionamento das diversas secções, demorando um pouco mais no enchimento da lataria onde predominavam as mulheres, algumas que lhe caiam no goto e que observava do escritório envidraçado. Aleivosas calúnias de algumas não afetavam o brilhozinho dos olhos de outras, enlevadas com a visão do "peixe" que se meneava no aquário e que não se importariam de pescar.

Agora, gostara em particular do Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, junto do Farol que, miraculosamente, se manteve de pé e ainda visitável. O vulcão expandia o seu clarão alaranjado mesmo do outro lado do Pico e a terra tremia várias vezes por dias, parecendo querer soterrar as gentes sob os tetos de telha solta sobre traves de pinheiro e faia e as paredes de pedra de lava tornadas mais consistentes com reboco amador de pretenso cimento. A princípio rezava-se a Santa Bárbara (luz divina), lengalenga das tempestades em que o dilúvio caia e os relâmpagos e trovões mudavam a noite para dia e eram tiros de canhões em sequência, de batalha das trevas. Os raios caiam à vista, ferindo os olhos e os trovões ribombando, ora de repente, como se tudo fosse ser destruído por efeito de uma potente bomba devastadora, ora fazendo-se ouvir baixinho, subindo os decibéis, estoirando e sumindo como se um engenheiro de

som, em frente do seu misturador, manipulasse a altura, a persistência e o *fade off* do som.

Empreendedor como o pai, Virgílio, ainda bastante jovem, nas férias do Liceu em Ovar, tentava viajar um pouco por todo o lado, pensando que, um dia, viria a ter o seu próprio negócio. Por uma razão qualquer – talvez porque a infância o tivesse marcado, o mar o tivesse embalado, naquele ronronar manso e letárgico ou em fúrias de quem mostra que é ele que manda - um dos destinos preferidos eram os Açores e, em particular a ilha do Pico. Numa dessas viagens, em 1995, no "Cruzeiro do Canal" – que ligava as ilhas em cerca de meia hora -, Virgílio ficou sentado ao lado de uma jovem com quem foi tentando meter conversa, mas que lhe respondia como se poupasse as palavras, não fossem elas gastar-se inutilmente ou, pelo menos, sem necessidade. O melhor que conseguiu foi que ela visitava os pais e que no ano seguinte deveria ir para Lisboa, continuar os estudos. Deu-lhe o seu cartão-de-visita, dizendo-lhe que o poderia contactar quando entendesse ou precisasse.

Poucos dias depois, voltava ao Continente e ao "Reino dos Algarves", só, numa casa em Vilamoura – com jardim e piscina e um *jacuzzi* interior, entre outras mordomias -, que adquirira ou melhor, a AzorTours comprara, com empréstimo bancário, a um estrangeiro, que resolvera regressar ao Reino Unido por morte da mulher. Sentia-se só. E vinha-lhe à lembrança a conversa com a rapariga do Pico, que não fora antipática, até pelo contrário, mas que pouco ou nada lhe tinha ligado. Era melhor ir até a uma Boîte, confraternizar com umas inglesas, suecas ou alemães e acabar a noite, sem saudosismos e, eventualmente, melhorando idiomas que já ia dominando com algum à-vontade.

A noite foi de "boa pesca", diria algum pescador algarvio. A meio da noite tinha em casa duas suecas e uma alemã, tão bêbedas que teve de as amparar. Ficou derreado e sem vontade para nada. A alemã e uma das suecas vomitaram uma das casas de banho, deitando-se juntas. A outra sueca dormiu com ele. E dormiu mesmo, apenas. Melhor teria feito se tivesse ficado em casa nessa noite. Ainda foi à varanda respirar um pouco de ar fresco, mas o ar estava morno, trazendo o cheiro dos pinheiros adejando a uma leve aragem. Voltou para o ar condicionado e tentou conciliar o sono. Um sonho, com os Açores, o "Cruzeiro do Canal" e uma jovem de quem nem o nome sabia, ocuparam-lhe o resto da noite, só acordando por volta das 10 horas, com o abraço da sueca que se lhe colara ao corpo e… Há manhãs que valem as noites perdidas. As outras lá se levantaram, era quase meio-dia, arrastando-se até à cozinha, enquanto Virgílio e Blenda, com o pequeno-almoço tomado, repousavam sob os lençóis, em conchinha… sentindo-se, de novo, contagiados pelo desejo.

Evelyn e Mickaela, fizeram-nos levantar, porque não entendiam o que havia para o pequeno-almoço. Virgílio e Blenda levantaram-se como estavam. E elas também mostravam os corpos desnudados. Dir-se-ia que se tratava de uma habitação de nudistas, o que até podia ser normal em vários locais do Algarve. Enquanto Virgílio explicava o que podiam comer e beber, Evelyn apontou o sexo dele, perguntando-lhe se era normal estar naquele estado logo pela manhã. Mikaela pareceu não gostar, reagindo com um "Agora vamos tomar o pequeno-almoço.". Resolvido o eventual incidente se o houvera, Blenda e Virgílio voltaram para a cama, depois de avisarem que, de acordo com o programa, tinham de ir almoçar ao restaurante da Serra, às duas horas. Enquanto Virgílio e Blenda faziam sexo, de novo, esta, fê-lo saber que Evelyn e Mikaela eram lésbicas e que, a maior parte do ano, viviam juntas.

Depois do almoço na Serra Algarvia, num restaurante singular - que Virgílio, após negociação com a dona, tinha acrescentado às ofertas da AzorTours -, onde se comia o que era confecionado circunstancialmente, pela Dona Rosa, cujo marido ficava longe daquele rebuliço, a refeição foi digna de todos os deuses da antiguidade nórdica e germânica e dos melhores gastrónomos atuais. Os poucos

doces caseiros remataram uma refeição, quase divina e muito diferente da habitual alimentação das convidadas de Virgílio. Regada com vinhos algarvios, tintos e brancos, com um teor de álcool acima da média.

No regresso a casa, Virgílio que, conscientemente, tinha controlado o uso da bebida, entendeu a razão de ter insistido com Blenda para saírem um pouco mais cedo para o almoço, com tempo de passarem num Supermercado e abastecerem-se do necessário para o resto da tarde e para um eventual jantar, caso não houvesse condições para sair de casa. Em particular, não estarem em condições de voltar a uma Boîte e a suportar mais uma noitada. Blenda entendeu, até porque sentia um sentimento especial por Virgílio, sem entender muito bem porquê, já que em cada Verão, tinha um novo amante com quem fazia sexo, pura e simplesmente, numa lógica de conquista e prazer, sem remorsos nem emoções sentimentais, algo simples, natural e normal.

O percurso até casa foi uma viagem hilariante. Todas estavam satisfeitas com a aventura pela Serra Algarvia e bem-dispostas com os vinhos que haviam soltado as amarras de todos os preconceitos. Diziam coisas que, num primeiro momento, pareciam desconexas, mas, na verdade remetiam para o que podia cimentar a sua recente amizade. Evelyn e Mikaela beijavam-se e acariciavam-se. Blenda massajava Virgílio que, com autocontrole, se mantinha firme e atento na descida da Serra. O trânsito que começava a envolver a viatura obrigou o condutor a chamar-lhes à atenção, fazendo-as controlar o que parecia poder explodir a qualquer momento e causar mesmo um acidente.

Mas chegados a casa, após um copo de medronho ou outra bebida alcoólica, que o bar de casa estava bem apetrechado, a cama grande, onde Virgílio dormia, virou um ninho de sexo desatinado. Nem Blenda se conteve, diluindo-se em Evelyn e Mikaela tendo-se colocado depois em cima de Virgílio, desfrutando dele sem pudor. E as outras fizeram o mesmo. Virgílio sentiu-se, ao mesmo tempo, no sétimo céu e no mais profundo dos infernos que queimam o corpo de um homem, cansado, exausto, a quem o prazer começa a fugir para o desespero.

E, a meio da orgia, só lhe vinha à cabeça, a conversa entrecortada, o rosto de uma jovem sardenta, cujo nome não sabia, que encontrara, há umas semanas atrás, no "Cruzeiro do Canal".

Lágrima

A lágrima que me escorre
do canto do olho, já não é lágrima
é um visco espesso, quente, de cor
alaranjada, queimando como lava
e transformando o meu rosto,
depois o corpo, numa secura de rio
que se perdeu no caminho para a foz
separando-se definitivamente de nós

Ausente agora de querer, faz crescer a terra
no mar, juntando pedra ainda por moldar.

Avelino Rosa, 19-09-2021

João Cansado dizia, amiúde, que o destino do homem era morrer. E quando lhe perguntavam porque tinha nascido se o destino era certo, ficava-se por rodeios que volteavam na afirmação de não se poder morrer se não se tivesse nascido. E o nascimento era um ato divino, que permita ao homem viver com as suas opções, errando ou acertando, até morrer. Ora, até o padre o havia dito num sermão domingueiro qualquer. O Abílio Marcado, que geralmente puxava o João para a filosofia de taberna, no estabelecimento do Macedo Furtado, ria com os dois dentes superiores de estimação. "Ó homem, cansado como tu és, não se pode esperar mais de ti." - Rematava o Abílio, emborcando o último copo de aguardente, que bebia de um trago e sem que lhe arranhasse a garganta. Ele e João haviam de subir a canada até às respetivas casas, em rota pouco reta e de colisão, deixando os casacões com umas roçadelas nas pedras vivas dos muros do caminho lajeado e paredes das casas, tudo de basalto.

A taberna do Macedo Furtado era a "casa da diversão e cultura" do pedaço de terra onde coabitavam uns vinte e seis a trinta casais, com alguns filhos menores. Contando com os velhos, que esperavam vez para morrer, zelados por uma filha ou nora. Não seriam mais de oitenta almas. Mas se almas de Deus eram, apenas o todo-poderoso saberia disso, que o padre, por não ter carro nem sequer carta de condução, não os incluía no seu rebanho, dispensando-os da sua visita pastoral, mesmo que a maioria dos velhotes estivesse acamada. Claro que o pastor, ciente da sua popularidade e chamamento para a missa dominical, estava sempre presente na extrema-unção, desde que durante o dia e se o dito cujo não morresse entretanto e, claro que se lhe assegurassem o transporte, geralmente no táxi do Correia Júnior. O funeral era sempre ao final da manhã, antes de um almoço calmo e prolongado do mandante do rebanho e dos irmãos da Irmandade do Divino Espírito Santo, se o defunto fosse um deles.

Dita e desdita de quem não quer, não sabe ou não pode gastar as "albarcas", enegrecer os pés, topar com os dedos nos pedregulhos. Isso fazia a condição. De ser e ter. Poder e influência dos padres que não podiam dispensar a côngrua, e sobre os demais que, se fossem espertos, viviam na sombra dos senhores. Medieval, ainda, talvez. Realista. Geradora de favores por uma ajuda e apoio qualquer, criando a dependência moral, quando não material e de conveniências. Pobre não casa com mais pobre ainda. E as mulheres tinham a cabeça feita pelas mães. Os homens nem pensavam nisso. Pareciam nascer com o fito de não se apaixonarem pelas vizinhas ou moças da freguesia, face aos condicionalismos a que ficariam sujeitos e porque namorar implicava casar. Outra hipótese, a melhor, era "enrolar" uma rapariga de outro lugar da Ilha, ou melhor ainda, de outra Ilha, conhecida num dia de festa ou de uma deslocação ocasional, de preferência de pais com mais posses. A carga de trabalhos que isso acarretava era digna do caráter e perseverança do conquistador. Dava pano para mangas. E

quando se concretizava podia não acrescentar nada a um pretenso amor de teimosia e personalidade exacerbada.

"O gajo foi buscar uma das Sete Cidades, com tantas aqui a precisar de marido e com terras para acrescentar ao património de ambos.". O amor fora mais forte. O amor triunfara sobre tudo. Quase nada, sempre. O amor desfalece, os recursos não abundam e o tempo encarrega-se de ensinar que por aqui não se melhora. A equação do deve e haver vai diminuindo progressivamente. E quando se pensa que os filhos vão continuar o trabalho e projeto indefinido dos pais, mandavam-se para fora à procura de melhor vida. Havia que vender os bens, a preços indecentes, para suportar os estudos dos jovens que repudiavam a sua condição de dependentes da terra que os sustentou. Porque também o suor os despertara para novos horizontes que vinham, só agora, das notícias que chegavam, tardias mas empolgantes, pelos jornais e pelos relatos de colegas que tinham o privilégio de acesso quase direto, ao que se ia passando e crescendo, fora do seu espaço confinado.

Teresa era filha de João Cansado. Uma menina meiga, de pele morena e cabelo escuro como breu. A sua simpatia irradiava um halo de boa disposição que contagiava colegas e professores. Mas que era também a desgraça do pai. Preanunciando-se que não teria mais filhos, ficava a cismar no que iria acontecer às terras que herdara e fora comprando ao longo dos anos. Se a filha não casasse com um homem que lhe seguisse as pisadas, todo o seu património ficaria em causa. Cismava, remoía e emborcava mais um copo para esquecer a visão de um futuro sem futuro. Era a única razão que o levava à taberna, deixando mulher e filha em casa, à volta das rendas e do sentimento que as ia unindo cada vez mais, ficando ele relegado para um plano secundário, mas apenas na sua cabeça atazanada pela frustração que o acometia aos fins da tarde, com as mãos encardidas e calejadas e as unhas pretas incrustadas de terra de lava.

O Abílio Marcado ia à taberna, na mesma condição, mais ainda doído da vida. O filho, Fernando, estava-se marimbando para os seus conselhos de incrementar a agricultura e o património. Bem sabia que era muito novo ainda, mas, pelo que via, recusava-se a meter as mãos na terra. Nunca havia de ser um agricultor, pressentia-o, e isso angustiava-o.

As mulheres esperavam-nos sempre com a serenidade de mães, inquietas, no seu interior, pela sorte dos filhos e dos maridos. Com elas, o João e o Abílio ganhavam nova vida, esquecendo, ajudados pela aguardente madrasta que os consolava quase todos os fins de tarde. Mas, a sua agonia era a mesma: se os

filhos quisessem voar para a Ilha do Faial e, depois, para o Continente, para prosseguir estudos, deixariam os pais entregues à sua sorte de manter as terras. Talvez fossem engenheiros ou doutores ou tivessem uma profissão qualquer onde não sujariam as mãos nem teriam de palitar as unhas da terra que lhes corria no sangue e que devia ser de todos e amanhada pela família.

O Macedo Furtado pouco faturava, apenas o que o fazia sobreviver. Tinha por amigos e confidentes o João Cansado e o Abílio Marcado. Depois dos outros clientes zarparem ou de se sentirem afastados pelas suas atitudes ríspidas, Macedo ficava na conversa com João e Abílio, sentando-se na mesma mesa e fechando a porta da Tasca, não fosse um tardio qualquer estragar a conversa e amizade que se cimentara ao longo dos anos. E atreveu-se mesmo a um palpite que ambos os amigos já tinham pensado e repisado lá no fundo de cada um: "Porque não aproximar o Fernando e a Teresa, de modo a que se entendessem, casassem e resolvessem ficar lá pela terra, acumulando os bens de ambos, num empreendimento que começava a fazer sentido face aos investimos para o desenvolvimento da Região Autónoma dos Açores e que, tudo levava a crer, seriam bastante rentáveis no futuro próximo?". Ambos olharam um para o outro, primeiro num franzir de sobrolho, depois sorrindo. A sugestão do Macedo nem chegou a ser aceite, porque todos desejavam que isso acontecesse. Mas entre o desejo e a realidade… Bem, pelo menos o relacionamento entre os filhos já havia, restava era saber se o mesmo se concretizava em algo mais, que nutrisse a família e as terras.

Fernando e Teresa moravam a menos de cem metros, o que lhes permitia encontrarem-se frequentemente e todos os dias quando passaram a frequentar a Escola Primária, que ficava em espaços diferentes para os rapazes e as raparigas. Convergiam depois do lanche de almoço, de modo a virem juntos até casa e no decorrer da tarde partilhavam o estudo, as suas brincadeiras e sonhos infantis. Crianças ainda, mas com uma amizade crescente, abrigavam-se do frio e da chuva agarrados um ao outro, excluindo, quase sempre, outros colegas ou vizinhos.

O tempo passa rapidamente e molda os comportamentos e as emoções. Do quase nada, da convivência à amizade, passa-se a imitar os adultos, mesmo sem ver, usando apenas um pouco da muita imaginação que, nas casas pequenas e de quartos contíguos, a alimentavam ainda mais, com os sons que trespassavam as paredes finas e se distinguiam melhor na noite.

De mão dada, ainda como mero elo da amizade de ambos ou da "força" de

Fernando puxando a amiga numa corrida até próximo do povoado, no entretanto, subindo as veredas de acesso a um serrado confinante e voltando a descer para o caminho principal, de terra batida e uns pedregulhos salientes. Até que começou a surgir uma difusa necessidade de uma maior aproximação, de intimidade, do toque, do sentir do "proibido", por isso mesmo apetecível, mas reservada aos adultos. Algumas tardes de fim-de-semana, sobretudo de chuva, brincavam no interior da "burra" de milho na horta de Fernando. Carícias muito antecipadas, num namoro precoce de descoberta das diferenças que os uniam. Sentiam apenas, imaginado, porque lembravam os sons noturnos e observavam a natureza animal e os comportamentos dos machos e das fêmeas.

Quase no final da Primária, o mexerico da ida de Fernando para o Faial deixou Teresa do avesso. Chateava-se com as colegas e mandava os rapazes dar uma volta à Quinta do Cerco, que era tão grande e soturna e, ao que se dizia, um dos lugares prediletos do Diabo. Coisas que se diziam, talvez porque lá tivesse morrido um homem de nome Gustavo, supostamente com um tiro de caçadeira do proprietário. E o morto desaparecera sem velório nem enterro. E o mistério mais se adensou quando se soube que as autoridades nem quiseram saber o que se havia passado e a viúva desapareceu também sem deixar rasto. As afirmações, ríspidas, de Teresa eram suficientes para manter a milhas o mais interesseiro ou mesmo o mais interessado dos colegas.

Fernando não entendia também essa atitude, que lhe sobrava por ricochete. A irritação e alguns impropérios de Teresa, a miúda certinha, espantava todos, deixando o rapaz incrédulo. Nas idas para casa, deixou de haver mãos dadas. A conversa limitava-se a factos e a circunstâncias gerais. Mas: "Já não gostas da minha companhia?". "Porquê? Não vais para o Faial?". "Vou sim, mas tu também vais, que se passa?". Teresa ficou silenciosa durante o resto do caminho. Logo que chegou a casa, perguntou à mãe se iria para o Liceu da Horta no final do ano. Esta, surpreendida, começou por gaguejar: "Sim, mas…". "Mas? Insistiu Teresa…". "Claro, qual é a tua dúvida?". "Nenhuma mãe, nenhuma. Era só para saber.". E abalou para o seu quarto, senhora do seu nariz e altiva como... "Como eu. Tem a quem sair.". - Pensou a mãe, num equilíbrio de contrição e de remoque pela demora do marido.

Quando João Cansado, finalmente, chegou, chamou por Teresa, ainda acordada, pela tarde estendida e sem ter digerido a amargura da dúvida, informou-a que falara telefonicamente com uma prima, Anita Moço, que vivia na Cidade da Horta e tinha uma casa com espaço suficiente para alojar a ela e a Fernando, assegurando-lhes também a alimentação. O pai de Fernando, com

quem já tinha conversado, também era de opinião que era melhor estudarem no Faial. Estavam à espera de uma resposta de Anita para acertarem as coisas, mas que, em princípio, ela iria aceitar. E faltava ainda uns meses para ela e o Fernando poderem ir para o Liceu.

Teresa quase lhe apeteceu abraçar e beijar os pais, mas limitou-se à sua contida efusividade, tal como a mãe, e, no caso do pai, sabia que ia ficar a cheirar a aguardente o resto da noite.

Anita tinha ficado viúva muito cedo e a pensão do marido, que fora militar, não dava para muito mas, como ela havia combinado com João Cansado, este e Abílio Marcado iam suportar mensalmente os custos da estadia dos filhos, bem como de tudo o que fosse indispensável aos estudos e demais gastos normais que tivessem.

A taberna do Macedo Furtado estava animada, com os três de sempre. Macedo, fazendo um sorriso manhoso, disse-lhes que era um bom negócio deixarem os filhos voarem dali, ficando alojados com alguém de confiança. O João Cansado, afiançou que a prima era uma joia de pessoa e uma mulher temente a Deus. O Abílio Marcado esclareceu que já a conhecera em tempos e que lhe pareceu uma mulher de grandes predicados e sendo prima do João tinha a certeza que iria manter Fernando e Teresa na ordem, obrigando-os aos estudos.

"Eu não tinha dito?" - Rematou o Macedo – "Isso é quase um namoro meus amigos. Façam o favor de se passarem a tratar por compadres!" - Insistiu. E levantaram os três copos de aguardente, que tiniram - num som que quebraria qual cristal de vergonha -, ao juntarem-se, firmando uma convicção antiga que haviam formulado, como um acordo entre todos, selado naquele dia por um último copo, desta vez de uma aguardente envelhecida em casco de carvalho, que tinham trazido do Continente a Macedo e este havia guardado para uma ocasião especial.

Não sei Cantar

Não sei cantar e tenho pena
embora em coro faça da minha voz
teorema que ainda me consola
e salva a minha reputação
Depois de tocar trompete e clarinete
dirigir o coro da capela da Igreja
que faz inveja a muito homem beato
desfaço a combinação de imediato:
sou agnóstico militante, votante
da angústia, crua e diletante
da criação do Universo, pela divindade
ou pela instabilidade do Big Ban
também inexoravelmente inexplicável

Ninguém sabe nem nunca saberá
como tudo começou: eu, tu, a matéria
inerte ou que medra sempre estudada
acabando em quase nada, verdades
sempre adulteradas pelo tempo lento
ou repentino, soltando Vírus mortais
que confinam e abrem brechas mentais
- letais!

Não sei cantar e cada vez menos afino
a minha voz pelo ruído que me atordoa
pela insanidade que vai grassando
e ressoa, corroendo a Humanidade.

Avelino Rosa, 05-08-2020

Após a Escola Primária, as férias foram passando com um apego cada vez maior entre Fernando e Teresa, com o beneplácito dos pais que, agora com maior frequência se juntavam em demorados almoços, nas casas de cada um, ora num piquenique próximo do porto num parque de merendas ainda mandado construir pelo Regedor, com mesas e bancos corridos de faia.

E o mar ali a ronronar próximo, com um ou outro respingo trazido pela aragem morna do quase final de Verão. E, ali próximo, antes do repasto, na praia improvisada, de areia escura, pululavam os miúdos, de calções a cobrir os estômagos, com as mães sempre a chamar a atenção para as rochas que delimitavam aquela espécie de piscina de água salgada. Os homens seguiam a indumentária dos calções de banho, enquanto as mulheres vestiam-se do pescoço às nádegas, acrescentando um saiote quase até aos joelhos, com os braços desnudados. Algumas acrescentavam uns adornos pela cintura ou no topo do saiote. Teresa, porque jovem ainda, usava apenas um fato de banho normal, que mereciam a fixação de Fernando, embevecido pelo corpo da rapariga que sabia ser mais que uma simples vizinha, colega e amiga. Sabia mesmo o que estava debaixo do fato de banho e talvez por isso, olhava para ela com olhos de Raio X. Só lhe vinha à cabeça que gostava mesmo dela.

O tempo passa tão depressa que nem dá tempo de crescer. E daí a pouco estariam os dois na Cidade da Horta, na mesma casa e em quartos contíguos. Depois da confirmação de Anita Moço, os pais tinham deixado, em conferência demorada, não pelo assunto a discutir, mas pelos copos que haviam emborcado na taberna do Macedo Furtado, que os filhos tinham, antes de mais, de estudar e do resto logo se via. Uma filosofia entaramelada, mas simples. Na chegada a casa, transmitiram às respetivas esposas a decisão final. Sem mais. E o mais envolveu os "deveres" conjugais, como que a cimentar a decisão e evitar alguma contrariedade inesperada.

Num ápice, que o tempo era um marasmo mas quando se solta corre mais do que um tremor de terra esventrando o chão, estavam os jovens a embarcar para a ilha do Faial. Todos, quase mudos de apreensão, certificaram-se de que levavam a bagagem, sobretudo a comida que os faria sobreviver muitas semanas como se fossem para um deserto qualquer. As despedidas, como se também não regressassem desse vazio, foi demorada, em particular de João Cansado e da mulher, que se apercebiam, pela primeira vez, de uma longa ausência da filha. O abraço da mãe desta a Fernando envolveu um pedido, que lhe segredou ao ouvido: "Por favor, toma conta dela!". Ele, sentindo que tinha de matar a curiosidade dos demais, acenou dizendo: "Voltamos pelo Natal, não é Teresa?". Ela também acenou, em lágrimas, refugiando-se ambos, agora já no "Cruzeiro do Canal", que começara a operar no início desse ano. Que diferença da Calheta e

da Espalamaca, para quem tinha usado estas embarcações na travessia do canal. Um navio de mais de 32 metros, com dois potentes motores, galgava as ondas, quase sem balanços, e fazia o percurso em pouco mais de meia hora.

Os habitantes da Freguesia, melhor dizendo do lugarejo, que intercomunicavam mesmo sem Rede Social, é que não aprovaram. Duas crianças irem para a Cidade da Horta, morar juntas e, quem sabe, até dormir na mesma cama era contra todos os princípios católicos, blasfémia, coisa do Diabo. Uma situação pecaminosa, muito grave e contra todas as máximas da santa madre igreja. O padre devia fazer qualquer coisa. No mínimo deslocar-se até ali, para falar com os pais, fazendo-os ver que não podiam permitir aquela promiscuidade. Escusado será dizer que deixaram de falar ao João Cansado e ao Abílio Marcado. Os bons dias e boas tardes cessaram. "E eu ralado com isso" – dizia o João Cansado, emborcando o copo de um trago. "E eu nem ligo" - disse o Abílio e continuou: "Só me chateia que as vizinhas não falem com a minha mulher, elas que eram como irmãs". "Com a minha é a mesma coisa" – reforçou o João.

O Macedo Furtado resolveu intervir, dizendo, do alto da sua cátedra de taberneiro: "Quais irmãs? As irmãs amparam-se não se deixam de falar. E os maridos, quase todos meus clientes, ficam para aqui a "emerdar" sobre essa história, apenas com conversa da treta. Como era possível tanta intriga e insulto sobre duas crianças com 11 anos? São todos uns trogloditas que nem sabem tratar das cabras e eu vos digo que alguns têm um par de chifres maiores do que o boi do tio Gervásio. Portanto, deixem-se de lamentações, que o tempo resolve isso… Eu, por mim, fico aqui quieto a servir copos e a cuspir-lhes no "traçado", que é o que merecem.". Macedo Furtado, João Cansado e Abílio Marcado sorriram e sentiram que o Mundo, porque a taberna era o mundo deles, os havia descansado. "Mas se o padre vier cá, não põe o cu no meu carro." - Findou a conversa João Cansado, que acabara de comprar um carro de caixa aberta, perante o sorriso dos companheiros.

Animados, voltaram para casa, aconchegando as suas mulheres e dando-lhe a paz que precisavam naquele momento. A situação era delicada, sem côdea que suportasse tanta animosidade, e a verdade era que muitas mais pessoas não lhes falavam. Agora era a vez deles. Pois, bem, que assim fosse, porque os outros precisavam mais deles do que o contrário. Logo se via em que isto ia parar, mas tinham de ter em conta que eles eram os proprietários com mais recursos daquele espaço abandonado da Ilha. Se as mulheres e homens daquele lugar não mudassem de atitude, sempre se podiam mudar para outro sítio qualquer e deixarem todo aquele pessoal a zurzir da própria vida bem mais complicada, não

lhes dando trabalho, nem permitindo que usassem terras de pasto ou os equipamentos agrícolas, mas não seria, para já, o propósito de ambos.

De novo na taberna do Macedo Furtado, os compadres rejubilavam com as notícias vindas do Faial. Fernando e Teresa já se sentiam em casa e adaptavam-se rapidamente ao seu estatuto de inquilinos de Anita Moça, que parecia manter o namoro precoce sob controlo. No Liceu, ambos iam obtendo boas notas. Nas tardes em que o estudo não lhes exigia o tempo completo, iam passear um pouco, tomando a Urbana, até ao Peter onde, geralmente, tomavam o já tradicional *gin*. Regressavam, percorrendo a Marina e observando as novas embarcações atracadas. Depois, pela Marginal, sempre de mão dada, vendo a Doca e, nessa altura do ano, a iluminação que os fazia fantasmas à procura da idade que lhes permitisse ir mais além da luz do Farol. Voltando junto dos Correios chegavam em breves minutos a casa da prima Anita. Agora era aqui que faziam as refeições de almoço e jantar. Anita resolvera prestar também este serviço aos seus hóspedes, bem mais em conta para Fernando e Teresa e, sobretudo, sempre apetitoso e saudável.

Nos fins de semana, quase sempre saiam, atravessando a Cidade até Porto Pim ou então até à zona da Alagoa. Sempre após uma pausa, para descanso e namoro mais aconchegado. De outras vezes subiam até ao miradouro da Espalamaca, olhando a Cidade e o Pico, com o namoro enquadrado num postal, misterioso e mutante, que os fascinava sempre. "A nossa senhora está a olhar para nós…" "E achas que ela se importa connosco?". "Sei lá, mas gostava que abençoasse o nosso namoro e os que nos possa vir a acontecer.". "Isso apenas depende de nós, não achas?". "Não sei… não sei…".

Anita Moço, que fazia parte do séquito que rodeava, de perto, o padre Orestes, era uma mulher considerada que, entra outras funções religiosas, regia a capela e coordenava os catequistas. Passava muito tempo na Igreja, entre missas de quase todas as tardes e os encontros com os que tentavam incutir nas crianças os valores da cristandade, de acordo com as orientações do responsável pela paróquia. Nem sempre era fácil, porque o padre Orestes ora estava de acordo ou não estava com os conselhos de Anita, fazendo questão de ser ele próprio a reorientar os conceitos e doutrina a incutir aos catequistas, dando-lhes a segurança e garantia dos homens que recebem o saber diretamente da divindade.

Anita não ficava ressentida, apenas agastada, durante dois ou três dias, que a fragilizavam, mas retomava-se como crente, obediente ao senhor prior. Era quando o padre Orestes, também nascido na Ilha do Pico e homem, ao que parecia, com todos os predicados que Deus dera aos machos, chamava Anita à

sua sala de trabalho, na cave da Igreja e lhe falava à alma, que era como quem dizia, ao âmago do seu ser carente, acrescentando à teologia, orientadora da sua crença no divino e no modo como devia conduzir a doutrinação dos catequistas, um quê de humanidade que surgia dos dedos por debaixo da batina e sob a saia comprida de Anita, relembrando-a dos prazeres da vida, tentando fazê-la admitir que a consumação carnal também fazia parte do mistério dos desígnios de Cristo e mesmo da santíssima trindade, porque homem e mulher foram criados pelo redentor. Só não falava da procriação – para alguns único desígnio da união entre homem e mulher -, porquê se controlava antes de ejacular ou porque usava preservativo, naquele tempo porque o sacristão se encarregava disso junto da Farmácia, estando, então, considerado um homem de desígnios insondáveis e tenebroso. Ele, que até gostava de homens e mais ainda de jovens com os quais não usava nada. Era a penitência que o padre Orestes lhe impusera.

Anita Moço tentou, algumas vezes, que Fernando e Teresa fossem catequistas ou, pelo menos, fizessem parte do Coro da Igreja, mas em vão. Fernando e Teresa sempre justificavam a sua indisponibilidade, em particular para os ensaios do Coro, alegando que não podia contar com eles para esses compromissos, porque tinham de estudar muito para conseguirem os seus objetivos. Sem aclarar quais eram, nem admitir eventuais desvios. Mas, que ficasse descansada, porque manteriam a sua presença na missa dominical. Anita entendeu e deixou de insistir.

No cais da Madalena, João Cansado esperava-os no seu carro de quatro lugares e caixa aberta, que comprara com a venda de uma terra e mais uns trocos que havia guardado. Mas o que importava agora era Teresa e Fernando. Estavam bem, com saudades da terra. Mas ainda no outro dia saíram de cá… "Pois, pai, mas já nos apetecia voltar.". A outra passageira era Anita Moço. Um abraço prolongado, matando as saudades de tantos anos sem se verem. Pareces uma miúda ainda...

Era Natal. Agora diferente. As famílias tinham-se unido na adversidade e, fazendo fé na prima de João Cansado, quanto ao empenho de ambos nos estudos, tudo se encaminhava para o sucesso de Teresa e de Fernando. Uma ocasião incomum, não tanto em prendas mas mais pelos presentes que, cimentando a união que já haviam criado, pareceu também diluir, sobretudo com a presença de Anita, de raízes locais, a animosidade a que João Cansado e Abílio Marcado e as respetivas mulheres tinham sido votados.

A tia Mafalda Sinhorinha, como simbólica matriarca daquela comunidade foi prestar a sua homenagem às famílias e, em particular, aos jovens Fernando e Teresa. Mas, com a sua voz grossa e encardida da angelica, que tomava como xarope após o almoço e do jantar, fez questão de dizer que representava todos os habitantes, desejando aos jovens as maiores felicidades. O discurso da velha Mafalda fez desprender uma lágrima solitária das mulheres de João e de Abílio, não porque convencidas, mas cientes de que acabara a provação. Os maridos mantiveram uma cara de pau, própria das ocasiões sem rosto, mas o Macedo Furtado, sozinho na vida e agora empolgado com uma grande família de acolhimento, esboçou um sorriso disfarçado sobre uma barba esbranquiçada que começara a afirmar-se recentemente.

Fernando e Teresa sondaram-se, num olhar matreiro, sem que ninguém notasse. De facto, sabiam bem que os pais haviam restringido o uso pelos camponeses do trator e outras máquinas, que detinham conjuntamente. O não terem esboçado um sorriso significava que se riam apenas por dentro, não querendo prejudicar a reconciliação com os outros habitantes e, sobretudo, o relacionamento das suas mães com as vizinhas. E, na verdade, em necessidade ou por simples avidez, as pessoas recompõem sempre o ramalhete das suas relações, como um ramo de urtigas, segurado por baixo e, preferencialmente, sem distrações.

As famílias Cansado e Marcado eram as mandantes daquela comunidade, pelas suas posses e equipamentos, dando emprego sazonal a umas dezenas de homens e custeando todas as despesas com o arraial que organizavam, pelo Verão, no largo mesmo junto da taberna do Macedo, com música, comida e bebida à descrição. Uma espécie de "mecenas", até para o rancho folclórico, que

surgiu do nada e no nada se afundou como se nunca tivesse existido, no espaço temporal inferior a um mês. "Ele há coisas que ultrapassam a compreensão dos mais atentos. Mas, pelos vistos, por aqui andam todos a dormir.". – Disse um fulano, pretensamente ligado ao mundo do espetáculo.

Havia quem quisesse uma reconciliação com o padre, talvez até pedindo-lhe para fazer uma missa, de vez em quando, na capela encravada num pequeno largo entre duas casas da canada e que estava fechada a sete chaves não fosse alguém roubar a estatueta do único santo que lá estava e que ninguém sabia quem era. O único senão era o do João Cansado: "Não contem comigo para ir buscar e levar o padre. A minha carrinha não é para o passear, nela é que ele não põe o cu. Que fosse de táxi ou no carro do Quitério que agora também fazia de empreiteiro.". O Abílio olhava para ele com um olhar muito sério e o Macedo, a princípio, pensou que ele iria atirar-se ao João. E atirou-se mesmo, num abraço, e a rirem como miúdos, acabando a "zanga" de taberna mesmo antes de começar.

Voltados à Horta, uma surpresa esperava os jovens Fernando e Teresa. Anita, sem filhos, já os considerava, pelo menos, como afilhados. Havia um carro que enferrujava na garagem, que ela e o falecido marido conduziam, depois de virem viver para o Faial e que usavam, normalmente, ao fim-de-semana. Anita anunciou-lhes que o iria mandar reparar e, depois, poderiam ir dar uns passeios ao fim-de-semana, para que eles conhecessem melhor a Ilha, e almoçar nalguns restaurantes a que já não ia há alguns anos. Ambos concordaram efusivamente. Na verdade, estavam limitados à Cidade e pouco conheciam do resto do Faial, que tinha ainda muito por descobrir e, já agora, fotografar. Teresa começara a ter uma paixão crescente pela fotografia e convencera os pais a um bónus especial de Natal, que iria ser transferido, em breve, para a sua conta bancária, suficiente para comprar uma boa máquina fotográfica.

O automóvel de Anita Moço, após dois meses de uma cuidada revisão e nova pintura, parecia saído da fábrica, não fosse a matrícula que ostentava. Ficaram a conhecer o Varadouro, os Capelinhos, a Caldeira e muitos outros locais quase desconhecidos dos próprios faialenses. Os almoços de Sábado ou, eventualmente, de Domingo, neste caso sempre depois da missa da manhã, eram quase uma regra, a expensas de Anita, que parecia ter remoçado com este recomeço da sua vida, mesmo sabendo que um dia ia acabar este convívio com os seus "afilhados". Por isso mesmo, a sua maior dedicação aos jovens, desfrutando da sua companhia, enquanto fosse possível. Professora, aposentada, do Liceu da Horta, onde ensinara matemática, ajudava-os nalgumas matérias mais importantes, já que ambos queriam enveredar pela medicina e pela economia. Anita rejubilava, pedindo ajuda a atuais colegas, reciclando os seus conhecimentos. Sem descurar, todavia, a sua dedicação à Igreja, onde continuava a contribuir para "moldar" as crianças em cada Domingo, nos valores da Cristandade e, de vez em quando, em privado, puxar dois dedos de "conversa" com o padre Orestes.

Com o passar do tempo, deixou essa função para se dedicar mais aos "afilhados", mas sem nunca, salvo raras exceções, deixar de assistir à missa, sobretudo a dominical. Com o padre Orestes, um homem rude, mas afável na intimidade, incluindo a confissão, nunca sem uma reprimenda – obrigatória para ambos, com um sorriso embevecido do pároco -, mas com uma penitência suave e sempre insinuante para algumas mulheres e uma intempestiva repreensão às restantes e a todos os homens mesmo pelos pecados que nem tinham ainda cometido. O pastor de ovelhas parecia ver e saber tudo e já tinha chamado a atenção de Anita para os jovens que estavam na idade daquelas parvoíces que, por vezes, dão mau resultado, não referindo especificamente qual, porque

achava que lhe havia explicado tudo com um piscar de olhos prolongado.

O "santo" homem parecia até ter razão, viesse ela de que fonte nunca se soube. Os jovens, na ausência da zelosa "madrinha", com as hormonas aos saltos, entravam, de rompante, no quarto um do outro, embatendo-se no meio do percurso, rumando ao mais próximo, ela abraçada a ele e segurada pelas pernas e, uma ou outra vez, amando-se mesmo no corredor, sobre uma alcatifa já descolorida, tal era o ímpeto de se sentirem mutuamente. Fernando e Teresa já não eram crianças, sabiam que ele e ela deviam tomar as precauções que evitassem uma gravidez indesejável. Mas o Diabo, como avisara o padre, estava sempre presente. E, no caso, a alcatifa, já com uma pequena mancha de restos de esperma, exatamente quando Teresa tinha acabado as pílulas anticoncecionais sem as retomar na devida altura. Teresa limpou a alcatifa antes que Anita percebesse, mas ficou preocupada. Só faltava ter engravidado num corredor antigo, com o papel de parede estafado e meio descolado e sobre uma alcatifa velha e desbotada. O Diabo parecia ter mesmo conseguido e rido, à gargalhada, por mais um prodígio da sua desfaçatez num Mundo que adorava desfazer em bocados, em pranto e dor e, sobretudo, lançando a confusão própria da sua natureza. Deus assim o obrigava. Mas não, ainda não tinha conseguido. Teresa percebeu isso no mês seguinte, reforçando a sua atenção aos contactos com Fernando e obrigando-o a usar preservativo, o que o enfurecia pelas figuras tristes que fazia na Farmácia. E tudo se sabia, mesmo na Horta. Anita, por sua vez, redobrara a sua atenção em nunca os deixar sozinhos. A mancha na alcatifa causara-lhe calafrios.

Apesar da lentidão do tempo, maioritariamente cinzento e com chuva persistente, passava sempre, vencendo Natais e idas calendarizadas ao Pico, onde a família reunia, quase sempre com a presença de Anita Moço e também de Macedo Furtado. As nuvens mutantes em tons pardacentos, que brincavam com a montanha, pareciam as únicas que deslizavam e se divertiam sobre a sua pele em alguns tons de castanho ou multiplamente esverdeadas pelo gigante adormecido. De resto, o marasmo tomava conta de tudo e de todos, estes apenas mais velhos e chatos nas conversas, contando sempre as mesmas histórias, sempre reinventadas, por vezes quase voltando ao tempo do berço. Fernando e Teresa, com frequência, tinham de pedir desculpa e inventar um argumento qualquer para irem descansar. Mas os pais insistiam ainda, durante alguns minutos, perspetivando um futuro que já preparavam por antecipação. Era quando Anita deixava escapar umas lágrimas quase clandestinas, como se em breve tivesse de se despedir deles também.

Em Dezembro, a ribeira que parecia nascer na "maminha" do Pico descia numa loucura nunca vista e com uma ferocidade que assustava. Arrancava árvores, arrastava animais, entranhava-se para além das suas margens naturais, como numa ânsia hesitante, entre chegar ao mar e fazer crescer charcos que inundavam terras de cultivo, destruindo-as com a sua impetuosidade. Na foz, no mar alterado da baía onde desaguava, boiavam cadáveres de gado bovino e caprino, sobretudo, atirados às rochas, como se o seu martírio ainda fosse durar, indefinidamente, para além da morte. E árvores, arrancadas pela raiz ou esgaçadas pelos raios que as haviam golpeado aleatoriamente.

Acalmada a tempestade, com a trovoada já longe e a chuva em morrinha, disseminando arco-íris, a montanha clareou, mostrando o seu verde-escuro rasgado ainda pela ribeira, que se lançava lá do alto, sem dar mostras de amainar. As rezas habituais a santa Bárbara e a outros santos, que há sempre mais do que um a quem recorrer, tinham ressoado, em ladainhas ou pedidos aflitos e com promessas a saldar, vindos do ancestral medo das inexplicáveis fúrias da natureza.

"Isso é que não serve mesmo de nada. Só se for para acalmar as pessoas, mas uma cachaça ou mesmo uma angelica têm o mesmo efeito e ainda põe as pessoas bem-dispostas ou a dormir.". – Dizia Macedo Furtado, a rir e a coçar a barba, como se os piolhos tivessem fugido da calvície e se instalado, predominantemente, no queixo.

Em princípios de Janeiro de 1993, Fernando resolveu, aproveitando os conhecimentos de condução que aprendera com um amigo, já com direito a automóvel pessoal, resolveu, enquanto Anita assistia a uma missa de Sábado por alma de alguém que nem conhecera, mas como se dava com a família do defunto…, usar o carro de Anita para passear Teresa até à Espalamaca. Depois metendo por uma vereda que conduzia a um barracão abandonado, saborearam-se, com ele sempre de atalaia, não fosse alguém apanhá-los a fazer sexo no carro de Anita. Ninguém andava por ali. Mas, era o dia em que o Diabo os resolvera acompanhar com os seus requintes de malvadez. E nem a presença do gigante, espraiado sobre o mar, deixando uma sombra esguia sobre o canal, o fez desistir. Era a segunda investida e não falhou. Anita esperava-os à porta da garagem. Ambos desculparam-se, com Teresa chorando, a desresponsabilizar Fernando por ter sido ela a instigá-lo, já que o dia estava de sol e apetecia-lhe ver o Pico em todo o seu esplendor que, naquela altura do ano estava limpo de nuvens e com contornos bem definidos, num dia raro para obter fotografias fantásticas. A mulher, amadurecida pelo tempo e pela experiência, sobretudo a mais recente, retomando o papel de "madrinha", fez a preleção que lhe competia, mas que antecipava como inútil, porque algo lhe dizia que tudo iria mudar.

Pela Páscoa, estavam, de novo, no Pico com os pais de Fernando e de Teresa. Mas, desta vez, a reunião familiar era mais sobre o que havia a resolver, porquê Teresa estava grávida de, pelo menos, três meses. Na melhor das hipóteses Teresa e Fernando seriam pais em Setembro desse mesmo ano. João Cansado e Abílio Marcado e as respetivas mulheres, pelos vistos, e irremediavelmente, seriam avôs e avós. Como isso tinha acontecido, já sabiam. E nada havendo a fazer, tornava-se necessário perspetivar a vida dos jovens para o futuro. A família de ambos aceitou, com serenidade e até um certo orgulho, assumindo a "culpa" da consequência daquela relação sem qualquer responsabilidade de Anita Moço. E, contrariando as expectativas desta, entenderam que se ela não os pudesse apoiar após o nascimento da criança, que a família de cada um dos jovens teria de o assegurar, só que isso teria de implicar a interrupção dos estudos e o seu regresso à Ilha do Pico. Anita, sem chão para se firmar, propôs-se a desempenhar o papel de "avó" por procuração informal. Nunca tinha tido filhos e, por consequência, netos, mas achava que sabia cuidar de um bebé, com a ajuda de todos, especialmente das avós Ana e Amélia e, naturalmente, da jovem mãe Teresa.

A família ficou silenciosa, por uns segundos, o que fez Anita sentir o cérebro a percorrer quilómetros de imagens e emoções, condensando muitos anos de fantasmas e fantasias que, apesar de a atormentarem e despertarem para a vida, arrastavam também pecados e remorsos por expiar. Quase toda a vida lhe perpassou pela cabeça, pelo corpo, deixando-a suada, exausta, como se aquele

silêncio a sentenciasse e amaldiçoasse como mulher e tutora de Teresa e Fernando. Mas nada tinha a temer. Ana Cansado, julgando falar em nome de toda a família, não podia deixar de agradecer o seu gesto e o afeiçoamento aos filhos. Acresceriam, na medida das suas possibilidades, o seu contributo pelo acolhimento deles e pelo acompanhamento médico que Teresa iria necessitar. Depois do bebé nascer, voltariam a conversar e iriam mais vezes à Horta para acompanhar Teresa e o neto ou neta. Anita ainda replicou quanto à ajuda financeira, porque… Mas Amélia Marcado pôs fim à conversa: "Como disse a comadre Ana, temos muita sorte em puder contar consigo e muito a agradecer-lhe.". Os homens ficaram calados. Na verdade, também não tinham mais nada para dizer.

Resolvida a questão, se se podia assim dizer, ainda havia muita lama no leito da ribeira por limpar. Há boatos que voam sem sequer ter asas. Talvez que o rumorejar da aragem ou do vento que sopram ao final da tarde e pela noite adentro tenham levado o tema ao lugarejo. Especulação pura, mas com sentido, sempre dizia alguém. Comer um bolo lêvedo e beber uma angelica era obrigatório para raciocinar, entender porque acontecia algo diferente de todos os outros dias. Juntos na casa dos Vigias iam dedilhando, pela noite, agulhas que pareciam tecer marionetes de lã, seres capazes de ter vida própria, numa profusão de saberes empíricos e irracionais que povoavam a imaginação quadrada e básica de quem nunca viveu. Conjeturando o que podia ter acontecido. Desde Fernando e Teresa terem de sair da casa de Anita, mulher honesta e considerada, até à expulsão do Liceu de um deles por mau comportamento, tudo valia. A Olívia Neves, reconhecida como vidente, recentrou a questão, depois de três copos de angelica bem aviados: "É porque ela está grávida!". Ficaram todos paralisados. A mulher tinha razão, só podia ser. E, claro, tinha mesmo. Não é que o Diabo, mais uma vez, tinha deitado os cornos de fora… "Merda, que já me enganei na contagem dos pontos.". "Desmancha e começa de novo.". "Desmanchar era o que ela havia de fazer!".

Na taberna do Macedo Furtado, logo pela manhã, João cansado e Abílio Marcado, emborcando o segundo copo de aguardente, diziam mal da vida, olhando um para o outro. Amigos de sempre, reconheciam que tinham incentivado aquele namoro, sentindo-se responsáveis pelo desfecho da situação. Sabiam que as mulheres tinham entendido a situação e lido os sentimentos dos maridos e não só se conformaram como sentiram o chamamento da sua própria continuidade, o de serem avós. E foi isso que disseram, acalmando os homens que, de amigos e compadres, passaram a ser família, mais unida e mais forte que nunca no lugarejo que habitavam.

Os filhos, agora com 16 anos, já estavam para ser pais e quase a dar-lhes um neto ou uma neta. A dois anos do final do Liceu e na perspetiva de irem para Lisboa, hipotecavam o seu futuro. Quando se preparavam para o terceiro copo, o Macedo Furtado fez notar que já os avisara e que o melhor era começarem a desfazer-se das terras e dos equipamentos, para lhes pagarem as despesas com o bebé e depois os estudos em Lisboa e estavam com sorte. "Porquê?". - Perguntaram o João e o Abílio. "Olha os avozinhos…". - Começando o Macedo a gargalhar e depois a tossir desalmadamente, porque se engasgou com o anis que tomava.

Continuando o discurso, perguntava que era feito dos homens que tinham participado no 25 de Abril de 1974, que haviam estado na Guiné – no pior sítio da Guerra, no mesmo local e, ainda, ao mesmo tempo. Tinham de aceitar a situação e seguir em frente. Não se tratava de nenhuma desgraça. Afinal, eram irmãos de guerra, além de, agora, serem também família. Tinham todas as razões para comemorar e abraçarem-se num abraço que nem ele poderia compreender. E abraçaram-se mesmo.

Um abraço que continha medos, a morte que os rondara de perto, os amigos perdidos ou estropiados, com uma mina ou uma rajada dos "turras", então inimigos, a descrença em Deus e no Regime do Estado Português. O descrédito em tudo que não fosse o camarada ao lado que os protegia ou a quem salvavam, não raras vezes levando-o de rojo para um helicóptero sob fogo intermitente ou desviando-se, por sorte, de uma mina que estilhaçaria a ambos. Camaradas assim, sobreviventes, mais do que amigos trocavam o sangue das feridas constantes, irmãos para tudo e para a vida. Esse era o grande segredo do João e do Abílio. Que o Macedo começara a compreender mas que nunca entenderia.

Mais importante que tudo foi o nascimento de Eduardo, a 27 de Setembro de 1993, no Hospital da Horta. Um rapagão, que, em poucos minutos, conquistou toda a família, incluindo Anita Moço que, com antecedência, rearranjara a enorme casa que possuía, para albergar toda a "família". O quarto maior, anteriormente atribuído a Teresa, havido sido reconvertido em quarto de casal com espaço para o berço de Eduardo, que já aguardava o seu "inquilino". O quarto onde dormia Fernando passou a contar também com uma cama de casal e noutro espaço de arrumação, conseguiu montar mais um quarto com todos os cómodos, ficando com espaço para eventuais estadias dos pais dos jovens. Anita começava a sentir-se dona de Pensão mas, na verdade, uma orgulhosa "avó" que, com a ajuda incondicional, económica e de amizade dos familiares mais diretos do casal, reforçou o seu estatuto de familiar e, agora, também madrinha de Eduardo. O batismo teve lugar na Igreja da Conceição. O padre Orestes, com a rudeza que o caracterizava, vai de despejar uma espécie de concha de água gélida sobre a cabeça da criança, que desatou numa berraria que ecoou pelos arredores. O padre, sem manifestar qualquer remorso pela sua maneira de ser: "Berra lá à vontade, que para a próxima mando aquecer a água numa chaleira…". E dizem que foi a primeira vez que o viram sorrir, soltando mesmo uma sonora gargalhada que se sobrepôs ao choro do batizado.

Mas, uns meses antes do batismo, houve, na Ilha do Pico, uma quase batalha campal, contra e a favor do casamento dos jovens. Entre quem fala sem saber, só porque quer marcar a sua insignificância, a tecerem e a multiplicar comentários, ora morais ora jocosos, como o sexo debaixo da "burra", tendo a maioria resolvido que o padre que tutelava o lugarejo devia ser avisado que naquela freguesia não casavam, sob pena de… E aqui as opiniões eram tão diversas que não daria para as arrumar com uma síntese elucidativa. E, para não restarem dúvidas, alguém colocou à porta da casa do prelado um alguidar com uma faca de matar porcos, que, neste caso, queria dizer, concisa e claramente: se fizeres o que não deves, prepara-te! Porém, outros, amigos e respeitadores das famílias dos noivos e em particular do João Cansado e do Abílio Marcado, afirmavam, com convicção, que deviam mas era deixar os miúdos em paz. Se iam ter um filho que os deixassem viver de acordo com as leis divinas que não falavam em idades para o casamento. E assim ficavam a viver nos cânones da santa Igreja. Por vezes a aguardente azedava entre os homens, que chegavam quase as vias de facto, não fosse a intervenção prudente de alguns mais velhos e experientes nas coisas daquele e de outros mundos. Claro que o pastor, que nem ligava àquele rebanho, preferiu recusar o eventual casamento, com a justificação de que eles viviam na Ilha do Faial e era aí que tinham de resolver o seu problema.

O padre Orestes, sendo um homem rude, não era burro e, à sua maneira, mantinha o seu rebanho relativamente unido, sobretudo as ovelhas mais fiéis que o coadjuvavam na sua missão pastoral. Anita era uma delas, merecendo-lhe uma especial atenção, pelos anos de viuvez que já vivera. Em necessidade, Anita, convenceu-o a celebrar o casamento, mostrando-lhe uma autorização escrita dos pais, que ele olhou mas não leu. Feitos os "banhos" e marcado o dia do casamento, ninguém nem nada se opôs à união de Fernando e Teresa. Mas, há gente teimosa, que faz questão de se afirmar, por mais pecados que tenha. Adoram empatar tudo, imaginando-se no alto de um púlpito, pregando não aos peixes – como o Padre António Vieira -, mas aos vermes que lhes haviam assaltado a mioleira, reduzindo-a ao essencial básico da existência.

No dia do casamento aprazado, parecia que tudo ia correr bem e com celeridade, sobretudo pela escassez de fiéis ou amigos presentes, mas mesmo assim ocupando mais de metade da igreja. Quando o padre Oreste perguntou se alguém se opunha, uma mulher de idade desconhecida, com o cabelo branco e um bigode negro, gritou: "Eu!". O padre, a quem nunca tinha acontecido tal coisa insólita, mandou que a mulher dissesse das suas razões. Ela, sem se fazer rogada, disse que ambos poderiam ser seus filhos e que casando tão jovens pouco ou nada sabiam da vida, donde estavam a cometer um erro irreparável perante Deus e que um padre nunca poderia celebrar o santo sacramento que estava prestes a ser consumado. O padre Orestes ficou uns segundos em silêncio, avermelhando das faces como se fosse explodir ou, simplesmente, visse tardar o almoço nupcial bem regado. Então perguntou: "Há mais alguém que queira objetar?". As cabeças rodaram para a esquerda e direita num rotundo não, alguns não por saberem o que era objetar, mas para não levarem com uma rabecada do padre e, além disso, porque também já pensavam mais no almoço que em outra coisa qualquer. O pastor, tentando esconder o seu desagrado, perguntou ainda à velha contestatária o que se devia fazer ao filho do casal, ao que ela respondeu que a caridade do Senhor seria a solução. A resposta foi contundente: "Vade retro Satanás!" - Regurgitou o padre, colérico, como se um pássaro de mau agouro lhe tivesse trespassado o cérebro perturbado, e declarou – em voz grossa, irritada e com decibéis que fizeram perigar os vitrais - Fernando e Teresa como marido e mulher. Por fim, quase tudo havia acabado em bem.

Depois do almoço sem grande história, servido num restaurante razoável próximo da igreja, com comida e bebida a preceito – que João e Abílio não tinham olhado a gastos -, os convidados da Ilha do Pico já a atravessarem o canal, pareciam ter tido uma epifania qualquer que os levava a pedidos de desculpa, a abraçar repetidamente o João Cansado e o Abílio Marcado, e as mulheres daqueles a beijarem Ana e Amélia, desejando as maiores felicidades aos recém-

casados e aos pais e avós. As coisas que o mar do canal faz, mesmo em dias de bom tempo, diria Vitorino Nemésio.

E a vida pareceu normalizar, com Anita Moço a fazer de "avó" e cuidadora de Eduardo. A ida dela, do casal e do Eduardo ao Pico, era certa sempre que havia férias escolares ou, por vezes, num ou noutro fim-de-semana prolongado. Como era frequente a vinda dos pais dos jovens, à vez ou em grupo, para ver e mimar o neto, trazendo um pouco de tudo das terras do Pico.

De resto, quando os estudos o permitiam, faziam questão em continuar a explorar a Ilha do Faial, cada recanto, mapeado ou sugerido por alguém, como um restaurante nos Cedros. Mas já não era muito importante a descoberta, mais a ânsia de voltar aos locais que mais lhes tinham agradado. E, claro, Teresa aproveitava para ir fazendo umas fotos, segundo Anita, com grande jeito e uma quase profissional.

Num dia, com mais ou menos copos – que isso de pouco adiantava -, quando João e Abílio estavam cabisbaixos, Macedo percebeu que estavam assim, por irem "perder" os filhos e o neto que, em breve iriam para Lisboa. Macedo recordou-lhes que já lhes havia dito que deviam deixar os filhos viverem a sua própria vida. E parecia que eles sabiam, muito bem, o que faziam, talvez até melhor que muitos adultos. Depois riu-se, como se tivesse contado ou ouvido uma piada, com os cabelos brancos eriçados pela ventoinha, desta vez sem se engasgar com o "traçado".

O modo como falou sensibilizou os amigos, tendo o Abílio observado: "Pareces mesmo um Tio-Avô.". João riu-se também e Macedo riu-se mais ainda, mas depois as lágrimas denunciaram que descarregava a sua frustração em nunca ter tido um neto. Porque a mulher e a filha haviam morrido, há muitos anos, mesmo ali perto de casa, atropeladas por um gajo bêbado e que perdera o controlo da carrinha, apanhando-as na berma da estrada.

João Cansado e Abílio Marcado lembravam-se ainda do acidente e consolaram o amigo o melhor que puderam. "Gozem a vida e protejam os vossos filhos, é o que lhes peço. O meu sofrimento combato-o com a aguardente e o "traçado", mas vocês têm um neto a desfrutar. Contenham-se, é o que vos diz este vosso amigo.". E ficou-se a cismar, a coçar a barba, como era seu hábito.

Não sei, não sei

Não sei, não sei
porque estou tão triste
porque persiste
este tom magoado

Não sei, não sei
porque caem lágrimas
dos olhos fechados
afastando o passado

Não sei, não sei
porque as ribeiras são rios
e os rios são mares
indomáveis
indecifráveis

Só sei que desaprendi
o que a vida me ensinou
desatinando-me os ouvidos.

Avelino Rosa, 23-08-2021

No final do Verão de 1995, Teresa e Fernando rumaram a Lisboa, com Eduardo e Anita. As mudanças decorrentes de Abril de 1974 pareciam evidentes, sobretudo nas instituições e na mudança de mentalidades. Habituados a seguir a televisão, com alguma frequência, sentiam-se compelidos a conhecer Lisboa e os seus recantos, mas também o resto do País, em particular as grandes cidades, como Porto, Coimbra, Évora e Faro e outros lugares menos divulgados, mas que se lhes tornavam apetecíveis pelo que iam observando e, mais, imaginando, pensando numas eventuais férias no Algarve em praias enormes de areia fina e branca, sob um sol brilhante e quente, que perdurava e bronzeava a pele.

Nas Faculdades de Medicina e de Economia, onde Teresa e Fernando haviam ingressado, agora a caminho do segundo ano, a agitação continuava, sem grande intervenção deles na dinâmica académica e, muito menos, ligados a qualquer Partido político. Voltavam para casa no final das aulas. Na retaguarda uma "mãe" que os amparava e tratava de tudo relativamente a Eduardo, deixando-os inteiramente disponíveis para o estudo.

Anita Moço a todos surpreendera, com as suas posses no Faial e no Continente. Mas mais do que essa surpresa era o amor e dedicação que dispensava aos "afilhados" e "neto". Claro que as famílias dos jovens lhe transferiam, periodicamente, uma quantia razoável que suportava os custos da sua estadia.

De resto, Anita comprara um novo carro, que agora Fernando e Teresa também podiam conduzir e estes haviam comprado outro mais em conta, pago pelos pais, mas que Anita também suportava, em combustível e manutenção, com a sua pensão e a que recebia pelo falecimento do seu marido, que conhecera pouco antes de se licenciar em matemática em Lisboa.

Homem garboso, com uma farda bonita. Ele era um dos militares que, então, tentava explicar aos alunos finalistas do Ensino Superior, as razões de Portugal defender as Províncias Ultramarinos, face à cobiça das superpotências. E falava com convicção, mesmo com paixão, apelando a um surto migratório, necessário e útil aos territórios colonizados, porque se pretendia incentivar a educação e cultura e a produção de bens básicos a toda a Nação. O cronómetro da História marcava 1961.

Anita ficou fascinada pelas razões, pelo homem e, sobretudo, pela sua voz pausada e calma, que se lhe entranharam no corpo, e a levou, num impulso, à saída do anfiteatro, a fazer-lhe mais uma pergunta, que ficou a meio… Ele, entendendo, pediu-lhe para aguardar um pouco, enquanto atendia um rapaz,

meio fuinha, que queria alistar-se a bem da Nação e da elevação cultural dos indígenas…

Depois, o Major foi ter com ela, percorrendo ambos o corredor até à saída da Faculdade, acabando por a convidar a jantarem ainda nesse dia, não escondendo que as suas perguntas o tinham deixado perplexo pelo seu interesse no "nosso Ultramar" e que, assim, podiam conversar mais à vontade e com maior pormenorização. Anita aceitou, de imediato, não deixando de lhe fixar a cara, com uns olhos e sorriso que lhe trespassavam a alma. E depois do jantar, nunca mais deixaram de se ver, quase todos os dias, até que o casamento foi inevitável.

Pouco antes de algumas campanhas em Angola, onde Anita o acompanhara ainda durante quase nove anos, quase sempre em sobressalto, porque estavam em zona de guerra, como se dizia. Ela até aprendera a disparar uma pistola que lhe fora entregue como instrumento de eventual defesa. No regresso definitivo ao Continente, já ele tinha sido promovido ao posto de Coronel, resolveram comprar uma Vivenda fora do bulício da cidade de Lisboa, que parecia abafá-los, num bairro aprazível recém-construído e que ficava a pouca distância do Regimento de Artilharia Antiaérea de Queluz, onde o marido fora colocado e com bom acesso à Capital, para onde poderia ser eventualmente chamado. Os acontecimentos que começaram a despoletar o 25 de Abril de 1974 derrotaram o militar que, até aí, sempre se mostrara inquebrantável. Não suportou a provação a que foi sujeito pela perspetiva da perda irreparável da pátria que servira, com risco da própria vida. Transferido para o Hospital Militar da Estrela, o transmontano morreu poucos dias depois, de causas naturais. Anita Moço sentiu que se tinham descartado do marido, como uma coisa já inútil, apenas com 54 anos. Ela, com 39, sentiu-se desamparada e sem noção do tempo e apoio de alguém, mesmo da sua família de quem se tinha afastado por ter casado com um homem muito mais velho, e da do marido, que nem tinha comparecido no funeral, discreto e com os poucos amigos que ele mantinha. Temendo o pior resolveu fechar a Vivenda de Queluz, entregando a chave à amiga Etelvina, sua vizinha, com quem se correspondia periodicamente, para acertar novidades e contas, e regressou às suas origens, no Faial.

Nesta ilha ainda mantinha a casa que herdara dos pais, falecidos antes do Natal de 1965, num estúpido acidente de automóvel, por o pai ter perdido o controlo do carro, ao vir da Caldeira, esmagando-o contra umas árvores da berma, por causa do nevoeiro. Encontrados umas horas depois, já ambos eram cadáveres. Houve quem aventasse a hipótese de suicídio, mas os peritos concluíram por uma falha dos travões do *Buick Rodmaster* de 1949, um carro caro e antigo, mas ao gosto do pai, em que a levara a conhecer cada recanto da ilha do Faial, antes de ir estudar para Lisboa. Infelizmente, nem ao seu funeral tinha

vindo. Estava em Angola e isso implicava muitos dias de deslocação. Pediu à empregada doméstica dos pais – depois de um telegrama, onde lhe pedia para ficar, em data e hora marcada, junto do telefone -, para lhe dizer, de viva voz, que continuasse a fazer a limpeza e manutenção da casa habituais, enviando-lhe a mensalidade devida por transferência bancária ou vale do correio conforme ela preferisse, recomendando-lhe que acautelasse bem a chave. Carolina respondeu-lhe que, agora, o tratamento da casa exigia muito menos esforço, pelo que o pagamento poderia ser o mesmo, mas trimestralmente. Anita agradeceu-lhe e rematou que, logo que possível, iriam conversar pessoalmente. Carolina prometera-lhe manter a casa sempre em condições e em avisá-la de alguma questão ou problema que surgisse. E assim fez.

Anita era uma alma complexa e solitária. Depois de casar teve de obter autorização do marido para ser professora, ainda antes de o acompanhar para Angola. Então, a mulher dependia da vontade do marido e nem podia votar, sem restrições. O voto livre só ocorreu após o 25 de Abril de 1974. Foi em Outubro deste ano que regressou ao Faial, ingressando no Liceu Nacional da Horta, como professora de matemática. Lecionou até 1987, ganhando os requisitos para aposentação, já que os anos em Angola, em zona de guerra, majoravam esse tempo de serviço. Assim, Anita, conjugando a sua pensão de aposentação com a de sobrevivência pela morte do marido, tinha uma situação financeira desafogada.

Pensava pouco sobre o que acontecera a Portugal, deixando, uma a uma, as suas colónias, e acordando com a China a saída de Macau em 1999. Mesmo tendo vivido em espaço de guerra nunca se sentiu ameaçada. Claro que uma professora de matemática não tem de se dar a devaneios políticos, apenas a números. Mas há números que revelam realidades. Basta entendê-los e concluir. Ou não concluir nada, por comodidade, por afastamento de danos que poderiam atingir o marido ou, simplesmente, porque ele era mais importante do que os números. Apesar de mandão e assertivo, politicamente inflexível, a verdade é que, mesmo aceitando algum desconcerto do quotidiano e do que parecia ser e poder deixar de ser, numa dimensão distópica da sociedade e poderes contraditórios que levavam a uma existência, pretensamente normal, a uma utopia que fazia antever um nova sociedade com problemas e hiatos ainda mais preocupantes e reveladores dos sinais que corroem os fundamentos das sociedades democráticas, precocemente ou envelhecidas e cansadas de pagar uma fatura que enriquece apenas quem manda e abusa da autoridade.

Anita sentia-se, cada vez, mais só. Porém, a sua vida, aparentemente certinha,

não suscitava grandes atenções de potenciais candidatos. Houve um que quase entrou no seu sistema de defesa, mas foi rechaçado pelo ímpeto de a tomar de assalto. Sendo uma técnica "bélico-amorosa" de conquista, legítima e inesperada, tipo amor à primeira vista, não surtiu efeito no caso. Anita afastou-o sem mais nada, a não ser: "Desaparece!". E ele foi à sua vida.

De resto, quase nada há a contar da sua vida sexual. Nos dias mais sombrios ou em que o desejo a toldava, usava os "brinquedos" que trouxera do Continente, que comprara em Lisboa, pensando e imaginando, até se saciar. Pouco depois de ter chegado à Horta e começar a frequentar as atividades da paróquia, acabando por sucumbir aos "encantos" do padre Orestes, sentindo-se mais confortada.

A tutela de Teresa e Fernando e, agora, de Eduardo deram-lhe uma outra satisfação, até aí mitigada, de realização pessoal, como se agora experimentasse o sabor da vida em plenitude, do desejo de sentir um amor difuso e, ao mesmo tempo, inquieto, irrequieto e intenso. Tinha medo disso. Sentia, todos os dias, que isso a machucaria mais que aos outros. Como se fosse um pecado sem remissão, sem desculpas, sem penitência, que iria decompor todo o seu ser até ao final da vida.

Em Queluz, a Vivenda, de rés-do-chão e dois andares, rodeada de um pequeno quintal e jardim e com uma garagem espaçosa, com uma área para arrumações, permitia que Anita e Eduardo ocupassem o último andar e Fernando e Teresa o primeiro, com os respetivos escritórios e bibliotecas, quartos que podiam ser preparados com camas articuladas para os pais de cada um, mas sempre sem hóspedes, ficando o piso térreo, completamente renovado, com uma ampla e bem equipada cozinha, onde geralmente tomavam o pequeno-almoço, almoçavam e jantavam, e uma enorme sala com um espaço em semicírculo de sofás confortáveis, um grande televisor multimédia e algum equipamento eletrónico, para assistir a filmes ou simplesmente ouvir música. Uma mesa de refeições, com 12 lugares, ocupava o espaço oposto. Ao lado da cozinha, ainda um pequeno quarto e hóspedes entre esta e a porta de entrada uma casa de banho, com polibã.

Teresa, em finais de 2002, tinha completado o curso de medicina, com especialidade em pediatria, começando a trabalhar como efetiva no Hospital da Estefânia.

Fernando "patinara" nos estudos, desde o terceiro ano de Economia, não se antevendo que ultrapassasse esse patamar. No final de 1999, resolvera procurar

emprego. A sua candidatura foi aceite pela *XEGUR Corporation*, uma Multinacional que atuava em diversas áreas de negócio, onde beneficiou de alguns cursos de formação profissional, sendo em breve contemplado com algumas regalias, incluindo viatura dedicada e cartão de crédito com um *plafond* razoável. A pulso e, nalguns casos, afastando, com métodos nem sempre corretos, colegas, sobretudo do sexo feminino, foi subindo até ser designado Diretor de Vendas.

"Estás a ver moda?! Ah, logo vi, estás mas é a ver as mamas das modelos. E tu deixas?". "Qual é o problema? O que é bonito é para se ver.". "Que tu sejas tarado é uma coisa, agora que contagies o rapaz, que só tem nove anos...". "Lá estás tu. Onde está a tara em apreciar a beleza?".

"Beleza para ti são mamas e rabos. E as mulheres são tão mais belas para ti, quanto mais despidas estejam.

"Estás a exagerar. O que entendo é que o corpo da mulher, quando é belo, dentro de padrões subjetivos, claro, é sempre uma inspiração. Observá-lo não é nem pecado nem tara.". "É por isso que gostas das outras mulheres sem soutien, mas a mim exiges-me que nem o vinco dos mamilos se possa ver. Donde, concluo que, de acordo com o teu padrão de beleza, eu seja uma matronaça. Ou, nem sei se melhor ou pior, já que não me julgo tão deselegante assim, um espécime para observação privada do dono. Além de tarado, és machista.".

"Lá estás tu, com as tuas conjeturas a despropósito...".

"Posso falar?" – Perguntou Eduardo. "Claro. O que tens para dizer?!". "Claro. Fala lá!". "Era só para dizer que vou para o meu quarto, ver televisão e jogar *Play Station*, porque a conversa não me interessa. Discutam lá mais uma vez, mas poupem-me a esta cena foleira de pessoas com pouca maturidade. Até amanhã!".

"Até o puto tem opinião. Com 9 anos e já é especialista em discussões conjugais.". Teresa nem comentou. Limitou-se a ir para o seu escritório, retomando o livro que estava a ler.

Idade para o desatino

Escondidos, fazíamos aquilo
que sabia sempre a pouco
que loucos fomos, que loucos somos
ainda…

Já temos idade para o desatino
o tino ficou algures num marco de correio
em cartão turístico, em carta inebriada
sempre falando de amor e quase mais nada
e a dobra do tempo em nada importou
calou apenas as bocas que expeliam fel
papel que não perdurou por cansaço
e embaraço de quem não vive satisfeito

A quem presto o meu infiel preito.

Avelino Rosa, 14-10-2021

A vida *intra* portas. A que se fez, desfez, recomeçou e nunca mais teve sossego. Dourada ainda nas recordações, dispersas, vagas, nebulosas, dos dias em que se entontece. Mas são poucos esses dias, em cada ano. Os demais são de amargura, de resignação. De acomodação, melhor dizendo. Tudo é pretexto para uma zanga caseira. Umas poucas vezes, razão para teimar em acender uma chama que nunca renascerá das cinzas que a apagaram. Há anos atrás. É um processo lento, de que não se dá conta, mas que toma, agarra, como uma síndroma lenta, crónica, inexorável. Foca-se nas pequenas coisas que despedaçaram, aos poucos, os momentos solenes. Os que, na ausência das palavras, deveriam ter sido de encontro. Mas não foram. Cristalizaram nas cismas da imaginação, aberta a devaneios e desvarios.

Eduardo continuava, quase exclusivamente, sob a tutela de Anita Moço, que o levava e ia buscar à Escola, tratando da sua alimentação. Com a ajuda de uma empregada doméstica, mantinha a casa limpa e habitável para todos, dedicando-se a cozinhar, em particular no fim-de-semana, quando não resolviam ir a um restaurante algures. Mas sentia-se, cada vez mais, enfraquecida e com remorsos recorrentes. As discussões constantes entre Fernando e Teresa constrangiam-na, matando-a aos poucos.

Teresa, enquanto frequentava uma formação em novo equipamento e material hospitalar para crianças, foi surpreendida, no final da ação pela pergunta: "Lembra-se de mim?". Era um dos presentes que, apressadamente, evitara que ela saísse da sala. Olhando-o melhor, experimentou a vaga sensação de já o ter encontrado, mas não se lembrava onde nem como. "Encontrámo-nos no Cruzeiro do Canal, ia a doutora para o Pico. Sou o Virgílio". Teresa, num *flash*, lembrou-se de imediato. Ele tinha tentado meter conversa com ela e achava que até havia sido pouco educada, afastando-o de um modo um tanto rude. Afinal era uma miúda e mãe prematura, que havia acabado o Secundário e estava prestes a ir para o Continente. "Éramos tão jovens ou, melhor, mais jovens do que agora.". Ambos riram, com as desculpas de Teresa por ter sido pouco correta com ele. Era hora de almoço. Virgílio convidou-a para almoçar. Teresa ficou a saber que se encontrava presente naquela ação a convite da empresa responsável pela venda do equipamento, já que a mesma pretendia realizar um congresso de médicos nos Açores, pedindo-lhe para organizar e tratar dos pormenores das viagens, porque ele tinha uma Agência de turismo: a AzorTours. "É uma designação que só um açoriano ou quem lá viveu, como no seu caso, poderia ter dado.". "Afinal ainda se lembra bem do nosso encontro em pleno canal Faial – Pico.".

Agora, com 28 e 27 anos, falaram um pouco da sua vida, ela deixando de lado o calvário em que a sua vida se tornara com o marido. Ele subentendendo, mas

apenas lhe propôs trocarem contactos, disponibilizando-se para a ajudar em qualquer dúvida que lhe surgisse sobre o equipamento que fora adquirido pelo Hospital em que trabalhava, a ela ou a qualquer colega, já que tinha contactos e amigos na empresa fornecedora ou se pretendesse ir ao Faial ou ao Pico ou a outro lugar qualquer, colocando a sua Agência ao seu dispor, por um preço especial. Quando iam apertara a mão, acabaram por se despedir com dois beijinhos que apenas significavam um cumprimento entre, afinal, "velhos" conhecidos.

Voltando ao trabalho, Teresa experimentou a estranha sensação de que conhecia Virgílio desde que o encontrara no "Cruzeiro do Canal", como se tivesse convivido com ele ao longo de todos esses anos. Provavelmente em 1994 ou 1995. Apesar de quase não ter conversado com ele - facto que nem era frequente na sua maneira de ser e estar na vida. Talvez por isso mesmo, no seu subconsciente o teria admitido como um amigo inesperado com quem já fizera as pazes pela sua má educação intempestiva. A verdade, lembrava-se agora, é que tinha resolvido ir visitar os pais logo após o último exame, deixando Eduardo ao cuidado de Anita Moço, já que ela e Eduardo iriam uns dias depois da última prova oral de Fernando. A Teresa apetecia-lhe ir depressa para o Pico, sentir o desafogo e o calor dos pais.

Alguma coisa lhe dizia que a vida que sonhara parecia esboroar-se aos poucos. Mas angustiava-a ter deixado Eduardo, apenas com 2 anos, longe de si e dos avós. Porque não o trouxera? Pensara mais nela do que no filho. Estava demasiado cansada emocionalmente e tinha sido melhor assim. Precisava de uns dias sozinha, avaliando a vida, perscrutando o futuro que a esperava, sempre com o filho em primeiro lugar, claro, mas de resto…

Talvez fosse por isso, centrada nos seus pensamentos, de dúvidas e hesitações, que pouco ligara ao continental que a abordara no Cruzeiro do Canal. Mas tinha gostado de conversar com ele então e, mais, agora.

Fernando acordou com a sensação de que o dia lhe ir correr bem. Após massajar a cara com os dedos, tateando a pele de um barbeado perfeito, entrou no polibã e aconchegou-se sob o duche quente. Apetecia-lhe cantar uma ária, mas não tinha esse condão, muito menos uma daquelas vozes próximas das celebridades atuais da ópera. Mas sempre trauteava qualquer coisa... "Jesus no Secundário", dos "Cabeça no Ar", pareceu-lhe mesmo a canção adequada para o desafio profissional que o esperava. "Jesus falava aos doutores...". Era quase isso, sorriu. Não que quisesse armar-se em bom, mas a verdade é que conhecia melhor do que ninguém a matéria que iria ser discutida no encontro anual da Administração e dos técnicos de topo da multinacional *XEGUR Corporation*.

Dava-lhe algum gozo, não sendo licenciado, deixar em cheque alguns executivos, formados em Economia e Gestão, alguns com pós graduações em Universidades estrangeiras, arvorados em sumidades pardas. Fora assim que, ao longo dos anos, conquistara, passo a passo, medindo bem cada um, o lugar de Diretor de Vendas. Estudara e aprendera, à sua custa, tudo o que se poderia saber sobre organização, marketing e técnicas de venda. Era um *self-made man*, com muito gosto. Ajeitou o nó da gravata e olhou-se uma última vez ao espelho. Gostou da imagem. O fato e a camisa de marcas da berra, o cabelo curto, discretamente disperso sob o gel, uma tez levemente bronzeada no *solarium* de um SPA da alta sociedade, onde queimava também as calorias excessivas, faziam-no sentir-se bem consigo mesmo. Não era narcisista, mas fazia questão de estimular a sua autoestima.

Teresa levantou-se já depois do marido ter fechado a porta de casa. Vestiu o roupão e dirigiu-se à casa de banho. O vapor do duche de Virgílio soltou-se como uma mágoa matinal. Sabia que ao olhar-se ao espelho, veria aquelas olheiras mórbidas, cada vez mais profundas e prolongadas. Que não tratava, nem sabia se por opção, se por vingança. Sabia apenas que não poderia recomeçar enquanto a vida não lhe perpassasse num plano qualquer do olhar ausente. Tantos sonhos... e não vivera nenhum. Materialmente, não tinha razões de queixa. Uma Vivenda, nos arredores de Lisboa, outra no Algarve, com piscina e court de ténis, e um bom carro. Claro, comprados, parcialmente, com dinheiro do marido. Porque tinha desistido de viver, então? Bem, tinha era de se despachar. O trabalho esperava-a no Hospital.

Fernando passou com distinção no encontro da Administração, dirigentes e técnicos de topo da Multinacional. Numa intervenção curta, mas incisiva, fixou os alvos principais, prevendo as metas e os meios reais para as atingir. No final, o *CEO* deu-lhe um abraço de congratulações. Sentiu-se lisonjeado, mas longe de se aperceber que esse cumprimento tinha um alcance muito para além das suas expectativas. Descobriu-o no dia seguinte, quando o Presidente do Conselho de Administração da *XEGUR Corporation* lhe comunicou que havia sido cooptado para Administrador, com enfoque na área das vendas, o cargo mais importante a seguir ao de *CEO*.

O ego de Fernando, já grande, extravasou. Telefonou à mulher, obrigou-a a jantar num dos restaurantes mais caros de Lisboa, com pratos confecionados por um *Chef* com 3 estrelas *Michelin*, acompanhados por champanhe. A conta fez Teresa deixar sair as bolinhas da bebida pelas narinas, mas era uma insignificância para um novo Administrador da XEGUR. Aliás, até era paga pela

Multinacional, com o novo cartão de crédito que havia recebido. Teresa, já habituada a algumas extravagâncias do marido, sentiu um dos seus arrepios premonitórios, que lhe gelava o sangue e a deixava desarmada. Comungava da satisfação e das expectativas de Fernando, mas veio-lhe à cabeça que provavelmente o novo cargo poderia ser um passo maior que a perna que bem lhe conhecia.

Em Maio de 2005, ao chegar a casa, Teresa encontrou Anita caída no chão, junto ao sofá da sala, onde normalmente se sentava a ver televisão ou a conversar com Eduardo. Chamou de imediato o 115, tentando tudo para reanimá-la, mas em vão. O coração de Anita, sabe-se lá porquê, tinha parado irremediavelmente. Já no Hospital, lembrou-se que tinha de ir buscar Eduardo. Telefonou a Fernando, que não atendeu. Em desespero, ligou à colega e amiga Beatriz, que se prontificou a levá-lo para sua casa, até que ela chegasse e se sentisse bem e em condições de poder falar como filho.

A morte de Anita afetou Fernando durante algumas semanas, talvez porque sabia que lhe podia pedir tudo, incluindo uma massagem aos ombros e às costas, quanto sentia os músculos retesados do *stress* em que vivia. Mesmo tendo ela os seus sessenta e tal anos mantinha um corpo invejável e permitia-lhe alguns mimos extra que Fernando explorava perante a ausência de sexo de Anita, doseando as intimidades a uma rotina periódica, geralmente antes do pequeno-almoço, quando Eduardo já estava na Escola e Teresa já tinha saído para o trabalho. Anita, que sempre fora ativa sexualmente, odiava procurar um namorado, mesmo depois de frequentar as redes sociais. A ideia de viver com um homem, para além do falecido marido, barrava-lhe qualquer empatia com homens que fora conhecendo nas poucas reuniões sociais que frequentara, quase por obrigação e, posteriormente, através do Facebook. E na verdade, adorava Fernando, tentando sempre nunca provocar o mínimo atrito entre ele e Teresa, mantendo sempre a postura de tutora ou de os qualificar como "afilhados", fazendo tudo ao seu alcance para moderar e restabelecer a ligação entre Fernando e Teresa, nos arrufos próprios dos casais, mas que, no caso, estavam a atingir um ponto de não retorno.

Tudo começara com o uso abusivo do carro de Anita na Cidade da Horta. Com razão, deu-lhes uma descompostura, insistindo nas consequência de terem encontrado uma operação *stop* da Polícia ou, pior do que isso, terem tido um acidente ou atropelado alguém, mesmo sem culpa. Eles ouviram, demonstrando alguma humildade e pedindo desculpa. Ela também não quis ir para além da reprimenda, apesar dos avisos do padre Orestes a tinir-lhe nos ouvidos, porque sentira o arrependimento de ambos, sobretudo de Fernando, e assim ficaram.

Mas, pouco depois de Teresa se ter deitado, ele levantou-se para ir à casa de banho, cruzando-se com Anita a subir a escada, dirigindo-se ao seu quarto. Agarrando-lhe o braço e chegando-a perto de si, segredou-lhe: "Desculpe, eu gosto muito de si e nunca a quis ofender. Peço-lhe perdão!". Rematou com um beijo suave no ouvido. Foi quando Anita, ainda com cinquenta e três anos, esqueceu o papel de "mãe" e sentiu o palpitar do desejo sem controlo. Num primeiro momento encostando-se mais a ele sentiu o seu sexo duro nas suas nádegas e desejou-o dentro de si. Virando-se, beijou-o e levou-o para a sua cama, fechando a porta em silêncio. E foi no silêncio do quarto e das bocas ardendo que ela o provou e se satisfez da sua longa fome de mulher esquecida, apesar de algumas carícias do padre Orestes, mas que nunca a tinha penetrado e dado prazer completo. Fez Fernando jurar que nunca, por razão alguma, poderia dizer o que acontecera e, mesmo que tivesse gostado, aquilo não deveria repetir-se, porque não estava certo. Mas o pacto foi quebrado, muitas vezes, por ambos.

Agora, Anita ainda possuía um corpo bem tratado, com uns seios firmes e mamilos que, por vezes, desafiavam romper as blusas, ou então porque ficava com o sexo marcado sob as *leggins* que vestia nalgumas ocasiões. Era uma mulher interessante, apesar da sua idade. Fernando ficava fascinado e perguntava-se porque lhe apetecia tanto aquela mulher, quando as colegas jovens que o rodeavam estariam recetivas a um relacionamento sem compromisso. E quando se proporcionava o contacto íntimo, durante as viagens que tinha de fazer, dentro do país ou pelo estrangeiro, entendia: Anita, além de uma mulher elegante e agradável, exalava um cheiro que o acalmava e, ao mesmo tempo, excitava todo o seu corpo como se voltasse a ser um adolescente com o desejo à flor da pele. Ela abandonava-se completamente, permitindo tudo para o satisfazer e tomando as rédeas sempre que o sentia mais tenso ou cansado. Fruto da experiência? Não, da necessidade, talvez.

Anita, angustiava-se, porém, com aquela situação imoral e contra todos os seus próprios princípios. Mas, por mais que tentasse não conseguia evitar o que ia acontecendo. Por vezes, depois de ter preparado o pequeno-almoço para Eduardo e Teresa que saíam cedo, quando era esta a deixá-lo na Escola e prosseguindo para o Hospital, voltava para o seu quarto e quando a luz do escritório de Fernando ainda estava acesa – certificando-se que ele não estava em videoconferência com algum país estrangeiro, o que o faria sair só por volta da hora do almoço, ou se apercebia que tinha concluído a comunicação -, empurrava a porta devagar, para lhe fazer uma breve carícia, como a lembrá-lo que podia subir, se lhe apetecesse, para a consolar. Era o que lhe dizia, tendo criado uma espécie de dependência inteligível. Partia do pressuposto de que com a diferença

de idades, era ele que a satisfazia e que ele o faria quase como um dever. Por isso lhe perguntava amiúde se gostava de fazer sexo com ela. E, embora ouvisse quase sempre a mesma resposta, com ligeiras nuances, sentia-se mais consolada ainda: "Adoro fazer sexo consigo e é muito melhor do que fazer com outra mulher qualquer.". Ao que ela respondia: "Mas não podes nunca deixar a Teresa, por favor!".

Aos poucos, Fernando foi deixando de a procurar. Provavelmente teria outras opções na empresa onde era administrador, com mulheres muito mais novas. E até lhe agradecia por isso, porque a libertava de parte do remorso que até aí tinha carregado. Com quase 67 anos, achava que merecia descansar, talvez até de tudo.

Sempre se tinha dado, nunca vivido uma vida própria. E nas últimas décadas, havia sido uma espécie de criada de família, em que todos depositavam nela o que ninguém queria ou podia assumir. Compensada, financeiramente, é certo, mas viver para os outros 24 horas por dia, cansa. E magoa, muitas vezes. A luta por manter a "família" unida, escapava-lhe por vezes. A relação que mantinha com Fernando, ao cabo de tantos anos, mais do que satisfação, tinha-a desgastado. E agora, vendo-o cada vez mais afastado de Teresa e esta apenas agarrada ao filho, dilacerava-lhe a alma. Se alma tinha, porque o diabo, na verdade, tomara conta dela: da alma e do corpo.

Era bom morrer, para esquecer tudo e todos. Um vazio onde devia mergulhar, apagando cada momento, cada memória, boa ou má. Apagando tudo. Apagando a vida. Era o que o seu cérebro, acelerado, lhe ditava, percorrendo-lhe o corpo num comando final: *Delete and Die*. Porque apagar a vida é morrer. E Anita Moço deve ter morrido assim.

Ninguém estava à espera da morte prematura de Anita Moço, com uma "juventude" invejável. Muito menos do que isso representaria no dia-a-dia da "família". Na verdade, Anita era o seu suporte incondicional, apenas com a ajuda de uma empregada doméstica, para limpeza da casa e tratamento da roupa. Os seus cozinhados, com matriz açoriana, asseguravam o pequeno-almoço, almoço e jantar de Eduardo e, geralmente, também o jantar de Teresa e Fernando. Ao Sábado ou ao Domingo, tentavam, geralmente, almoçar fora, dando uma volta por locais ainda nos arredores de Lisboa ou estendendo a proximidade a mais uns quilómetros o que implicava, nalguns casos pernoitar num Hotel de Sábado para Domingo. E limitando sempre o jantar em casa a uma ementa mais leve e casual, por vezes saboreando um produto comprado e trazido dos mercados locais.

Agora a empregada a tempo parcial passara a tempo inteiro, assegurando o

almoço de Eduardo e deixando o jantar preparado antes de sair, menos ao fim-de-semana, o que limitava bastante a organização do jantar de Eduardo e Fernando quando Teresa estava de serviço.

Mas a mudança maior foi o conhecimento do Testamento de Anita, que todos ignoravam completamente. Ambos os prédios, de Queluz e da Horta, o carro que usava e o que mantinha na garagem desta cidade, bem como o dinheiro depositado num Banco, passavam a pertencer a Teresa, exclusivamente. Chamado a concordar com a herança da mulher, Fernando, depois de pensar um pouco, não encontrou argumentos para não assinar. Mas bateu-lhe fundo esta atitude de Anita, quando já mantinham a sua relação há uns bons anos, perguntando-se porque ela tinha agido deste modo, quando sempre lhe demonstrara uma afeição especial, talvez menor nos últimos anos de vida dela. Vá-se lá compreender as mulheres, remoía ele. A prima de João Cansado, Anita Moço, apenas parecia estar a redimir-se e a compensar Teresa, pelo seu remorso, deixando-lhe todo o seu património.

Na taberna do Macedo Furtado, João Cansado e Abílio Marcado, conjeturavam sobre a morte de Anita e a falta que ela fazia ao casal e a Eduardo. Macedo, sempre sem papas na língua, tomou a palavra, dizendo que todos eles a tinham tomado, antes de mais, como "criada" dos miúdos e uma espécie de mãe e avó por procuração sem papel, embora tivessem ajudado monetariamente, a verdade é que puseram em cima dela toda a responsabilidade deles e que nem sequer tinham ido alguma vez ver os filhos a Lisboa. E o facto de ela ter deixado o seu património a Teresa podia, muito bem, querer dizer que não confiava no Fernando, pedindo desculpa ao amigo Abílio, mas as coisas eram com eram e não havia nada a fazer agora. O João retorquiu que eles sempre tinham vindo ao Pico, pelo menos uma vez por ano, donde não fazia sentido terem ido ao Continente, mas que nunca lhes tinha faltado nada. Abílio Marcado acenou com a cabeça, ao mesmo tempo que batia com o copo no balcão de serviço encardido, remoendo a afirmação de que Anita poderia não confiar no seu filho. Por que carga de água?

Macedo respondeu em silêncio, servindo mais um copo por conta da casa: "Desculpem. Isto da convivência faz-nos viver a vida dos outros. Mas estejam atentos aos vossos filhos, sobretudo às vossas mulheres, porque a minha intuição avisa-me que vai haver borrasca.".

O Macedo Furtado não era adivinho, mas quando falava deste modo cáustico e premonitório, parecia um oráculo de mau agoiro. João e Abílio ficaram preocupados e deram conta das suas dúvidas às respetivas mulheres. Em vez de

aflitas, mostraram-se calmas e racionais: o que for se verá, mas não podemos fazer nada mesmo que lá fossemos. Era o relacionamento dos filhos que estava em causa e tal como haviam chegado ao cume dos seus desejos saberiam resolver as dificuldades atuais, estando os pais prontos para os ajudar no que fosse necessário. E ponto final.

No dia seguinte, Macedo achou sábias as palavras das mulheres que, de um modo diverso, haviam dito a mesma coisa. E mais do que razão, sabiam, melhor do que os homens, avaliar a situação, mesmo a muitos quilómetros distância. "As mulheres - continuava o Macedo -, têm um sexto sentido de que nunca devemos duvidar.".

João, sempre mais pessimista, olhou Abílio nos olhos: "Mesmo que isto possa dar para o torto, nós continuamos amigos, sempre fomos…". Abílio confirmou, sem o deixar acabar a frase: "Claro que sempre fomos, passámos muito e sobrevivemos, e assim vamos continuar.". O Macedo, mais uma vez, achou que devia densificar aquelas palavras sem conteúdo objetivo: "Vocês são amigos, mesmo irmãos, mais do que pais, os vossos filhos são maiores e vacinados e as consequências das suas ações apenas os responsabilizam.". Houve um silêncio prolongado. O Rafeiro, cão do Macedo, sempre quieto e a dormitar, conseguiu expelir dois latidos de enfadado, como se quisesse dizer: "Porque se calaram? Assim não dá para dormir.". Todos riram, até o cão, numa sonoridade esganiçada e nada habitual.

De facto, por Queluz, as coisas descarrilavam, como se o som do comboio, que zoava a umas dezenas de metros, penetrasse na Vivenda da falecida Anita Moço. De Teresa, corrigia Fernando. Piada de mau gosto, respondia a mulher. Depois da morte de Anita a vida era mesmo diferente. Sobretudo na comida, insistia Fernando, que nos fins-de-semana de serviço de Teresa, ia almoçar fora com Eduardo, mas ao jantar, dada a sua inépcia para a mais simples gastronomia, limitava-se a encomendar uma piza ou a voltar a sair com Eduardo para comerem um prego na Cervejaria próxima da habitação ou a irem a uma hamburgueria nas redondezas. Teresa apercebia-se que o filho estava acima do peso aceitável para os seus 13 anos, e cada vez que o referia, instalava-se a discussão e a mesma resposta de Fernando: "Então trata tu dele!". Teresa pediu à empregada doméstica que, não podendo ficar durante mais tempo nem ao fim-de-semana, preparasse para além do almoço para Eduardo, também o jantar diário para todos, que seria, posteriormente, aquecido no micro-ondas, destinando para cada dia da semana um prato diferente, cujos ingredientes a empregada se encarregava de comprar. No fim-de-semana faziam-se as habituais saídas, conforme Teresa ou Fernando estivessem livres ou deixando Eduardo aquecer ou encomendar o seu jantar.

Noutra vertente, Teresa estava a negociar a participação numa Clínica privada, onde poderia dar consultas de pediatria após as horas a que estava obrigada no Serviço Nacional de Saúde, em exclusividade. Mas, hesitava com essa hipótese face à idade do filho e ao acompanhamento que este necessitava, já que tinha deixado de confiar no pai para o fazer. E a decisão ia sendo adiada, apesar de algumas propostas aliciantes. Mas nem eram estes pormenores que estavam em causa. Teresa fazia questão de tomar o filho, também como paciente e, apesar do peso algo excessivo, sabia estar bem de saúde.

Fernando começou a sair de novo, com os amigos – dizia -, voltando de madrugada ou ficando fora alguns dias, ao serviço da XEGUR. Mesmo ao fim-de-semana, haviam frequentes encontros, almoços ou jantares com clientes importantes e havia mesmo alturas em que Teresa e Fernando nem se viam e, muito menos, conversavam. Teresa sentia a presença dele na cama, mas não mais a atraia a vontade de o abraçar ou acariciar-lhe o cabelo, como antes. Começou a sentir que, na sua cama se deitava um estranho. E, cada vez menos, porque as ausências aumentavam gradualmente, agora sobretudo para o estrangeiro, ficando, por vezes uma semana inteira no exterior.

Como mãe, e o saber de experiência feito, Teresa começava a preocupar-se por Eduardo ter ganho uma amizade muito especial com a filha de Beatriz, Isabel, apenas um ano mais nova, e que sabia ficar muitas vezes a estudar com ele no quarto dele. Temia que cometessem os mesmos erros? Sabia lá. Ao fim de uma tarde combinou lanchar com Beatriz e, sem mais, foi direta ao assunto. A amiga riu-se: "Da maneira como falaste, até pensei que era uma coisa grave…". "E não é?". "Amiga, eles são jovens, mas tenho certeza que responsáveis. Antes que compares, deixa-me dizer-te que os acho menos interessados que nós em carícias e sexo e mais vidrados nos jogos, nos telemóveis, nas redes sociais… sei lá, e sabem o que querem. Nós somos uma geração de totós e acredito que os nossos filhos são mais adultos que nós na sua idade. Como mães só podemos aconselhar e mais nada. Que vai fazer a minha filha Isabel no futuro, confesso-te que não sei e isso preocupa-me, mas só vai ser problema quando chegar a altura certa. ". - Concluiu Beatriz. "Talvez também faça o mesmo, já não sei, acho que perdi o contacto com o meu filho, mas juro-te que vou tentar acompanhá-lo melhor.". - Continuou Teresa. "Já o acompanhas, amiga, conversa apenas com ele, como mãe, e sem pôr em causa as suas opções. Deixa-o acertar ou errar, será assim que se tornarão pessoas e adultos felizes. Limita-te a conversar, corrigindo-o no que possa estar errado e a responder com o coração, quando ele quiser ou precisar do teu conselho.". Teresa não partilhava totalmente desta liberdade, mas, no fundo, estava a vivenciar as consequências do seu próprio comportamento. E, na verdade, Beatriz, embora um pouco mais velha, tinha tido um trajeto de vida próximo do dela.

A conversa com Beatriz tinha-lhe feito bem. Mas Teresa angustiava-se, cada vez mais, com a necessidade de ter alguém em casa a tempo inteiro. Falou, de novo, com a empregada doméstica para que esta passasse a viver lá, mas ela voltou a recusar porque tinha família e já se sacrificava muito para manter o horário semanal que praticava, mesmo que o que lhe pagavam lhe desse muito jeito.

Teresa não teve outra hipótese senão tentar arranjar uma nova empregada que pudesse viver lá em casa, não para substituir Anita, mas mais para manter o equilíbrio da família. Falou com a mãe, que, em poucos dias, lhe indicou uma rapariga solteira que trabalhava como cozinheira num restaurante da Madalena e que queria despedir-se se tivesse uma boa proposta de emprego. A Filomena, como ela se chamava, tinha 32 anos e muitas pessoas diziam que cozinhava como ninguém. Além disso, ela tinha-lhe afirmado que sabia tratar de toda a lide da casa e que não se importava de aceitar o emprego de empregada doméstica, desde que isso fosse mais compensador do que usufruía. Teresa contactou-a e acertaram os termos, ficando, contudo, a concretização com a aceitação do marido. Assim ficou. Fernando não se opôs, mostrando mesmo indiferença: Faz o que te parecer melhor, por mim tudo bem.

Que reviravoltas a vida dá. Teresa sentia-se a "importar" mão-de-obra dos Açores para o Continente. E depois? O drama era ela não ser o que se poderia esperar e arranjar-lhe ainda mais problemas, com eventuais namoros, tendo em conta a idade. A propósito de idade, Fernando e ela estavam a ficar com umas madeixas de cabelo esbranquiçadas, ele mais e até a perder cabelo na parte superior da cabeça, deixando adivinhar uma calvície que se avizinhava, ambos apenas a caminho dos 30 anos.

Filomena chegou ao Aeroporto Humberto Delgado em Janeiro de 2006. Teresa teve um baque ao ver uma mulher invulgarmente interessante. Cativou-a a sua simpatia e afabilidade, mas intrigou-a a sensação de já a conhecer, sentindo uma aura que parecia envolver ambas. Arrumada a bagagem que trouxera no quarto onde vivera Anita, Filomena conheceu os cantos da casa, preparando-se para confecionar o almoço, com alguns produtos que trouxera do Pico. E nesse dia, além de linguiça e inhame tiveram uma alcatra divina. No final, um pequeno copo de angelica, que Eduardo achou doce demais.

Os dias sucederam-se, com almoços e jantares menos interessantes, mas adequados à ocasião e aos membros da família que estivessem em casa às horas das refeições. No Sábado ou Domingo em que a chuva da época impedisse a saída para os passeios de fim-de-semana, que haviam retomado, Filomena esmerava-se a confecionar um ou outro prato típico açoriano, como o polvo à moda do Pico ou sopas do Espírito Santo, um pouco adulteradas, mas os ingredientes do mercado local não eram como os do Pico, e ficavam pelas redondezas, bebendo uma café na Pastelaria do Senhor Nabais. Nem mais, dizia o próprio, em jeito de piada estafada, marca publicitária, aos clientes habituais.

Sempre que Teresa estava livre, as saídas de fim-de-semana pareciam fazer bem a todos. Até Fernando estava mais caseiro com menos saídas à noite. Mas era sobretudo a Filomena que os passeios aproveitavam, conhecendo Lisboa, Sintra, Cascais, o peixe e marisco da Ericeira, o cozido à portuguesa de Torres Vedras, com idas a Santa Cruz, a uma esplanada sobre a praia, alguns dos lugares de que gostavam de revisitar, bem como da respetiva gastronomia. Geralmente escolhidos por consenso, após exaustivas pesquisas de Filomena na Internet.

Até que se notou que Fernando passou quase a ignorar a empregada, aceite já quase como membro da família. Cumprimentava-a secamente ou respondia com vocábulos curtos e breves. Nos fins-de-semana, deixou de acompanhar a família nalgumas dessas saídas, de novo com o pretexto de ir almoçar com amigos ou clientes. Teresa, percebeu que algo se havia passado entre ambos, naturalmente, sem saber o quê. Quando a tentara sondar, Filomena colocou-lhe as mãos nos braços e olhando-a fixa e serenamente, disse-lhe apenas: "Não se preocupe com isso.". Teresa, sem explicação plausível para si mesma, sentiu-se mais perto dela e, imaginando o que poderia ter ocorrido, recriminou o comportamento do marido, cada vez mais insuportável.

A XEGUR Corporation vendia equipamentos e sistemas informáticos, serviços de consultadoria, de gestão e de manutenção. Pacotes integrados que permitiam rentabilizar globalmente empresas e outras entidades, públicas e privadas, com resultados inequívocos na eficiência da organização. Mas nesta área de negócios a concorrência era feroz.

Fernando sabia que para obter uma boa quota de mercado, tal como se propusera, não poderia deixar a tarefa apenas ao Departamento e aos técnicos de vendas, mas que teria de usar dos contactos e das influências que fora conquistando ao longo do tempo, sabendo como atuar e como convencer alguns dirigentes intermédios, bem como técnicos especializados mais permeáveis. Geralmente, uns computadores portáteis, alguns periféricos de ponta, balançavam a decisão para o seu lado. Após a venda, fazia questão de cimentar o negócio com um bom almoço ou jantar que teria de incluir obrigatoriamente dirigentes superiores, fazendo-lhes crer que tinham apostado na escolha certa.

Se nas empresas esta técnica funcionava sem grandes sobressaltos, já na Administração Pública, as coisas complicavam-se. O concurso, com caderno de encargos e a entrega de papelada infindável, bem como a apreciação por um júri, que se entendia independente, de múltiplas propostas, em que prevalecia, em princípio, o preço mais baixo, postergavam amiúde a XEGUR Portuguesa para segundo plano. Mas Fernando entendeu que aqui teria de atuar de outro modo. Ainda antes da existência de qualquer concurso, insistia com os dirigentes máximos dos Serviços, Institutos ou Empresas Públicas e mesmo com os Secretários Gerais dos Ministérios e, sempre que possível, através de conhecimentos nos aparelhos partidários, com Secretários de Estado e mesmo com Ministros, para explicar as virtudes dos equipamentos e sistemas informáticos, serviços de consultadoria, de gestão e de manutenção da XEGUR Corporation. Numa simples audiência ou no useiro almoço ou jantar, onde tudo ocorre com maior calma e clarividência. Não foi muito feliz neste propósito, mas, pelo menos, obteve uma rede de contactos menores que agora poderiam ser potenciados.

Como Administrador ganhara outro respeito. Podia, através de convites mais apetecíveis, proporcionar um fim-de-semana dentro ou fora do País ou mesmo na sua Vivenda do Algarve, com um jantar inócuo, num ambiente de amigos ou em local não mapeado, com o súbito e inexplicável aparecimento de jovens mulheres que davam mais cor à boa disposição. Ou, ainda, de um modo mais direto, através de emissários influentes, que podiam oferecer uma comissão ou outros benefícios ao senhor doutor. Era arriscado, sabia-o, mas necessário para o seu propósito. Não porque lhe tivesse tocado algum imbróglio com a Justiça, área em que mantinha também os seus contactos, mas porque nada tinha a temer, já que nunca oferecia diretamente fosse o que fosse. Limitava-se a proporcionar

bons momentos, como um possível investimento, ou a mandar recados por terceiros que poderia sempre negar. E quem aceitava esses convites sabia de antemão ao que ia e do seu propósito. Se, aparentemente, não exigia nada, era plausível que soubessem que haveria um retorno. A velha máxima de que não havia almoços grátis.

Teresa apercebeu-se que o arrepio que sentira no jantar do dia em que o marido fora nomeado administrador tinha sido um presságio. Fernando passava boa parte dos dias da semana em jantares e muitos fins-de-semana fora. Em negócios, dizia Fernando. Ela sabia que, pelo menos na maioria das vezes, era mesmo em trabalho, mas pelas poucas palavras com que justificava as ausências, começou a entender que o marido estava mesmo a ultrapassar os limites do razoável. Calou-se, para evitar maiores discussões, adivinhando o pior.

No feriado de 25 de Abril de 2008, Fernando e Teresa almoçavam em casa, com o Eduardo e Filomena. A campainha tocou. Dois homens identificaram-se como agentes da Polícia Judiciária, apresentando um mandado de busca e detenção. Confiscaram o computador portátil de Fernando e levaram-no algemado. Teresa e Eduardo choravam agarrados, enquanto Filomena cerrava os lábios finos e voluntariosos, num esgar de meio sorriso e mais de vingança.

Fernando, depois de presente a um Juiz no dia seguinte, ficou em prisão preventiva. A XEGUR Corporation emitiu, de imediato, um comunicado:

"A XEGUR Corporation lamenta o sucedido ontem, em Portugal, acontecimento a que é completamente alheia. A XEGUR esclarece que sempre tem pautado a sua atividade pelas boas práticas do mercado e dentro da lei de cada País. Foi determinado um rigoroso inquérito à XEGUR Portuguesa e a recomposição do seu Conselho de Administração.".

O comunicado da XEGUR Corporation, sendo lacónico era, contudo, elucidativo. Fernando estava agora por sua conta e risco e os advogados e financeiros da XEGUR Portuguesa tudo iam fazer para demarcar a empresa de um colaborador que agira fora das regras. Apesar disso, alguns dias depois o Presidente do Conselho de Administração e o Diretor Financeiro da XEGUR Portuguesa eram também detidos. Um diretor-geral, e três dirigentes intermédios da Administração Pública acresceram a lista de detenções. Todos também em prisão preventiva.

A XEGUR Corporation emitiu novo comunicado, informando que, face aos desenvolvimentos ocorridos, considerava mais adequado retirar-se de Portugal, contratando uma empresa local para a representar nos compromissos já assumidos. Dos cento e vinte trabalhadores, apenas vinte e dois foram absorvidos pela empresa contratada, ficando os restantes no desemprego.

O Presidente do Conselho de Administração e o Diretor Financeiro da XEGUR Portuguesa foram apoiados por advogados pagos pela Multinacional. Mas Fernando e o dirigente e técnicos da Administração Pública tiveram de recorrer a advogados a expensas suas. Para estes, apenas uma pequena nota do Ministro da Justiça, que reafirmava o inabalável combate à corrupção, por parte do Governo, lembrando que não poderia dar mais pormenores sobre o assunto, pelo facto de os processos se encontrarem em segredo de justiça.

Antevendo uma condenação pesada, Fernando mudou de estratégia. Sentindo-se abandonado pela empresa que, aliás, prosseguiu uma defesa de responsabilização exclusiva de um ex-colaborador, decidiu revelar factos que

poderiam incriminar o Presidente do Conselho de Administração e o Administrador Financeiro da XEGUR Portuguesa, além de outros colegas. Um processo que, parecendo simples, passou a megaprocesso. Apesar disso, e das muitas diligências feitas, a pedido da defesa ou por iniciativa do Ministério Público, a Acusação acabou por centrar-se em particular no comportamento e ilegalidades praticadas por Fernando.

Aliás, desde o começo dessa nova estratégia, Fernando foi recebendo diversos recados, primeiro difusos, depois mais concretos, sobre as consequências das suas denúncias sem fundamento. Em vão os advogados de Fernando conseguiram provar essas abordagens ou ameaças.

Fernando tinha esgotado as contas bancárias, com alguns dos melhores advogados da praça, tendo vendido a casa do Algarve, com o consentimento de Teresa. Esta era agora o único sustento da família. E além de cuidar de Eduardo e de ganhar forças para o trabalho diário, ia quase todos os dias visitar o marido. Ao vê-lo por detrás das grades, sentia-se traída. Tinha pressentido que aquilo pudesse acontecer, mas nunca pensou que esse pesadelo se tornasse realidade.

No local de trabalho muitos dos colegas tinham deixado de lhe falar ou a olhavam-na de soslaio, com desdém. O Eduardo tivera de mudar de escola, discretamente, com a compreensão e ajuda do respetivos Conselhos Executivos. Mesmo nos dias em que resolvia tirar férias ou ficar por casa a coberto de um atestado médico de um psiquiatra, sentia os olhos de todos saindo das paredes, dos móveis, a entrar pelas janelas. Olhares reprovadores, sorrisos cínicos, dedos apontando. Andar na rua era um suplício. Parecia-lhe ser reconhecida por todos e todos a encaravam com desprezo. Ou grunhiam uma espécie de cumprimento a uma mulher indesejável.

Teresa entrou em depressão profunda. O psiquiatra aconselhou-a a ficar uns tempos longe do serviço. Teresa, com a medicação, não podia conduzir. Era Filomena que a apoiava diariamente, levando Eduardo à Escola e trazendo-o para casa. Entretanto, Teresa mantinha as visitas ao marido, quase todos os dias, com a companheira Filomena, como aquela a designava, apoiando-a na sua cruel saga. Levava ao marido o que este lhe tivesse pedido na visita anterior, mas chegava perante ele com um rosto amorfo e indiferente. Tentava arrancar forças para o perceber, até para o animar, mas não conseguia. Fernando ficava enfastiado e disse-lhe mesmo, uma ou outra vez, que o melhor era ficar lá em casa a tratar de Eduardo ou ir até casa dos paizinhos, que ele bem se safava sozinho. E dizia isto sem qualquer emoção ou remorso visíveis.

Teresa não queria contar aos pais o que se passava e muito menos que eles pudessem dar um desgosto de consequências imprevisíveis aos pais de Fernando por saberem que o filho estava preso, acusado de corrupção. Inventava razões

para não ir ao Pico, acrescentando sempre que Fernando tinha um cargo importante e que estava sempre muito ocupado. Mas, muito em breve, haviam de lá ir passar pelo menos um mês e consolar-se com a comida que as mães faziam e que não existia em mais lado nenhum. Claro que a Filomena também cozinha muito bem, mas os produtos do Continente não eram tão bons como os dos Açores.

Com 32 anos, e Eduardo com 16, Teresa, recuperando ainda da profunda depressão em que caíra, ia tentando levar uma vida cujos objetivos ainda não entendera. A verdade é que não tinha uma noção exata do que lhe havia provocado a depressão. Se a prisão do marido, que não a surpreendeu, se o facto de ter descoberto em si uma nova personalidade, que a envergonhara a principio, mas depois a reconfortou. Poucos dias após Fernando ter sido detido, e depois de Filomena ter levado Eduardo à nova Escola, ao voltar ela agarrou, de novo, os seus braços com os braços dela, esticados, dizendo-lhe que a apoiaria em tudo o que precisasse. Abraçaram-se. Filomena disse-lhe ao ouvido: "Gosto muito de ti.". Teresa sentiu as pernas a faltarem-lhe. Ela segurou-a, beijando-lhe os lábios e uma espécie de fogueira incendiou o corpo de Teresa. Deitaram-se, despindo-se mutuamente, saboreando os corpos, até saciarem uma sede que fora amadurecendo, até se tornar inevitável. Dormitando um pouco, abraçadas, como num sonho escondido nas brumas dos Açores, e em particular, as que acariciam o Pico e o mamilo que se projeta no espaço e no imaginário, entranhando-se como um desejo inalcançável.

Teresa acordou daquela letargia, não sabendo o que articular. Filomena, sentindo-a ainda, disse-lhe simplesmente: "Para que contes comigo sempre amiga. Se me deixares, estarei aqui sempre ao teu lado, entregando-me toda a ti. O meu corpo e minha alma. És tudo que tenho.". Teresa continuava com a cabeça vazia. Gostara, sim. Mas daí a continuar a manter uma relação íntima com Filomena… Não sabia. E foi isso mesmo que respondeu. Filomena sabia a resposta por antecipação. Sempre tinha sido assim com os seus poucos amores. Mas este parecia diferente, o tal, que sentia jamais lhe poder acontecer, porque amava Teresa mais que tudo. Foi por isso, por desprendimento e respeito, que lhe disse: "Não te preocupes. Vamos fazer de conta que nada aconteceu. E se voltar a acontecer terá de ser apenas por tua iniciativa. Mas podemos ser amigas?". "Claro.". - Respondeu Teresa, dando-lhe um beijo terno na testa, como se o corpo ainda morno dela tivesse sido o bálsamo que a despertara do coma do seu próprio ser.

Depois disso, tratavam-se sempre por tu. Abraçavam-se como grandes amigas e não dispensavam um fugaz beijo na boca, quando ninguém as via. De resto a

vida continuava, saiam ambas com Eduardo, quando este não tinha compromissos com amigos. Uma relação normal, mas com o sexo latente sob a pele. Que vida louca e ao mesmo tempo apetecível de viver a duas. Cuidando de Eduardo e de Isabel, sem deixar que eles pudessem entender a relação de ambas, embora temporariamente suspensa, mas com várias recaídas.

Teresa ainda pensou contar a Beatriz esta experiência fantástica, mas coibiu-se. Não via na amiga qualquer apetência e compreensão para uma situação como essa. Além disso Eduardo e Isabel continuavam a ter uma relação próxima e a sair juntos.

Sabia que a amiga era infeliz com o marido, mas daí a compreender a aventura que vivera com Filomena, parecia-lha não só forçado, como achava que ela não iria compreender. Pior, até podia achar que a estava a assediar… São sempre complicadas as relações entre as pessoas e, muitas vezes dúbias, quando do mesmo sexo.

A abertura dos últimos anos à diversidade sexual e à aceitação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, que ainda não vigorava em Portugal, levaram a desmistificar muitos tabus e preconceitos, que estigmatizavam quem não era "normal". Entendendo-se por normalidade, nesta matéria, ser homem e mulher, mas nunca mulher e mulher ou homem e homem. A homossexualidade deixara de ser considerada doença pela OMS, a partir de 1990. E, curiosamente, parecia ser aceite desde a Antiguidade e *intra* portas. Mas agora, ainda não era também assim. Séculos, milénios melhor dizendo, passaram, mostrando, escondendo, voltando a mostrar e a esconder, que o ser humano, como muitos animais, vivem de relações fora do circuito que permite a reprodução.

Mesmo em Países que limitavam o número de filhos – como a República Popular da China, até há uns anos atrás, donde os casais vinham ter filhos a Macau, fora da quota estabelecida -, não se aceitava legalmente a homossexualidade, como não é ainda legalmente aceite em muitos outros, em razão da cultura ou a religião.

Em outros Países, porém, a adoção de crianças por casais homossexuais era permitida e incentivada. Neste caso, ainda e sempre objeto de controvérsia, pela educação sem um pai e uma mãe, pelo menos sendo um biológico. Como podem duas mães ou dois pais adotivos educarem um filho, com estabilidade e plenitude de cidadania, sem que ele venha também a ser homossexual? E, no caso de ser, seria mais uma razão que levaria à extinção da raça humana. E ficamos nisto. Em tendência mas não contágio, em que todos são normais, pelo menos nas situações mais vulgares, versus o número crescente de crianças que vive institucionalizada, sujeita a tudo os que lhes possa acontecer, quase sempre sem uma perspetiva de futuro condigno e saudável.

Quando Teresa soube que Fernando ia sair da Cadeia, por termo da prisão preventiva, entrou em pânico. O psiquiatra conversou longamente com ela, até a sentir preparada para retomar a vida com o marido. Afinal, tinha decorrido um ano. E tinha de realizar se queria manter essa relação ou então... Teresa desatou a chorar. Já lhe havia passado pela cabeça divorciar-se, porque sabia que o não poderia tolerar de novo, mas também não o podia abandonar num momento difícil. E a família ia crucificá-la. O psiquiatra entendeu o conflito, apontando os cenários possíveis que assentavam sempre na vontade e decisão exclusiva dela. Teresa resolveu que o melhor era retomar a relação, dando o benefício da dúvida e atendendo aos bons momentos que haviam passado como casal. Mais tarde, Filomena franziu o sobrolho, mas dado que as convenções sociais o pareciam ditar, achou que Teresa não tinha outra opção.

Teresa e trouxe Fernando para casa, por volta das quatro da tarde, ainda antes de Eduardo chegar. Emagrecera uns bons quilos, o rosto estava um pouco macilento, mas, de resto, era o mesmo de sempre. Depois de Teresa lhe entregar algum dinheiro, Fernando quis logo sair, comprar jornais na Tabacaria e abancar no Café do bairro. Teresa não o contrariou, mas disse-lhe que preferia ficar em casa. Fernando explodiu:

"Tens medo de ser vista com um cadastrado?". "Não é isso, tu sabes que eu não estou bem e...". "O que eu sei é que tu te deves ter divertido enquanto eu estava lá dentro, com esse ar de santinha do Intendente.". "Estás a ofender-me...". "E a menina agora ofende-se?". "Não mereço isso…". "Pois não, mereces mais.". De imediato, Fernando desferiu uma bofetada na face direita de Teresa, que a projetou com a cabeça contra a ombreira da porta da cozinha, e saiu, batendo a porta com estrondo. O lado esquerdo da cabeça de Teresa depressa começou a inchar e o braço do mesmo lado enegreceu. Estava atordoada, mais pela atitude do que com a violência. Fernando tinha sempre sido um pouco bruto no falar, mas nunca violento. Num primeiro momento, apeteceu-lhe fugir, mas, sabendo que Eduardo estava a chegar, trazido por Filomena, resolveu vestir uma blusa de mangas compridas e colocar o saco do gelo sobre o inchaço da cabeça, que sangrava um pouco tingindo-lhe o cabeço de um vermelho arroxeado. Sentou-se numa cadeira da cozinha, apoiada na mesa, esvaída de tudo.

Filomena mal entrou em casa, percebeu que Teresa precisava de ajuda médica urgente. Eduardo perguntou o que tinha acontecido. Foi Filomena que, irada, respondeu: "Foi o teu pai que fez isto. Temos de telefonar para o 112 e chamar o INEM e a polícia. A tua mãe tem de ser vista urgentemente. Mas o meu pai já veio? Perguntou Eduardo, em lágrimas… "Vim sim e vou matar essa puta, que é tua mãe. É o que ela merece… E pegou numa faca da cozinha ameaçando cortar a garganta de Teresa. Filomena, que passara o telemóvel para Eduardo,

disfarçadamente e lesta como um raio no meio de uma tempestade, apanhou outra faca e, sem que ele tivesse tempo de se defender, espetou-a nas costas de Fernando que, com a fuga de Teresa, no momento certo, ficou prostrado e a jorrar sangue nos azulejos da cozinha.

O INEM, acionado por Eduardo, enviou duas ambulâncias e dois agentes da autoridade policial. Fernando foi levado, sob detenção, para o Hospital Amadora Sintra. Teresa, atendendo à sua condição de médica e à ajuda de Beatriz, foi para o Hospital de Santa Maria.

Eduardo refugiu-se no seu quarto. Sabia quase tudo sobre o pai. Tinha-o também visitado quase todos os Sábados. A mãe, tentando protege-lo, tinha-lhe explicado que, por vezes, a vida é injusta e que as pessoas mais decentes podem ser acusadas de coisas que não fizeram. Por isso é que existem os Tribunais para decidir se a pessoa é culpada ou inocente. O facto de se estar detido não queria dizer que se fosse culpado de alguma coisa, apenas que há uma suspeita de que essa pessoa possa ter feito algo de mal. Mas só depois de haver um julgamento é que se pode chegar a uma conclusão. Eduardo pareceu ficar convencido com essas explicações. Até porque o pai, quando o visitava, dizia-lhe que não devia ter vergonha dele, porque era inocente e em breve seria libertado e que haviam de lhe pedir desculpas por aquela situação. Mas, com o passar do tempo e do que ia lendo nos jornais, diretamente ou através da Internet, começara a duvidar. Aliás, já tinha a certeza de ser mais um daqueles corruptos que usam de todos os expedientes para ganhar dinheiro à custa dos outros. Era, sem dúvida o caso do seu pai. Por isso, passara a odiá-lo e a envergonhar-se até de referir como progenitor, razão porque nas últimas semanas tinha reduzido as visitas. Custava-lhe encará-lo e maldizia a sua condição de ser filho de um criminoso. Mas era o seu pai… O que o deixava completamente incapaz de reagir, sem saber o que fazer. Uma mensagem de Isabel perguntava-lhe se lhe podia ligar ou ir ter com ele. Ele não respondeu, desatou a chorar como uma criança. Isabel apercebeu-se que não era normal ele não responder, quase de imediato, e lembrando-se do que a mãe lhe havia dito depois do telefonema de Filomena, que lhe contara o sucedido e que tentaria ir vê-la mais tarde, resolveu ir, de imediato, a casa de Eduardo. A intuição dizia-lhe que ele estaria por lá, na fossa, e que não teria ido para o Hospital. E acertou. Eduardo, quando a vislumbrou da janela do seu quarto, correu a abrir-lhe a porta, abraçando-a com força desusada. Isabel sentiu na cara as lágrimas dele, escorrendo ainda. Olhou-o nos olhos, vermelhos e marejados. Beijaram-se na boca, sôfregos, esquecendo que haviam prometido ser apenas amigos, descobriram que se amavam e amaram-se.

Depois de mais de duas horas de observação e exames, os médicos concluíram

que Teresa tinha o nariz fraturado e um traumatismo craniano que não inspirava grandes cuidados. Era necessário operá-la, pelo que teria de ficar internada. Os médicos haviam comunicado ao agente policial de serviço ao Hospital que se tratava de uma agressão, tal como os agentes da autoridade haviam já formulado no seu Relatório, confirmando agora a agressão efetiva e enviando o mesmo para o Ministério Público. Fernando parecia bem melhor. A facada de Filomena não tinha sido profunda nem grave. O facto de ter caído e desmaiado deveu-se apenas a ter batido com a cabeça no chão da cozinha, de que resultara um hematoma que desapareceria nos dias seguintes. Dois dias depois, Fernando, após nova apresentação perante um Juiz, foi levado para o Estabelecimento Prisional de Lisboa, onde ficaria a aguardar outro julgamento, desta vez por violência doméstica, indiciado de tentativa de homicídio. Filomena foi também detida e presente a uma Magistrada Judicial, que a libertou apenas com termo de identidade e residência, já que tudo indicava ter-se limitado a defender Teresa, evitando a sua possível morte.

Entretanto, Eduardo e Isabel, de corações cheios de sonhos e de mão dada, foram para junto de Teresa, ainda a recuperar da anestesia da operação. Beatriz chegou pouco depois, antecipando o seu turno no Hospital Curry Cabral, ainda fardada, e a tempo de se aperceber do enlevo dos namorados. Quis saber apenas como Teresa estava a reagir. Já aceitara, há muito tempo, que a amizade da filha por Eduardo era pura ficção. Teresa começava a acordar… Beatriz mandou Eduardo e Isabel saírem, chamando a enfermeira de serviço e pedindo-lhe que ligasse ao médico que a operara, para vir falar com ela, se não estivesse ocupado ou se fosse possível. Depois de trocar algumas frases com a amiga, certificando-se de que esta parecia sentir-se bem, pode ter uma conversa privada com o colega cirurgião, que a descansou quanto a possíveis sequelas da violência de que Teresa fora alvo, se bem que, psicologicamente, não poderia dar garantias, donde aconselhava que, depois de ter alta, devesse ser observada por um psicólogo clínico ou mesmo por um psiquiatra.

Eduardo e Isabel puderam então voltar a entrar no quarto, numa euforia, ainda anestesiada, de Teresa por ver as pessoas da sua vida, admitindo, pela primeira vez, que Eduardo e Isabel estavam apaixonados. E se por um lado isso a confortava, por outro sentia todos os medos do Mundo que se entrepõem entre as pessoas ou se entranham nelas, como joguetes de cenas em que a vida é reescrita em peças de Teatro, traduzidas em diferentes planos. Beatriz e Teresa trocaram um olhar cúmplice, de amigas de sempre. Desde o primeiro dia do curso de Medicina, só se separando no Estágio e na Especialidade. Teresa perguntou-lhe por Filomena. Ela elucidou-a de que ela tinha sido detida, mas a Juíza que a ouvira libertara-a e que estava agora em casa a descansar e à espera

de Eduardo e de Teresa, porque ela teria alta no dia seguinte. Mas já lhe podia ligar, quando se sentisse mais recuperada.

Filomena, depois de ter descansado um pouco em casa e recebendo as notícias de Eduardo e Isabel preparava-se para ir ao Hospital para estar um pouco com Teresa, mas Eduardo tentou dissuadiu-a, dizendo-lhe que era melhor continuar a descansar e ir buscar a mãe no dia seguinte. Porém, Filomena queria estar com a amiga e, ignorando a insistência de Eduardo resolveu chamar um táxi e ir até ao Hospital. Já depois de saírem do quarto, em jeito de comentário, Eduardo desabafou com Isabel: "Estes "picarotos" são todos teimosos, que nem vale a pena contrariá-los…". "E tu não és também?". "Eu nasci no Faial, mas estás a queixar-te da minha teimosia?". "Não, amor, não és mesmo nada teimoso." – Finalizou Isabel carregando a última palavra.

Com a chegada de Filomena ao quarto de Teresa, uma enfermeira, zelosa, apareceu de imediato, impondo a Teresa que não abusasse da sua sorte e a Filomena que tentasse convencê-la a ficar calma e o mais imóvel possível. Isso era necessário para que ela pudesse ter alta no dia seguinte. Após a saída da enfermeira, Filomena sentou-se à beira da cama, acariciando o rosto visível de Teresa. Esta puxou-a para si, até lhe sentir os lábios, quentes, apetecíveis, de que tinha saudades. E assim ficaram, trocando beijos, mais longos e molhados ou apenas suaves e superficiais.

O julgamento de Filomena, apesar da lentidão dos procedimentos judiciais, foi rápido. Com as provas recolhidas pela Polícia Judiciária e os testemunhos de Teresa e Eduardo, Filomena foi ilibada. Fernando teve um julgamento mais complexo, prevalecendo a tese de tentativa de homicídio, no âmbito de violência domestica, de que era acusado pelo Ministério Público, mantendo-se em prisão até ao julgamento do processo relativo à XEGUR.

Poucos dias depois o caso da XEGUR foi julgado, tendo o Tribunal absolvido o Presidente do Conselho de Administração e o Administrador Financeiro, já que não foi possível provar que tivessem conhecimento da conduta imprópria do Administrador Fernando Marcado, nem da finalidade ilícita dos seus contactos. Sendo certo que era provado que a XEGUR Corporation, em situação alguma, tivesse pago "luvas" ou sequer transgredido a legislação do Estado Português. Os financeiros da XEGUR haviam imputado os gastos de Fernando às despesas de representação a que este tinha direito, dentro dos limites, que então consideraram como de bom senso, face aos resultados obtidos, já que se traduziam em gastos de almoços e jantares de cortesia e de trabalho, além de algumas viagens de visualização dos equipamentos aplicados na prática, dentro

e fora de Portugal, tal como o Administrador Fernando Marcado havia justificado nas notas de pagamento à contabilidade, sendo aplicada a Fernando, pelos dois processos e em cúmulo jurídico, a pena de dez anos e três meses de prisão efetiva, já descontado o tempo de prisão preventiva. Os restantes arguidos foram também condenados. O diretor-geral a 1 ano de prisão e os outros, dirigentes intermédios da Administração Pública, a 1 ano e 3 meses, todos com pena suspensa.

Apesar da insistência de um dos seus advogados, Fernando sabia, de antemão, que teria muitas poucas hipóteses de os recursos, para a Relação e para o Supremo Tribunal de Justiça, poderem ilibá-lo ou, pelo menos, atenuar a pena aplicada, tudo aliado à incerteza do tempo que levariam pelos meandros da Justiça portuguesa. Sabia estar destinado a ficar por conta do Sistema Prisional durante os melhores anos da sua vida. Sobretudo colocado num Estabelecimento Prisional de Alta Segurança, onde as violações eram sorteadas aos novos prisioneiros e, em muitos casos, contaminados com HIV. Fernando encarou a realidade de frente.

Como "picaroto" preferia morrer do que ser "enrabado". Era o que pensava e teria de resolver. Logo que entrou, no início da manhã, no Estabelecimento Prisional, foi abordado para uma festa noturna, na Cela 212, no último piso da Ala Norte do Edifício B. Entendeu melhor ainda o que tinha de fazer. Durante o almoço atirou o tabuleiro da comida ao ar e desatou a correr feito louco para o pátio de recreio, numa tentativa de fuga imaginária. Após alguns tiros de pistola, uma das metralhadoras das torres de vigia, marcou, por alguns segundos o tempo e a atenção de prisioneiros e guardas prisionais. Fernando Marcado morreu sobre o asfalto do campo de basquete, como prisioneiro ainda nem numerado.

O corpo foi entregue à viúva e ao filho. Teresa e Eduardo, nem eram capazes de sentir. Culpa, remorso, perda… eram sentimentos inexistentes. Vergonha, então? Talvez, mas nem isso era já importante. O que lhes importava agora era refazerem as suas vidas, esquecendo o passado, por mais penoso que tivesse sido. Para isso tinha contribuído a psiquiatra, a que ambos agora recorriam, já há alguns meses e ainda antes do último julgamento de Fernando.

O funeral teve poucas presenças. Apenas Teresa, Eduardo, Isabel, Filomena e Beatriz compareceram quase todo o tempo. De resto, três jovens do sexo feminino, ex-colegas entretanto despedidas, e mais ninguém. Dos pais não houve notícia, porque não terão conseguido avião a tempo de saírem do seu isolamento no Pico. Os Açores, sempre ainda tão longe de quase tudo, em particular da Capital do seu País, mesmo nos momentos mais importantes nas vidas das pessoas.

Na taberna do Macedo, a desolação imperava. João e Abílio vinham com as olheiras negras e inchadas, de choro e do sono interrompido a meio da noite. Das rezas e amarguras faladas das mulheres, sobretudo da mãe de Fernando, Amélia Marcado. Já a mãe de Teresa, Ana Cansado, dona de uma inteligência e sensibilidade acima da média, leu o destino da filha como uma libertação que lhe iria proporcionar a felicidade que lhe havia sido negada até aí. "Isso é bruxaria, mulher, dissera o João.". "Não, marido, põe a mão na consciência e pensa.". "Tu também aceitaste.". "Sim, mas que podia fazer depois de teres combinado tudo com o Abílio sem sequer me dizeres nada?". João calou-se, o raio da mulher tinha razão.

Macedo, como sempre, com a sua experiencia de vida, tentava que os amigos superassem a sua angústia e frustração, senão com palavras com mais um copo de aguardente. Neste caso, por conta da casa. Raramente o dizia, mas agora impunha-se falar daquilo que lhe parecia algumas falhas nas suas condutas de acompanhamento dos filhos. Eles e as suas mulheres, Ana e Amélia, tinham deixado os filhos demasiado à solta, sem lhes incutir os valores tradicionais, próprios da formação do caráter de bons cidadãos e chefes de família, logo de bons marido e esposa e de pais. Era um erro que ele também tinha pago caro, como sabiam. Mas de pouco servia culparem-se por isso. O que estava feito, feito estava, e nada mais havia a fazer agora. Filosofia barata, pois era, mas a que construía os homens e mulheres da terra, dando-lhes as ganas do provir. "Que é isso do provir?". "O futuro do homem, o futuro!". O Macedo era assim. Também virava filósofo e quase padre, que teorizava, dava palpites e até sentenças sobre os comportamentos dos amigos.

Não adiantava nem atrasava nada o que Macedo dizia. Na verdade, com ou sem "traçado", ia arrancando umas confissões, dando uns conselhos e penitências, que, nem ele próprio entendia e, muito menos, se preocupava em seguir. Pela simples razão de que no dia seguinte não se lembrava do que tinha dito na noite anterior e isso nem dependia da quantidade da bebida que emborcava.

Teresa começava a recompor-se. Já ultrapassara a perda de Fernando, o que a aliviava, mas debatia-se agora com a relação que tinha com Filomena que, se a princípio, a tinha agradado e ajudado a ultrapassar os problemas que a haviam atormentado, começava a abafar a sua respiração da vida. Ela vinha, fora de horas, ocupar o lugar vago da sua cama, arrancando-lhe o prazer que lhe faltava. Gostava, tinha de confessar. Mas apetecia-lhe sentir algo diferente. No cheiro e na forma.

Eduardo passava algumas noites com Isabel que, no dia seguinte tomava o pequeno-almoço como se já fizesse parte da família. O que deixara de preocupar Teresa. Logo se via, como a mãe dela, que parecia saber bem mais da relação dos filhos de ambas, rematava as suas preocupações. Na verdade, Beatriz, era, cada vez mais, infeliz no seu casamento. O marido parecia ter começado a ser um empecilho que a atormentava. "Amiga, desabafa comigo se te apetecer.". Não apetecia ainda a Beatriz, mas ia dizendo que qualquer dia tinha de resolver esse problema. Ainda era muito nova para não sentir um homem por inteiro. E, como desafiando Teresa: "Eu disse homem, não disse mulher.". "Nunca mais te conto da minha intimidade.". Beatriz pedia desculpa. Só queria dizer-lhe que não estava preparada para experimentar sexo com uma mulher. E Teresa respondia que começava a experimentar um problema grave: como se libertar de Filomena e ter uma relação normal com um homem. "Tenho de ligar ao Virgílio.".

"Quem é o Virgílio?". "Bem, é um velho amigo que conheci há muitos anos e que, por mero acaso, voltei a encontrar numa formação promovida pelo meu Hospital. É apenas um amigo, com quem nunca mais falei.". "Estás assim tão desesperada?" – Riu Beatriz. "Tola! Claro que não, apenas me lembrei dele.". "Pois…".

Foi Virgílio que lhe ligou, pedindo desculpa por a incomodar, mas como tinha tido acesso às notícias da prisão e falecimento do marido, deixara de lado a diplomacia e resolvera telefonar-lhe. Teresa adorou a conversa com Virgílio e acabou por sentir-se quase completa com aquela relação nunca experimentada, mas sempre presente no seu imaginário.

O tempo tardava ou galopava, nem sabia. As contas que fazia diziam-lhe que Virgílio deveria ter 39, enquanto Eduardo e Isabel já iam nos 22 e 21 anos. Seria altura para retomar a vida, numa nova aventura, aos 38 anos? Não fazia ideia. Beatriz, apesar dos seus problemas íntimos, incentivou-a a tentar. Teresa ficou a magicar no seu mundo de uma elasticidade atrofiada. O que lhe poderia garantir que Virgílio fosse o homem que lhe pudesse dar o equilíbrio e amor que a excluíam da felicidade.

Num impulso, pouco racional, respondeu a Virgílio que, no próximo ano, iria ao Pico, ver e estar com os pais, algum tempo, talvez pelo Natal, mas passando alguns dias no Faial para confraternizar com alguns amigos. Virgílio achou uma ótima ideia, dispondo-se a tratar-lhe de tudo através da sua Empresa.

A relação com Filomena estava mesmo a arrefecer. De facto, Teresa não se via a acabar a sua vida num relacionamento com outra mulher e, em particular

aquela, não sabia bem porque, mas achava que a submissão exagerada dela e a sua pouca cultura, para não lhe chamar burrice, tinham provocado um vazio que era urgente preencher. E ambas estavam de acordo, desde o início dessa amizade, aprimorada num amor que despia os corpos e os acariciava, fazendo-os explodir de prazer.

Filomena, agora com 40 anos, aceitou o fim da relação, com naturalidade, dizendo que isso sempre tinha feito parte da sua amizade mais íntima com ela, mas tendo em conta que Teresa poderia ter um relacionamento com Virgílio a tempo inteiro, seria melhor voltar para os Açores, até porque tinha algumas propostas de emprego interessantes. Dando-lhe um beijo na boca, acrescentou: "É o último, mas adorei cada momento que passei nesta casa contigo.". Teresa, deixando umas lágrimas soltas escorrerem pelas faces, agradeceu-lhe todo o apoio, sobretudo quando a sua vida estivera em risco, que lhe tinha dedicado. Abraçou-a, beijando-lhe os olhos e as faces. "Ficarás sempre no meu coração, amiga". Filomena regressou à Ilha do Pico alguns dias depois, levando um cheque de Teresa com um valor considerável para recomeçar a sua vida. Com a obrigação de manter Teresa informada daquilo que lhe fosse acontecendo.

Teresa, depois de alguma insistência, conseguiu que a empregada doméstica aceitasse ficar mais tempo e que além da limpeza – função a que ficara-a reduzida – voltasse a preparar as refeições e fizesse as compras necessárias ou combinadas por ambas, com uma mensalidade bem mais significativa, mas a confiança não tem valor e Teresa, felizmente, além do Serviço Nacional de Saúde, trabalhava, ainda, alguns dias por semana, numa Clínica privada, opção que acabara por adotar.

Assim, recuperava a dona Conceição a tempo inteiro, menos aos fins-de-semana. Este passou, obrigatoriamente a ser, de novo, concretizado mais fora de casa ou com alimentos aquecidos pré-comprados ou, ainda, trazidos dos restaurantes onde almoçavam ou jantavam. Nalguns casos, a Dona Conceição deixava alguns pratos pré-preparados que bastava completar no micro-ondas.

Virgílio e Teresa passaram a encontrar-se mais vezes, geralmente ao jantar. E, a partir de certa altura, insistia em conhecer Eduardo e, se possível, Isabel. Teresa acedeu a um almoço a quatro num fim-de-semana de Outubro, com o sol a banhar, em quase toda a sua plenitude, a Ericeira. Eduardo não levantara qualquer objeção e Isabel apenas o queria acompanhar. Virgílio foi buscar os seus convidados a Queluz. Saindo do carro e ainda antes de qualquer cumprimento, Eduardo olhou para o veículo que estava na sua frente, esboçando um sorriso de espanto. Só depois fixou o seu olhar no rosto e corpo de Virgílio, que esperava um aperto de mão. Eduardo, voltando a olhar para o carro e para Virgílio disse-lhe: "Tem aqui um excelente híbrido, com caixa automática de variação contínua. Quando for "grande" quero um equivalente". Ambos riram, como descarregando a tensão que haviam acumulado, como as baterias elétricas do automóvel.

Teresa paralisou, ao lembrar-se de Fernando ter usado o carro de Anita para ir passear até à Espalamaca, onde Eduardo tinha sido concebido. Ou devia dizer "fabricado"? Riu-se e todos olharam para ela com espanto e alguma apreensão. Ao que ela se apressou a esclarecer: "Calma, eu posso estar em depressão, mas ainda não enlouqueci de vez.". E, agora, todos riram também. Depois dos beijinhos a Teresa e a Isabel, que lhe foi, finalmente, apresentada, Virgílio entregou a chave do carro a Eduardo: "Queres levar-nos até à Ericeira?". Teresa pensou em impedir o convite, mas conteve-se, afinal o filho até conduzia bem e… Não quis pensar mais nada. Eduardo acatou as indicações de Virgílio e a viagem não teve incidentes.

Parecia haver uma empatia entre Virgílio e Eduardo, cuja conversa ia explorando os meandros da engenharia mecânica, o mundo dos automóveis, a energia que os faria mover no futuro, alguns desportos náuticos que ambos praticavam, em particular a vela. No entretanto, Teresa e Isabel dedicavam-se a falar na profissão de médica, que não era tão fácil como se poderia supor ou da ciência que se fazia no País, porque Isabel, dedicada à Biologia, queria muito enveredar pela investigação. Não para ganhar prémios mas para contribuir na descoberta de novos medicamentos que pudessem acabar com algumas doenças e prolongar a vida das pessoas com dignidade e qualidade.

Virgílio, pedindo desculpas a Eduardo, estendeu-as às "senhoras" por parecer que tinham criado uma discriminação entre homens e mulheres. Tinham de arranjar um tema comum. "Menos sobre política pediu Isabel.". "Qual tema? – Respondeu Teresa a rir - Já comemos uma lagosta, duas sapateiras e uma travessa de ameijoas à Bulhão Pato. E até já bebemos café. Que mais falta senão pagar e conta e ir apanhar sol?" Todos riram, naturalmente. Virgílio e Teresa pensaram que aquele almoço tinha obtido o sucesso que tanto queriam.

Depois de um pequeno passeio, pela beira mar da Ericeira, voltaram a Queluz.

Virgílio inventou alguns afazeres para não entrar na casa de Teresa. Eduardo foi persuasivo: "Nós gostávamos que ficasse um pouco connosco, até porque tenho ainda alguns conselhos a pedir-lhe.". Não tinha mais nada a pedir. Depois de uma visita rápida à Vivenda, Eduardo, desculpou-se com um trabalho da Escola que ainda tinha de fazer com Isabel, despediu-se, apertando a mão de Virgílio e com a outra mão no braço dele, num gesto de apreço, agradecendo-lhe o almoço, e Isabel a dar-lhe dois beijinhos, também de despedida, dirigiram-se ambos ao segundo andar.

Teresa e Virgílio sentaram-se no sofá da sala, no rés-do-chão, olhando um para o outro, num primeiro momento, depois, juntando as mãos, antevendo o que seria inevitável num futuro breve. "O Eduardo gostou de ti, que lhe fizeste?". "Nada. Acho que apenas entendeu o que sinto por ti há muito tempo. E fiquei também muito sensibilizado com a aceitação dele. Não lhe disse, mas gostava que tivesse sido o filho que ainda não tive". "Não sei o que me está a acontecer, mas sinto-me muito feliz. Obrigado por já fazeres parte da nossa vida".

Os encontros de Teresa com Virgílio eram, cada vez mais, frequentes, encontrando-se em casa dele, em Oeiras, onde, por vezes, passavam a noite. Nas folgas de Teresa, reuniam-se a Eduardo e Isabel em saídas aos arredores de Lisboa, acrescentando agora Sesimbra, Setúbal, Évora ou, bem mais perto, um restaurante na Trafaria, até onde iam de carro, regressando a Belém por Ferry. Na travessia do Tejo, apreciavam as belezas de Lisboa, enumerando os monumentos mais proeminentes ou conversando sobre a História de Lisboa, sempre interessante e tentando imaginar como seria o ancestral porto na época dos Descobrimentos. Aliás, em muitas dessas saídas, quando ocorriam nos fins-de-semana, combinavam previamente, visitar Museus, assistir a espetáculos, de teatro e ou musicais, em particular no CCB e Gulbenkian e, ainda, a outros eventos culturais, mesmo fora de Lisboa.

No princípio de 2016, Teresa combinou com Eduardo que teriam de ir visitar os pais e avós pelo Natal. E se Beatriz o permitisse, também Isabel poderia ir. Eduardo concordou, mas lançou-lhe um repto: "E Virgílio não vai?". "Ainda é cedo filho e, sobretudo os teus avós paternos, não iriam entender.". Aproveitando para perguntar: "Achas que Virgílio poderia ser um bom companheiro para mim e para ti?". Eduardo demonstrou toda a sua maturidade, cimentada na vida que o enformara ainda criança e depois jovem adulto, atento a tudo e todos. "Mãe, não esqueço o meu pai, porque o amei e defendi mesmo nas piores situações, mas, lamento, acabei apenas por sentir que nos traiu e acabou por nos rotular de quase cúmplices, porque também sofremos desse

estigma, de uma culpa que nunca tivemos. Perdi colegas e amigos, menos a Isabel, porque me ama. Mas, objetivamente, tive a noção de que o meu pai, talvez porque extasiado pelo poder e o que pode proporcionar, tenha feito na realidade. Praticando crimes que, mesmo não os entendendo como tal, estavam previstos e penalizados pela Lei.". Teresa estava siderada, pela fluência e conhecimento do filho sobre o enquadramento da situação do próprio pai. Apesar do seu sofrimento, mantinha a capacidade de uma apreciação, sintética e objetiva, da realidade. Ficava feliz por isso.

"Já que estamos a conversar sobre nós, que achas do Virgílio?". Eduardo nem pensou: "Espero que me proporcione umas boas viagens de férias com Isabel e ainda uma viagem de veleiro como prometeu". "Ele prometeu-se isso?". "Sim e, como sabes, gosto de vela.". E levas a Isabel, perguntou Teresa com ar de gozo, sabendo que a namorada tinha um medo aterrador do mar. "Mãe pára de gozar. Claro que não. Mas, já agora, gostas dela como nora?". "Adora-a, filho, como já percebeste". "E tu aceitavas o Virgílio cá em casa, como meu marido?". "Já te dei reposta a isso. Adorava que ele vivesse connosco. E a Isabel também.". – Rematou Eduardo.

No almoço com Beatriz, Teresa começou por pedir desculpa à amiga por… "Andares fugida de mim, mas eu compreendo e desculpo, esperando poder conhecer, em breve, o Virgílio, que tanto tem contribuído para mudar o teu comportamento e atitude. Rejuvenesceste e pareces mesmo uma menina apaixonada. Não devia dizer isto, mas o Virgílio fez um melhor trabalho do que o nosso colega psiquiatra.". "Não digas isso, ele sempre me ajudou bastante.". "Eu sei, estava apenas a brincar. E fico muito feliz com isso, amiga. Sê feliz e faz felizes os nossos filhos também.". As mãos de ambas sobrepuseram-se, perscrutando os olhos uma da outra.

Na tasca do Macedo Furtado estavam, como habitualmente, os três amigos. Macedo, atingido pela diabetes, usava uma muleta e estava aprazada uma cirurgia em São Miguel: "Com a sorte que tenho vão mesmo amputar-me a perna…". João Cansado e Abílio Marcado não estavam melhores. O Abílio tivera um AVC e ficara a falar pelo canto da boca, e a bengala era companheira obrigatória. O João sofria de tudo e de nada, doía-lhe aqui e ali, sem nada de concreto, a não ser mesmo de cirrose, como os outros dois. Tinham sido os médicos que lhes haviam dito, pela aguardente que foram destilando ao longo dos anos. E a situação já era muito grave, acrescentaram. Macedo, feito um velho careca e com a cabeça com pústulas, já nem clientes tinha, que ninguém suportava ver um cadáver adiado. As mulheres de João e Abílio esforçavam-se por que tomassem banho e, muitas vezes, obrigavam-nos a engolir umas colheradas de comida. Mas eles já pouco reagiam a qualquer estímulo que antes os faria saltar da cadeira de contentamento, como ver o neto ou os filhos que há muito não os visitavam. E, agora, sem Fernando, apenas poderiam contentar-se com Teresa e Eduardo, mas não havia maneira de virem. Já nem se deviam lembrar do neto…

Macedo, não abria a porta da taberna a não ser aos dois amigos, ao fim da tarde – ganhando com isso o Ambrósio dono da tasca e pequena mercearia a meio da canada. Com o seu humor corroído e estafado, Macedo levantava o copo de aguardente, batia nos dos amigos e quase recitava: "Somos sobreviventes dos confins do Mundo, sentados à mesa de Baco. Que ele nos dê o prazer de morrermos sentados e felizes com a vida e a natureza.". Ámen! Ámen, irmão, respondiam João e Abílio. Todos bêbados, velhos tontos, frustrados, agarrando-se uns aos outros e ao fio da vida que parecia estender-se por entre a fuligem da chaminé que se levantara com uma pancada seca da muleta de Macedo. Com 70, 65 e 66 anos de Macedo, João e Abílio, somados aos achaques de cada um, que mais se podia esperar da loucura que atinge os homens no declínio da vida? Bem, o João Cansado e o Abílio Marcado estavam ainda a uns poucos anos dos setenta de Macedo, mas era como se tivessem a navalha do Gervásio na garganta – em cuja cabeça surgia o sussurro de: "Corta, corta!" -, em vez de lhes cortar apenas a barba, como único barbeiro da povoação. E ficava, finalmente, descansado quando via a pele lisa da cara dos clientes libertos dos pêlos, de meses ou de semanas, percorrendo-lhes a face lisa e rosada com os dedos, como se tivesse "depilado" um dos porcos que andavam à solta no quintal murado, ali mesmo ao lado.

Corroídos pela bebida, Macedo, João e Abílio tinham envelhecido precocemente, arrogando-se o estatuto de reformados, também da vida. Naturalmente nenhum trabalhava em nada. As terras estavam arrendadas por uma ninharia, os equipamentos agrícolas alugados por uns tostões também e

haviam vendido os carros de caixa aberta. Mas, tudo somado, mais as pensões da Segurança Social, ia dando o suficiente para viverem normalmente, acrescendo as hortas que rodeavam as casas, agora cultivadas pelas mulheres, um pouco mais novas mas ainda desempenadas, e sem a responsabilidade de sustentar a filha e o neto. O Macedo tinha o seu pé-de-meia que iria usar parcialmente na operação. Mas de que servia? Mais valia dar o dinheiro aos pobres. Quais? Os malandros que vadiavam por ali sem quererem mexer um dedo, levantar um torrão de terra, plantar umas couves, umas batatas, colher o milho dos outros, ficando com uma razoável parte? O Mundo já não era como dantes. Ou eles tinham ficado pelo meio da vida…

A mãe de Teresa, escrevia-lhe amiúde, agoniada com a decadência a que tinham chegado o pai dela e o do falecido marido, rogando-lhe que ela e o Eduardo os visitassem, o mais breve possível, porque já temia pela vida deles. Teresa não escondia que a morte de Fernando a tinha atingido duramente e que, apesar de Filomena a apoiar bastante, não tinha tido tempo para nada, além de uns fins-de-semana. Mas que ia voltar ao Pico o mais breve possível. Desta vez, estava já decidido que ela e Eduardo estariam no Pico a partir de a 20 de Dezembro.

Na taberna do Macedo, remoía-se a vinda de Teresa e Eduardo. Tinham tido o problema da morte do marido e do pai, mas isso não poderia ter impedido que pudessem ter vindo mais cedo. "O homem esteve preso e a verdade é que vocês não foram lá!" – Disse o Macedo com a sua habitual inabilidade para driblar a realidade. "Como podíamos ir?". "Tomando um avião, e visitando-o na prisão ou quando morreu, mesmo que chegassem lá depois do funeral, ora.". E o "ora" deixou-os estonteados. Na verdade, pouco tinham feito, além de telefonar para Teresa e mais tarde para a SATA, para tentar marcar viagem. As mulheres bem tinham dito que deviam insistir em que o filho e genro tinha morrido, mas eles, no telefone do Macedo, nada tinham adiantado, sendo relegados para alguns meses depois. "Vocês não fizeram o que deviam e agora queixam-se de quê?". Bebam mas é mais um copo.

Abílio Marcado passou-se: "Mais valia morrer do que viver esta vida assim. Onde foi parar a nossa felicidade?". "E alguma vez foram felizes?" – Pergunto o Macedo, já meio irritado. "Pela parte que me toca – volveu João Cansado -, apesar da vinda da minha filha e do meu neto, já me apetecia descansar de vez, mesmo sob a terra fria e comido pelos vermes que habitam os cemitérios". Houve uma pausa. Todos emborcaram mais um copo de aguardente, olhando-se de frente, como se tivessem sido atingidos por uma grave doença súbita. "A mim tanto fazia!" – Disse o Abílio Marcado. "Bem, bem, se é para morrer, já não tenho de

amputar a pena, mas convém saber como vamos esticar o pernil…". Caso para pensar, com mais um copo. Mas Macedo impôs uma regra: "Não bebemos mais até decidir o que vamos fazer e como!". "Tens ali três ganchos do antigo Açougue que isto era. É por uma corda em cada um e um banco por baixo e pronto. Basta dar-lhe um pontapé!". "Eu acho que a caçadeira do Macedo é a melhor solução. Ele mata-nos e depois suicida-se. Isto fica cheio de sangue, mas não falha!". "E depois fico eu como criminoso e ainda me prendem." – Disse o Macedo furioso e chateado. "Acusam-te, como? Vão encontrar-te morto também, que te podem fazer?".

Apesar de bêbados, ainda pensavam um pouco. Pouco mesmo. Perante a recusa de Macedo em assassiná-los, voltaram ao enforcamento. O que agradava mais ao taberneiro: "Vou finalmente usar o cabo de marinheiro!". Havia em armazém um rolo de cabo para reboque de embarcações que nunca ninguém havia comprado, nem um metro, embora o custo fosse insignificante. Fizeram umas medições, tendo em conta o pé direito da taberna, a altura dos ganchos, e a altura dos bancos, concluindo que chegavam 2,50 metros de corda para fazer um pequeno laço a prender no gancho e outro maior, onde metiam a cabeça. Depois era só pontapear os bancos e ficariam a cerca de 30 centímetros do chão. Tudo resolvido. Macedo foi buscar o rolo e, com a tremedeira habitual das mãos, foram preparando as três forcas com o mesmo tamanho. Colocaram os bancos e penduraram as cordas. Olharam, meio trôpegos, a obra e pareceu-lhes que estava tudo a preceito de uma morte coletiva memorável.

"Memorável?" – Admirou-se Macedo. "Mas só vão descobrir os nossos corpos daqui a uns dias, na melhor das hipóteses.". "Oh, diabo, não quero ser enterrado já podre," - Disse João. "Eu também não." - Corroborou Abílio. "Bem, vamos mas é acabar a garrafa, enquanto pensamos no assunto." - Remoeu Macedo, ainda mais chateado com aquela discussão. "Até para morrer as coisas são complicadas, chiça!". A garrafa acabou e o Macedo foi abrir outra, porque se era para morrer que se lixasse o fígado mais as maleitas todas.

"Já sei,". – Quase gritou, num de repente, o Abílio Marcado -, "Fazemos um comunicado e metemo-lo por debaixo da porta para a rua.". Silêncio denso. "Ora bem, é uma solução, mas não tenho papel", disse o Macedo. "Mas tens caixas de cartão e um marcador preto para os preços, logo…" - Rematou João, como se descobrisse porque a chuva alaga as soleiras das portas. O Macedo pegou numa caixa de garrafas, rasgou um dos lados, que até ficou mais ou menos direitinho e colocou-o sobre o balcão, com o marcador preto na mão. "Quem escreve e o que dizemos?". "Sei lá." - Disse João. "E eu mal sei escrever, tens de ser tu, Macedo." - Rematou Abílio. "Muito bem e o que escrevo?".

Mais um silêncio prologando, apenas atravessado pelo som da abertura de um nova garrafa. "Eu, Macedo Furtado, com João Cansado e Abílio Marcado, decidimos, de livre vontade e por unanimidade matar-nos nas forcas que nós próprios fizemos. Pedimos desculpas a todos pelos incómodos que possamos causar, pelo que deixamos cinco mil euros sobre o balcão para as despesas de funeral." "O que acham?" - Perguntou Macedo. "A mim, parece-se quase lindo. Só não diz porque nos matámos." – Respondeu João. O Abílio pensava o mesmo. "Não me lixem, vocês é que me mandaram escrever e não tenho mais espaço no cartão. Se tivesse de por as razões nem a caixa inteira chegava.".

Desataram a rir. "Vamos mas é tratar do enforcamento.". "Depois de acabar a garrafa e a outra está mesmo a pedir.". Já nem se sabia quem falava. O Macedo mal conseguiu abrir a quarta ou quinta garrafa de aguardente e nem sabia como tinha conseguido escrever o "manifesto". Nunca a bebedeira tinha chegado a este ponto. Dobrados, com as mãos a suportarem as cabeças, iam, de copo em copo, a caminho de um coma alcoólico, que bem poderia ser sucedâneo à forca. Mas a garrafa acabou e nada. Todos ainda mexiam. E era agora, percebera-se, à terceira tentativa de Macedo, que grunhia uns sons quase indecifráveis. Cada um, de gatas, colocou-se junto do seu banco, tentando subi-lo, mas nada, estatelaram-se no chão da taberna, adormecendo quase de imediato.

Pelas cinco da manhã, Ana Cansado, dando pela falta do marido, vestiu-se e foi a casa de Amélia Marcado, para saber se o dela já tinha chegado. Ela, bocejando, nem se apercebera e não sabia de nada. Decidiram então pedir a um vizinho de Amélia, que acordou sobressaltado, para ir ver o que se passava na taberna do Macedo Furtado. Ele foi. Bateu à porta, bateu, empurrou, empurrou e, finalmente, Custódio conseguiu entrar, apercebendo-se de que os três dormiam como mortos. Atarantado, pensou mesmo que se tinham enforcado e caído depois no chão, saindo-lhes ainda da boca uma espuma estranha e uns gases intermitentes do rabo, como uma sinfonia de porcos abatidos numa matança. Ligou ao 112, que mandou uma ambulância da Madalena. Vem e não vem, porque nunca mais chegava, alvitravam os que se haviam juntado à porta da taberna, nunca se soube como e porquê, com o sarcasmo de que devia ter contornado a ilha pelo lado errado. Mas lá chegou por volta das 8 horas. Já João e Abílio tinham acordado e sacudido o Macedo, que não dispensou os palavrões da ordem, espantado e tentando levantar-se, o que não conseguiram sem a ajuda dos curiosos e de olhos fechados ao Sol que lhe batia de frente, através da porta escancarada.

No entretanto, juntara-se uma pequena multidão e as mulheres de João e Abílio tiveram muita dificuldade em conseguirem chegar aos seus homens. Ana

Cansado, por mero acaso encontrou o cartão escrito por Macedo, apercebendo-se do que havia acontecido e, naturalmente, rasgando-o e metendo o "manifesto" dentro de uma algibeira da gabardina. A polícia, que chegou ao mesmo tempo que a ambulância dos enfermeiros, mandou afastar toda a gente, menos, naturalmente, as mulheres de João e Abílio, bem como Custódio que tinha encontrado os tresloucados, como iam dizendo os agente da autoridade perante o cenário que encontraram. Custódio matou a possível charada da polícia com uma saída brilhante, que fez sorrir Macedo, já desperto e que confirmou as suas declarações. O senhor Macedo era um decorador algo frustrado – tinha de o dizer pedindo desculpas - e amigo dos animais, por isso tinha colocado aquelas forcas na sua Taberna, onde antes fora um Matadouro e Talho, significando na sua imaginação um abate de animais e uma venda ilegal da carne dos mesmos. E se tinham estado deitados no chão junto das forcas e dos bancos tinha a ver com o facto de serem os três amigos e ficarem na conversa e nos copos do lado de dentro do balcão, tendo, naquele dia, bebido em excesso, e caído para o chão, o que ninguém podia condenar e muito menos teria alguma relação com as forcas. Mas que olhassem bem para elas, penduradas dos ganchos, feitas à mão por Macedo, em conjunto com os bancos… Era uma autêntica obra de arte, que algumas pessoas podiam não apreciar, porque os artistas eram sempre incompreendidos. Mas ele e os senhores guardas, com certeza, teriam a mesma opinião. "Há muitos artistas desconhecidos na nossa Ilha, que fazem obras extraordinárias.".

Macedo, que gostava de Custódio como um irmão, da mesma idade, mas que pouco aparecia lá pela Tasca, e, sobretudo João e Abílio, que não lhe conheciam aquela prosápia, ficaram fascinados a ouvi-lo, deixando evaporar os últimos efeitos da aguardente excessiva, mas não evitando uma dor de cabeça ressacada, no contexto, de "caixão à cova". A Polícia pareceu ou fez-se também convencida, dispensando levantar qualquer auto que, logo pela manhã, seria um martírio. Afinal não havia acontecido nada, apenas uma bebedeira de três velhotes reformados. Tomaram um café, porque Macedo, mesmo ressacado, resolveu ligar a máquina, e lá foram à sua vidinha. A Ambulância já tinha zarpado para a origem ou para outro local donde a chamassem. E tudo acabou em bem.

Acabou? Macedo fechou a porta da taberna, depois de João e Abílio terem saído, agarrados às mulheres, mas atrás deles foram moradores e alguns vizinhos, atazanando-os. Tiveram de ser as mulheres a evitar alguns percalços, porque a vontade de João e Abílio era a de dar uns sopapos nuns gajos que precisavam de perder uns dentes para entender melhor as coisas da vida. Todos os outros haviam recolhido a casa, olhando apenas de soslaio aquele cortejo singular.

O enforcamento coletivo ficara adiado, mas não esquecido. Já que o Custódio tinha descrito o cenário como obra de arte, Macedo resolveu que devia ficar tudo na mesma. Preparado, se fosse caso disso. Era um homem prático. João e Abílio também acabaram por se habituar a um modo de morte antecipada. Só tinham de beber menos da próxima vez para conseguirem subir aos bancos.

No caso de João e Abílio, Teresa e Eduardo estavam a chegar. Para todos, era época de Natal. E Macedo estava convidado para o passar em casa de João Cansado, onde se ia reunir toda a família, incluindo Abílio e Amélia Marcado.

Teresa, Eduardo e Isabel chegaram finalmente, de carro alugado, porque João e Abílio já não conduziam. Ana e Amélia nunca quiseram ter carta de condução. Além disso, Teresa queria dar a volta à Ilha com os pais, o filho e a namorada, para que estes melhor entendessem as raízes da família. Talvez ainda com tempo de fazerem o mesmo no Faial, se o mar assim o permitisse. Isabel foi a descoberta de todos, apaparicada como a mulher que ainda lhes podia dar um bisneto.

Ver a filha, o neto e a namorada fez reviver João e Abílio e, naturalmente, Ana e Amélia. Macedo Furtado olhou para o rapaz, como o neto que nunca tivera e que lhe haviam roubado num acidente estúpido. Ao abraçá-lo, caíram-lhe umas lágrimas rebeldes. Também poderia ser uma neta como Isabel. Se a filha e a mulher, que tanto amor lhe havia inspirado, não tivesse morrido naquele inesperado e estúpido acidente, de certeza que a sua vida seria diferente, mais ou menos infeliz, não lhe importava, desde que tivesse feito sentido. E não fazia.

Teresa e Isabel ficaram alojadas em casa de João e Ana Cansado e Eduardo "migrou" para casa de Abílio e Amélia Marcado. Por um lado, porque as habitações, apesar de razoáveis, dispunham de poucos quartos, por outro para evitar falatório. Que não tardou. Primeiro "mordendo" Teresa por não estar vestida de preto, em sinal de luto pela morte do marido, e não ter voltado à sua terra natal há anos. Eduardo, simplesmente porque, sendo já grandinho e sem impedimentos, não tivesse vindo visitar os avôs. E quase tinham levado João e Abílio a se enforcarem com a mágoa que lhes haviam causado. Comentavam, misturando tudo sem saberem. Nada de nada. Só para darem uso a um cérebro já enfezado e à boca, já bem engelhada, em ambos os casos da angelica, da aguardente e do vinho morangueiro ou de outro mais refinado. Apenas porque não tinham em que ocupar o tempo, mimetizando as telenovelas e programas mundanos a que iam assistindo na televisão. Darem à língua era a expressão mais correta. A que não escapava Isabel, nada dada e assumindo sempre um ar superior às raparigas da terra e até porque se viam os vincos das tetas sob a pouca e demasiado vulgar roupa que usava. Claro que a Ana e Amélia os ditos chegavam filtrados, mas elas, a princípio irritadas, depois em amena cavaqueira, subentendiam e, nalgumas ocasiões desabafavam: "Comadre, se não confiasse no que me disse a Matilde, nunca acreditaria que aquelas mulheres pudessem pensar isso.". "E depois fazem três quilómetros para se confessarem e irem à missa. O padre devia era pô-las a cumprir penitencia andando de joelhos à volta da igreja.". "Mas, coitadas, ficavam com eles e as canelas esfolados e tinham de descer ainda mais as saias, até aos pés." - E riam. "Pior era se a penitência fosse comer a relva do adro que se vai acumulando sem ninguém a cortar. Assim, ficavam com a língua áspera e diriam menos asneiras.". "Vais ver que ainda nos trazem uns bolinhos e umas garrafas de angelica ou de vinho para este Natal.".

E vieram mesmo. Algumas vizinhas, outras mais distantes, porque só se mata

a curiosidade vendo com os próprios olhos e isso tem um preço: a oferenda. Máxima ancestral, refinada e justificativa da maledicência. Os maridos, que não vinham adjacentes, trocavam cumprimentos com João e Abílio, pela canada ou mesmo na taberna do Macedo que abria a porta sabendo ao que vinham. E era Natal e era tempo de perdoar que, por ele, tanto fazia. Logo comentavam as forcas montadas nos ganchos, espantados. Macedo tirava, de imediato as dúvidas: "Como disse o Custódio, é uma obra de arte da minha autoria. Agradecia a quem tivesse uma máquina fotográfica que tirasse umas fotos para não se perder a minha inspiração do momento. Até estou a pensar replicar isto na Praça aqui ao lado e quem sabe até na Madalena.". Os convivas eram breves, nas palavras e na permanência. Entretanto, João e Abílio que demoravam, agora menos tempo na taberna, sorriam e desatavam a gargalhar quando todos, apressados, tinham ido embora. Aquilo não era coisa de ver, porque se sentia – talvez com a mesma vontade que lhes tinha assistido e era esse o medo que dominava os visitantes, resolveu o Macedo assim designá-los e porque deviam pôr-se a pensar na vida de merda em que sobreviviam. "Acho que vou começar a cobrar entrada para virem ver este museu." – Finalizou Macedo, sem ter bebido nada ainda.

Teresa e os pais, com Eduardo e Isabel passaram o Natal de 2016 na companhia de Abílio e Amélia. E de Macedo, claro. Uma rapariga franzina, ainda com as faces "borbulhadas", mexia-se atarefada, entre panelas e tachos e os pratos da enorme mesa que tinham montado no quintal, com a imagem, sempre presente, do gigante que apontava o Céu, num dia em que, excecionalmente, o sol raiara, amenizando a temperatura e dando cor aos objetos antes acinzentados ou mesmo escondidos. Era a Palmira, que vivia agora com João e Ana Cansado, filha da irmã Alice, que tinha uma incontável prol de filharada. Teresa sentiu-se mais confortada com a presença da prima junto dos pais. Muito jovem ainda, mas atinada, ao que parecia, acertou logo com ela manterem comunicação através do telemóvel, que ela não tinha mas que lhe iria oferecer. A rapariga ficou encantada, porque era das poucas que ainda não tinha esse instrumento de distinção, não de classes mas de posses e prestígio dos jovens da povoação.

Molha de carne com inhames e sopa de pão de trigo, ou ainda linguiça frita em banha de porco e também com inhames ou batata-doce. Já estava entrosado o bacalhau assado, se bem que não muito abundante. O bolo de Natal era a sobremesa por excelência, além do arroz doce, rabanadas e figos passados. Bebia-se vinho à refeição e com as sobremesas licores, angelica e verdelho ou vinho do porto. Mas a tradição, de ilha para ilha, era bem mais vasta. E adaptava-se a cada casa e aos ingredientes que se podiam obter, de acordo com a bolsa da família.

O almoço de Natal, que a ceia era leve e à lareira meia ardida, demorou até meio da tarde. E já que ninguém estava em idade de esperar o Pai Natal e inviabilizada, por razões óbvias, a assistência à missa do galo, resolveram abrir os presentes colocados sobre o pinheiro natural que crescia a meio de um espaço da horta, rodeado de vinha, mas com um carreiro de uns 20 metros, que tinha de ser calcorreado à vez, exigindo uma procura cuidadosa a princípio e, depois, quase direta. Ditava a sorte, em cada papel que era retirado de um pote de barro, onde estava o nome de todos os presentes. Não era uma tradição, mas mais uma engenhosa e divertida invenção do Macedo Furtado, amante da natureza e feroz opositor ao corte de árvores. Riam muito, batiam palmas a cada descoberta, e divertiam-se mesmo. Um divertimento puro e saudável, mas carregado de muitas lembranças, muitas vezes carregadas de fantasmas de Natais anteriores.

Pela primeira vez em muitos anos, quase esquecendo que Fernando tinha morrido de uma forma tão trágica e inaceitável. E se ainda estivesse preso, talvez… Claro que não. A morte de alguém querido nunca se desentranha, no caso de Abílio e Amélia Marcado. Mas vai amenizando-se, com um ou outro assomo de uma lágrima rebelde que cai intempestiva. E a "festa", que devia ser a vida, contínua, porque uns puxam pelos outros e todos querem celebrar o dia que, há muitos anos, era de chuva grossa - com as ribeiras a escorrer pela montanha do colosso, metendo medo -, e até de granizo, num ano em que chegou a cobrir os tornozelos. E que mal havia nisso, com um sol que aconchegava todos e permitia ver até ao mar, a mais de 2 quilómetros de distância, despido de barcos, mas deixando ver os contornos de golfinhos e de um ou outro cachalote ou baleia? A vida, mesmo com as suas revezes, era mesmo para viver. Assim, valia a pena.

No dia seguinte, a família Cansado foi dar a volta à Ilha. Ainda bem que Palmira, excluída da viagem por excesso de lotação do veículo, se lembrou que não iam encontrar nada aberto onde pudessem almoçar. Era 25 de Dezembro. Donde preparou um lanche para comerem talvez na Lagoa do Capitão, lugar mágico donde se via o piquinho mesmo ali. De resto, se quisessem lanchar, pela Calheta de Nesquim ou nas Lajes, era uma questão de dosearem os mantimentos. Eduardo, que conduzia, deparou-se com uma estrada quase vazia, exceto na zona mais próxima da subida ao último reduto do Pico. "Nunca entendi porquê do nada, as pessoas tendem a dirigir-se ao mesmo local, quando se esperaria o contrário, num dia como este." – Desabafou Teresa. "Porque é sempre assim." - Disse a mãe, com o saber das coisas simples e inexplicáveis.

E o dia correu sem outros incidentes. Contornaram a ilha, passando pela

Criação Velha onde se começavam a apreciar os currais de pedra de lava que protegiam a vinha onde nascia o célebre Verdelho, conjunto classificado pela UNESCO em 2004, como Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, subindo à Lagoa do Capitão. Mais tarde, ladeando o aeroporto nas Bandeiras, São Roque e, finalmente, depois de muitas curvas e contra curvas e sem descerem à Calheta de Nesquim, as Lajes. Pelo caminho, tudo fechado, permitindo apenas ver a paisagem e inicialmente com o Faial e depois São Jorge de fundo. João e Ana davam-se conta da evolução de algumas infraestruturas. Mas, para Eduardo e Isabel eram completa novidade. Teresa lembrava-se vagamente do original, como se fosse uma estampa que, em muitos casos, via pela primeira vez ou, melhor, lhe parecia revisitar no seu subconsciente.

Voltados à sua povoação, abancaram cansados. Palmira, antecipando-se, tinha posto a mesa e estava pronta a fritar uma linguiça com inhame, que poderia trabalhar no estômago durante algumas horas, por isso era melhor jantarem o mais cedo possível. E foi o que fizeram, tendo-se contido, não fosse o diabo tecê-las. Mas não teceu, que até o diabo simpatizava com quem, não o reconhecendo, também não o atiçava. Tinha sido o Macedo que o havia dito, numa noite qualquer de bebedeira.

Nesse dia, João Cansado acompanhou Eduardo a casa de Abílio Marcado, onde já havia ficado no dia anterior. "Diz-me, Eduardo, a tua mãe está bem?". "Sim, avô, depois de um período muito complicado da vida dela, da nossa vida, acho que encontrou estabilidade e até acho que arranjou um namorado…". "A sério? "Sim, não me digas que ficas chateado com ela…". "Claro que não, pelo contrário. A tua mãe merece uma nova oportunidade e tu tens de contribuir para isso.".

"Eu sei avô e, pela minha parte, gosto do Virgílio e adorava que fosse viver connosco. E a Isabel também.". "Explica-me devagar, que eu estou velho… Primeiro, gostas mesmo da Isabel?".

"É como se já fosse minha mulher e vive connosco na nossa casa de Queluz.". "Dorme contigo, como se fossem casados?". "Sim, avô. Hoje já não é preciso casar para viver juntos, mas juro-te que vou mesmo casar com ela…" – Disse Eduardo, colocando o braço sobre o ombro de João Cansado e confidenciando-lhe ao ouvido direito: "… e dar-te um bisneto.".

"Adoro-te, Eduardo e quero ir a esse casamento.". "E será um dos padrinhos, fazemos questão.".

"Que Deus me deixe viver até esse momento… Agora, promete-me apenas

que, por mais que te pressionem, não vais dizer aos teus avós paternos que a tua mãe tem um namorado. Acho que até iam entender, mas não se iam sentir bem. O Abílio teve um AVC e está muito afetado e a mulher cada vez mais destrambelhada.

Prometes?". "Avô, já não sou uma criança. Entendo tudo isso e podes confiar em mim. Só quero que a minha mãe seja feliz e farei tudo para que isso possa acontecer.". João Cansado, apesar do pouco caminho percorrido, sentia-se mesmo cansado como se tivesse subido toda a canada. Realizou, de imediato, que o seu neto saia à sua filha.

Voltou para casa, arfando, mas sentindo-se - tanto quanto isso pudesse querer dizer -, remoçado.

Era como se tivesse voltado ao tempo antes de ir para a tropa, percorrendo uns quilómetros, sempre a correr, para poder estar mais tempo ao portão da casa de Ana, a namorar com ela, sob o olhar atento do pai, um homem estranho, de sobrancelhas carregadas e que o olhava de cima abaixo, numa atitude de soberba e desafio, sobretudo quando metia as mãos nos suspensórios e os esticava, soltando-os, de repente, sobre o peito e a barriga, mostrando a sua estatura e força ou talvez dando-lhe a entender o que lhe poderia fazer se maltratasse a filha.

E então, um dia o homem quis falar com ele em posição de mando, obrigando-o a casar com Ana ainda antes do recrutamento militar. Ao que João, a medo e com a voz tremendo, lhe respondeu: "E se eu for para o Ultramar e morrer por lá?". "Não tem mal. Ela fica viúva como tantas outras."

E, claro, casaram!

Não quero que chores

Na verdade, não quero que chores por mim
só te peço que consintas que desatinemos
dentro de ambos como nos lembramos
da primeira vez em que se fez luz e ternura
doce loucura dos momentos felizes e eternos
que deixam as marcas do inferno e dos céus
numa secura, brandida e dura, transida de dor
e prazer irreverente, complexa partitura
de uma sinfonia melódica sempre presente
no meio do ruído dissonante e permanente
coado pelos lençóis de linho desalinhados

indecentemente.

Avelino Rosa, 16-10-2021

No dia seguinte, Teresa acordou cheia de si, pronta para ir explorar o Faial. Mas os pais, ainda estavam cansados do dia anterior. Algumas horas de carro, uma viagem longa e um olhar que parecia uma despedida de tudo. Portanto, irem ao Faial, nem pensar. Nem o Abílio nem Amélia estavam nessa onda. A ida aos médicos não estava para já agendada. "Não é ainda altura de ir ao Faial, fiquem e almocem connosco.". Teresa recusou educadamente, alegando que só podiam visitar o Faial nesse dia, porque tinham de voltar a Lisboa no dia 29, já apenas daí a 3 dias. Convidou Palmira a ir com eles, o que ela aceitou logo, entusiasmada, depois da concordância de Ana Cansado.

Como já tinham antecipado bilhete para viajar no Ferry do Canal, que também transportava o carro alugado, até à Horta, ainda houve tempo para um café nas imediações da zona de embarque no porto da Madalena. A viagem foi pacífica, o mar do Canal parecia dar-lhes passagem serena, sobretudo, para as lembranças de Teresa.

Chegados, dirigiram-se à casa que Teresa ainda mantinha na Rua da Conceição, por herança de Anita Moço, razão principal de querer voltar à cidade. Teresa conduziu, passando pelo Fayal Sport Club, virando à esquerda em frente à igreja da Conceição – referindo que fora ali que casara e que Eduardo tinha sido batizado -, e atravessou a pequena ponte para a rua deste último nome. Quase a chegar à bifurcação apontou para a sua casa, do lado direito da rua, estacionando em frente ao Teatro Faialense. Levou-os a conhecer a casa, onde Carolina os esperava, apesar de levar a chave que há muito guardava. A casa estava impecável. O pouco que pagava, mensalmente, à mulher de confiança, que havia conhecido antes de ir para o Continente, tinha valido a pena. Estava habitável e podiam ai passar um ou mais dias.

Depois de visitarem e revisitar a casa, agradeceu a Carolina, acertando as contas com ela e pedindo-lhe para continuar a zelar por ela até resolver o que destino lhe poderia dar. Carolina aceitou, com relutância, devido à sua idade e aconselhou Teresa a vender a casa se não pretendia ocupá-la nos próximos anos.

Depois de depositarem a pouca bagagem que traziam, dividiram os quartos. Eduardo e Isabel ficariam no antigo quarto de Anita, Teresa no sempre ocupara e Palmira em outro quarto, tendo Teresa omitido que era o de Fernando, não fosse a rapariga ficar constrangida ou mesmo recusar-se a dormir na cama de um morto. Com exceção de Teresa, nada os fez recordar coisa nenhuma. Apenas Eduardo experimentou a vaga sensação de que alguma coisa, que não sabia o quê, lhe era familiar, mas afastou-a, como sendo, talvez, induzida pela sua presença ali nos primeiros dois anos de vida.

De resto, a todos apetecia voltarem ao carro e dar uma volta pelos locais mais

emblemáticos da Ilha. Subiram ao Monte da Guia, com uma especial vista sobre a Doca e a praia de Porto Pim. E, naturalmente, vendo o Pico, em frente, nesse dia com a parte superior dentro de nuvens, como um algodão doce que se ia lambendo até deixar o cume à mostra. Mas não, nesse dia a alegoria não cedeu à realidade.

Era quase hora de almoço, o que obrigava a procurar um restaurante próximo. Consultando as hipóteses via Internet, foi escolhido um, imediatamente antes da Capitania do Porto, já nas imediações do Peter. Era uma comida a roçar o gourmet, interessante e saborosa e ainda tradicional. Tomado o café, seguiram o caminho da freguesia do Capelo, mais propriamente dos Capelinhos, nome do Vulcão que assolara a Ilha do Faial, repercutindo-se em frequentes sismos no Pico durante cerca de um ano, de Setembro de 1957 a Outubro de 1958. A paisagem era estéril, parecendo que a areia tinha sido sugada ao mar, misturada com lava solidificada, formando uma espécie de deserto entrando pelo mar adentro, onde sobressaia uma montanha nova, de altura média, com aberturas de enxofre ainda acendido, e uma caldeira que morria ao fundo do cone, visto do topo, como se pudesse abrir, de novo, a qualquer momento, e expelir a lava incandescente que nasce, inopinadamente, do interior da terra.

O Farol, a funcionar desde 1903, um pouco inclinando, mantinha-se ainda majestoso, permitindo a visita com subida ao último andar, com uma vista de 360 graus espantosa. No meio daquele deserto, mas já longe do mar e cone do Vulcão, o Centro de Interpretação que haviam construído, sem agressão à paisagem, dispunha de toda a informação que um turista poderia ter, mesmo investigador. Em salas sucessivas, podia ver-se e entender-se o fenómeno, em geral e em particular, das erupções vulcânicas. No caso dos Capelinhos, até a emigração para os Estados Unidos e Canadá dos faialenses e picoenses.

Praticamente todas as casas nas imediações haviam sido destruídas ou soterradas, contudo uma espécie de armazém de botes baleeiros havia sido reconstruído, junto de uma peculiar praia de mar que parecia exigir calçado náutico para proteção das rochas submersas. Mas o mais importante era a visão do resistente Farol e das rochas lapidadas pelo mar bravio ou lambidas pela maresia, configurando anatomias de gentes, de monstros ou apenas de pedra vulcânica talhada irregularmente pelo tempo e pelas tempestades.

Os turistas, de ocasião, estavam cansados de andar sobre a areia e rochas, apesar do entusiasmo em terem entendido o que lhes fora contado sobre o Vulcão das Capelinhos. A verdade é que tinham aprendido, em cerca de duas horas, muito mais do que a Escola lhe ensinara. "Ainda falta verem, pelo menos, a Caldeira, mas terá de ficar para a próxima vinda ao Faial.".

Era altura de regressar à Horta, ainda com passagem pelo monumento e

miradouro da Espalamaca, já que Teresa não dispensava essa visita. O dia, apesar de entardecer, ainda tinha aquela luz que contorna os objetos, neste caso as Ilhas. Teresa alvitrou ver-se a Graciosa, ao lado e parcialmente por detrás de S. Jorge, sem certezas, mas esta ilha via-se ainda bem, e em boa parte, por detrás do Pico. As suas origens tão nítidas, como a "maminha" do colosso, tão perto, que apetecia tomar como remédio ancestral para todos os males. Se a vida tinha sido madrasta, esta vista dissipava as mentes de congeminar tantas desgraças.

Ao voltarem à Cidade, descendo a estrada para a Alagoa, Teresa passou pelo caminho onde ela e Fernando tinham entrado, numa vereda de terra batida com o carro de Anita. Parou. Num desprendimento de quem havia esquecido o passado recente, não a sua história de vida.

Teresa, olhando para Eduardo, disse-lhe: "Foi aqui que foste fabricado!" "Mãe! Estás bem?". "Claro que sim. Só digo isto, porque apesar de tudo, és a pessoa que mais amo na minha vida." "Entendeste?"

Eduardo já tinha entendido e Isabel também. Só Palmira, calada, ficou a matutar o que esta gente mais de Lisboa do que do Pico inventava para se distrair nas viagens.

Teresa continuava a conduzir, percorrendo agora a Avenida Marginal. Curvando para a rua principal e aproximando-se da entrada do Liceu - depois Escola Secundária Manuel de Arriaga -, quase em frente ao Forte (Hotel Pousada). "Foi aqui que estudei. Na altura chamava-se Liceu Nacional da Horta. E, muitas vezes, ia a pé até casa, para almoçar, porque não havia Cantina nessa altura. À noite, depois do jantar, vinha até à Praça da República, próxima de casa, ou então à Praça do Infante D. Henrique, mesmo antes do Liceu e junto do mar da Doca. Comíamos gelados, convivíamos com os amigos. Éramos felizes, sem saber. "Ainda tinhas de andar um bocado, neste último caso." – Disse Eduardo. "Sim, mas nada que nos preocupasse, a não ser nos dias de chuva.". "Mãe, mas isso era quase todos os dias…" – Riram todos.

"Que simpáticos! Claro que chovia algumas vezes, mas só tínhamos de esperar que esteasse e, se isso não acontecesse, apanhávamos a "Urbana" e tínhamos sempre de esperar em cima do tapete da porta de casa que a água parasse de escorrer, despir a roupa e embrulhar numa toalha, antes de entrar. "Gostei dessa última parte.

E ficavam muito tempo nesse estado?" – Disse e perguntou Eduardo, a gargalhar, acompanhado por Isabel e Palmira.

“Engraçadinhos! É apenas modo de dizer. Mas tínhamos de nos enxugar primeiro antes de entrar em casa. Mas, para vossa informação, já tínhamos guarda-chuvas nessa altura, pelo que a molha nunca era muito grande.”. “Pois, exageras e depois cobras a estes pobres jovens.”.

“Ah, ah, ah… Mudando de assunto, gostaram do passeio?”. Todos haviam gostado, principalmente Eduardo e Isabel, fascinados não só pelas paisagens, mas também pelo cenário do Vulcão dos Capelinhos e, em particular, por toda a informação contida no seu Centro de Interpretação. Palmira, sem saber expressar muito bem o que sentia, limitou-se a um: “Gostei muito, prima!”.

“Pessoal, e se fossemos jantar ao Peter e tomássemos um *Gin*?”. E depois podemos passear um pouco pela Marina.”.

Todos de acordo.

Carente de tudo

Carente da vida, morrendo
de tudo e de nada
roubados à força escondida

que percorre o meu corpo
vivo e sequioso de sustento
que só posso sussurrar-te
ao ouvido, num lamento,
e desejo de extrema unção

Não, não estou para partir
ainda, mas para te amar
sou capaz, de moribundo
me fazer ao Mundo, o que
apenas contigo comungo.

Avelino Rosa, 10-06-2020

Pela manhã, regressaram ao Pico. O Dia estava até razoável, ainda sem o Sol se fazer notar e sentir. Mas quando tentavam sair do barco, o carro resolveu não responder aos anseios da humana, oferecendo resistência em fazer o seu trabalho: pôr o motor a funcionar. Já rodeado de marinheiros que temiam em não se livrarem a tempo do veículo transportado para o Pico e embarcar outros com destino ao Faial, preparavam-se para o empurrar até ao cais, deixando-o à responsabilidade de quem o alugara. Mas carro também tem o seu brio. E, quando se preparavam para o empurrar, uma aceleradela de Teresa fê-lo rugir, como um felino selvagem acossado por caçadores de baleias furtivos. Teresa mal teve tempo de evitar as baias de segurança do barco e travar a intempestiva atitude antes de bater em qualquer obstáculo na saída. As palmas dos tripulantes do Ferry e dos passageiros do veículo deixaram Teresa apreensiva. Que raio de coisa havia acontecido? Seria melhor ter posto a casa do Faial à venda ou não? Tinha de falar com os filhos. Bem, com o filho, cuja opinião poderia ter participação de Isabel. Estas certezas que resultam do quotidiano da vida, ao cabo de anos ou mesmo de uns poucos meses, minam ou alteram os padrões que preestabelecemos como enquadradores dos nossos procedimentos comportamentais.

Passou a condução a Eduardo e ligou a Virgílio. "Desculpa não ter ligado ainda, mas não tive oportunidade... Sim, está tudo bem, mas gostava de ter perguntar o que achas da minha casa na Horta. Devo vender ou mantê-la?" "O teu filho o que acha?". Perante o gesto de Eduardo que enfatizou: "Tanto me faz", Teresa repetiu e concluiu: "Tanto lhe faz e não penso que ele e Isabel queiram mantê-la, já que não é aqui que pretendem viver.". "Então autorizas-me que a coloque num mercado reservado a clientes com requisitos especiais?". "Sim, claro. Tenta obter uma boa proposta de compra.". "Assim farei. Beijinhos.". "Obrigada. Beijinhos.".

Chegados ao destino, casa do pai de Teresa, estavam também os avós paternos de Eduardo. O jantar foi substancial. Na verdade estavam cheios de fome. Abílio, exercitando a o canto da boca, disse: "No Faial não se come. Começaram a imitar a comida *gourmet* e esqueceram as origens, se alguma vez as tiveram. Aqui é que se come como deve ser.". "Homem, também se come bem noutras terras, que isso é soberba nossa." – Disse Amélia Marcado, querendo compor a dissonância do marido. Ana, compreendendo a preocupação da comadre, acrescentou: "Sim Amélia, tens razão, mas não podemos deixar de marcar a nossa posição na gastronomia do nosso País. E quanto a bebidas, temos a nosso favor a História quanto ao nosso Verdelho, que até era saboreado pela Corte dos Czares da Rússia. Temos de manter o nosso orgulho!". Amélia acenou com a cabeça. E, para comemorar, Macedo, que acabara de chegar, retirou do saco que trazia uma

garrafa de Verdelho da Adega Cooperativa do Pico, sediada na Madalena. "Parece que foi de propósito." – Galhofou João Cansado. "Era para eles levarem de recordação." – Respondeu Macedo.

"Deixa lá as recordações, temos é de viver o presente. Vamos mas é abrir a garrafa e fazer disso um dos melhores momentos das nossas vidas." – Rematou Abílio, já "tocado" pelo tinto morangueiro. "Apoio." – Disse João. "E eu também." – Disse Macedo. E, num vozeiro animado, Ana, Amélia, Teresa, Eduardo e Isabel, levantado o braço direito: "E nós também!". Palmira não disse nada, porque tanto lhe fazia. Aliás, nunca tinha bebido verdelho nem sequer vinho, apenas um licor que a enjoou, a ponto de pensar que estava grávida.

A garrafa, inclinada à medida dos copos, pequenos e elegantes, percorreu todos os presentes, até ficar com uma réstia de líquido que Macedo meteu à boca, decretando o seu esvaziamento total. A bebida foi acompanhada com figos passados ou secos, nalguns casos curtidos ao sol. De resto, o Verdelho vale por si mesmo. Sendo um vinho de aperitivo, também não o é. É mais uma espécie de néctar que toma conta das papilas gustativas e resvala na boca, como saltando entre currais, deixando o travo de um fogo-de-artifício, intenso, mas curto e amadurecido no próprio ato de degustação, finalizando num suave e doce sabor que amacia e deixa a garganta numa sensação de orgasmo incompleto.

Na hora de voltar, Teresa sentiu uma secura na boca. Apeteceu-lhe um pouco de água do tanque, que recolhia a chuva, na caneca de madeira curtida pelo tempo. Fresca, sabendo aos sabores da terra onde nascera e que não sabia quando voltaria a entranhar-se nela. Na mãe Natureza que a embalara, criara e a fizera mulher. E dividia-se ente o Pico e o Faial, como germinação e crescimento de ambas as ilhas. Sacudiu a cabeça, como se acertasse os cabelos desalinhados para afastar os pensamentos indefinidos, ao mesmo tempo que pareceu afagar as faces e a testa com as mãos esticadas. Não tinha febre, mas sentia a cabeça quente e a latejar. Despejou um pouco de água nas mãos e percorreu o rosto de um lado ao outro. Depois com as duas mãos secou a água, como se as suas mãos tivessem o condão de deixar a pele apenas húmida e refrescada e os fantasmas tivessem mergulhado e sido levados para o mar, pela ribeira que escorria do alto da montanha, rescrevendo em ziguezague, sempre um novo leito, cuja beleza destruía tudo pela frente. Era essa a sua vida? Temia que sim.

A despedida preocupou Ana Cansado. Conhecia bem a filha, mesmo quando estava longe e alongava com ela as conversas de ocasião. Para os restantes, algumas lágrimas e abraços repetidos. Haviam todos de voltar em breve. E eles

estariam lá para os receber. Era tanto o que tinham para levar que Teresa teve de selecionar apenas o que podia caber nas malas. Que desculpassem, mas não podiam levar mais nada. Constrangidos, compreenderam, porque andar de avião não era o mesmo que ir até ao Faial, no barco da carreira.

E partiram, com Eduardo a conduzir, deixando a família e amigos atrás do carro, acenando até à curva que os encaminharia à estrada principal. Depois ao aeroporto do Pico, nas Bandeiras. Em trânsito pelas Lajes, chegaram a Lisboa a meio da tarde, após uma refeição simpática da SATA Internacional.

No aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, esperava-os Virgílio, que os levou até a Queluz, não sem notar que ainda bem que tinha trazido o SUV, senão teriam de levar um táxi atrás com parte das malas. Todos riram divertidos. Menos Teresa, de novo com uma lágrima ao canto do olho, colocando a mão na perna de Virgílio, demonstrando-lhe a sua afeição. Ele colocou a mão sobre a mão dela, conduzindo apenas com a esquerda. Eduardo, que ia também de mão dada com Isabel, não se conteve: "Se vão namorar, é melhor ser eu a conduzir. Que achas Virgílio?". Virgílio já sabia, mas esta era a confirmação de que Eduardo o tinha aceitado como parte da família. Olhou para Teresa, que lhe sorriu, enlevada, e voltou a colocar as duas mãos no volante: "Sem receios, jovem. Prometo que chegaremos inteiros.". Eduardo, mesmo por detrás dele, deu-lhe uma palmada no ombro: "E vamos jantar juntos. Nós por aqui estamos cheios de fome. Não é Isabel?".

Ao fim da tarde, Eduardo e Isabel foram para o seu quarto habitual, no segundo andar, onde depois da saída de Filomena tinham montado também um pequeno escritório, com o equipamento necessário para trabalharem e, porque não, namorarem também.

Teresa e Virgílio refastelaram-se no sofá da sala sem nunca ligarem a televisão, porque ela quis saber se havia novidades da venda da casa na Horta e ele respondendo que tinha ido lá de propósito, enquanto ela estava com os pais dela e sogros, por isso não lhe havia dito nada, chegara à conclusão que a casa, apesar de dimensões razoáveis, não valeria muito, porque naquela zona, infelizmente, a procura era escassa ainda e os preço que os eventuais compradores ofereciam não lhe pareciam atraentes. Estava a pensar em duas alternativas: modernizar a casa totalmente, incluindo o fecho e abertura do portão da garagem por controlo remoto, investimento que não seria barato nem com venda vantajosa garantida, ou, se ela estivesse de acordo, em divulgar a venda de um modo mais amplo fora de Portugal, em particular no Reino Unido, França e Estados Unidos da América, mercados emergentes relativamente aos Açores, mas que pareciam promissores. O problema é que ela teria de esperar algum tempo mais, antes de terem o *feedback* desse marketing. Teresa concordou que se vendesse tal como estava, porque representava um passado que preferia esquecer.

Aninhando a cabeça nas pernas dele, abriu o botão das *jeans*, deixando repousar o corpo sobre o resto do sofá. Virgílio, com a mão esquerda, deixou os dedos escorrer pelos cabelos dela, enquanto a outra, aberta sobre o ventre e sob a t-shirt, a acariciava em movimentos lentos. Um gemido, suspirado, fê-lo entranhar a mão por debaixo das calças, abrindo mais o fecho. Os dedos percorreram, devagar, o caminho, até ficarem húmidos do desejo que transbordava. Um amor, até aí, sempre mitigado. Acariciou-a, ao de leve,

lentamente, até sentir que ela comandava a mão dele, os dedos que a podiam penetrar e soltar o prazer acumulado, libertando-a de preconceitos e tabus, apesar das suas experiências sexuais. Teresa, quase fazia "explodir" a casa, num orgasmo que nunca tivera, que lhe parecia não poder existir. Virgílio, apressou-se em colocar-lhe a mão na boca, mas em vão. Ouviram alguém a descer as escadas. Ligou a televisão à pressa.

Apareceu Eduardo, de t-shirt e cuecas, com ar de aflito e acordado de um sonho que experimentava. Virgílio pediu-lhe desculpa e Teresa nem sabia o que dizer. "Pronto, já entendi.". Mas, agora com um ar de "malandreco": "Prometam-me que quando estiverem os dois a fazer amor, não deitam a casa abaixo!". E retirou-se, subindo as escadas de dois em dois degraus. "Achas isto normal?". "Eu acho.". "Malucos. Tu e ele.". "E tu, como ficaste?". "Cheio de vontade, mas posso guardar para mais logo.". "E vamos ter mais logo?". "Se tu quiseres…". Teresa entendeu que este episódio significava que a vida vinha aí, de novo, a caminho e passos largos. Todos os seus receios se dissipavam. Era a altura de esquecer todas as provações. Era o momento para recomeçar a viver.

Teresa levantou-se, decidida. Hoje jantas connosco. Vou eu preparar o jantar. "Ó malta lá de cima, vamos jantar em casa. Isabel estás disponível?". Isabel já estava. O jantar ia ser pesado, mas que se lixasse. Para quem vinha da Ilha do Pico era apenas uma repetição parcial da ementa que haviam experimentado. "Que vamos fazer Teresa, ou devo dizer sogra?" – Disse Isabel, a rir. "Se me chamas sogra outra vez, nem sei que te faço…". "Juro que não digo mais!". "Acho bem. Agora, concordas em fritarmos inhame e linguiça e pôr o Virgílio "Ko"?". "Sim. Mas se jantarmos cedo e paulatinamente, e depois dermos uma volta a pé pelo bairro, para esmoer, como vocês lá dizem, o jantar estará digerido antes de irmos dormir.". "Porquê que é que o meu filho te escolheu para namorada e mulher?". "Sei lá! Porque sou filha da tua melhor amiga? Porque ele gosta mesmo de mim e eu sou uma rapariga interessante?". "Presunção e água benta…". E riram as duas, abraçando-se como mãe e filha. "És a minha nora predileta! O meu filho tem sorte em te ter como mulher.". "Olha o fogão…".

Estava escrito, algures, que dois casais sobre o mesmo teto ou se odeiam ou se amam incondicionalmente. Assim como comeram a linguiça e o inhame do Pico. Não que houvesse ligação entre estas frases, mas quem gosta da última não dispensa a segunda parte da primeira e o resto nem existe. Eduardo, que tinha estado com Virgílio na sala, disse-lhe: "Espero que fiques cá hoje e sempre e que faças a minha mãe uma mulher feliz!". "Não estás a exagerar?" "Não. Só não gostava que me chamasses filho, porque não és meu pai, já que não me orgulho dele, nem quero chamar-te padrasto porque não mereces.". "Eduardo e Virgílio, certo?". "Certo. E fico grato por teres entrado na nossa vida.". Eduardo esticou-

lhe o punho cerrado que bateu no de Virgílio, infletindo para um aperto de mão invertido e depois batendo na palma da mão. Amigos, antes de tudo e para caminharem juntos no futuro. Virgílio ficou nessa noite, no quarto de Teresa.

Nos dias seguintes, com a concordância dela, começou a remodelar o escritório que Fernando tinha usado, tendo ela feito questão de retirar os livros e outros objetos dele, perguntando a Eduardo se queria guardar alguma coisa. Este respondeu sem olhar para nada: "Não, dispenso!". Foi tudo para o lixo. Virgílio, além dos seus livros, não apenas sobre viagens, mas de muitos clássicos que fora lendo ao longo dos anos, montou dois computadores, em rede, com écrans enormes, sobre uma secretária avantajada e com uma bancada do lado direito, com diverso equipamento, que permitia a captação e visualização de vídeo e som, e uma impressora laser a cores. Para não falar noutros equipamentos presos à parede sobre o que se podia chamar um míni estúdio, como um *mapa mundi* eletrónico, as diversas horas dos principais Estados e Cidades do Planeta… e outras *gadgets* úteis a quem dirige uma Agência e Viagens, e não só. Nos quatros cantos da sala, colunas duplas com potências diferentes, permitindo ouvir música, apenas a Rádio e ou o som de filmes. Finalmente, dois televisores, estrategicamente colocados, um, de 66 cm, fixado acima do estúdio e sobre o écran do computador mais próximo, destinado à produção de vídeo e o outro, de maior dimensão, com 130 cm, saindo de uma das estantes, também sobre os écrans, podendo rodar para o lado destes ou para um espaço de convívio, com um sofá para duas ou três pessoas e dois individuais, colocados de modo a que se pudesse conversar ou desfrutar de um filme no televisor maior, com o som das colunas em alta definição. O resto do quarto, apesar de amplo, abarrotava de estantes e livros. Com muitas fotografias, à frente dos livros, tiradas um pouco por todo o Mundo, com gentes muito diferentes, algumas confirmando o prestígio de Virgílio na organização de excursões, congressos e encontros de empresas de topo. Entres elas algumas relativas a congressos e seminários médicos. A iluminação da sala também podia ser controlada, em duas zonas – a dos equipamentos e a de convívio -, permitindo, desde uma luz difusa, até uma quase penumbra em que se via predominantemente o equipamento instalado.

Virgílio não deixara ninguém entrar no seu novo escritório, antes de estar acabada a sua transformação. No dia em acabou a recomposição, após o jantar, convidou a família a ir tomar um café com ele no primeiro andar da Vivenda, mais precisamente no escritório que andara a remodelar. Abriu a porta, já sem estar fechada à chave e surgiram as luzes dos equipamentos que previamente ligara. "Isto parece mais o cockpit de uma nave espacial." – Disse Eduardo, espantado. "Uau!" – Exclamou Isabel, sem mais palavras. Teresa nem disse nada,

quis que ele ligasse a luz, para ver as fotografias. Depois deu-lhe apenas um beijo sonoro, que dizia tudo.

A conversa, nos sofás do escritório, depois das explicações de Virgílio sobre a utilidade de cada equipamento, sobretudo para a AzorTours, resvalou para os produtos que a Ciência ia criando e introduzindo em benefício da Medicina. Claro que, com custos nem sempre suportáveis pelas entidades de Saúde. Mas Virgílio era um dos principais críticos dessa política, que deixava de lado os países menos capazes de suportar tais custos. Teresa comungava da sua amargura, sabendo que a mentalidade dessas empresas estavam apenas voltadas para o lucro. Algumas descobertas e aplicações médicas e tecnológicas podiam salvar muitas vidas ou, pelo menos, mitigar o sofrimento, sobretudo, de crianças com cancro e outras doenças, em fase terminal, prolongando-lhes a vida com uma qualidade aceitável. Era o que Isabel gostaria de fazer como investigadora. "Fico feliz com isso. Ainda descobres algo que nos faça chegar aos 150 ou mais anos.". "E para que queres chegar a essa idade? O nosso corpo envelhece e, até agora, nada se conseguiu fazer para evitar isso, muito menos encontrar a água ou elixir da juventude. Donde, mesmo que consigam que vivamos mais tempo, será quase certo que num estado quase vegetativo ou com perda de capacidades e da nossa autonomia. A propósito, deves conhecer o físico Stephen Hawking…". "Sim, conheço, aparece sempre em cadeira de rodas, não mexe o corpo nem fala, exprimindo-se através de um sintetizador de fala e deverá ter, apesar das piores previsões, 74 ou 75 anos.". "Boa. Mas é uma das poucas situações aceitáveis, apesar da perda da qualidade de vida, pela sua doença degenerativa, porque tem dado importantes contributos à compreensão do Universo, sobretudo quanto à sua estrutura e aos buracos negros.".

Mas o que era uma qualidade de vida aceitável? – Queria saber Virgílio. Teresa nunca soubera responder a essa questão. "Como no caso de Stephen Hawking, o sacrifício dele serviu a Humanidade e deixará um vasto legado científico. Mas, na maioria das situações, não se entende porque as pessoas, muitas vezes crianças, possam sofrer, sem qualquer esperança. Há uma altura da vida, independentemente da idade, em que se deixa de saber, de acreditar, o que é melhor para cada um. Isso atinge o doente, que sofre atrozmente e a família que também sofre por impotência, desejando, muitas vezes que o ente querido morra, porque não merece passar por uma provação tão dantesca. Mas…".

Entre o morrer e o sofrer há um "instrumento" que calibra o critério de manter a "máquina" da esperança de vida ou de desligá-la, porque ela própria, "máquina", morreu de saturação ou por outra razão qualquer. O mesmo é dizer que deixou de suportar uma vida. É quando o gráfico oscila entre o sim, o talvez e o não, a leitura fica refém do nada. O não é nada. Significa apenas que morremos, que não somos nada. Que deixámos de ser. Numa criança,

extrapolando, diz-nos que nunca devia ter nascido. Não é um *nado morto* mas uma criança que viveu, mas que pode acabar por "matar" os pais. Teresa sabia-o bem. Relativizava cada caso. Mas ficava dias a matutar sempre que lhe acontecia um desfecho idêntico.

A Filosofia ajuda, porque a fé "move montanhas", mas estas não movem nada, a não ser expelir a lava de vulcões, colorindo o Céu, de fogo e cinzas, despencando sobre os territórios contíguos, lavrando-os com a sua lava incandescente e queimando tudo o que encontra, reduzindo-os, em dias ou horas depois, a lava solidificada que, geralmente, acrescenta novo espaço de terra, infértil e no começo cheirando ainda a enxofre. O dilúvio escorre dos olhos, mas a enxurrada não limpa nada, muito menos o ser, que tolda, cega, magoa. A vida de quem fica perde um pedaço. Uma parte da vida.

A crença em Deus pode ajudar, mas não explica os factos. Não esclarece nada. A misericórdia para parar o infortúnio nada acrescenta ao que se segue. Apenas preces e rezas que em nada alteram o que o Criador quis criar. Que é o mesmo que dizer: "Rezei três terços e pedi a Deus que me libertasse deste pesadelo. Alguns segundos depois, levei com um tijolo na cabeça e fiquei tontinho. Nunca mais soube quem era.". Deus não existe ou apenas vive no nosso *alter ego*. Uma espécie de entidade a quem perguntamos, a nós mesmos, se existimos de facto e o que por aqui fazemos. Ninguém sabe. Mas tentamos saber, é verdade.

O Telescópio James Webb, complementando o Hubble – que muitas novas trouxe ao nosso saber -, fica mais longe, estacionário, e trará ainda mais conhecimento do que nos proporcionou o seu antecessor. Cem vezes mais potente. Podendo explicar o princípio do Universo: o *Big Bang*. Segundo a teoria, este surgiu a partir da explosão de uma única partícula – o átomo primordial, há cerca de 13,8 milhões de anos. Qual a diferença? Criado por Deus ou pelo *Big Bang*, parece igual. Aliás, o primeiro parece ter precedência. Ou o engano é colossal ou estão a querer substituir um Deus bíblico por um outro Deus científico, que não explica mais do que uma hipótese da criação do Universo, tomada como uma verdade insofismável. Ou seja, o *Big Bang* é também uma questão de fé, porque não certeza científica.

Virgílio estava espantado com o conhecimento dos "filhos" e, em particular de Isabel – que, entretanto, se tinham retirado -, cansados do dia. E depois dizem que são os "cotas" que amolecem – Disse, a sorrir, Virgílio. "Estás a dizer que se cria uma nova religião, agora com contornos científicos, sobre a criação do Universo?". "Nem mais, parece que Hegel e Engels tinham razão quando referiram a evolução da História em espiral, com diferentes cambiantes. Ou Camões, ao dizer "Todo o mundo é composto de mudança / Tomando sempre novas qualidades.". "Isso não é demasiado radicar? Repara que apenas no que disseste vai um longo período da História." – Afirmou Teresa.

“É o que empobrece o nosso raciocínio. Voltamos sempre ao mesmo, em circunstâncias diferentes, mas a ancestralidade do nosso comportamento e, subjacente a ele, o nosso subconsciente, apesar da informação que fomos armazenando, leva-nos sempre, afinal, a cometer os mesmos erros. Devíamos ter uma luzinha vermelha ou um écran visualizável que nos alertassem, em cada ocasião, dos disparates que estamos a repetir. Mas, então, não seríamos humanos, apenas humanoides e já entramos na ficção científica.”.

“Não deixas de ter razão. Para resumir tudo isso, até agora, apenas sabia que gostava de ti. Agora…”. “Agora, o quê? Deixaste de gostar?”. “Bem, agora, apetece-me beijar-te, levar-te para a cama, fazer amor e ficar agarrado a ti toda a noite. Para sempre! Aceitas?” “Já fazes parte da família. Somos um bocado um do outro, não somos?”.

Eduardo e Isabel continuavam o namoro, com o beneplácito dos pais dela e, claro, de Teresa e agora de Virgílio. Embora Isabel aceitasse que a vida a sério ainda estava para vir, sentia que o seu lugar era ali, junto do homem que amava.

Teresa foi avisando que no ano seguinte gostaria de ir de novo aos Açores, não só para ver os pais, mas também para visitar outras ilhas que conhecia mal ou em que nunca havia estado. Toda a gente concordou, incluindo Virgílio que se prontificou a elaborar uma proposta de programa de viagens entre as Ilhas, aproveitando as disponibilidades das empresas que trabalhavam com a AzorTours.

Teresa, que já não estava com a amiga Beatriz há algum tempo, telefonou-lhe. Beatriz estava a meio de uma consulta, mas podia almoçar com ela. Já tinham saudades uma da outra. Haveria muitas novidades a contar. Falaram de Isabel, que parecia de pedra e cal em casa de Teresa. Por sua vez Beatriz sentia-se em dívida com a amiga por, no fundo, estar a custear despesas que pertenciam a ela e ao marido. "Estás parva? Isabel é a minha nora preferida - rindo-se -, mais do que isso é como se fosse minha filha e sei que lhe dás uma mesada generosa. Eu e o Virgílio, felizmente, temos condições para eles acabarem os seus estudos académicos e até arranjarem empregos".

"E como te estás a dar com Virgílio?". "Eu, Eduardo e Isabel, estamos a dar-nos muito bem. Nem sei como me calhou uma pessoa assim. Empenhado com tudo e todos e sempre disponível, naturalmente exceto quando está fora, nas viagens que organiza e que tem de acompanhar os viajantes. Mas até isso começa a mudar, porque recrutou mais dois empregados seniores para a Agência de Viagens e começou a passar-lhe parte da responsabilidade pela organização e acompanhamento dos encontros e viagens VIP. Passa a maior parte do tempo a escrever sobre as viagens que fez, acrescentando fotos. O primeiro livro vai ser sobre os Açores e parece que terá algumas fotos minhas".

"Amiga, sinto-te feliz. Fico muito contente com isso.". "E tu, como estás?". "Na mesma. O Manuel continua, cada vez mais afastado. Acho que o divórcio vai ser inevitável.". "Lamento, amiga.". "Não lamentes, se ele não tomar a iniciativa, tomo eu. Estou tão farta dele, que só de o enxergar, fico com urticária.". A conversa terminou por aqui, porque Beatriz, anestesista, tinha de assistir uma operação daí a uma hora, deixando Teresa pensativa sobre a situação da amiga.

No café do Macedo, já sem as forcas de fundo, porque todos se tinham resignado à sua sorte, havia uma espécie de despedida simbólica, como se acabasse a sua convivência, não a amizade, que essa valia mesmo para além da morte. Macedo tinha aceitado ir até S. Miguel, amputar a perna, dizendo: "Sei que não voltarei, amigos. Quando morrer, o meu último pensamento será para

vocês, meus irmãos.". Abílio estava cada vez mais cadavérico, já mais morto que vivo e João, inicialmente, animado pela vinda de Teresa e Eduardo, por efeito de imitação dos amigos ou, mais, porque sem amigos, sentia que não valia a pena viver, definhando a olhos vistos. Mas, arrastando a voz, ainda foi capaz de dizer a Macedo, abraçando-o e a Abílio, ao mesmo tempo: "Encontramo-nos, em breve, seja onde for. Céu ou Inferno, seremos irmãos para sempre.". Macedo, assumindo que aquele poderia ser o último encontro dos três, rematou, gracejando ao seu estilo: "Desde que tenha boa cachaça, daquela de arrepiar os pelos do peito…".

Se Ana Cansado estava preocupada, pior agora ficou com a nova situação. Telefonou a Teresa – que deixara um telemóvel a Palmira, com as explicações, ao pormenor, de Eduardo -, dando-lhe conta quer o pai e o sogro estavam mesmo mal. Nem sabia o que havia de fazer. Quando Teresa perguntou se continuavam a alimentar o vício no Macedo, Ana respondeu que isso também podia estar a afetá-los, porque ele tinha ido para São Miguel, amputar a perna, e que se duvidava que voltasse. Teresa pediu à mãe para a manter informada sobre os três amigos, porque, ao cabo de tantos anos o que acontecesse a um poderia ter efeitos sobre os outros, sobretudo tendo em conta o que haviam passado por causa dela e do falecido marido. Não quis acrescentar que a sua vida, agora, estava estabilizada e feliz. Não lhe pareceu oportuno e, muito menos, inteligível pela mãe.

Virgílio tinha proposto à família, com aspas, que… "Nós somos uma família sem aspas, com já te disse." – Resmungou Eduardo, apoiado por Isabel. Virgílio pediu desculpa e, trocando um cumprimento de punhos cerrados com Eduardo, continuou a apresentar as suas propostas de viagem para a família para 2017. Uma contra proposta, para o final do ano, apresentada por Teresa, ficava marcada assim: de 8 a 12 de Dezembro: visita a São Miguel, com ida a Santa Maria de 1 ou 2 dias. De 13 a 17: Flores, com ida de 1 ou 2 dias ao Corvo. De 18 a 22: São Jorge e Graciosa. Tudo dependendo da possibilidade dos voos e do estado do mar entre as Ilhas. Portanto a aventura da ida aos Açores dependia das condições atmosféricas. Mas, fosse como fosse, tinham, de ter a alternativa de estar no Pico, o mais tardar, a 23 de Dezembro, porque tinha de passar o Natal com os pais. Isabel achou *cool*, sem ter a mínima noção do que era capaz o mar dos Açores, apesar de já o conhecer mas num período de boa disposição. Os outros riram, incluindo Eduardo, talvez por ouvir ou sentir o seu ADN.

A proposta de Virgílio não era tão ambiciosa: desdobrava-se entre uma ida a umas termas no Continente, durante uma semana, acoplada a um restaurante gourmet, no Centro do País, e uma a duas semanas no Algarve num Resort do

Sota-vento Algarvio, em datas a marcar, de acordo com as disponibilidades dos membros do agregado familiar. Além, naturalmente da ida à Vivenda de Vilamoura em fins-de-semana prolongados.

A família acabou por aceitar as propostas de Virgílio e de Teresa, dando prioridade à desta – porque se tratava, essencialmente, de uma questão familiar -, deixando a de Virgílio para se concretizar de acordo com as suas disponibilidades académicas ou de trabalho de Teresa e de Virgílio. O tempo galgara os dias, quase sem se notar, talvez porque a felicidade os fizesse esquecer dos dias passados, mesmo quando a depressão de Teresa os atraiçoava, numa espécie de volúpia *non sense* sem horas certas para as necessidades básicas da vida.

Mas a vida não respeita datas. Vai-se quando quer não quando Deus manda. – Diz-se que na Ilha do Corvo, quando um repórter perguntou a um habitante o que achava de, finalmente, terem um médico permanente, ele respondeu: "Ah, senhor, só há uma diferença. Antes morríamos quando Deus, nosso senhor, queria, agora é quando o médico diz.". E é sempre assim. Nunca é quando queremos, mas quando o corpo diz não – como o burro que empanca e não anda, por mais se lhe apertassem os sapatos na barriga. Morre-se quando se desliga qualquer coisa de um computador, um fio, por efeito de corrosão ou defeituoso ou, ainda, porque uma rotina informática, por qualquer "mistério", se cansa de obedecer ao comando para que foi programada: Se X sim, então Y não, se… E, num dia imprevisível – por nada ou por efeito de um raio fortuito -, a máquina toma o sim pelo não e leva o corpo ativo a inerte e reduz a "alma" a nada, que é o mesmo que dizer que desliga tudo, levando a zeros as funções vitais. Morre-se mesmo, inabalavelmente.

E nem se pense que a "alma" vai para o Céu ou para o Inferno, porque ambos estão mesmo à nossa frente, aqui na Terra que tão mal tratamos. O paraíso é a mulher que amamos, não importa quando, apenas porque se sente.

Em maio de 2017, o pai de Teresa, João Cansado, morreu. Talvez também porque o seu grande amigo Macedo Furtado não tivesse resistido à operação de amputação da perna. Ainda, por cima, foi enterrado como um anónimo em São Miguel, porque não se lhe conhecia gente de família nem ali nem noutro lugar. Bem dizia ele que não voltava ao Pico. Ele sabia da vida experimentada. E fora maltratado por ela até ao seu último dia, ao último suspiro.

João chorara. Uma das poucas vezes em que o fizera. Chorara o amigo, das horas de cavaqueira com ele e Abílio. Depois, sentou-se num cadeirão e foi-se

apagando, como um dos círios que o padre teimava em manter no altar até ao coto, mesmo que perigasse incendiar o altar e a igreja. E foi assim. Espalhou-se pelo assento, deixando o tronco escorregar para um dos lados do cadeirão, abandonado as pernas cansadas. Quando Ana acabou de lavar a loiça do almoço deu com ele naquele estado. Chamados os bombeiros e o Delegado de Saúde, colega e amigo de Teresa, nada mais havia a fazer.

Uma meia hora antes, João fora até a uma das suas hortas olhar as nuvens, metendo e esfarelando a terra nas mãos, como se avaliasse a sua fertilidade ou estéril condição que se fazia ressentir nas couves, nos tomates, nas cebolas… Em tudo o que a mulher plantava nos últimos anos. Teimava em cultivar sem adubos, sem fertilizantes… agricultura biológica dizia ela.

Ele queria dar energia à terra mas, se calhar, era uma energia já podre que, em vez de adubar, ia matando tudo à sua volta, até chegar a sua vez. Nunca ninguém o comprovará, mas era isto que pensava João Cansado, antes de morrer.

Teresa pediu a Virgílio que usasse dos seus conhecimentos. Queria ir ao funeral do pai. Chegou à igreja quando o padre estava a arengar o costume, neste caso até sobre alguém que nem era do seu rebanho, mas dava no mesmo já que a arenga servia para todos, com mais ou menos floreados. Ana ainda havia pensado velar o marido ali mesmo em casa e enterra-lo através da funerária mais próxima, mas não se atreveu. Ela própria e o marido, mais ainda, iriam ficar catalogados de Judas, de hereges, e sabe-se lá o quê mais… Que lhe perdoasse João, mas ia fazer tudo certinho, como se ele fosse crente e católico praticante. Custódio, mais uma vez não recusou a sua ajuda, metendo-se no carro e indo à procura do padre que, resoluto, disse logo: "O João dizia que eu não havia de por o cu no carro dele, agora também não o ponho no teu. E se o homem está morto, para que lhe serve a extrema-unção? Tragam-no para a igreja que daqui até ao cemitério nem se anda muito a pé!"- Disse e frisou o homem, dito de Deus.

Enterrado João Cansado, Teresa tentou convencer a mãe a ir viver com ela no Continente. Ana, de pronto: "Não saio daqui, rapariga. Além disso tenho a Palmira que me ajuda e bem pode tratar de mim e a quem posso deixar esta casa, se estiveres de acordo.". Teresa percebeu que a mãe tinha tudo controlado, como sempre, incluindo o seu final de vida. "Concordo mãe, podes dar a casa e as hortas, quanto ao resto das terras e equipamentos depois vemos.". Não era por nada, mas Teresa, que saia à mãe, não queria que, mais tarde, Palmira embeiçasse por um estupor qualquer e viesse a quer mais do que lhe era devido. Quase a divertia marcar terreno perante a mãe e a prima, quando nem queria saber das terras, mas também não queria que o árduo trabalho do pai se perdesse como água na terra ressequida.

Abílio, por sua vez, estava bastante mal, mais precisamente após a morte de Macedo Furtado e, agora, pior ainda com a morte do quase irmão João Cansado. Depois do AVC nunca mais fora o mesmo, perdendo a vontade de viver e nem saia de casa, quase sempre acamado. Amélia foi ao funeral de João Cansado, mas, quase sempre apoiada em Ana, com umas olheiras de meter medo.

Teresa visitou Abílio, que mal se levantou para a cumprimentar, querendo inteirar-se das condições de saúde do pai do seu falecido marido. Depois de falar com ele quase uma hora, de ter visto alguns exames entregue à mulher, concluiu que pouco havia a fazer. Abílio seguia o desfecho do pai. Aliás, admirava a resistência dele perante a sua situação clínica. E disse-o a Amélia, que já sabia e estava preparada. Amélia abraçou Teresa, como se quase se despedisse: "Minha querida, refaz a tua vida. És muito nova ainda e tens muito para viver. Desculpa o que o nosso filho te fez sofrer, mas ele era tão bom rapaz e gostava tanto de ti. Não sei como pode ficar tão deslumbrado pelas coisas materiais. Desculpa!". Teresa chorava também, não porque nela ainda habitasse qualquer sombra de Fernando, mas as memórias sempre incomodam. E ferem, toldam o pensamento. Mas Teresa sabia que já retomara a vida, no espanto da felicidade que lhe parecia, finalmente, destinada.

Em Agosto, Teresa recebeu uma chamada da mãe a anunciar a morte do Abílio Marcado, há 3 dias, tendo sido enterrado na véspera. Teresa ficou, agastada com a mãe, porque assim já não podia ir ao funeral. Só lhe restava dar os pêsames a Amélia, o que fez de seguida, referindo que apenas há poucos minutos tinha sabido da morte de Abílio. Para seu espanto, Amélia disse-lhe: "Fui eu que convenci a tua mãe a não te dar essa notícia de imediato. Queríamos poupar-te a esta horrível sequência, de mortes. Pelo Natal, se vierem cá, eu e a tua mãe vamos proporcionar-vos a melhor consoada possível, somos amigas e queremos-vos muito. Ah, incluindo o Virgílio, porque, como sabes, o Pico tem uma antena especial que tudo capta e sabe. Entendeste?". Estupefacta, Teresa, depois de uns segundos de silêncio, respondeu: "Sim, vamos todos. Um beijinho grande para si.".

Raio de coisa. Uma vez disseram-lhe que a mãe de um colega sabia tudo o que ele tinha feito durante o dia e mais durante a tarde, depois das aulas. Usando da lógica, já que a matemática era o seu forte, nunca conseguiu explicar essa equação que, lhe parecendo simples, não tinha solução credível. Equacionando que a emissão e transmissão da informação tivesse origem e sequência nas velhotas que militavam nas varandas, desocupadas da vida, que não fosse a intriga e a realidade aumentadas exponencialmente. Ou a simples ou fértil imaginação de

que nada mais tem para se agarrar à vida. Até aqui obtinha ela uma resposta coerente e lógica, mas após a casa do colega havia mais duas casas e entre estas e as que se entranhavam na freguesia existia uma ponte e uma distância de mais de cem metros, donde não se entendia como funcionava o sistema entre as duas casas que estavam em margens opostas de uma ribeira geralmente seca ou apenas com um fio de água. Teresa pensava agora nesta charada, como se tentasse perceber o que acontecera a ambas as famílias que se tinham unido nos momentos de maior desaire na povoação, tendo sempre vencido pela sua perseverança e indiferença ao que os outros pensavam deles.

Agora, as mulheres mantinham-se unidas. E era mesmo assim. Ana Cansado e Amélia Marcado aprenderam a viver como irmãs. Palmira passou a dar também uma ajuda a esta, quem sabe pensando que poderia aumentar o seu prémio de aturar duas coroas enxutas ainda, mas que, mais cedo ou mais tarde haveriam de esticar o pernil. Teresa sentiu-se chocada consigo mesma. Como podia pensar isso da prima, que até aí tinha sido sempre impecável com ela?

O Natal de 2018, que o de 2017 não se havia realizado, aproximava-se e havia que fazer os preparativos para tudo, até as prendas que iam oferecer a Ana, Amélia e Palmira. Que estranho a ceia e o almoço de Natal, com predominância de mulheres. A que acresciam Isabel e naturalmente, Eduardo e, agora, Virgílio. Num espaço de alguns meses do ano anterior tinham perdido três membros da família, todos homens, considerando que Macedo Furtado já fazia parte dela.

Depois de um período férias no Algarve, em Julho – sem grande história, mas relaxante -, seria expectável que o calendário e escalas entre as ilhas, desenhado para Dezembro não tivessem grande sucesso. Mas, para espanto de todos, foi cumprido quase à risca. E no dia 23 aterravam no Pico, levantando o carro alugado que os levaria até à povoação natal de Teresa. "Queres conduzir tu, Eduardo?". – Perguntou Virgílio, um bocado cansado de ter assegurado, quase exclusivamente, a condução dos veículos que utilizaram em São Miguel e na Terceira, que haviam visitado antes.

Apesar das mortes de Macedo, João e Abílio, o Natal decorreu, talvez por isso mesmo, com um grande empenho de todos. Falavam bastante, quase pelos cotovelos, tentando nunca mencionar os falecidos, para não estragar a alegria dos presentes. Omitindo os ausentes, gerava-se um ambiente artificial, incompleto, apesar de terem sido retiradas as cadeiras onde os falecidos se sentavam. Ana Cansado, agora matriarca da família, depois do jantar e antes das sobremesas, disse: "Desculpem tomar a palavra, mas não me contive. Morreram no ano passado três pessoas da nossa família, o João, o Abílio e o Macedo, que sempre vimos como irmão deles. Não tivemos forças para realizar nesse ano um Natal que mais pareceria um velório que uma festa. Hoje, sinto que estão aqui connosco, como sempre: bebendo, comendo, apontando os nossos defeitos, refilando, resmungado e agradecendo também o nosso trabalho, o empenho que púnhamos em tudo. O nosso sacrifício na labuta diária para os mantermos esperançados na vida. Por isso não os podemos esquecer, mas imaginá-los nesta mesa, acompanhando-nos em mais uma ceia de Natal. A eles, com a comadre Amélia, levanto o meu copo, desejando-lhes que estejam no seio do Senhor, felizes por nos ver homenageá-los.". E todos a acompanharam na homenagem, com os rostos fechados. Apesar de Teresa conhecer bem os predicados da mãe, perdeu todas as certezas. Amélia ficou embasbacada, limitando-se a colocar o copo na mesa e acompanhar os outros nas palmas do discurso de Ana. Quem faltava ficou, assim, presente e tomando parte da ceia tradicional. Teresa e Eduardo, lançando um mútuo olhar de conivência, dirigindo à mãe e avó um especial gesto de aprovação.

Amélia Marcado morreu em Fevereiro de 2019, apenas dois meses depois de

Teresa a ter abraçado e sentido que emagrecera de tal modo que lhe sentiu os ossos querendo romper-lhe a pele. Ela e a mãe sempre tinham sido grandes amigas. Talvez até mais do que irmãs, considerando as vicissitudes da vida porque ambas passaram. Ainda pensou ir ao seu funeral, mas a mãe dissuadiu-a, já que nada iria adiantar. Mas Teresa aproveitou para fazer a mãe ver que apesar de matriarca da família, tinha apenas 67 anos, nova demais para morrer, e quis saber se precisava de apoio ou se Palmira estava a tratá-la como ela merecia. Ao que esta lhe respondeu: "Minha querida, nós por cá todos bem. A Palmira arranjou um namorado, mas é uma joia de rapaz, que trata das hortas e, tanto quanto ouço, de Palmira também. Estou muito contente com eles.". Teresa, primeiro riu-se, mas depois ficou-lhe uma esquisita apreensão, sem entender o porquê. Ela nunca ouvira a mãe a abençoar um namorado de Palmira lá em casa e, muito menos, a fazer sexo com ela e, pelos vistos, pouco silencioso. Mas se a mãe dizia que estava tudo bem…

O resto do ano, apenas com Virgílio e Teresa ou também, nalguns casos, com Eduardo e Isabel, tentavam dar umas escapadinhas, sempre organizadas pela Agência de Virgílio, dentro e fora do País. Eduardo e Isabel, já com 26 e 25 anos, com mestrado e pós-graduações e trabalho assegurado, ele numa *Start Up* de robótica, ela, que se formara em Biologia, num Laboratório Internacional, na área de pesquisa e desenvolvimento de novos medicamentos, resolveram passar uns dias a conhecer a Grécia e Itália, depois França, em particular o Vale do Loire. Já em Novembro, resolveram ir uns dias a Macau e, depois, às Filipinas e Tailândia. Em todos esses locais a AzorTours tinha *Frendly Travel Companies*, o que permitia agilizar e obter condições especiais.

O jantar de Natal de 2019 decorreu, aparentemente, normal. Mas já não era a mesma coisa. Teresa sentia que apenas a mãe justificava este quase rito anual. Nada mais lhe dizia. Talvez a comida sim, mas já nem era feita pela mãe mas por Palmira. Podia até ser melhor, mas nem por isso mais saborosa, pelo menos nas papilas gustativas dela. Virgílio, Eduardo e Isabel pareciam esforçar-se por apoiá-la nesta quadra festiva e de memórias tristes também. Mas faltava tudo. Porque tudo mudara e deixara de ser. De ser com era, como se a evolução da vida fosse como a das espécies – O tratado de Darwin tantas vezes citado por Isabel. Só que bem mais rápida que do primata bípede ao homem atual, se é que, na verdade, nalguns casos, houve de facto evolução. Riam todos, na casa em Queluz. Claro, que falar dessas coisas no contexto da família açoriana, agora unicelular, seria levado como ofensa. Já que foi Deus quem fez o homem e de uma costela dele a mulher. E depois somos nós que imaginamos. O Mundo foi feito sempre de imaginários, quase sempre fantásticos, de uns quantos génios, muitas vezes chamados de lunáticos, outras vezes perseguidos e desacreditados. A Santa

Inquisição, com homens feios, horríveis, vingando-se da sua impotência, da sua própria anormalidade. E queimaram "bruxas" e génios do saber ou estropiaram-nos, física e mentalmente, só porque, na sua insignificância de bárbaros culturais, entendiam que a Ciência não respeitava os cânones religiosos. Porque aquela corria também mais depressa do que a pequenez dos seus cérebros atrofiados. Foram os primeiros a inventar os megaprocessos e a condenar sem provas. E, como cães abocanhados a um osso, atiraram para a fogueira, mesmo *in esfinge*, os que já haviam sucumbido nas masmorras do Santo Ofício. Uma espécie de *Voudu*, de rito pagão, que não se podia espetar, mas uma figura de pano e palha patética pendurada numa forca sobre a fogueira que a queimava. Assim se assegurava que, mesmo depois de morto, o condenado era consumido pelo fogo do Inferno.

E que ainda hoje persistem, rotuladas de desequilíbrio mental. Melhor fora classificar esse distúrbio como o de psicopatas, ausentes e insensíveis ao sofrimento humano, refugiando-se na frieza e insensibilidade do seu comportamento. E que os séculos e o avanço da Medicina não apagaram da vida quotidiana, sobretudo nos casos em que nem o psiquiatra consegue estabelecer um elo entre o diagnóstico e as consequências comportamentais.

Ainda na visita a Macau, pairava no ar uma ameaça, mais um boato, que se ia instalando em morna preocupação, de que haviam descoberto um Vírus em Wuhan, cidade, com mais de onze milhões de habitantes, da China Central, Província de Hubei. O Vírus - que teria sido encontrado num mercado de venda de animais vivos, desde morcegos a macacos -, teria um efeito devastador sobre os pulmões. Na verdade, ninguém se preocupava muito com isso. Afinal já tinha havido a "gripe das aves" e a "pneumonia atípica", além de outras ameaças à saúde pública, que pouco tinham atingido mais que a comunidade local. Embarcaram no Aeroporto de Macau para a Tailândia, onde conheceram um pouco de Bangkok e ficaram uns dias em Phuket, no Meridan Phuket Beach Resort. A seguir novo voo para as Filipinas, visitando o essencial de Manila e permanecendo também uns dias em Boracay. Aqui nem se ouvia, ainda, a alusão a qualquer Vírus. Como continuaram sem notícias do mesmo já em Portugal e, mais tarde, durante a sua viagem aos Açores.

Foi só a 9 de Janeiro de 2020, que ficaram a saber que o Centro de Prevenção e Controlo de Doenças da República Popular da China informara, a 31 de Dezembro, que "um novo corona Vírus, SARS-CoV-2, (denominado, posteriormente, de COVID-19) fora descoberto como agente causador de 15 dos 59 casos de pneumonia". O Ocidente levou algum tempo a reagir, supondo-se que o Vírus seria contido em espaço chinês, mas a realidade demonstrou o contrário. A 11 de Março, já com 114 países com mais de 118.000 casos e 4.291 mortes, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou o surto como Pandemia que se expandiu rapidamente, com milhões de infetados e milhares de mortos. Os Países mais atingidos ou à medida que iam sendo atingidos tomavam medidas de isolamento e quarentena, encerrando todas as atividades não essenciais.

A chegada do surto à Europa, além da quarentena obrigatória para quem tinha contactado com possíveis infetados com o COVID-19, levou os Estados a decretaram, de modo geral ou localizado, o confinamento da população, que não assegurava serviços essenciais, obrigando-a a manter-se em casa, só podendo deslocar-se em caso de necessidade absoluta.

No caso português, o Governo mandou cessar todas as atividades, mantendo apenas as consideradas essenciais como os cuidados de saúde, a segurança e proteção civil, a salubridade básica e supermercados e restaurantes com venda de comida para fora, desde que estes observassem alguns procedimentos que obstassem à propagação do Vírus. Algumas empresas puderam recorrer ao *lay-off*, apoiado pelo Estado e outras, não prestadoras de atividades básicas ou urgentes, como também a maioria dos Serviços Públicos, passaram a utilizar o

teletrabalho, sempre que praticável, mantendo um mínimo de atendimento presencial ao público, quando agendado e observando as orientações da Direção-Geral de Saúde (DGS). A Tele-Escola foi recuperada para os mais novos, ficando os universitários em contacto eletrónico com as respetivas instituições de Ensino Superior.

O confinamento foi enquadrado pelo Estado de Emergência, que durou de 22 de Março a 2 e Maio, obrigando as pessoas a manterem-se em casa, a não ser para se dirigirem a Hospitais e adquirir comida ou medicamentos, nalguns casos mesmo proibindo a saída da residência de grupos de risco e até a não deslocação entre Concelhos por altura da Páscoa e na sequência de feriados. Os aeroportos foram encerrados. Foram determinados "cercos sanitários" a espaços com focos mais preocupantes, como a Cidade de Ovar. As autoridades, tanto quanto possível, fiscalizavam as deslocações exigindo a comprovação dos motivos que levavam as pessoas a circular em veículo privado ou transportes públicos, como os profissionais de saúde. Os Lares de idosos eram uma preocupação acrescida, não só pelo perigo de propagação fácil da doença, mas também pela proibição da visita a familiares, já que se constatara que o Vírus afetava perigosamente as pessoas mais idosas, vulneráveis e frágeis.

Em princípios de Maio de 2020 alguns países, sobretudo Europeus, começaram a adotar procedimentos que aliviavam as medidas restritivas, de confinamento, face à catastrófica paralisação global da economia e dos custos associados, que levaria alguns anos a retomar, segundo alguns, que também previam uma segunda e terceira vagas, antes da descoberta de uma vacina aplicável em massa. Em Portugal estabeleceram-se três fases de desconfinamento, com diversas restrições, a partir de 4 e 18 de Maio e 1 de Junho.

No edifício em frente, com amplas varandas, a vizinha do segundo direito não se coibia de, nos dias de sol, por o corpo a bronzear, assim sem mais nada. Aproveitava ao máximo o sol em cada recanto do corpo. Virgílio ainda olhou para lá, uma ou duas vezes, até sentir na cara o peso da mão de Teresa. E não podia contrapor que houvesse uma exibicionista qualquer que pudesse ter cativado o olhar dele. "- Isso é violência doméstica. E ainda dizem que são os homens que batem nas mulheres.". "- Deixa-te de lamúrias, não te bati. Dei-te apenas um tabefe por me teres humilhado, olhando gulosamente para outra.". "- Gulosamente?! A mulher é uma aberração, gorda, disforme…". "- Mas estava nua, por isso olhaste.". "Pois…". "Então olha para mim que te chega. De acordo?". "- Dito assim, até gosto de "tu"!". "- A sério?". "- Sim amor…". E depois… Bem, o depois incendeia e consome os amantes.

O homem que apanhava peças de lixo, desde papel a objetos de metal ou de madeira, no ponto de recolha de lixo, mesmo ao lado do prédio, pomo de discórdia dos habitantes do Bairro, quando coincidia a hora de bronzeamento, não se coibia de uma espreitadela para o corpo que relaxava numa cadeira de praia. De repente, gritava: "- Tenho o Vírus, afastem-se todos!". A mulher saltava, ainda meio a dormir, da cadeira e enroscava-se na toalha de praia, desaparecendo para o interior do seu apartamento. O homem ria, ria, ria… como louco que estava, que era, levando alguma vizinhança, que assistia à cena quase quotidiana, a soltar sonoras gargalhadas, que ressoavam amplificadas pelo Bairro inteiro.

Mas alguém não se escondia. Era a "senhora Marquesa" que, naquela manhã, quando pretendia despejar o seu lixo doméstico, encontrou o homem ainda com a cabeça dentro de um contentor a catar coisas, com uma espécie de pinça comprida de fabrico artesanal. A "Marquesa", com as suas vestes de "nobre", desbotadas e rasgadas com crescentes buracos no pano, com uma máscara do carnaval de Veneza numa mão e o saco na outra, gritou estridente: "Mantenha a distância. Xô, xô, xô… Ponha-se a milhas já, ó sua criatura, seu… seu monstro da lixeira!". O homem olhava-a muito sério e respondia noutro grito, mais repenicado: "Acha-me com cara de galinha?". "- De galinha ou de galo, problema seu, porque o género não me interessa.". "- Olhe que lhe vou às fuças…". Quando a "Marquesa" já pensava que acabaria dentro de um dos contentores, o homem apontou-lhe a pinça, abrindo-a e fechando-a com uma mão na barriga e pose de forcado, até a "Marquesa" desatar a correr levantado a saia ou o que restava dela. Então o homem deitou-se no chão a rebolar e riu, riu, riu…, feito maluco, como era.

Os *voyeurs* fizeram vídeos e tiraram fotos e atiraram gargalhadas para o ar, numa algazarra incomum. Depois, quando aqueles dois se encontravam nem "Marquesa" nem o "plebeu" falavam, apenas se afastavam com ele sempre a rir, rir, rir, maluco como era e ela nada, resguardando o rosto com a sua máscara de "guizinhos" e não houve mais vídeos, fotos nem gargalhadas, apenas um sorriso breve.

Já ninguém ligava muito ao que se passava por ali. Alguns, zelosos dos seus carros, que os limpavam cuidadosamente todos os dias, contrariando as ordens de confinamento, deixavam-nos agora à mercê dos pombos e das gaivotas que se afoitavam agora para além do seu espaço normal, do seu próprio confinamento.

A única noite em que se sentira alguma agitação, foi em meados de Abril, quando, na sequência do que havia ocorrido em Itália, foi criado um movimento nas redes sociais para homenagear o pessoal de Saúde, com as pessoas às varadas batendo palmas. Virgílio, abrindo a janela do escritório que dava para a rua, usou dos muitos decibéis das colunas e do seu super amplificador Yamaha de estimação, para que todos ouvissem e cantassem, em coro, a *Bella Ciao* – uma

canção nacional italiana.

Teresa então disse: "Vamos agir como se tudo estivesse normal, desde o trabalho de todos e até à relação com o Pluto, adaptado à nossa vida quotidiana de agora. Todos temos direitos e deveres. Vamos tentar viver em harmonia e sem medos. E vamos cumprir as regras já definidas. Somos uma família unida. E tudo há de voltar à normalidade. De acordo?".

Como todos ficassem mudos, embora ninguém além de Teresa estivesse a antever o que isso poderia querer dizer… Todos não, porque o Pluto disse: "Ão, ão!". Teresa sorriu apenas, concluindo que o cão teria sido o único a entendê-la, por isso lhe dispensou uma festinha no toutiço. Um sorriso mais amarelo do que de felicidade brotou da cara de Eduardo e Isabel e de Virgílio, agora com uma barba já de duas semanas.

Pluto era o novo membro da família, encontrado por Isabel desorientado, nas redondezas. Alguém quisera ver-se livre dele. Um rafeiro arraçado de *setter* Irlandês, castanho, de pelo sedoso, inteligente e meigo, sempre reconhecido pelo seu novo lar, como cachorrinho que ainda fazia mil tropelias na casa, mas talvez fazendo jus à sua origem, sem exagerar ou partir nada, apenas se entrelaçando nas pernas e gozando do colo dos novos donos. Aprendia, com facilidade, alguns truques que Eduardo ou Virgílio lhe iam ensinando, como o de se fazer morto, de patas para o ar, ou ir à procura de um objeto, como a bola de golfe com que brincavam com ele e havia desaparecido sob um sofá. O Pluto corria, parava, cheirava e, geralmente, encontrava o objeto pretendido ou, então quedava-se perante um dos donos, com o olhar triste de quem diz: "Desculpa, mas não encontrei.". Pluto já tinha sido acolhido e aceite por todos. Mas faltava a concordância de Teresa. Esta, no dia em que o conheceu foi abalada por um salto intempestivo e uma lambidela na cara, como se o cão a quisesse obrigar a assumir o estatuto de sua dona primordial. Teresa adorou-o, mas levou alguns minutos até o conseguir fazer entender que ele havia ganho. Por ela, ficaria lá em casa. Todos estavam expectantes e reagiram com um beijo coletivo em Teresa, com o Pluto enrodilhado naquele amontoamento de gente. "E já tem nome e tudo, qualquer dia chego a casa e tenho cá um elefante.". "Mãe, é só um cão que encontrámos e recolhemos... Nós tratamos dele!".

E Teresa anunciou, agora a lacrimejar, que ia passar mais tempo no Hospital e que começaria a ficar no quarto de hóspedes, no rés-do-chão, quando estivesse em casa, mantendo distanciamento deles e sempre com máscara. Além disso ninguém podia entrar no quarto dela e muito menos tocar na sua roupa ou nos utensílios que usasse na cozinha, devidamente assinalados. O mesmo se aplicava

à casa de banho junto do quarto de hóspedes. "Os hospitais estão a ficar superlotados e estou agora, assim como Beatriz, afeta aos doentes com COVID-19, em Santa Maria. Temos de ter o máximo cuidado para não vos contagiar. Basta ver os Relatórios Diários para saber que estão a morrer muitas pessoas.". Todos compreenderam, mas temiam pelas vidas de Teresa e de Beatriz. "Isso não é perigoso para si e para a minha mãe?" – Perguntou Isabel. "É. Mas também para vocês se não cumprirem as regras da DGS. E fiquem todos descansados que todo o pessoal dos Hospitais tem protocolos muito exigentes.".

As regras em casa começaram a ser melhor observadas. Com desinfeção das maçanetas das portas e locais onde pudessem colocar as mãos. Além disso os sapatos eram deixados num recanto da porta principal, sendo substituídos por chinelos apenas de interior. O chão era objeto de lavagem quase diária, que a empregada doméstica – vivendo ali perto -, continuava a assegurar, em horário reduzido e agora sempre de máscara, que a Pandemia, embora não parecendo, estava a causar bastantes preocupações, em particular no pessoal de Saúde.

Nas pausas do trabalho, preferencialmente coincidentes, tiravam um café na máquina da cozinha e, se o tempo o permitisse, sentavam-se um pouco no exterior, saboreando o ar puro e conversando. Agora, quase sempre sem Teresa que, quando vinha a casa, chegava a desoras. Isabel observou que lhe parecia que os pássaros se haviam multiplicado, chilreando como música de fundo. O Pluto, se acordado, ficava num desatino, ladrando e saltando para a cadeira de Virgílio, com este a impor o seu *ius imperium*, de quem ocupava o espaço com primazia. Todos riam, por vezes feitos tontos e Eduardo sempre vidrado em Isabel. A falta que lhes fazia Teresa, em particular a Virgílio. Apenas estava com eles um dia por semana e, por vezes, apenas umas horas. Sempre a uma distância segura e de máscara cirúrgica permanentemente. Quando na amena cavaqueira que faziam questão de manter, pouco falava, de semblante carregado e olheiras profundas. Virgílio temia que ela voltasse a entrar em depressão.

Mas era verdade que os pássaros e outros animais começavam a ocupar o espaço de que tinham sido despojados, um pouco por todo o Mundo. Sem aviões e com o trânsito automóvel, quase inexistente ou diminuído ao essencial, o ar ficara mais puro e saudável. E o espaço para se alimentarem ficara mais longe, claro. As refeições diárias continuaram a ter origem no *take-away* do restaurante a poucos metros de casa, onde Virgílio as ia buscar, religiosamente, todos os dias. O pequeno-almoço e lanche obedeciam ao sistema de turnos. Muitas vezes, o almoço era estendido para o jantar, com a comida aquecida no micro-ondas.

Quando o tempo estava agradável, a churrasqueira era um pretexto para uma

refeição diferente e, sem dúvida, mais agradável e apetitosa. Menos o ato final de limpar as brasas, a cinza e a gordura, tarefa sempre contestada e com piropos de parte a parte.

Na verdade, a paz e harmonia também têm os seus limites, quem diria… Numa tarde de fim-de-semana, num dia se sol, acabada a refeição no quintal, Virgílio resolveu apanhar um limão do limoeiro que abarrotava o quintal, resolvendo atirá-lo devagar para que Teresa o apanhasse. Não estando à espera de um limão voador, apesar da tentativa, rechaçou-o sobre a mesa, partindo copos, a taça da salada de vegetais e a garrafa de vinho, cujo resto banhou o Eduardo de um tom avermelhado, respigando para o rosto da mãe em gotas, de onde escorriam como se Teresa tivesse sido acometida de uma súbita doença de pintas escarlates que lhe tingiam também a camisa. O Pluto desatou a ladrar como louco, correndo ora num sentido ora noutro ora colocando-se sobre as patas traseiras para melhor observar os estragos.

Teresa, perdendo o tino, puxou a toalha atirando para o chão de calçada à portuguesa, tudo o que estava sobre a mesa, gritando em histeria. Virgílio, com as mãos na cabeça, tentava pedir desculpa, sem qualquer resultado. De repente deu um grito lancinante, quando os braços tocaram nos ramos do limoeiro espetando-se nos espinhos bem salientes e mais berrou ainda quando, dobrando-se para a frente, encostou as nádegas no tronco, atirando-se para o chão, sem saber se havia de esfregar os braços ou o traseiro.

O cão tresloucara de todo, indo e vindo entre os donos, sem saber a qual mimar ou morder. Eduardo e Isabel tinham-se refugiado na cozinha e agora riam, riam, riam… de nervoso ou por ação dos vapores etílicos ou porque a ação era tão real e bem melhor que qualquer série televisiva. Os vizinhos das duas Vivendas confinantes assomaram as cabeças sobre os muros, preocupados com a confusão. De repente, Virgílio agarrou o sacho e ameaçou começar a partir as fuças de todos.

Teresa, que parecia ir ter uma apoplexia, desatou também a rir, sentando-se na soleira da porta da cozinha. O Pluto atirou-se-lhe para o colo fazendo-a cair de costas para o interior, batendo com a cabeça numa das pernas da mesa, enquanto o cão lhe lambia e cara e lhe espetava as unhas nas mamas. Virgílio, de pé, com o sacho na mão direita fez-se estátua. Nem ria nem chorava, apenas olhava, incrédulo para o cenário que, de repente, se criara à sua frente, com Teresa a gemer de dor e a mão na cabeça… Um simples limão!

E só se mexeu quando, muitos segundos depois, ouviu a sirene de uma ambulância e a campainha a tocar… Eram dois agentes da Autoridade Policial e uma ambulância do INEM. Talvez chamados por algum vizinho. As explicações foram dadas na área do limoeiro e da churrasqueira, com a curiosidade discreta

da maioria da vizinhança. O Pluto teve de ser fechado na sala, já era conhecido o seu mau feitio com estranhos e, agora, mais ainda com fardas e as batas brancas que o devia fazer lembrar as idas, sempre contestadas, à veterinária. O INEM – vá-se lá saber porquê -, trazia também um psicólogo clínico.

Tratada Teresa, à cabeça, mais precisamente apenas com um hematoma e um pequeno corte superficial, o Psicólogo do INEM reuniu a família na Sala, dispensado o cão, claro. Ao aperceber-se que Teresa era médica, pediu-lhe desculpa e quis por termo à reunião. No entanto, Teresa insistiu para que ficasse e fizesse a sua apreciação… Falou-lhes dos problemas mentais que o confinamento pode provocar ou trazer à superfície. Os recalcamentos que se vão armazenando e que, de repente, podem despoletar situações descontroladas. No caso dela acrescia a pressão a que estava sujeita no Hospital, a frustração que ia acumulando com o passar do tempo, vendo gente a morrer todos os dias… E apesar de quererem descansar as pessoas dizendo-se que tudo iria voltar ao normal, daí a algum tempo, não era certo que não houvessem sequelas, quer com origem no passado quer no futuro que iria agora começar, ainda com muitas incertezas. O certo mesmo é que, para sobreviverem mentalmente sãos, tinham de fazer um esforço para serem tolerantes uns com os outros e tentarem manter o controlo, mesmo perante as situações mais inesperadas e complexas.

Virgílio e Teresa, entristecidos com a ocorrência que lhes traria uma certa animosidade do resto do Bairro, aceitaram e agradeceram a intervenção do Psicólogo. Que, adivinhando o que pensavam, tinha concluído: "Malucos estão os vizinhos que nos terão chamado. A vossa loucura é sã e natural, nestas circunstâncias. Vivam e vivam-na. Aconselho apenas que, com o desconfinamento, os que continuassem em teletrabalho saíssem um pouco de casa, com os cuidados recomendados pela DGS.".

Provavelmente, para os voyeurs, o abandono do local há muito pelos polícias e agora pelo INEM, com a saída de casa de um único técnico, sem ninguém engessado ou entubado ou mesmo numa camisa-de-forças, frustrou, evidentemente, a sua espera e curiosidade. Se é que tinham alguma coisa para fazer. A verdade é que o confinamento estava a afetar psicologicamente muitas pessoas, talvez até mais que o próprio COVID-19.

Quando se metia baixa, mesmo doente ou apenas para descansar uns dias, quando não havia cônjuge ou filhos ou porque eles estavam no trabalho e na Escola quanto muito tinha de se tratar da própria comida, que podia ser apenas aquecida. A existência de um animal doméstico até ajudava, fazendo companhia, sornando e descontraindo ambos, sem o ruído ou solicitações dos humanos. Agora estarem ali todos ao molhe, interagindo permanentemente, não era normal. Deixava mossas, mesmo que todos tentassem ter o cuidado de manter

uma relação amistosa e saudável.

"Preferia estar a trabalhar na Empresa do que em casa. Até tinha menos trabalho, mesmo que estivesse de suportar o trânsito e todos os custos por ter de viajar e regressar a casa. Gosto da minha família, mas viver com todos para além do fim-de-semana, o tempo assume contornos muito mais difíceis e complicados do que pensava.". Era o que muita gente já ia sentindo e pensando, embora raramente o dissesse. E tudo parecia estar para durar. Uma notícia qualquer, apontava para um estudo que concluía pelo aumento dos divórcios no período de Pandemia, mas sem qualquer prova palpável.

Já quanto à desestruturação, mesmo temporária, do núcleo familiar, as situações multiplicavam-se, com os pais internados ou em quarentena e os filhos a viver com amigos da família ou mesmo com os avós – um dos grupos de maior risco – ou um dos cônjuges a ter de ficar isolado num quarto para proteger o outro e os filhos. O equilíbrio financeiro que isso implicava, por um ou todos os membros adultos da família ficarem em *lay off* ou mesmo desempregados, obrigava a recorrer às ONG, muitas vezes apenas para sobreviverem. Felizmente estas Instituições lá estavam no terreno e abertas a alimentar quem carecia de tudo. Mas não para atenuar as dores da alma que se acaçapavam como a lapa na rocha.

Teresa, sempre de máscara, disse: "Sofremos uma crise de confinamento. Fomos a chacota dos vizinhos. Mas sabem uma coisa?! … Gostei desta aventura e, sobretudo, de nos termos mantido mais uma vez unidos nesta situação. Partiram-se uns copos e pratos, perdeu-se vinho. Vamos limpar o quintal e comprar mais de tudo e ser mais unidos ainda. Sabemos que não estamos muito mais malucos do que já somos, talvez os vizinhos estejam até mais afetados. Pelo menos, demos um motivo de animação ao Bairro. Portanto, todos de cabeça erguida e vamos em frente… Ouviste Pluto?".

Todos tinham ouvido e entendido, com um sorriso, o discurso da *Chefe da Crise*, como Virgílio a designou, num desvelo de admiração pela mulher que amava. Eduardo ouvia-a mais como "mandona", mas adorava a mãe, e Isabel já tomara aquela família como sua. E o Pluto, que tinha arrebitado as orelhas enquanto Teresa discursava, ficou num torce cabeça e um olhar expectável de comida especial provável.

A vida continuou mais calma, depois desta "descarga" intempestiva, talvez até necessária para arrefecer o ambiente e normalizar o relacionamento. Virgílio,

Eduardo e Isabel mantinham o teletrabalho.

O equilíbrio encontrado satisfazia-os. O Pluto, beneficiando antecipadamente de um natural desconfinamento do seu sossego, adorava a presença dos donos, sobretudo os passeios de manhã, a meio da tarde e ao princípio da noite.

O regime da empregada doméstica, agora apenas a tempo parcial, afetava-os um bocado, porque tinham de manter a casa limpa, nos espaços privados de cada um, e a roupa, neste caso em menor quantidade, porque o traje oficial eram uma t-shirt sobre umas calças ou calções de fato de treino. Mas nunca mantinham o pijama.

De manhã, depois de um eventual duche faziam sempre questão de mudar de roupa, até como proteção contra o estúpido do Vírus. Mas acrescia ainda a limpeza da cozinha, quer ao almoço quer ao jantar.

Virgílio fazia questão de vestir as calças, quando saía para comprar comida ou trazer alguns abastecimentos do supermercado, se bem que Eduardo ou Isabel, por vezes, o acompanhavam nesta última tarefa.

O Pluto é que beneficiava mais ainda, já que a empregada o conduzia sempre à pressa, puxando-o permanentemente pela trela, enquanto os donos, aproveitando para um pouco de exercício físico, quase sempre juntos nesse passeio, lhe davam tempo para cheirar o que quisesse, deixando-o marcar os seus territórios e novas zonas que nunca conhecera.

Quando encontravam vizinhos, nas mesmas circunstâncias, colocavam a máscara e mudavam de passeio, para manter um distanciamento mais que prudente.

"Fogo, parece que temos lepra, só falta avisar a nossa presença com um sininho, como os leprosos…" – Queixava-se Isabel.

Cansado

Cansado me deito
e mais cansado me levanto
não é espanto do sono tardio
apenas vivo sonhando contigo

Dizes que me amas mas cortas
cordas de guitarra de Coimbra
ora ladina, subindo nos tons fortes
ora morrendo, no final das estrofes

Do Penedo da Saudade, o medo
de te transformares em Rainha
sob a lua desvanecida e enganadora
e te saborear virgem morta, ardendo
no Inferno, em brasa, em degredo

Só falta voltar, de mãos dadas, abraçados
percorrendo a noite dos amantes
esquecendo os instantes desatinados

Avelino Rosa, 25-08-2020

Aproveitando o desconfinamento, Virgílio começou a retomar o trabalho presencial na AzorTours, chamando os colaboradores para a sede da empresa em Lisboa, um ou dois dias por semana para, por um lado, perceber como estavam e, por outro, para os incentivar a retoma de algumas rotas turísticas que, previsivelmente, iriam reabrir. Na verdade, apenas tinham sido colocados quatro trabalhadores em *lay off,* mantendo outros três em teletrabalho, os mesmos que agora iriam, com ele, relançar a empresa em toda a sua pujança possível e permitir trazer de novo os trabalhadores dispensados. O negócio nunca tinha parado, mas sentiu-se um impacto significativo nas rotas operadas, apesar de se terem conseguido abrir algumas outras alternativas. Havia que tentar aproveitar ainda parte do Verão e até ao final do ano. Os atuais colaborares, com ele, tinham mantido a empresa em funcionamento, todos eles fazendo o que parecia quase impossível, através do teletrabalho, com a publicidade que a AzorTours, Lda fez profusamente através do seu Site e de anúncios nas Redes Sociais. A imaginação e o trabalho de cada um, para além do que lhes era exigido, proporcionou, não só manter a empresa como obter alguns resultados que mantiveram o seu equilíbrio.

A propósito do teletrabalho, não era novidade, mas com esta dimensão era praticamente desconhecido em Portugal. Apenas constava do Código do Trabalho, com muitas incertezas. E estava na ordem do dia manter a discussão acesa sobre esta modalidade de prestação de trabalho. Diziam uns que, retirando as viagens de ida e volta para o local de trabalho, este era muito mais produtivo e salutar fora de casa do que terem de manter-se nesta, a tempo inteiro. Desde as refeições a manter os filhos. Nalguns casos, com as Escolas fechadas, o que tornava quase impossível realizarem um trabalho de qualidade. Esta Pandemia parecia querer também acabar com a sobrevivência da família e de cada um. Pior: a Economia juntava uma amálgama de ingredientes que previam um mergulho num mar tempestuoso, com resgate incerto. Outros, que também tinham eco na Comunicação Social, propugnavam exatamente o contrário. Assim, poupavam no tempo, no combustível e nas refeições, podendo gerir o seu tempo sem por em causa o horário de trabalho, de um modo mais eficiente e eficaz, pressupondo que se mantinham o vencimento com os subsídios, incluindo o de refeição. Em ambos os casos, discutiam-se os custos, já que o trabalho em casa envolvia o pagamento da Internet, da Eletricidade, do Gás e da Água. Despesas que tinham de ser também da responsabilidade dos Empregadores ou partilhadas.

No fundo, havia que compreender e tentar compatibilizar as situações. Nalguns casos, era mais viável o teletrabalho, porque havia um apoio caseiro capaz de suprir as carências, quando um dos cônjuges não trabalhava ou tinha

horário reduzido ou, então, dispunham de uma empregada doméstica a tempo inteiro. Mas o trabalho a partir de casa nem sempre era viável em termos da função ou da atividade principal que ligava o trabalhador à respetiva entidade patronal, sendo estas razões válidas também para os Serviços Públicos. E a verdade é que algumas empresas tinham começado a compreender que, em funções predominantemente digitais, era mais rentável manter esses trabalhadores fora das suas instalações, obtendo maior colaboração e poupando custos operacionais. Com exceção das poucas ocasiões mensais em que se justificasse reuniões presenciais.

Teresa também beneficiou do desconfinamento, voltando ao Hospital de Dona Estefânia, na segunda semana de Junho, tendo em conta o Relatório feito pelo psicólogo clínico, mas também porque era necessário retomar as atividades médicas que haviam ficado relegadas para segundo plano, face ao COVID-19. Além disso, teve direito a uns poucos dias de descanso, sentindo-se completamente esgotada. Feito o último teste negativo à doença, Teresa retomou o seu quarto habitual, junto do marido. "Já estava habituado a dormir sozinho…". "Isso quer dizer que já não me queres?". "Sim, agora só gosto da vizinha ali em frente… espera, espera!". "Não te vou bater, parvo, vou só deitar-me em cima de ti.". "Tinha muitas saudades tuas… Amo-te.". "Eu também a ti, muito, muito...".

Virgílio tinha o pai num Lar, em Estarreja, perto de Ovar, o melhor que se conseguira. Depois da morte da mãe, há uns bons anos atrás, ainda com Anastácio no Açores. A sua relação com ele sempre fora complicada. Ele não vinha a Ovar passar o Natal com a família, que incluía a irmã, Odete, e o marido. Quando ele voltou, já não se festejava o Natal e Virgílio ou estava fora do País ou no Algarve com amigos e amigas também feitos "órfãos" ou, como atualmente, festejando a quadra festiva com a sua nova família. Quando ele e a irmã entenderam que o pai começara a necessitar de apoio, por perda da sua autonomia, Odete, que vivia numa quinta nos arredores de Viseu, ofereceu-se para o albergar, mas o velho Anastácio recusou, não por falta de condições mas porque nunca gostara do marido dela e recusava-se também a vir para Lisboa, terra de confusão e de burlões. A última vez que o vira e que lhe falara fora através de videoconferência, parecendo-lhe que o pai estava triste e muito em baixo. Doeu-lhe a alma não o poder abraçar, mas a medida tomada pelo Governo era, afinal, para a sua salvaguarda, em razão da idade. O pai pareceu não perceber e fez a cara de amuado que Virgílio bem conhecia. Explicou, explicou tudo. Os factos e as razões. O pai parecia ter compreendido, mas, ao olhá-lo, Virgílio soube que não tinha entendido ou não quisera entender nada. Apenas que tinha sido abandonado. Estava, ansiosamente, à espera de que fosse possível poder visitá-lo. Mas, no final de uma tarde, o Lar informou-o da morte do pai. O funeral foi dois dias depois, pela manhã, e apenas com a presença da família, na terra onde havia nascido: Ovar. Uma morte inglória para um militar de patente que havia combatido pela Nação, com afirmava, como se afirmava e gestor de uma Fábrica de Atum nos Açores. Morto por uma merda de um simples Vírus, como também dizia: "- Este sacana ainda me vai matar!".

Teresa conduziu todo o trajeto, tendo começado a viagem ainda com os faróis ligados. Virgílio permanecia calado. Eduardo e Isabel estavam tristes, mais por Virgílio do que pelo velhote dele, que nem conheceram. Isabel descansava a

cabeça sobre o ombro de Eduardo. Teresa teve de desdobrar-se em condutora e psicóloga, tentando amenizar o ambiente que se vivia a bordo. Foi Isabel, que aprendera a ser adulta mais cedo, que tentou quebrar o silêncio sepulcral antecipado: "Não se pode falar de futebol, porque vocês entram em histeria. E, sem espetadores, o futebol já não é a mesma coisa. Vamos então falar de política? Até Ovar, acho que é uma grande dose pouco recomendável… Já sei, vamos falar do sapateiro que cosia os pés das pessoas aos sapatos, como se estes fossem as ferraduras dos cascos de cavalo?". Explodiu uma risada coletiva, que obrigou Teresa a travar e a olhar ao mesmo tempo pelo retrovisor, não fosse algum distraído embater-lhe no veículo por detrás. "És mesmo filha de Beatriz, rapariga. Só tu para nos fazeres rir neste momento." – Conseguiu dizer Teresa, após o susto. Virgílio não quis ficar atrás: "Obrigado Isabel, és mesmo muito querida. E agradeço-te.". "É a minha mulher, meus, só podia ser assim!". "Presunção e água benta, cada um toma a que quer." – Respondeu Teresa, rindo de Eduardo e advertindo: "Deixem-me conduzir, em segurança, seus, seus anormais…". "Ó mãe!". E riram-se todos de novo, porque a sua felicidade era genuína, uma espécie de repositório do somatório de todos que, apesar do momento, cimentavam uma família.

Após o funeral, Odete convidou-os a irem até Viseu, para almoçarem. Amílcar, o marido, insistiu. Era uma quinta razoável, com uma casa moderna e uma piscina de onde saíram dois catraios que, rapidamente, se enrolaram em toalhas a tiritar de frio. Nunca haviam conhecido o tio Virgílio porque este, apesar dos repetidos convites da irmã, há muitos anos que não a visitava. O almoço terminou com um café e um bagaço caseiro, que era coisa de homens como Amílcar frisou. Virgílio alinhou por educação, mas Eduardo fez-se desentendido, até porque iria conduzir e, conscientemente, deveria estar totalmente sóbrio.

Odete e o irmão recolheram-se, pouco depois, numa outra dependência da Vivenda, para falarem sobre partilhas. Ambos estavam de acordo em vender a casa de família em Ovar e dividir o produto da venda. Quanto ao recheio, Virgílio deixava a irmã fazer dele o que entendesse, mesmo que também o vendesse, desde que lhe enviasse cópia do álbum de fotografias de família. "Mas, irmão, tu pagaste nos últimos dois anos de vida do pai, a diferença entre a pensão dele e os custos do Lar. Devo indemnizar-te disso…". "Odete - adoro dizer o teu nome -, e recordar a nossa infância. Sempre nos demos bem, brincámos juntos, defendemo-nos um ao outro, nas brigas dos pais connosco e entre eles. Por isso, lamento que nos tenhamos afastado tanto, por minha culpa. Não te posso compensar de nada, mas, pelo menos sinto-me melhor, comigo mesmo, dizendo-te que te adoro e que te desejo as maiores felicidades, para ti e o teu marido, mas

também para os teus filhos. E só porque estou com algumas dificuldades com a minha empresa, a minha parte na venda da casa dos nossos pais, seria um maneira de a fazer sobreviver no meio desta Pandemia. É só por isso que aceito dividir contigo o que possamos obter com a venda dessa casa. Entendes?". Odete abraçou-o, com Virgílio a corresponder. "Tinha tantas saudades tuas, irmão.". "Eu, também Odete e desculpa-me por não ter conhecido e brincado com os meus sobrinhos, como eles mereciam.". "Vais ter muito tempo para isso agora. Venham cá mais vezes. Faz isso por mim e pelos teus sobrinhos.".

Acabada a "conferência", como Amílcar havia qualificado aquele encontro de irmãos a sós. Pouco tempo depois, Odete e Virgílio juntaram-se ao resto da família. Era tempo de regressarem a Queluz. Amílcar pediu-lhes para abrirem o porta-bagagens do carro, enchendo-o de legumes, fruta, dois garrafões de vinho e um de azeite, cebolas, batatas, tanto quanto cabia lá dentro. À última hora, Odete ainda trouxe um saco isotérmico, que nem abriu, mas onde disse que metera chouriço, morcela, farinheira, carnes curadas, alheiras, bifinhos de vitela, bifanas de porco, ovos… Teresa, que acabara de conhecer a cunhada, sentia-se impotente para mais do que agradecer o almoço e os produtos que acabavam de lhes oferecer. "Irmão, vem cá mais vezes com a tua família. Serão sempre bem-vindos.". Era triste uma despedia com um simples aceno, mas todos tinham consciência de que era a atitude mais prudente.

Chegaram a casa, ainda a tempo de acender a churrasqueira e poder assar três alheiras, acompanhadas de batatas fritas de pacote - que Eduardo foi comprar ao supermercado -, e de três ovos fritos por Teresa, entretanto. Virgílio, como quase sempre, regia a sinfonia do carvão e das chamas que faziam dos churrascos uma refeição especial. Teresa, mais uma vez, sentiu-se como a *Chefe da Crise* e teve de tocar para a frente. Numa vertigem que a desgastava mais, em cada dia. Sabendo-lhe a boca, mesmo depois do café, a um estranho gosto agridoce, como se tivesse jantado porco doce num restaurante chinês.

Nesse dia, de folga, toda a gente tinha saído de casa menos Teresa, que saíra apenas para mas poucas compras, voltando a deitar-se e a dormir até mais tarde. Eram já quase 12 horas e ninguém lhe havia telefonado ou enviado mensagem, o que não era nada normal. O telemóvel estava sempre junto dela, mas agora não! Onde o tinha deixado? Percorreu os três andares e quartos da Vivenda, até debaixo dos sofás… Como era isso possível? Virgílio que, entretanto, chegara a casa para almoçar, ligou para o telemóvel de Teresa, apercebendo-se do som normal de chamada, mas sem se ouvir o toque característico em qualquer espaço da casa. Um mistério… De repente Teresa lembrou-se que, nessa manhã, tinha ido ao supermercado próximo. Pronto, tinha deixado lá o telemóvel. E teria de lá

voltar, sem esperança de o encontrar porque, de certeza, algum sortudo o teria levado como prenda.

Chorava, mais irritada pela sua crónica distração do que pela perda e pensando que teria de comprar um novo telemóvel, querendo manter o número, mas, nas circunstâncias… levaria alguns dias a resolver a situação. Sentou-se numa cadeira da mesa da cozinha, com a cabeça entre as mãos, incrementando o choro num pranto quase lancinante. Eduardo e Isabel chegaram também a casa, indagando Virgílio da razão daquele atitude, pensando que Teresa tinha pirado sem retorno. Ele explicou, enquanto o Pluto gania junto da dona, com as patas nas pernas dela, querendo saltar-lhe para o colo. Virgílio, armando-se em detetive, perguntou à mulher o que tinha feito durante a manhã. E ela respondeu que, como já tinha dito, tinha ido apenas ao supermercado. "E o que compraste?". "Para que interessa isso?" – Respondeu ela, já meio irritada. "Responde apenas, se não te importas!" – Replicou Virgílio em tom firme. "Fui comprar pão, croissants e diversos congelados. Chega?". Sem pressas e num gesto quase teatral – que deixou todos atónitos -, Virgílio ligou do seu telemóvel para o de Teresa, abrindo a porta do congelador do frigorífico. Ao cabo de uns segundos, um som abafado, quase moribundo, começou a ouvir-se. Foi só abrir a gaveta do peixe e lá estava. Virgílio, já meio congelado, de andar a escarafunchar no gelo do frigorífico, porque Teresa tinha colocado o telemóvel dentro de uns dos sacos térmicos. Ao vê-lo com o telemóvel na mão, já meio congelado, atirou-se a ele, de pernas abertas, firmando-se na sua cintura e beijou-o, quase sem o deixar respirar, com o telemóvel numa das mãos e com a boca encostada à parte anterior do pescoço dele. Entretanto, Eduardo agarrara em Isabel e levara-a dali, ambos a rir e adivinhando o que se ia seguir.

O casal rodou, pela ação brusca de Teresa, ficando Virgílio sentado num dos bancos da Cozinha e deixando cair o telemóvel na bancada, com a mão completamente gelada. Teresa, só de roupão sentou-se ao colo de Virgílio… Nem repararam que Eduardo e Isabel tinham ali estado, nem o Pluto os incomodou – parecia ter passado a conhecer mais profundamente os donos e quando deveria ir dormir na sua cama ou num sofá da sala.

Teresa viu no *email* a última mensagem recebida: "- Está tudo bem consigo? Já a contactámos diversas vezes para o seu telemóvel e nada. Chama mas ninguém atende. Era apenas para saber se podia atender uma cliente na próxima segunda-feira já que a consulta das 17 horas foi anulada.". Teresa respondeu: "Desculpe não ter atendido, mas estava em estado de congelamento e, posteriormente, em conversações de alto nível, para manter esta "barraca" com a funcionalidade e mentalmente saudável que se exige a um agregado familiar,

em tempos de Pandemia. Donde, sim, posso atender o ou a doente.". Na Clínica, a Assistente pensou: "Esta pirou de vez ou continua "Covidada". Mas sabia que Teresa estava apenas com um "ataque" de bom humor, o que não era muito frequente.

Já estavam a almoçar, quando Eduardo perguntou: "Mas como adivinhaste que o telemóvel estava no frigorífico?". Virgílio viu-se obrigado a responder: "Aconteceu o mesmo à mulher de um colaborador da empresa...". Riram todos, mas Isabel sussurrou ao ouvido de Virgílio: "Se soubesse disso não tinhas levado nada.". Ao que ele, também ao ouvido, respondeu: "Por isso não disse nada, ia lá perder a oportunidade…". "Olhem lá, não vale segredinhos à mesa. Sejam adultos!". E voltaram a rir, como a família feliz que eram.

Teresa disse: "Para a próxima semana vai estar bom tempo e uma excelente temperatura. Podíamos ir até ao Algarve. Eu tenho uns dias de férias para gozar, mas só a partir de terça-feira. E estando a fronteira com Espanha fechada e os voos do exterior condicionados, podemos ter pouca gente em Vilamoura e Quarteira. Estamos na terceira fase do desconfinamento, mas a ideia agrada-me. E podemos comprar comida e ficar na piscina da Vivenda o mais que pudermos.". Que acham meninos? Os meninos eram Eduardo e Isabel, que reagiram com um ar de gozo: "Se os grandes mandam a gente "bedece", não é Isabel?". Virgílio, já a sós com Teresa, adicionou uma condição: "- Se me bateres na praia, por olhar para alguma outra mulher, saio de lá a correr e nunca mais me vês!". "- A correr para o mar, claro, talvez encontres uma Sereia.". "- Parva!". "- Tonto!". E voltaram a… como de costume!

O tempo esteve quase sempre bom, não havia muitos espanhóis e ingleses ou gentes de outros Países, mas a verdade é que as praias estavam repletas de gente, apesar de ser a segunda semana de Junho, sobretudo de portugueses vindos do Norte, talvez aproveitando a abertura que lhes era dada e fartos de confinamento e outras restrições. Para Virgílio era proveitoso este inesperado aumento de pessoas, que incluía alguns clientes, mas sobretudo por isso tentava manter a família o mais possível na Vivenda, onde não se importava de exercer os seus dotes de assador de peixe e moluscos – comprados bem cedo no Mercado da Quarteira -, e de frango, bifanas e o que mais tivessem adquirido nos supermercados, que pudesse ser grelhado na churrasqueira que por lá havia, ao lado da casa e em frente a uma mesa ampla, sobre a relva que cobria todo o recinto, também à volta da piscina, com um comprimento de 25 metros, onde ao princípio da manhã e ao fim da tarde fazia a sua natação diária, e outra zona mais curta e menos profunda, por onde se descia e destinada a crianças ou a quem

ainda não sabia nadar.

Eduardo não lhe ficava atrás, medindo forças, de vez em quando. Teresa e Isabel preferiam ficar numa cadeira ao sol, lendo um romance ou vendo algumas revistas que tinham adquirido recentemente. "Andaste a medir o comprimento da piscina com uma fita métrica?". "Não, se esticar um pouco mais as pernas, sei que um passo corresponde a um metro.". "Boa.". Elas, por sua vez, preparavam alguma comida ou acompanhamentos, confecionada no fogão da cozinha aberta para a sala de refeições e de estar interior, complementando o churrasco ou como prato principal para o almoço ou jantar. Assim, evitavam as aglomerações nos restaurantes e o desleixo que parecia ter tomado conta das pessoas, só porque havia desconfinamento. E todos adoravam o pão, que Virgílio ia comprar, à Padaria da Quarteira, com forno a lenha, delicioso, para o pequeno-almoço e para as refeições do dia.

A praia ocupava apenas uma pequena parte da manhã, até cerca das 11 horas, porque depois, se tivessem de ir às compras, os supermercados ficavam cheios e tentavam evitar esses encontros de multidão, apesar do distanciamento estar em vigor em todo o lado. Mas, isso era mera utopia de alguém que, num gabinete, acreditava ser bastante divulgar umas orientações através dos Media, para que as pessoas as acatassem. A família resguardava-se e não lhe fazia grande confusão estarem também ali parcialmente confinados. O Pluto rosnou, num tom um bocado recriminador, como se se tivessem esquecido dele. Não era mau, andar sobre a relva, a apanhar no ar uns bocados de comida grelhados, mas pensando melhor, lá na sua vida de cão caseiro, preferia ficar em casa do que andar a meter as patas na areia e muito menos na água salgada do mar, ficando cheio de areia e algas, para já não pensar que um tubarão, de boca e dentes enormes, o viesse engolir ou cortar-lhe o rabo ou alguma perna. Isto tinha-lhe dito Teresa, a dona, quando se lhe meteu na cabeça e toda entusiasmada, que o iam levar também para o Algarve. Bem vistas as coisas, na verdade gostava de estar mais perto dos donos do que ficar sozinho em Queluz. Mas, mesmo na piscina, declinava o banho forçado. Um dia em que Eduardo lhe pegou e com ele ao colo entrou na piscina, deixando-o, aos poucos entrar na água, apesar de ele espernear em protesto, nadou rapidamente para os degraus e escondeu-se debaixo da churrasqueira, tremendo, de frio e medo.

Numa das primeiras noites, com a luz da piscina apagada, Virgílio viu, no lusco-fusco Eduardo e Isabel a namorar. Ao vê-lo, meio escondido, a espreitar, Teresa abeirou-se e… "Não tens vergonha de espreitar?". "Não estou a espreitar, apenas a tentar entender como se faz amor numa piscina…" Colocada por detrás

dele, encostando todo o seu corpo ao de Virgílio e roçando-lhe as costas e as nádegas com os seios e o seu sexo: "Amanhã, podemos experimentar. Queres?". "Claro, e também agora, para não perdermos o momento.". Foram para a cama.

Nas conversas em casa, ao verem os telejornais, que pouco os seduziam, criticavam a linguagem que a Pandemia trouxera como
"Temos é de manter as distâncias sociais…". "Que expressão horrível!". "Parece que se distingue classes sociais. Quanto muito "distanciamento físico.". Ou "Hoje foram infetadas tantas pessoas…". Mesmo que o termo fosse correto, parecia que uma leprosaria nacional e internacional se havia instalado, só faltando que, além de máscaras, os infetados usassem também o sininho de advertência. Era deprimente.

No final do Verão, a Pandemia foi piorando, entrando-se no estado de contingência desde Setembro, recomendado o uso de máscara também no exterior, em espaços movimentados, sendo obrigatória a partir do mês seguinte. Passa-se ao estado de Calamidade, retomando algumas restrições, designadamente quanto a circulação entre alguns Concelhos, a partir de Outubro, obrigando mesmo a permanência no domicílio nalguns desses concelhos. E é decretado novo Estado de Emergência, entre 9 e 23 de Novembro, renovado até 8 de Dezembro e, posteriormente, até 7 de Janeiro de 2021. O recolher obrigatório a partir das 23 e até às 5 horas da manhã, nos Concelhos mais afetados, foi ainda acompanhado de novo encerramento de restaurantes, bares e outros estabelecimentos não essenciais. Proibindo-se também a circulação entre Concelhos durante espaços temporais específicos.

A propósito de Máscara, foi um dos exemplos mais expressivos da hesitação dos Serviços de Saúde, explicável pela ausência ou também mesmo por contradições das recomendações da OMS, face a uma doença nova e quase desconhecida. Depois de um período de afirmação inicial das autoridades de saúde pública, da sua desnecessidade e ineficácia, passou a ser recomendada, e depois, obrigatória, em recintos fechados. Ou na entrada em restaurantes ou quando circulavam dentro deles, por exemplo, para a casa de banho. De resto, a máscara podia ser retirada para comer e beber, sem restrições, embora se aconselhasse manter a distância recomendada entre as pessoas.

Entendendo-se o propósito de não alarme da população, por não haver máscaras para todos. Não se pode deixar de considerar alguma manipulação das autoridades. Surgiram então modelos vários, sem recomendações oficiais claramente explícitas, com empresas a manter os seus postos de trabalho a fabricar máscaras. Mas, as que foram sempre mais usadas, designadas de

cirúrgicas, foram e continuaram a ser produzidas, geralmente, pela República Popular da China.

Algumas das conjeturas que muita gente ia lucubrando e debatendo, como Virgílio, Eduardo e Isabel e até mesmo Teresa e Beatriz. Havia mesmo quem afirmasse que a máscara era um instrumento do Poder para controlar, ensaiando novas formas de ditadura. Além do mais, as máscaras eram prejudiciais em múltiplos aspetos: enfraqueciam as defesas contra outras doenças das vias respiratórias, dificultavam o entendimento entre as pessoas e deterioravas as cordas vocais de que usava a voz por excelência, como professores e cantores. Por rebeldia, muita gente não usava a máscara, retirando-a sempre que não se verificasse a sua imposição. E os próprios políticos, retiravam-na quando discursavam, metendo-a na algibeira, à vista de toda a gente, enrolando-a com a mão pela parte de fora, eventualmente contaminada. Exemplo contrário às regras da DGS… Mas, enfim, havia um pouco de tudo, assentando na teimosa, na incompetência e estupidez das pessoas, "contaminadas" pelo exemplo e pelas contradições das recomendações sanitárias.

O ano de 2021 começou, na esteira de Dezembro do ano anterior, como já se adivinhava – porquê amplamente anunciada há meses -, com a esperança das vacinas, entretanto desenvolvidas, o estado de emergência é prolongado até 30 de Janeiro, depois até 14 de Fevereiro, até 1 de Março, e, finalmente, até 16 deste mês, mantendo-se o nível de confinamento, com exceções. Com o começo da vacinação, apesar de Portugal e outros países, não terem ainda o número estimado de vacinas contratadas, começaram a ser inoculadas, com recurso a uma *Task Force* que programou, de modo exemplar, a vacinação geral e facultativa, começando pelos mais velhos e pelos que apresentavam doenças crónicas e graves. No final do ano e começo de 2022, já mais de 90% da população estava vacinada, incluindo crianças, desde os 5 anos. Nada disto colocando em causa os eventos de caráter político, como a campanha e a realização das eleições Presidenciais. Em vez de confinamento são determinadas Cercas Sanitárias a algumas Cidades ou Freguesias. Portugal sai da lista verde de alguns Países, em particular do Reino Unido afetando o turismo. As Eleições Legislativas de 30 de Janeiro de 2022, decorreram normalmente, apenas com a restrição da máscara e do distanciamento, que quase nunca foi respeitado na campanha eleitoral.

Mas, voltando ao ano anterior, as restrições internas, além de incentivarem ainda mais o uso da máscara, mesmo no acesso às praias, durante o Verão – onde se falava em colocar semáforos, permitindo ou excluindo as pessoas, consoante o número de banhistas que já as ocupavam. A máscara só poderia ser retirada

depois de uma família reduzida se ter instalado no areal e mantendo uma distância prudente do agregado mais próximo. Na verdade, essas medidas, na esmagadora maioria dos casos, nem eram verificadas, por não serem praticáveis. Contudo, com exceção das poucas situações sujeitas a Cerco Sanitário, era possível viajar por todo o País, incluindo Açores e Madeira, apenas com a apresentação do Certificado de Vacinação.

E quando se dizia já que as aeronaves poderiam voar com a lotação total, porque impor racionamento nas praias e mesmo nos restaurantes – quando estes pelas mesmas razões, não poderiam sobreviver com uma lotação minimizada? Era preciso fazer a Economia retomar, mas à custa de mais e muitas mortes? Interrogações que Virgílio e Teresa iam colocando em lume brando no final do dia e de mais um churrasco no quintal. Desta feita com migas e umas febras de Viseu grelhadas que, até ao Pluto, pareciam e sabiam a delícias celestiais, se havia também um sentido religioso dos cães.

Um pouco mais tarde, até o céu da noite, estrelado, mostrava toda a sua beleza, fazendo brilhar a Via Láctea, como casa maior. Até princípios de Maio sabia-se que o ar de Portugal e, de um modo geral, um pouco por todo o Mundo, tinha beneficiado dos efeitos positivos da ausência de veículos e do parqueamento forçado de grande parte das frotas de aeronaves, embora com menor expressão que em 2020. No meio deste descortinar do quase tudo à mostra, como se não tivesse havido Pandemia nenhuma e os seus efeitos fossem como os esporos do Vírus, mas amolecidos de tanta masturbação técnica e intelectualizada, mais do âmbito da tolice do que da psiquiatria, Teresa e Virgílio e, claro Eduardo e Isabel, resolveram ir à praia de Carcavelos. Bem cedo, não fosse a praia estar a abarrotar... Riram, como se não fosse estar lá ninguém, em respeito absoluto pelas regras, querendo assumir a condição de "delinquentes", embora pudessem sempre defender-se dizendo que apenas acompanhavam o filho, praticante de surf… Ou, nalgumas alturas, no paredão até Cascais, para passarem o cão, o que era permitido. Tão permitido como passear a coleira do animal doméstico que, perante a indagação da Polícia Marítima e o "espanto" do dono, teria fugido, dado às de "vila Diogo", sem que ele se apercebesse.

Pois, era melhor ir cedo, antes que os mandassem embora com semáforo ou alguma outra sinalética, incluindo a da autoridade policial a ordenar que circulassem para outro local ou de retorno à origem. Curiosamente, mesmo já bem entrados pela manhã, puderam verificar que, com exceção de alguns grupos mais indisciplinados, a maioria dos banhistas mantinha um distanciamento saudável, com exceção das pessoas que pareciam ter juntado toda a família num espaço onde as toalhas se tocavam - um valor inestimável de contacto e intimidade que, além de "salutar, enternecia".

Eduardo estava entretido com as ondas, surfando, por segundos, algumas menos *flat* e que o traziam quase até ao areal, enquanto Virgílio não lhe tirava os olhos de cima, acompanhando-o mesmo nas caídas, até voltar a vê-lo surgir da água e o rapaz a sacudir a cabeça para expulsar a água acumulada no cabelos. Isabel já pouco ligava e, na verdade, não entendia aquele papel entardecido de Virgílio como "pai", mas a verdade é que este, com 45 anos e Eduardo com 28, tinham uma relação especial que, aos poucos, se transformara nesse estatuto de pai e filho.

Teresa bronzeava, deitada numa toalha longe, tanto quanto possível, da turba que começava a emaranhar a zona onde se encontrava, avaliando de vez em quando se estava segura naquele local. Mas, com exceção de uma pequena bola que lhe roçou a barriga, nada de especial havia a assinalar. O que não a impediu de refilar com o pai da criança que atirara desajeitadamente a bola, porque era proibida qualquer diversão dessa natureza. O pai do petiz limitou-se a apanhar a bola e a ignorá-la. Teresa ficou furiosa. Levantou-se, limpou a areia do ventre, como se este estivesse contaminado, e gritou pelo marido. Virgílio veio a correr, escorrendo suor e espapaçado daquele calor súbito, com um ar de interrogação, com a boca aberta a tentar compensar o ar que não entrava pelo nariz e que lhe faltava nos pulmões. Nada. Teresa não dizia nada. Apenas batia o pé na areia, agitava os braços com os punhos no peite de Virgílio, que parecia já arroxeado. Este não sabia ler aqueles sinais e muito menos entender o que Teresa lhe queria dizer, a razão por que o chamara…

De repente, uma sirene provocou alvoroço na praia. De um carro do INEM tinha saído uma equipa que agora tentava ressuscitar um miúdo na zona de surf. Pensaram que era o Eduardo, tendo-se precipitado para os voyeurs aglomerados à volta dos socorristas, gritando: "É o nosso filho!". Abriu-se uma brecha que os deixou passar, ficando o Polícia Marítimo, que tentava controlar a multidão, espantado com a possibilidade de um rapaz ter quatro progenitores… Os verdadeiros pais estavam junto do miúdo e olharam com o desespero próprio de quem pensa que vai perder o filho. Mas não. O rapaz foi reanimado e parecia padecer apenas de uma *overdose* de água salgada.

Entretanto Virgílio e Teresa furaram de novo o cerco à procura de Eduardo que, paulatinamente, remava com os braços em direção à areia. Virgílio meteu-se na água e agarrou a prancha de Eduardo, como se o tivesse encontrado ao cabo de dias angustiantes de busca. Teresa também o abraçou como nunca o fizera com uma força felina e descontrolada. Apenas Eduardo continuava espantado sem saber que raio de coisa poderia ter feito que merecesse tanta atenção. Só depois percebeu e, tal como outros, aproximou-se do companheiro de surf, para

se inteirar do que havia acontecido. Entretanto, a equipa do INEM, por precaução, levava já o rapaz para o Hospital.

Quem não entendia também esta atitude de histeria de Teresa e Virgílio era Isabel que, do alto dos seus 26 anos, começava a achar que os ditos adultos haviam perdido o tino e começavam a ficar "Covidadas", cedendo às sequelas do COVID-19.

Mas, ainda antes desse Vírus, notava-se que os filhos começavam a ficar em casa dos pais até bastante mais tarde, sobretudo quando podiam ter o seu próprio espaço e identidade autónoma para tudo. Para tudo não, na verdade, convinha-lhes a alimentação, a lavagem da roupa e, sobretudo, a ausência de custos de alojamento. Cada vez se saia da casa dos pais o mais tarde possível e não era determinante o emprego e a segurança que sentiam relativamente ao futuro. Diluíra-se a necessidade de afirmação pessoal e de constituir um agregado familiar fora do ambiente paternal. Muitos jovens – agora, por definição, com uma idade superior à que determinava a sua dependência -, mantinham-se instalados na casa de família, sobretudo se esta tivesse condições físicas adequadas, participando na alimentação, mas poupando nos outros custos de alojamento. Claro, que este modelo apenas funcionava quando os membros da família se entendiam e dominavam os seus próprios espaços, habituando-se a usar os comuns em harmonia. Era o que acontecia nesta família em particular, em que um cão – o Pluto -, por vezes, fazia de elo de ligação nas eventuais desvaneças que pudessem surgir. E na verdade, espaço era o que não faltava e todos contribuíam para manter uma vida acima da média.

Na praia, o agente da Polícia Marítima continuava a gritar que dispersassem, que respeitassem a distância social, mas com poucos resultados: era a altura dos "bitaites" sobre as causas do quase afogamento do jovem surfista. De repente, gerou-se um burburinho e nova roda, agora só de homens. Um deles, perante uma palavra atentatória da sua dignidade, esmurrou outro, sem pedir licença nem dar aviso prévio, gritando-lhe: "Cabrão és tu, seu filho da puta!". De meia-idade, com barrigas proeminentes - e, ao que parecia a cheirarem já a bagaço e muita cerveja -, engalfinharam-se, rodando no chão um sobre o outro, o que era mais do que deprimente e ridículo, pela quase impossibilidade da gravidade permitir que subissem e escorregassem sobre a barriga um do outro, apertando os pescoços e tentando imobilizar o adversário com uma perna, gorda e inapta, donde escorregava por falta de apoio. Em alternativa socavam as panças, causando espasmos e vómitos para o areal, de um líquido verde amarelado, gemendo e mordendo a língua, com os corpos cobertos de areia e líquido e ainda sangue que escorria das bocas e das orelhas mordidas. Depressa as famílias de

ambos entraram também em vias de facto, juntando-se à pancadaria - pelo menos quatro homens jovens e uma meia dúzia de mulheres, algumas bem avantajadas de tudo -. Todos, além dos sopapos e chapadas, agarravam os biquínis e os calções alheios, ficando seminus ou mesmo como tinham vindo ao Mundo.

O agente da Polícia Marítima já tinha chamado reforços e lá apareceram duas motos todo o terreno com quatros agentes, que puseram cobro à situação, não sem ter de usar os cassetetes e aberto a cabeça a alguns. O INEM voltou, agora com três ambulâncias…

Virgílio e Teresa, Eduardo e Isabel abandonaram a praia. Era demais, para uma única manhã. Os outros banhistas antecipados ficaram, em grande maioria, "saboreando" uma espécie de aperitivo para o almoço. Iam ter muito que comentar, inventar e, talvez até, arranjarem uma zanga que condenaria a digestão. Até as mulheres, com opiniões próprias, deixariam de falar-se durante uns tempos. Remoendo não terem sido entrevistadas por uma Televisão qualquer, para opinar sobre o que mal tinham visto.

Teresa almoçava com Beatriz, como fazia sempre que os seus horários se conjugavam. Beatriz deu-lhe a notícia em primeira mão: ia mesmo separar-se do marido, porque tinha chegado ao limite da sua tolerância. Preferia ficar sozinha do que ter de conviver com aquele inútil e cada vez mais estranho ser. Não o odiava, mas era-lhe indiferente, donde o melhor tinha sido mesmo ele aceitar sair de casa, que era dela desde sempre. "E o que achou Isabel?". "Ela nunca foi muito próxima do pai, como sabes, e até acho que saiu de casa, para viver com o teu filho, motivada por essa incompatibilidade. Entende, no sentido de que foi para tua casa antes do que tinha previsto, por gostar do teu filho e para se libertar da influência do pai. Mas, para ela e para todos nós, felizmente no tempo certo para ser feliz. E vocês: tu, o Virgílio e o Eduardo acolheram-na como uma nova filha e mulher do vosso filho. Fico-te grata por isso.". "Gostámos dela, simplesmente e até o Pluto a adora.". "Nem sei como me apaixonei por aquele traste, acabando por engravidar com apenas 19 anos, com um curso, como bem sabes, intenso e de total dedicação pela frente. Se não fossem os meus pais teria de ter feito uma pausa nos estudos e quem sabe o que seria hoje. Mas nunca deixei de a apaparicar aos fins da tarde e nos fins-de-semana, mesmo que o pai estivesse mais voltado para os seus negócios de construtor civil, passando dias e dias fora de casa no Algarve ou em outro sítio qualquer. Foi ela que sempre me motivou a acabar o curso e a tirar esta especialidade. Sofri já muito amiga, como tu também. Somos mulheres sobreviventes…". "Gostei, sobretudo, dessa última tirada." - Sorriu Teresa, fazendo-lhe uma festa na mão.

Foram falando, em particular da vida de Eduardo e Isabel, que começavam a

ter idade para ser pais. "Nós avós, com esta idade? Ai, meu Deus." – Exclamou Beatriz, que tinha completado os 46 anos, menos de dois que a amiga. "Eu não me importo." – Disse Teresa. Beatriz estava brincando, tendo colocado a Teresa a hipótese dos filhos irem viver para casa dela. Mas Teresa opôs-se: "A minha casa é muito maior. Eles têm o seu espaço próprio e já estão habituados e tu sabes que podes lá ir, e até ficar, sempre que quiseres. Não queres passar lá o próximo fim-de-semana?". Beatriz não podia ir, mas ia ver a agenda das operações que tinha no Sábado. Na melhor das hipóteses, talvez pudesse almoçar com eles no Domingo.

No princípio de Junho, o Reino Unido retirou Portugal da "Lista Verde", obrigando as pessoas que vinham do nosso País a uma quarenta de 10 dias. O turismo ressentiu-se, de imediato. Não só pela debandada de ingleses de Portugal, antes da entrada em vigor da medida, mas sobretudo pela anulação de reservas para o Verão nos Hotéis Algarvios, apesar de as autoridades portuguesas contestarem a decisão do Reino Unido, face à prossecução do Plano de Confinamento estar a decorrer normalmente e daquele País ter um crescimento de COVID superior. Teresa viu uma janela de oportunidade em irem, de novo, até ao Algarve durante uns dias, já que a proibição da circulação para a Área Metropolitana de Lisboa se verificava apenas ao fim-de-semana. Bastava, portanto sair e regressar durante um outro dia qualquer de semana. Propondo à família umas férias de 7 a 18 de Junho. Tendo sido aceite a proposta, Teresa convidou Beatriz para os acompanhar. Na verdade, a casa do Algarve, dava para mais uma ou duas pessoas. Beatriz aceitou.

Virgílio andava preocupado com as mudanças drásticas na área do turismo. Todos os operadores tinham estado esperançados em reverter um pouco a situação drástica em que se encontravam. Ele pensara o mesmo, mas havia previsto um Plano B, que apostava, sobretudo, nos circuitos internos de turismo, incluindo as Ilhas, com exceção dos Concelhos mais afetados pela COVID-19. Apenas com os três colaboradores que mantivera a tempo inteiro, em teletrabalho ou presencialmente, quando necessário, conseguira manter a empresa equilibrada, num jogo de anulação e criação de viagens quase inesperadas, ao sabor do Vírus, como dizia e que tinham uma significativa adesão das pessoas, cansadas de tantas restrições, que se refletiam também nas férias. O seu computador portátil mantinha-se como escritório ambulante, que lhe permitia manter contacto com os colaboradores e ao mesmo tempo, atualizar permanentemente a página da AzorTours.

A estadia no Algarve foi um pouco mais do mesmo do ano anterior. Tentavam

não se expor na praia. E refugiavam-se, o mais possível, na Vivenda, gozando do sol, sob a relva da zona da piscina, e dos churrascos ao fim da tarde e quase todos os dias. Donde, quando necessário, iam ao supermercado o mais cedo possível, vindo, à vez, trazer as compras a casa e, tentando, sempre que lhes parecia que o recinto da praia lhes permitia, gozar ainda algumas horas de sol e de um mergulho no mar. Veio à cabeça de Virgílio a ida a Loulé, há uns bons anos antes. Poderia ainda encontrar a mulher do cabelo branco e bigode preto, que a atormentar em pesadelos? E o "amigo de ocasião" que o queria vigarizar? Claro que nunca fora mais àquele hipermercado ou superfície comercial, mas estas personagens podiam aparecer em qualquer lado. Lembrou-se sobretudo e dos cheiros e da lambada que a mulher havia dado no companheiro por ter olhado para a rapariga da caixa, meia desdentada, e desatou a rir sozinho… Teresa olhou-o por uns momentos, perguntando-lhe: "Passaste-te? Ainda bem que Eduardo e Isabel foram levar as compras a casa.". Beatriz ficou expectante… Então Virgílio contou-lhes a história que tinha vivido no Hipermercado de Loulé… Estavam ainda a gargalhar, quando Eduardo e Isabel chegaram, intrigados com uma galhofa pouco habitual. Teresa, com um ar agora sereno e sério, apenas lhes explicou que tinha sido uma piada de Virgílio, sem mais nada. "O que quer dizer que era humor para adultos e que estas pobres crianças não devem ouvir.". "Eu não disse isso.". "Pois não, mas foi o mesmo. Adeusinho que eu e Isabel vamos fazer surf!". "Com este mar assim, só se forem até à Ericeira.". – Rematou Beatriz, divertida e pouco habituada a estes convívios. Virgílio dedicou especial atenção à revista que estava a folhear.

Eduardo, sempre com a sua prancha, face à ausência de vagas, transportava Isabel, sentada sobre a mesma, enquanto ele, usando as pernas e os braços, entre ondas *flat*, a tentava levar para fora da zona de rebentação, gozando com ela cada vez que uma um pouco maior o fazia voltar a prancha, regressando ambos, em redemoinho, até à areia. E voltavam ao mesmo. "Tenho o fato de banho cheio de areia." "Também tenho os calções. Vamos limpar a areia?" "Não comeces, temos muitas pessoas a ver…" "Temos mesmo?!". Eduardo empurrou a prancha um bocado mais para longe da praia. Com Isabel apoiada num dos lados da prancha e Eduardo do outro, as pernas dele ficaram no meio das dela, encostando os sexos. Eduardo retirou as mãos da prancha, segurando-se nela apenas com o queixo, e puxando-a para ele, e… Ninguém viu e, a esmagadora maioria, nunca saberá como é bom fazer amor assim.

E desta vez, nem Virgílio, que trabalhava no seu computador portátil, nem Teresa e Beatriz, que conversavam animadamente, se aperceberam de nada. Apenas se dirigiram à água. Estava algum calor e convinha refrescar. Virgílio

declinou o convite, porque tinha de responder a *email*s e, ao mesmo tempo, tomar conta dos haveres de todos. Teresa e Beatriz entraram na água, tentando juntar-se a Eduardo e Isabel, uns metros fora da zona de rebentação das ondas. De repente, ambas foram embrulhadas numa vaga, abraçando-se instintivamente como se assim pudessem evitar os seus efeitos. Em vão. Vieram arrastadas, até que Teresa, embateu com as costas na areia com Beatriz sobre ela. Espantadas e sentindo-se, riram e mais espantada ficou Teresa quando Beatriz lhe deu um beijo no pescoço, e tentando voltar, puxando a amiga pela mão, para a trajetória que queriam seguir até à prancha onde os filhos se apoiavam.

Voltados à Vivenda de férias, a vida era a de uma família normal, acrescida de Beatriz. Ela nunca havia sido convidada porque nem Virgílio nem Teresa gostavam muito de Manuel Bastos. Era um homem calculista, invejoso e imitador, tentando singrar na vida com esquemas quase insondáveis, buçal por vezes, com uma conversa redonda e previsível. Não se entendia como Beatriz podia ter casado com um homem assim. E fosse pai de Isabel, uma jovem bem formada e com uma educação impecável. Dizia Teresa, roubando o pensamento à amiga: "Ao pai não sai.".

Muitas vezes, Teresa pensava que o marido de Beatriz tinha muito em comum com Fernando. "Farinha do mesmo saco.", Dizia o ditado. Talvez fosse isso mais um elo da amizade mútua que nutriam uma pela outra.

E, de facto, tinham vivido uma vida quase idêntica, em muitos aspetos, o que as tinha mantido sempre unidas e apoiando-se incondicionalmente. Teresa realizava, só agora, que nunca conhecera outras amigas de Beatriz, a não ser os colegas com elas conviviam nos seus encontros, cada vez mais raros.

E, no entanto, havia qualquer coisa que desafinava a sua relação. Tanto as juntando como as afastando e que nada tinha a ver com amizade, mas com qualquer outro sentimento que estava para além disso, em que nenhuma queria pensar e muito menos assumir.

Já em Queluz, Teresa apeteceu-lhe ir mais uma vez à praia de Carcavelos. Desta vez sem incidentes de maior na areia. Estávamos em meados de Julho de 2021, num quadro pandémico que não adiantava nem atrasava, mas com as restrições de quase sempre, se bem com alívio de alguma, como da circulação após as 23 horas nos Concelhos de maior risco e deixando de ser obrigatório o teletrabalho. Permitindo-se ainda que os estádios de futebol tivessem uma lotação de 66%, a partir de 1 de Agosto, e abertos os bares e discotecas, com as regras impostas aos restaurantes que, tal como os espetáculos voltam aos seus horários normais. A exibição do certificado de vacinação era suficiente para frequentar restaurantes só que, quando de leitura digital, poucos estabelecimentos tinham leitor do Código QR, donde o "controlador de porta" olhando o telemóvel do cliente, tinha de validar o Certificado da DGS, sem outra hipótese, até que, finalmente, foi disponibilizada a leitura do código pelo telemóvel do "controlador", verificando da sua autenticidade. A Pandemia, entre outras coisas, fez avançar a perceção e uso da informática, sem complicações. Mesmo nos aeroportos, o nosso Certificado de Vacinação era muito mais claro que as figuras geométricas do Código, revelando dados que nem nós próprios nos lembrávamos.

O "negacionismo" – teoria que movia umas dezenas, ou mesmo centenas, de pessoas em manifestações contra a vacinação, em particular dos mais jovens, e as restrições impostas pelo Governo, com o estado de emergência ou de calamidade, e que até conseguira fazer vingar algumas providências cautelares, designadamente, por confinamento forçado sem suporte Constitucional, teve a sua expressão máxima em Odivelas, visando o Coordenador da *Task Force* da Vacinação. Depois, com o avanço desta e, provavelmente, com alguns sustos apanhados por não vacinados e mesmo de algumas mortes, deixou de se ouvir falar dos contestatários.

Ao voltarem da praia: "Acelera essa merda, homem!". "Ó mãe…". Virgílio acelerou, mas teve de travar de repente com uma manobra inesperada de um outro veículo. O carro de trás embateu no deles, sem grandes estragos. Reparar uma mossa, com uma pintura localizada, nem era nada de especial e de custo suportável pelo próprio abalroador, com quem Virgílio se entendeu facilmente. Finalmente chegaram a casa, depois de uma rápida passagem pelo supermercado do Bairro. No Domingo, novo churrasco, Virgílio com a cabeça, mais do que no acidente, na mulher. Que raio de ideia a de irem à praia… A mulher parecia estar a ficar maluca… Também não era para menos numa situação destas. Tinha sido chamada de novo para o Hospital de Santa Maria, durante três dias por semana e sem horário, para reforçar as equipas de internados na Unidade de Cuidados Intensivos (UCI). De COVID-19. Enfim, havia de passar!

Tratado o assunto do carro, na segunda-feira, na Oficina de um amigo, tudo pareceu voltar ao normal. Nesse mesmo dia e no seguinte, com muitos restaurantes reabertos, foram matar a fome, de saudade já, a dois da sua preferência. Em Alfama e Odivelas. Evitavam o trânsito e os ajuntamentos e continuavam a usar máscara descartável, mesmo no restaurante, colocando-as sobre o pescoço durante as refeições.

Teresa, nestas ocasiões, baixava com um dedo da mão esquerda a máscara e metia a comida na boca com a mão direita, levantando-a de novo com o mesmo dedo, ficando a mastigar com a máscara sobre o nariz. Depois ria, ria, ria muito, como se estivesse a fazer uma traquinice de menina mimada, que merecia a reprovação das mesas mais próxima. Virgílio deixou de lhe chamar a atenção, porque isso fazia-a aumentar o volume do riso e ele acabava com uma tosse cavernosa que arrancava arrepios aos outros utentes do restaurante. Eduardo e Isabel nem tinham pedido escusa de os acompanhar, porque tinham, nesse preciso dia, um convívio com alguns amigos.

No início da terceira semana de Setembro, quando o uso de máscara na rua, com algumas exceções, deixou de ser obrigatório, Virgílio começou a sentir-se mal. Febre, dificuldades em respirar, tosse persistente e uma sensação de mal-estar que o prostrava, como se estivesse com uma forte gripe. Teresa, informada por Eduardo, regressou, o mais breve que pode, a casa, após o que todos foram fazer o teste ao COVID-19, ficando em casa, até lhes ser comunicado o resultado e evitando qualquer contacto com outras pessoas. Beatriz foi avisada para fazer também o teste. Passados 48 horas, o SNS informou, por *email*, que apenas Virgílio estava contaminado e que teria de ficar isolado do resto da família. Beatriz tinha escapado também a um eventual contágio.

O rebuliço foi total, mas o discernimento de Teresa foi fundamental. Virgílio ficaria no quarto de ambos, sem poder sair de lá e onde lhe seriam levadas as refeições, não podendo haver qualquer contacto, mesmo com máscara, mas através do telemóvel. A comida seria deixada à porta do quarto, onde Virgílio deixaria também o tabuleiro e eventual roupa a lavar, que só ela, Teresa, poderia tocar, devidamente equipada. A situação poderia durar até 14 dias, até haver um teste negativo.

Virgílio sentiu-se uma espécie de prisioneiro, despojado do que mais adorava na vida. Teresa, que teria de continuar com o seu trabalho hospitalar, confiou ao filho e a Isabel a tarefa de darem apoio a Virgílio. Beatriz, sempre que podia, também tentava apoiar Eduardo e a filha. As empregadas de ambas, sempre que se justificava, adquiriam os mantimentos necessários à sobrevivência de todos.

Teresa, ao longo do dia, ia-se inteirando do estado de Virgílio e, quando chegava a casa, o Pluto, sentindo que algo acontecera, não lhe largava os calcanhares, embora recolhesse, sempre à mesma hora, à sua cama na cozinha, já há algum tempo perto do frigorífico onde era mais fresquinho. Era uma situação muito estranha. Na mesma casa, mas comunicando apenas por telemóvel ou junto da porta do quarto, cada um do seu lado da porta. Onde teria apanhado o raio do Vírus? No supermercado, nalguma saída que haviam feito? E porquê só Virgílio e não Teresa e o Eduardo, Isabel e Beatriz? Respostas surdas. A princípio Virgílio, com algum humor, dizia: "Foi de ter olhado para a vizinha da frente quando se bronzeava nua.". Teresa não achou piada. Fazia-lhe lembrar o seu próprio descontrolo e a bofetada que lhe tinha dado. Donde essa e outras piadas, mais brejeiras, deixaram de fazer parte do léxico que usavam.

Quando algum amigo ou colaborador lhe ligava, Virgílio começava por dizer que se sentia como um detido no domicílio, com a diferença de que estava confinado à sua "cela" de luxo com casa de banho privativa. Na verdade, estava numa espécie de suíte, com tudo o que se podia desejar, como também televisão por cabo e os aparelhos de vídeo e CD e de Rádio, onde podia ver filmes, ouvir música e seguir o que se passava no Mundo. E pelo computador portátil continuava com acesso a tudo, mesmo ao trabalho que tinha atenuado face à situação. Contudo, não poderia ir ao seu escritório, que ficava do outro lado do corredor.

Mas fazia-lhe falta Teresa. Sobretudo quando ela estava em casa e lhe falava do outro lado da porta do quarto ou pelo telemóvel. Uma sensação estranha que nunca tinha experimentado. Queria-a e isso assumia-se como um remédio adiado. Um elixir, cujo efeito conhecia bem, mas que lhe era vedado por causa de um Vírus estúpido e gerido em ziguezagues, nem sempre primando pela lógica, mas vontade política. Magoado com a vida e carente, os telemóveis de Virgílio e de Teresa começaram a ter mais utilidade do que a das palavras trocadas por quem se ama. Mostravam mais, sabiam a mais. Até o cheiro parecia chegar de um quarto ao outro. Mostrando toda a intimidade e desejo que os tomava. Um enamoramento novo, tecnológico, mas que os deixava com o sabor amargo da falta de entranhamento e de se sentirem realizados um no outro.

Ao quarto dia de quarentena, Virgílio piorou significativamente, com febre de 41 graus e grandes dificuldades em respirar, entre outros sintomas igualmente preocupantes. Teresa e Beatriz, usando da sua influência, conseguiram que ele fosse transferido para o Hospital de Santa Maria e não para o Amadora Sintra – Hospital da área de residência -, que estava a rebentar pelas costuras. Além disso, aqui poderia receber um tratamento de maior cuidado, que contava com Teresa e Beatriz.

Mas o prognóstico não foi o que esperavam. Virgílio apresentava um quadro preocupante, com os pulmões comprometidos, exigindo internamento na UCI, com procedimento de intubação. Paralelamente, dos exames realizados, resultava que, além da infeção dos pulmões, fora detetada uma insuficiência cardíaca e arritmia graves, sendo colocado em coma induzido, com a probabilidade de melhoras muito reservada, mas ainda não crítica. Teresa e Beatriz sabiam bem o que isso queria dizer e prepararam os filhos para o pior dos desfechos, nos próximos dias.

Eduardo e Isabel seguiam, em casa, a evolução clínica de Virgílio, um pouco dourada por Teresa e Beatriz, pela tentativa de não os afetar demasiado. Mas elas esqueciam que os filhos eram adultos e sabiam pensar e entender as entrelinhas. Virgílio ia morrer. Cinco dias depois do internamento, Beatriz, pediu a Teresa que, nesse dia, prestava serviço no Hospital de Dona Estefânia, para ir ter com ela ao Hospital de Santa Maria, logo que pudesse. Teresa entendeu, de imediato, embora nada mais acrescentasse. Quando com a colega e amiga, ouviu o que já sabia: "Lamento muito amiga, mas Virgílio entrou em morte cerebral e não há mais nada a fazer. Tens de ser forte. Temos de ser fortes e, sobretudo, preparar os nossos filhos para a aceitação deste desfecho já esperado." Teresa sabia bem. Amparada em Beatriz, chorava compulsivamente. Perdia, pela segunda vez, alguém que amara, neste caso, incondicionalmente. O homem da sua vida. A vida que tinha um fim inesperado, injusto, traiçoeiro. Quando tudo parecia correr bem... Mas, pelos vistos, a sua sina era essa: que a sua felicidade não durasse muito tempo, que o tempo estivesse sempre de sobreaviso em prega-lhe partidas insólitas, inesperadas, sem sentido.

Equipada, como Beatriz, para entrar no espaço onde se encontrava Virgílio, afagou-lhe os cabelos, só então reparando que apresentavam alguns brancos e grisalhos de que nunca se apercebera. Culpou-se então pelo seu amor incompleto, o que não chegara a amadurecer, o que se cingia apenas ao que sentimos, sem ver o rosto e os sinais do outro, no decorrer dos anos, porque preferimos manter a imagem de como o conhecemos, vimos pela primeira vez, como se nada fosse capaz de alterar o momento, o significado do que sentimos.

Saídas das instalações COVID, despindo os fatos de segurança e desinfetando-se, abraçaram-se, ficando Teresa, uma eternidade, sobre o ombro de Beatriz, como expiando os pecados da vida, se os tinha, como tentando ganhar uma nova energia que lhe fluísse pelo corpo. Dois dias depois, Eduardo e Isabel ainda deixaram cair lágrimas grossas. E Teresa, sempre amparada por Isabel e agora também por Eduardo, ficara apática pelo efeito dos calmantes que tomara, sentindo as pernas a fraquejar. Todos ficaram no exterior do Crematório, seguindo as instruções da DGS para salvaguarda de si próprios.

Eduardo encontrara no computador portátil de Virgílio, por incumbência da mãe, um último e breve texto em que afirmava querer ser cremado e as suas cinzas lançadas ao mar Atlântico, mais precisamente, no Canal entre Pico e Faial. Era complicado, porque ilegal. Teresa zurziu um esquema, em que levaria as cinzas de Virgílio ocultadas dentro de um objeto vulgar. E, com Eduardo, Isabel e Beatriz, desembarcaram no Pico sem problemas. Aproveitando a chegada por volta das 8 horas da manhã, Teresa tinha combinado com um velho amigo do pai, que localizara através da mãe, uma viagem até meio do Canal, onde lançaram as cinzas ao mar, à revelia das autoridades marítimas e sem que ninguém se apercebesse.

Ninguém havia entendido o último desejo de Virgílio. Teria a ver com o facto de ter estado em jovem naquelas ilhas? Calmo e pacato como era, quereria experimentar um último desafio, "morrendo" de novo nas vagas de tempestade que assolam o Pico e Faial? Ou sendo conhecedor de meio Mundo, queria homenagear o espaço marítimo por onde passam mais iates que desaguam no Peter? Ou, no seu subconsciente, apenas queria vincar o seu amor por Teresa, no local onde se enamorara dela, irremediavelmente? Isabel, a senhora sonhadora e lógica – como lhe dizia Eduardo – achou ter decifrado a vontade de Virgílio: como viajara já por muitos países queria continuar a viajar, agora por mar, partindo do local onde a conhecera e se apaixonara por ela.

Teresa desatou a chorar, queria não fosse verdade esta última hipótese, porque lhe lembrava um episódio pouco digno para ela, mas, ao mesmo tempo, sentia-se lisonjeada. E, na verdade, o filho e Beatriz pareciam concordar com Isabel. Só que, atendendo à fragilidade de Teresa, mais ninguém falou do assunto.

A vida nunca mais seria a mesma. Quem faria os churrascos, quem alimentaria as conversas mais genuínas com Eduardo e Isabel, quem passearia o Pluto? – Pensava Teresa. Como vou lidar com a minha filha, o meu genro e a minha amiga? – Pensava Beatriz. Era habitual dizer-se que o Mundo dava muitas voltas. Neste caso, a Pandemia muitas mais. A imprevisibilidade do Vírus e das suas Variantes eram uma incógnita que ocupava e desatinava cientistas, virologistas e intensivistas, além dos médicos de saúde pública, em encontros e desencontros, e em conclusões tardias, por demorado entendimento e, sobretudo, de saber sobre um Vírus desconhecido e mutante.

Estando no Pico, tinham de visitar a mãe e avó, quase bisavó, porque finalmente, Eduardo e Isabel iam ter uma filha, sexo já determinado. Só agora Teresa e Beatriz tinham ficado a saber, porque Isabel estava grávida há cerca de três meses, mas quiseram ter a confirmação, antes de informar as futuras avós. Com a morte de Virgílio, acharam que só deviam dar a notícia depois do funeral, mas como tudo tinha acontecido fora do previsto, resolveram então que o

momento mais apropriado era quando fossem lançar as cinzas ao mar, para Virgílio ficar também a "saber". Teresa chorara ainda mais, agora também de alegria e pareceu que não lhe custou tanto confundir as cinzas do marido com as ondas do Canal, porque sabia que ele iria dispersar-se pelo Mundo feliz com aquela notícia, mesmo que intempestiva.

"Parabéns amiga. Vais ser avó." "Ora, e tu também." Riram ambas, num riso que parecia dever ser proibido pela morte de Virgílio. Como, aliás, o senhor Teodoro, mestre da embarcação, pensou, com o sobrolho franzido, mas sem nada dizer. "Ele ia gostar de saber e mais de ter uma "neta" a *traquinar* lá por casa. Pena que eles só tivessem certeza quando ele já estava em coma." "E já pensaste que foram capazes de guardar o segredo para só agora o revelarem, atenuando sobretudo a tua tristeza?". "Verdade, amiga, temos de nos considerar felizardas por termos filhos assim.".

Ao chegarem a casa de Ana Cansado, Teresa avistou logo a mãe, agora com 70 anos. Parecia ter envelhecido bastante, com a pele engelhada, os olhos cavados, o cabelo mais russo que branco, como se não o lavasse há muitos meses. As olheiras negras salientavam mais os olhos, raiados de sangue, como se estivesse gravemente doente e o seu corpo, ressequido, indicasse uma alimentação escassa e deficiente. Ao vê-la: "A minha menina e o meu neto. Que felicidade, meu Deus. E tu, Isabel e…". "É a Beatriz, mãe de Isabel e minha amiga.". "E aviso-te que vais ser bisavó e a menina vai chamar-se Belisa! "O nome da minha mãe e tua avó?". "Sim. Foram eles que escolheram.". "Estão tão bonitos, meus amores.". "E tu como estás mãe?". – Quis saber Teresa. Ana respondeu que estava bem, apenas cansada e que tinha ficado muito abalada com a morte de Virgílio, porque gostava muito dele, tendo até rezado logo que soube que estava doente… Palmira assomara à porta, envolvendo a prima num abraço natural. Por aquelas bandas pouco se ligava ao COVID e a verdade é que havia apenas uns poucos contagiados. Donde o aparecimento de três pessoas com máscara cirúrgica, era como um encontro invulgar com extraterrestres. Teresa entendeu, então, porque a mãe ficara tão triste e despontada com o seu distanciamento dela. Teresa tentou então explicar-lhe que era para o bem dela, tendo em conta a sua idade e porque não queriam trazer para a comunidade o Vírus que grassava por todo o País, como bem sabiam. Tinham de se acautelar. O facto de ali não haver muitos casos, não queria dizer que, de repente, os contágios não começassem a replicar-se.

Entender pareceu que sim, mas aceitar o facto já era mais difícil. Teresa, já sozinha com a mãe, no pátio junto a uma das hortas da casa, quis saber se mantinha a vontade de ficar com Palmira ou se preferia ir com ela para o Continente. "Para o Continente, filha, nem pensar. Estou muito bem aqui e a tua prima e o marido são também quase como filhos para mim. Não me falta nada, fica descansada.". Teresa subentendeu uma crítica velada, mas a mãe tinha sido explícita. Apenas a indagou um pouco mais, sobre o que sentia, o que comia, tentando estabelecer um diagnóstico quase empírico sobre a sua condição física e de saúde, tendo concluído que pouco ou nada poderia fazer por quem não queria ir ao Centro de Saúde da Madalena fazer exames e ser observada por ela ou por outro colega.

Apenas lancharam. Imagine-se: torresmos, linguiça com inhame e outros acepipes levezinhos. Como dizia Isabel, pelo caminho de volta à Madalena, já estavam jantados. Nem chegaram a ver Quitério, marido de Palmira, porque estava a trabalhar no "Enchurro", uma das terras que deveriam ser herdadas por Teresa. Deu-lhe, de novo, aquele arrepio de há uns anos atrás, percebendo agora porquê. A mãe iria dar, com certeza, todo o seu património a Palmira e ao marido.

Bem, e se desse que mal tinha? Eles é que zelavam por ela. E se a mãe o fizesse ela não obstaria a nada. Nem pretendia virar agricultora e a venda das terras de pouco acrescentaria a sua conta bancária, já que agora também iria ter alguns lucros ou despesas da empresa AzorTours, Lda.

Espantoso foi, para Teresa e Beatriz, que os filhos quisessem assumir o controlo da AzorTours, Lda. É certo que, a partir da vinda de Virgílio para casa de Teresa, mesmo antes de casarem, que aquele tentava interessar Eduardo e mesmo Isabel para o potencial da empresa que detinha e que lhes poderia permitir viajar pelo Mundo, conhecendo diferentes culturas e civilizações, que lhes dariam novos horizontes e fariam perceber que o Planeta era, cada vez mais, uma aldeia global e que se desenvolvia a ritmos diferentes, mas sempre apontando para novas conquistas que os poderiam tornar cidadãos do Mundo. Não que já o não fossem, mas poderiam modelar as suas vivências e experiencia adquiridas como desenvolvimento de novos conhecimentos e competências, sobretudo ao nível dos objetivos da empresa AzorTours. O sonho de Virgílio era que a empresa continuasse a ser controlada pela família, mas fosse capaz de desenvolver-se, sobretudo através das novas tecnologias, como uma referência a nível internacional com aceitação global. Quem recorresse aos seus serviços devia ter todas as questões resolvidas: viagem, alojamento, passeios locais, até comida, se tal fosse possível… Sabia que era um sonho, mas, premonitoriamente ou por simples entusiasmo, tentava passar esse novo conceito de empresa de turismo a Eduardo e a Isabel.

Teresa, única herdeira de Virgílio, ficou com a AzoresTours, Lda, nas mãos, bem como a Vivenda do Algarve – os bens que o marido detinha. Mas, apesar de saber que havia partilhado o seu entusiasmo com Eduardo e Isabel, ficou preocupada com o que devia fazer. Ligou ao colaborador que substituía Virgílio na empresa, nas ausências deste, pedindo-lhe para continuar os objetivos traçados pelo falecido marido, até que houvesse uma decisão da família. Perante a preocupação que lhe foi demonstrada, Teresa infletiu a sua abordagem, aproveitando o seu tempo livre, para conversar com esse e os outros dois colaboradores diretos de Virgílio, preocupados com a possibilidade de ficarem sem trabalho. Teresa pediu-lhes para continuarem a manter a AzorTours e, tanto quanto possível, ampliar a ambição da empresa, porque a sua ideia era manter o negócio a funcionar e conquistar novos mercados. Pediu aos três colabores da Empresa que usassem a sua imaginação, fazendo cumprir os sonhos do falecido marido.

Logo de seguida, "convocou" Beatriz para um jantar urgente, na casa de Queluz, para falarem sobre o assunto. Durante o jantar ouviram os filhos sobre os projetos que pretendiam. Além de manter todas as vertentes da AzorTours, queriam ampliar a sua influência nesta área de negócio, como Virgílio pretendia. Os argumentos de Eduardo e Isabel iam derrubando, uma após outra, as inventivas, tipo "advogado do diabo", de Teresa e Beatriz. Um interrogatório cerrado, de que os questionados tinham sido previamente advertidos. E ambos

se mostraram combativos e seguros do que pretendiam. Teresa e Beatriz resolveram, num piscar de olhos, passar à sobremesa, mudando de assunto. Finalmente, Teresa disse: "Como já acabámos o jantar, vamos reunir as duas na sala e dar o "veredicto final". "E és tu que dizes que "presunção e água benta…" – Refilou Eduardo. Beatriz, num ar solene e impávido, retorquiu: "A tua mãe tem razão. Vamos analisar os dados e chegar a uma conclusão. E tu, Isabel, tenta meter alguma ordem na cabeça do teu homem. Não queremos um neto stressado, apenas normal. Como vocês! Entenderam?".

Teresa e Beatriz tentaram equacionar as vantagens e desvantagens, a aventura dos filhos em deixarem empregos precários, mas ainda compensadores, por uma situação que podia acabar num precipício, sem rede. Beatriz foi contundente: "Amiga, sem rede eles não ficam. Estamos cá nós para os apoiar sempre. Se der resultado, tudo bem. Se não der, vamos ajudá-los a retomar a vida?". "Mas nesta altura da vida deles, em que vão ter uma filha? Isso não pode alterar tudo?". "Não tem de alterar nada. Vamos deixar os nossos filhos voar. Ao sabor do que já aprenderam na vida e daquilo que parece ser uma atividade para que se sentem vocacionados. Virgílio parece ter-lhes transmitido a vontade de se afirmarem por sua própria conta. Admiro-os por isso. Não achas?". Teresa achava, claro. Sentia-se mesmo orgulhosa por ceder o controlo da empresa ao filho e à nora, como um prolongamento dela própria. "Vais fazer a procuração?". "Claro que vou, já amanhã, se possível. Quero muito que a AzorTours, Lda possa ser não só a realização dos nossos filhos mas, sobretudo, a concretização do sonho de Virgílio, o único homem que, na verdade, amei na minha vida".

"Apoio-te, amiga e, se for necessário, conta comigo para compensar o que a empresa deixe de faturar.". "Queres ser sócia também?". " Se tu quiseres, embarco nessa aventura. Mas vais ter de ir comigo aos Himalaias!". "Combinado, vamos falar com Eduardo e Teresa e, em vez da procuração, ficamos todos sócios, designando-os como administradores, e seja o que o destino quiser. Alinhas?". "Força, vamos a isso!".

Teresa abriu a porta da sala, entrando o Pluto a lambuzá-la, feito doido, abrangendo Beatriz. Ela perguntou, naquela voz que não sendo de zangada nem alta demais, percorre toda a casa e penetra no mais recôndito espaço: "Já levaram o Pluto a passear ou deram-lhe comida?". "Não, mãe, vou já.". "Quando voltarem, vamos falar todos.". "O Pluto também?". "Engraçadinho… Mas pode estar presente, será o único que não nos vai contrariar...". Beatriz teve um ataque de riso, mas tentou contê-lo face à situação.

Teresa, entendendo a aflição de Beatriz, deu-lhe a beber a chávena do chá, de

que desfrutavam, colocou a sua mão sobre a dela, como lhe transmitindo a energia necessária para se acalmar e relaxar para os momentos que se seguiriam. Beatriz agradeceu-lhe com um olhar ternurento.

Eduardo e Isabel ficaram preocupados. Mas o tom de voz de Teresa não parecia de preocupação e, muito menos, agressivo. Isabel saiu com Eduardo para passear o cão. Pelo trajeto que o Pluto habitualmente fazia, demoraram um pouco mais, em cada etapa de cheirar e ou de marcar o local com xixi. "Achas que elas vão concordar?" – Perguntou Isabel. "Não sei. Mas queria muito que a minha mãe e a tua concordassem. Sei que é uma decisão que nos pode colocar numa situação difícil, mas é um risco que acho que podemos assumir e ultrapassar. Vamos ter de trabalhar bastante, mas também nos podemos divertir, conhecer melhor o Mundo e podermos viver do nosso próprio negócio, como o Virgílio fazia, mesmo nos piores momentos.". "Concordo, amor, vamos tentar e que os deuses do turismo nos ajudem.". "Ámen!".

Quando voltaram com o Pluto, que agora comia na cozinha, esfomeado, devorando os grãos da tigela cheia, num ápice. Teresa estava sentada na sala, com Beatriz, em frente à televisão. "Então, mãe?". "Acalmem-se e deem mais comida ao Puto. Pelo comportamento dele, ainda parece esfomeado…". A televisão dava notícias. Algumas já repetidas ao longo do dia. Teresa estava enfastiada e quando começaram a falar do COVID olhou para Beatriz e desligou-a. Estavam fartas de ouvir e ver notícias adulteradas e, sobretudo, as opiniões, por vezes bombásticas, dos comentadores, alguns até seus colegas, deslumbrados pelo estrelato. Não valia tudo. Bastava o que se passava na realidade, de que eram ambas testemunhas: de vítimas anónimas que morriam ou resistiam no limite. E os números apareciam nos Relatórios da DGS, como o de Virgílio nos "Óbitos". Era uma loucura, estatística apenas, que só os médicos afetos ao COVID podiam entender.

Alguns minutos depois, Eduardo e Isabel entraram na sala, inconformados e como se pedissem explicações de tanto suspense e demora. "Podemos entrar?". "Sim, sentem-se.". "Então, quem fala? – Perguntou Eduardo, já um pouco preocupado, uma vez que nem Teresa nem Beatriz manifestavam qualquer alteração das suas atitudes normais do convívio já habitual. Apenas um pouco mais solenes, como se dali fosse sair uma decisão de que não iriam gostar. Teresa, mantendo a cara fechada, disse: "Vai falar Beatriz!".

E Beatriz falou, num ar de incógnita total: "Meus queridos, parece-nos que querem prosseguir com a AzorTours, que era tão especial para Virgílio e lhe permitiu conhecer uma boa parte do Mundo, lucrando também com isso, pelo seu trabalho e dedicação. Mas agora os tempos são outros. Bem mais difíceis,

apesar de ele ter conseguido, com enorme esforço, manter a empresa viável e mesmo com alguns lucros, porque era um homem empenhado e inteligente.". Teresa limpava as lágrimas, lembrando os sacrifícios do marido para não ter de por termo ao seu sonho de sempre. Beatriz continuou: "Por outro lado, apesar da precariedade dos vossos empregos, nós entendemos que vão dar uma espécie de salto no escuro, que pode prejudicar as vossas carreiras, sobretudo agora que estão para ser pais.". Eduardo e Isabel sentiam-se congelados, adivinhando a conclusão… Beatriz prosseguiu: "Mas – e há sempre um mas nestas situações -, se vocês se acham preparados e querem mesmo assumir este novo desafio, eu e Teresa colocamos algumas condições.".

"Que condições?" - Perguntou Isabel, ainda preocupada. "Primeira: A empresa terá quatro sócios. Vocês e nós.". "Segunda: Vocês serão nomeados Administradores da Empresa. Mas nós, como sócias, teremos direito a desconto nas viagens que fizermos, por exemplo aos Himalaias que fazemos questão de conhecer.". "Finalmente: Estamos prontas para suportar as eventuais dificuldades e perdas da empresa.". "Teresa, queres acrescentar mais alguma coisa?". Esta, já com um sorriso, abanou a cabeça. "Sendo assim, estão de acordo?".

Eduardo e Isabel estavam atordoados. De um não absoluto, que haviam formulado como conclusão lógica do aparato inicial e do discurso de Beatriz, nem sabiam bem como reagir. Teresa, sem entender o que sentiam na realidade, tentou indagar: "Vocês têm alguma coisa contra o que Beatriz disse? Tudo isto foi encenado para vos apoiar incondicionalmente. E sabem que eu, mais que ninguém, quero homenagear Virgílio e continuar o seu sonho, agora com vocês. Sei que é uma grande responsabilidade da vossa parte, mas, conhecendo-os como conheço, sei que são capazes. E podem sempre contar com o nosso apoio.". Trocando um beijo suave em frente das mães, olhando-as, como se assim entendessem, mesmo que não acertassem nas palavras da resposta a dar. Foi Eduardo que falou: "Nós agradecemos que queiram fazer parte também deste projeto e apoiar-nos, mesmo nas horas menos boas. Mas, garantimos que vamos empenhar-nos totalmente na manutenção e desenvolvimento da AzorTours que Virgílio, nosso pai sem aspas, criou e manteve, mesmo no pior desta Pandemia. Apenas precisamos do vosso apoio para criar a nossa filha e vossa neta nos seus primeiros anos de vida, porque quero ter Isabel sempre ao meu lado, mesmo que fora de Portugal.".

Foi a vez de Teresa e Beatriz, deixarem cair as lágrimas dentro da chávena de chá, para disfarçarem a comoção. Isabel, então disse: "Por favor, não chorem, vocês vão ser as avós mais queridas de Belisa. É, como sabem, o nome que vamos chamar à nossa filha, é um anagrama de Isabel, também usado por Luís de Camões. Que não conflitua com o nome das avós e mesmo das bisavós, mas

coincidindo com o da trisavó, do lado materno.". "Cá estamos, filhos, para vos amparar e apoiar em tudo.". "É a nossa missão como mães e avós e, sobretudo, estamos ansiosas para conhecer essa Belisa, nossa neta, lá para Março do próximo ano.". "Meu Deus, é uma eternidade!"- Disseram Teresa e Beatriz, quase em coro.

"Mãe, agora sou eu que não quero colocar qualquer condição, mas mais um pedido que tem a ver com uma questão operacional que nos poderia facilitar muito, a gestão da empresa a partir daqui de casa. Posso?" – Perguntou Eduardo. "Sim, claro, diz filho!". "Seria possível trocarmos de andar? Isto é, tu passavas, com o teu escritório, para o segundo andar e nós ficávamos no primeiro no teu quarto e com o escritório de Virgílio e ao lado o quarto de Belisa.". Houve uma pausa de alguns segundos… Beatriz olhava insistentemente para Teresa, todos olhavam, à espera de uma resposta… "Mãe, até ficavas com o terraço para apanhar banhos de sol…". Teresa parecia prestes a ter um daqueles seus conhecidos ataques de fúria. Mas não… desatou a chorar. Eduardo, preocupado e arrependido de ter feito a proposta, ainda tentou: "Desculpa, mãe, esquece o que eu disse." Contra as expectativas, Teresa limpou os olhos e, num tom quase divertido, respondeu: "Fiquei a chorar porque, ao falares do terraço para tomar banhos de sol, fizeste-me lembrar que dei uma bofetada a Virgílio por ter espreitado uma mulher do edifício em frente que se deitava nua numa cadeira de praia na varanda. Fui muito injusta porque a mulher era uma "mastronça" e ele apenas olhou por curiosidade. Mas, agora, até me parece uma boa ideia apanhar banhos de sol no terraço, em fato de banho claro.".

"Ufa, fiquei mais descansado…". "Quanto à troca de andares, de acordo. Temos de recondicionar os quartos, modernizando-os tanto quanto possível.". "O melhor é começarmos já, então. Eu trato do assunto, se estiveres de acordo.". "Começa já, porque a vossa proposta faz todo o sentido. E vou transmitir aos colaboradores da AzorTours, as decisões que aqui foram tomadas. De acordo?". Eduardo e Isabel concordaram e Beatriz, fazendo um brinde, que todos acompanharam, exclamou: "Ao futuro!".

Demasiado

Demasiado foi ir para além
do que poderias sentir
e serias capaz de aceitar
apetecia-te o mar
a mim apenas apanhar
as conchas que se abrem
e expõem pérolas apetecíveis

Saboreá-las era o sonho
que sonhei a dois, incompleto
nos momentos transcendentes
dos amantes que experimentam
a vida vivida e renovada sempre

Demasiado fui, pecado assumido
mas se te adoro e te sinto em mim
espero ser perdoado e redimido
por gostar de ti tão intenso assim.

Avelino Rosa, 11-06-2020

No final de Setembro a *Task Force* de Vacinação, passou a uma versão mais moderada, com 84% da população já vacinada, preparando, a partir de Outubro, uma terceira dose vacinal contra o COVID-19, destinada aos mais idosos e, escalonadamente, em razão inversa da idade, para os restantes grupos etários, ainda sem se conhecer o limite. Entretanto, a DGS já tinha decidido, desde Agosto, vacinar também os jovens, dos 12 aos 17 anos. Com a não aprovação do Orçamento de Estado, o Presidente de República dissolve a Assembleia da República, marcando Eleições para 30 de Janeiro de 2022. A COP26, que criara enormes expectativas na reversão do aquecimento global do clima, terminou, a 14 de Novembro, com o Pacto Climático de Glasgow, de modo muito insatisfatório, com vários Países, altamente poluidores, a manterem por muitos anos ainda, a emissão de gases, com efeito estufa, para a atmosfera.

A OMS classifica a Ómicron, variante do Corona Vírus, com origem na África do Sul, como preocupante, sendo detetados os primeiros casos em Portugal. Entram em vigor as restrições à entrada no País, com enfoque na vacinação, incluindo as crianças entre os 5 e os 11 anos. Fica a saber-se que esta variante poderá não ser tão agressiva como a anterior (Delta), mas bastante mais contagiosa que aquela, pelo que se espalhou rapidamente por muitos Países. As medidas tomadas pelo Governo para o Natal e a passagem de Ano, levam a uma corrida aos testes rápidos de antigénio, que bateu todos os recordes e levou as Farmácias e os Laboratórios – estes com testes *PCR* (*Polymerase Chain Reaction*), eventualmente de confirmação já que mais fiáveis, a uma saturação desusada, colocando em causa muitos convívios e, sobretudo, viagens.

A preocupação maior, agora, de Teresa e de Beatriz era a nora e filha. Já com duas doses da vacina, enquanto Eduardo estava inoculado apenas com uma, havia que assegurar que nada lhe acontecesse nem ao bebé. As avós estavam preocupadas e Isabel ficava quase sempre confinada, não fosse o Diabo tecê-las.

Eduardo tentava imprimir uma nova dinâmica à AzorTours, mantendo os fiéis colaboradores de Virgílio – a quem explicou as mudanças na empresa -, começando a delegar algumas tarefas e missões, sempre em consonância com Isabel que, em casa, fazia do equipamento do escritório e do telemóvel os seus principais instrumentos de trabalho. O Final do Ano não iria ser o que haviam pensado, com as restrições do Governo, quer na realização de eventos quer de viagens. De qualquer modo, investiram com o setor Farmacêutico na realização de testes rápidos e com alguns Laboratórios para agilizar resultados de testes *PCR* quando exigidos, permitindo a realização de alguns eventos ou de viagens internas e a movimentação de pessoas para outros Países ou a vinda de

estrangeiros e portugueses da diáspora para Portugal. O lucro da operação mal deu para cobrir os investimentos, mas assegurou a manutenção da AzorTours no mercado em posição de relevo. Eduardo havia motivado os colabores nesse sentido e acharam que ele poderia ser filho de Virgílio, tal era o modo de falar e o entusiasmo das suas convicções, dando-lhes um inexplicável ânimo e arrastando a todos, como um líder de confiança e inquestionável, ajudando-o a concretizar as sua ideias, em muitos casos inovadoras e, como ele dizia: "Meus amigos, temos de surfar a onda que nos aparece e não ficar à espera da ideal. Temos de saber e descobrir como furar e ultrapassar este turbilhão que nos atingiu, tirando partido da situação, sendo criativos, arriscando e sabendo conviver com o Vírus. E aviso, desde já, que no próximo ano teremos um novo projeto de vida da empresa e de todos nós, em que ainda estou a pensar. Conto com todos!". E todos contavam com ele. Isabel assistia a estas reuniões por videoconferência. Escorreu-lhe dos olhos uma lágrima rebelde. Amava Eduardo, mais que tudo. Mas ele sempre a surpreendia, neste caso em particular pelas suas qualidades de liderança e de empreendedor. Num ambiente que afetava tudo e, em que as empresas pediam apoio ao Governo, Eduardo dispensava-o, equilibrando as contas da empresa. Tal como Virgílio, pensavam todos. Quem havia de dizer que um engenheiro mecânico e uma bióloga iam ser capazes de renovar uma agência de viagens… Não, não se podia dizer isso, porque Eduardo logo acrescentava que já não era só uma agência de viagens e, com a colaboração de todos, seria muito mais que isso.

O início do Ano de 2022, não foi melhor em termos de Pandemia e os casos de contágio voltaram a crescer, as hospitalizações com aumento dos internados nas UCI, bem como o número de mortos. Mas, na verdade, muito abaixo dos números de igual período do ano anterior. A vacina estava a dar um importante contributo, reconheciam os responsáveis pela Áreas da Saúde. As restrições tiveram nova moderação, com a abertura de Bares e Discotecas, mas manteve-se a obrigação de apresentar do Certificado de Vacinação para acesso a restaurantes e a eventos, e, nalguns casos, ainda com testes negativos.

Teresa, no meio da sua azáfama hospitalar, nem deu conta que alguém lhe tinha telefonado. Duas crianças brutalmente espancadas, um miúdo com 7 anos e a irmã com 5, estavam na UCI da Estefânia em risco de vida. O mentecapto do pai – que dessa qualidade só tinha o nome -, agredira, como muitas vezes o fazia, a mãe das crianças. Neste caso, talvez pela violência exacerbada, as crianças abraçaram-se à mãe, razão suficiente para a besta as tomar também como alvo. Os vizinhos chamaram o 112 e as autoridades. Teresa seguiu o protocolo habitual destas situações, tendo o homem sido detido e levado para uma Esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP). Ficou a pensar o que poderia levar um

homem… bem, lembrava-se agora de ter sido agredida por Fernando, seu primeiro marido… Mas, como se podia explicar o uso da violência em crianças indefesas? Que homem seria capaz disso? O álcool pode provocar essa disfunção, pode transformar uma pessoa num monstro, mesmo no seio familiar? Pode alguém ser capaz, bêbado ou lúcido, de agredir, mesmo matar, um familiar: mulher ou filho? Não obtinha respostas. Voltando a ela mesma, Teresa recordou que nunca tinha percebido se Fernando estava bêbado ou apenas frustrado, ressabiado, pela Prisão, remoendo um pensamento de ciúme infundado, concretizado na sua cabeça, numa mente já desfigurada e confusa. Teresa perdia-se nos seus pensamentos, olhando para as crianças que agora, sedadas, pareciam mais calmas e dormiam, com as funções vitais monitorizadas. Os dias seguintes seriam determinantes das sequelas das lesões que haviam sofrido. Mas, depois dos exames realizados, tinha esperança de que ficassem bem, pelo menos fisicamente.

Foi só bastante depois de ter acabado o seu turno, que abriu o telemóvel e viu as várias mensagens de Palmira, que lhe anunciava a morte da mãe, informando-a de que tinha encontrado Ana Cansado morta nessa manhã, quando a ia chamar para o pequeno-almoço. De imediato ligou a Palmira para saber mais pormenores e sobre o funeral. Pelo que o padre lhe dissera, o enterro seria no dia seguinte de manhã, disse-lhe Palmira. "E não se pode aguardar até que eu chegue? Vou tentar estar aí o mais rápido possível.". "Não sei prima, aqui não há lugar para guardar as pessoas falecidas e, como sabes, o senhor padre só gosta de fazer os funerais da parte da manhã.". "Raios partam esse padre. Só espero que vá para o Inferno quando morrer.". "Prima?!" "Deixa lá Palmira, vou da mesma maneira, logo que possa. Depois te digo alguma coisa.".

Eduardo prontificou-se a ajudá-la. Usou, de imediato, os seus contactos e, por acaso, havia avião direto da SATA para o Pico, com chegada prevista para as 9 horas locais. Tratou também de alugar um carro, para que a mãe pudesse usar até ao lugarejo onde nascera. Era a ela, ao pai e à mãe e a muitas mais pessoas, que aquele padre excluíra do seu rebanho, ia pensando Teresa enquanto conduzia. Chegou ao Cemitério passava pouco das 10 horas. Já o padre estava a fazer as benzeduras que levariam o caixão – transportado até ali por um filho de Custódio - à cova aberta. Um punhado de terra de Teresa sobre a última casa da mãe encerrou a cerimónia breve, que os coveiros se apressaram a acabar. Teresa entendeu que os seus laços àquela terra tinham terminado com a morte da mãe, aos 72 anos. Saiu do cemitério sem cumprimentar o padre, mas sem deixar de agradecer ao filho de Custódio a sua ajuda. No almoço com a prima e o marido, com um rebento a caminho, Teresa indagou a ambos sobre aquilo que a mãe lhes havia deixado em testamento. Deixara quase tudo, menos uma poucas terras,

que, naturalmente pertenciam a Teresa e sobre as quais teriam de fazer um acordo. Teresa nem perdeu tempo: se a mãe tinha deixado praticamente tudo a eles, lá teria as suas razões, mesmo que isso significasse que a teria abandonado, o que não era correto nem justo, também podiam ficar com o resto. Deviam ficar com tudo. Donde pediu à prima e ao marido que tratassem de preparar a legalização desses terrenos, para os passar para eles por doação. Assinaria o documento no próximo Verão ou até antes, se o enviassem por correio. Ainda bem que não lhe tinham falado nas despesas de funeral, que as pagassem. Um apressado passeio ao redor da casa, um último olhar fotográfico, despediu-se e depois de visitar alguns locais que persistiam na sua memória, dirigiu-se ao aeroporto do Pico para, com escala na Terceira, em Angra do Heroísmo, voltar a Lisboa e a Queluz.

"Mãe, vai dar tudo à Palmira e ao marido?". "E tu e Isabel querem ser agricultores na Ilha do Pico?". "Não mãe, mas algumas terras poderiam ser de pasto e termos vacas e leite, sei lá…". Teresa riu-se: Não filho, são mesmo terras de cultivo e de pequena dimensão, não daria para isso. Acho que até é melhor para todos que eles fiquem com elas. Nem para vinhas serviam. Apenas tenho pena da terra chamada "Enchurro", onde ia às vezes com o meu pai apanhar inhames e castanhas. Tem uns castanheiros imponentes e grossos, que um homem normal nem consegue abraçar. E donde caiam ratos quando o meu pai, com um pau, batia nos ramos com castanhas. Eu fugia a sete pés, ficando toda arranhada nos arbustos e com a pele a arder do contacto com as silvas e urtigas. Apesar de adorar a terra porque, na altura, me parecia uma floresta encantada. Hoje penso que não serviria para nada.". "Entendido. Já percebi que não terei negócio de vacas no Pico.". "Além disso as vacas não são normais, têm as pernas de um lado mais compridas que as do outro.". "Como?". "Como o Pico é muito inclinado, as vacas para se manterem direitas para comer a erva, têm de fletir as pernas de um dos lados, logo elas ficam mais curtas e, com o tempo, a genética faz o seu trabalho.". Eduardo e Isabel, e também Beatriz que tinha feito questão de ir consolar a colega e amiga, ficaram, durante uns segundos, em silêncio e sem saber o que dizer. Pluto saltou para o colo de Teresa, numa lambidela sem tréguas, como se tivesse entendido. Só depois se soltou a gargalhada de todos, contida pela perda da mãe de Teresa.

Na taberna do Ti Gregório, a única que agora havia na povoação, depois do Macedo Furtado ter fechado as portas e a vida. O Gregório era um homem sem idade. Velho, mas sem idade. Tinha a filha, tardia, a servir os fregueses durante o dia. Havia quem dissesse que alguns nem iam trabalhar só porque preferiam ficar de conversa fiada com ela. Uma tagarelice que começava a dar que falar. Ela, com seios grandes e mamilos vincados, parecia fazer questão de se pavonear por entre os clientes, com uma t-shirt e leggings apertadas, mostrando, de cima abaixo, o que os olhares masculinos fixavam, esquecendo o deserto de vida em que viviam. Gregório não se importava. Tinha freguesia durante o dia inteiro e à noite todos regressavam a casa que ele também tinha de dormir.

Margarida, com 18 anos, gozava com a rudeza dos homens que a adulavam, insinuando-se mais ainda quando topava algum homem jovem que a pudesse retirar daquele Inferno. A meio do dia olhava para o gigante, ora escondido, alimentando o seu mistério, ora descoberto, resplandecendo com o brilho do sol, em cores sempre diferentes, de múltiplos tons. Até que um dia, a meio da tarde, um rapaz em contraluz a seduziu sem nada dizer. Ao anoitecer revelou que se apaixonara por ela e que a gostaria de a levar para o Canadá, de onde tinha vindo em férias. Margarida, nem pensou. Gostou e, mais ainda, de ele ter cumprido a promessa de a levar. Há sempre alguém que perde para outro ganhar. No caso, perdeu Gregório, porque não havia mais ninguém, jovem e feminino para apresentar. Fechou a loja e dizem que morreu pouco depois. De Margarida nunca se soube mais nada. Teria realizado ou não o seu sonho? Sabe-se apenas que foi até à Terceira, de onde terá embarcado não se sabe para onde. Houve relatos de que a haviam avistado numa Casa de Cascais – boato nunca confirmado -, reservada a VIP, onde ricaços e meninas se divertiam na piscina e nos luxuosos quartos, que até *jacuzzi* tinham. Por vezes acompanhavam os homens importantes em viagens de negócios, claro. Uma treta que ficava registada na contabilidade da empresa, mas sem expressão no aumento de produtividade e, muito menos, de exportações. E também porque os agora empreendedores se haviam de preocupar com isso se o custo do trabalho e dos outros fatores de produção não colocavam em causa os seus lucros. Com as meninas até se podia pagar mais em mão de obra especializada, mas era outra coisa, em muitos casos, apenas de fachada e tentativa de competição com parceiros ricaços que, ao terceiro copo "morriam" na cama do suposto prazer da noite inteira, com que se digladiavam, pavoneando-se.

E a "povoação" continuou a fazer parte do mapa da Ilha do Pico, onde a montanha parecia elevar-se mais, e o medo telúrico das ribeiras correndo, arrancando árvores e animais da terra, até estreitar sob a ponte centenária,

espraiando-se no mar, deixando os seus despojos ao sabor das ondas que moldavam as rochas da baía onde já não se viam golfinhos, nem cachalotes ou baleias, nem troavam foguetes para a sua caça. Apenas um bote sobrevivia para as regatas que agora tinham lugar e a meia dúzia de embarcações de pesca, outrora mais de trinta, limitavam-se a pequenos passeios e a pesca desportiva ou de "brincar a apanhar peixinhos". A praia fluvial continuava, no meio das rochas, junto da rampa do porto. E até as mulheres usavam biquíni e os homens fatos de banho curtos. Com areia mitigada, em poucos meses do ano. Tudo estava lá, na povoação, mas diferente.

E Teresa sentiu isso. As poucas fotos que tirou da casa onde nascera e de outros locais, como o porto, apenas tinham o objetivo de não esquecer o momento, o instante daquele momento que adulterava as suas memórias, deixando-a desenraizada. Nem a paisagem era a mesma já, agora atulhada de casario, perdendo espaços que lhe tinham dado vida, como hortas, pequenos terrenos de vinha, pocilgas dos porcos… E as pessoas menos ainda. Para melhor, é certo, no vestir, com roupas modernas, coloridas, matando o preto que perpassara por todos, e mais comunicativas. Pareciam, mas a comunicação, sobretudo dos mais jovens, trazia uma conversa de indagação de tendências da moda, no vestir e na música, no divertimento que por ali escasseava. Teresa sentia um vazio naquela gente que não queria qualificar nem de retrocesso nem de inveja, mas que, apesar de terem acesso à Televisão, ao Telemóvel e á Internet, pareciam ter perdido valores essenciais. A verdade é que era uma pequena amostra de toda a Ilha, do País e do Mundo.

Tudo mudara, para melhor, em muitos aspetos, sobretudo tecnologicamente, mas noutros parecia que aquela sociedade voltara a uma pré-história qualquer. Os vizinhos, mais próximos, a que assomou à porta já não se lembravam dela ou nem a conheciam. Como era possível essa mudança em poucos anos? Depois pensou melhor. Era verdade que tinha ido ao Pico em muitos Natais antes da Pandemia. Mas só tinha ficado com os pais e depois com a mãe, apenas uns poucos dias, sem visitar os vizinhos. Afinal, a culpa era mesmo sua. Não se desligara da Povoação agora, mas há muitos anos atrás. A decisão de querer doar à prima todas as terras que herdara da mãe tinha a ver com isso. Entendeu, definitivamente, que aquele mundo não era já o dela, mas o de Palmira e dos filhos que iriam povoar e transformar a Povoação. Ou deixariam também de ligar à terra e viver do ordenado das superfícies comerciais e da prestação sazonal de serviços, como avistamento de cetáceos, do turismo e de outros trabalhos por conta de outrem… Teresa estava apreensiva. Sem dar por isso tudo tinha mudado e, sobretudo, a mentalidade das pessoas. Qual seria o seu futuro se não tivessem conseguido emprego estável, nas Câmaras Municipais ou nas

Representações do Governo Regional? Até alguns mais velhos, com património imobiliário, tinham enveredado pelo turismo rural, alugando casas, adegas e moinhos, adaptados a habitação de férias.

Teresa lembrava-se bem que, quando frequentava o Liceu, dizia-se que não se deveria abrir os Açores em demasia ao turismo. A ideia era não forçar a Natureza, estragar ou adulterar os recursos. Agora, tudo parecia voltado para essa atividade. E muitas pessoas viviam disso. O Peter, referência internacional, mesmo nessa altura, mantinha o conteúdo e objetivos do seu negócio na Ilha do Faial, criando um fantástico museu que valia a pena visitar. Teresa, que lá fora, há poucos anos, já com Virgílio, tomara o *Gin* mundialmente conhecido, achava agora ter entendido a diferença. Era um negócio sustentado, já com três gerações, e os Iates que amarravam à Marina da Horta cresciam a um ritmo consistente. De resto, os negócios que viviam do mar das ilhas, além das zangas do oceano, sobretudo do Canal Pico Faial, dependiam muito das ligações marítimas e aéreas entre as Ilhas. E apenas eram viáveis durante o Verão, mais ou menos prolongado. O mesmo acontecia com o turismo rural, porque as pessoas que o procuravam, geralmente, também queriam o turismo do mar. Donde, Teresa, apesar de todas as conjeturas, resolveu ser melhor não pensar mais no assunto. Até porque, como açoriana, acreditava que as pessoas saberiam sobreviver, mesmo nas piores condições. E não podia esquecer que o filho e a nora viviam agora, em boa parte, desse descobrimento das Ilhas, por continentais e estrangeiros, através da AzorTours, Lda.

O novo projeto, trabalhado até à exaustão com Isabel, que Eduardo anunciara para a AzorTours, e que todos os colaboradores esperavam com ansiedade, iria mudar radicalmente a empresa, apresentando uma espécie de ementa global e particularizada, de acordo com as apetências dos clientes. A empresa deixava de ser apenas uma agência de viagens e passava a oferecer pacotes integrados de viagem, alojamento, aluguer de automóveis, visitas culturais e paisagísticas, gastronomia, desporto ou apenas diversão, avistamento de cetáceos, pesca, mergulho, um pouco de tudo o que todos e cada um dos turistas gostaria de gozar durante as suas férias. E era fácil escolher. Cada cliente criava o menu do local que pretendia visitar e o que lá gostaria de fazer. Por exemplo, uma família que pretendesse visitar o Pico e o Faial preenchia, na página eletrónica da empresa, um inquérito, onde assinalava o que desejava e em que datas, ficando a AzorTours de confirmar na íntegra ou sugerir alterações, designadamente de datas, através de *email*, sempre respondidos com rapidez e de acordo com as disponibilidades das companhias aéreas e agentes de turismo local, envolvidos no pacote pretendido. Acrescentando, se fosse caso disso, algumas sugestões ou mesmo um novo programa integrado.

Não se organizavam excursões, afirmava-se no Site. Cada interessado é que determinava como pretendia viajar e o que pretendia ver e experienciar. Para se deslocar, teriam um carro de aluguer à espera ou se se tratasse de uma família numerosa ou mesmo grupo, um pequeno autocarro que faria apenas o que pretendessem. Para isso, o Site da AzorTours estava organizado de tal forma que era possível ter uma ideia realista do que, designadamente, a Ilha do Pico poderia proporcionar, o mais exaustivamente possível, com eventual tempo de deslocações, duração dos eventos, ida ao Faial e regresso ao Pico. Cada pacote estava organizado de modo a que, uma vez escolhido e pago, o turista ou turistas tivessem asseguradas as suas opções, sem terem de perder tempo precioso a percorrer vários Sites, a fazer comparações e diversos pagamentos. Era a AzorTours que se encarregava da reserva e pagamentos, com preços mais acessíveis, aos parceiros, em tempo real, através das respetivas plataformas.

Tudo ficava tratado, de modo a poderem gozar as suas férias com o máximo prazer. Assim, a grande novidade era a de se poder recorrer a uma única empresa para ter as férias de sonho que se ambicionava, sem mais custos e com garantia do cumprimento do plano traçado, incluindo, se fosse caso disso, a ementa gastronómica, naturalmente com a ressalva do tempo, muitas vezes incerto, dos Açores. Mas até nesse aspeto também se aconselhava determinados meses, indicando o grau de probabilidades das condições do tempo e do mar, estando também prevista a mudança de data, se possível, ou a devolução do que havia sido pago sem contrapartida do serviço.

Eduardo e Isabel haviam conjugado umas quantas plataformas informáticas

que se usavam para viagem, alojamento, aluguer de automóveis, atividades marinhas, de restaurantes e outros Sites, como dos navios de travessia do Canal entre Pico e Faial, e para São Jorge e Graciosa, e Sites institucionais de Câmaras Municipais ou de outros organismos, públicos e privados, ligados ao turismo e divulgação. E este projeto era válido para todo o Mundo, desde que houvessem parecerias e conexões eletrónicas estabelecidas.

Tudo ficava ao alcance de um toque na AzorTours, que interagia informaticamente com os Sites das parcerias estabelecias – através de um interface idealizado por Eduardo e desenvolvido por um amigo informático que tratava também da página da empresa - e, felizmente, abrangiam os domínios, com vantagens para todos, mesmo fora dos meses de Verão, com Hotéis e Pousadas com instalações repousantes, bons restaurantes, piscina, *jacuzzi*, onde se gozavam outros prazeres, com a chuva e mesmo trovoada lá fora. Esta interligação única, obrigou a um esforço, sobretudo de Isabel, para obter a concordância dos parceiros em abrirem as respetivas plataformas ou de aderirem a este projeto, de modo a obter-se uma interligação como se o Site da AzorTours fosse uma única plataforma informática, dispensando o acesso dos clientes aos Sites ou plataformas dos parceiros. A AzorTours firmava-se e afirmava-se, assim, como uma empresa diferente e capacitada para gerir as pretensões dos clientes dentro de uma única plataforma e com um interlocutor único. Claro que, e aqui estava a justificação das parcerias, qualquer pessoa podia continuar a programar a sua viagem do modo tradicional, porque os Sites e plataformas existentes se mantinham, mas o recurso à AzorTours tinha uma mais-valia especial e sem custos acrescidos. Finalmente, o inquérito de satisfação, que se solicitava ao cliente no final das férias, seria um instrumento essencial para o aperfeiçoamento deste novo sistema.

Explicado o projeto aos colabores, a 20 de Janeiro de 2022, com Isabel presente *online*, todos ficaram em silêncio, por momentos. A empresa não tinha capacidade para realizar um projeto tão ambicioso. Por outro lado, como se garantia que os *players* estavam de acordo com esta ideia e se iam associar à AzorTours. Mas, podendo ser megalómano, era um projeto aliciante e que, se fosse possível de implementar, seria diferenciador. Como o vamos concretizar? Os colaboradores da empresa haviam sido incentivados a colocarem questões e a dar as sugestões que entendessem, com inteira liberdade, pedira-lhes Eduardo, o que Isabel corroborou. Respondendo às dúvidas pertinentes, Eduardo respondeu:

"Metade das parcerias, sobretudo dentro do País, incluindo os Açores e Madeira, já estão em vias de concretização, por mim e Isabel, com as empresas já

nossas associadas, mas também noutras partes do Mundo. Mas ainda falta estabelecer parceiras com vários organismos públicos e privados, designadamente no que respeita às plataformas visita a museus e locais visitáveis, de alojamento e de restaurantes, bem como de atividades recreativas. A Isabel vai enviar um *emai*l com o ponto da situação. Agora cabe a vocês duas coisas: visitar o novo Site da empresa, ainda reservado apenas a nós, e dizerem o que acham e, sobretudo, o que deve ser corrigido ou acrescentado e, depois, contactarem com os nossos amigos de negócio, testando o funcionamento do nosso Site e dos deles, e conquistando os outros, que faltam e conheçam ou vão conhecendo, para o projeto. É essencial que todos os contactos sejam do conhecimento de todos, para evitarmos duplicações, o que poderia parecer, sobretudo, pouco profissional da nossa parte. Apenas eu, de acordo com Isabel, poderei responder aos parceiros, a agradecer a sua disponibilidade para trabalharem connosco. Vamos fazer um esforço suplementar para tentar atingir os nossos objetivos. Sei que vai exigir um grande esforço de todos, mas se conseguirmos, podemos chamar os colaboradores dispensados e, quem sabe, novos colaboradores. Finalmente, se tudo correr bem, poderemos colocar o nosso novo Site *online*, a partir de meados ou finais de Fevereiro – prevendo que a Pandemia vai, de facto, abrandar e permitir a normal deslocação de pessoas no nosso País e pelo Mundo -, e esperar que as pessoas comecem a aderir, de preferência já para o Verão deste ano. Vamos a isso? Obrigado a todos!".

Seguia-se um fim-de-semana, para refletir e ter ideias. Tal como Virgílio, Eduardo não descansava enquanto não tivesse obtido o que queria. E ele sabia que estava a dar um grande salto, tal como o "pai" o tinha sempre motivado, levando, muitas vezes, em pequenas viagens e a reuniões da empresa. Sem nunca lhe dizer porquê. Agora sabia.

Poucos dias depois, nova reunião. O entusiasmo era geral. Mas, se tivessem mais adesões teriam de começar a pensar em admitir mais colaboradores, começando naturalmente pelos que haviam sido dispensados. O trabalho personalizado para cada cliente iria exigir muito esforço e dedicação. Por outro lado, para manterem a qualidade que se pretendia, poderia haver um limite, a partir do qual não poderiam dar resposta eficiente a mais clientes. Um dos colaboradores sugeriu mesmo que se colocasse uma mensagem automática no *email* e no telefone, no sentido de pedir desculpa, mas dizendo que, face à afluência de clientes, estavam no limite da capacidade de poderem dar uma resposta efetiva e de qualidade, pelo que pediam que voltassem a ligar numa data em que achassem poder estar em condições de os poder satisfazer. Esta resposta automática, devia ser sempre acompanhada de um pedido para ligação telefónica à AzorTours ou desta ao possível cliente, de modo a explicar, de viva

voz, os motivos que a impediam de atuar e, se fosse caso disso, reagendar uma alternativa.

Eduardo e Isabel concordaram com esta perspetiva. "Mas isso é ser muito otimista." – Disse ela ao colaborador que parecia mais entusiasmado.". "De qualquer modo, e tendo em conta o vosso entusiasmo neste novo projeto, eu e Isabel resolvemos que devíamos introduzir na empresa uma divulgação trimestral da sua contabilidade, que passará a refletir que, caso haja lucros, 25% são para acrescentar aos ordenados dos colaboradores. Uma forma de vos agradecer e também de vos incentivar. Que acham?". Todos estavam de acordo e isso refletia-se também nos rostos deles. A AzorTours, Lda estava pronta e incentivada para um *upgrade* que nenhuma empresa de turismo, que se soubesse, havia experimentado.

Teresa e Beatriz estavam orgulhosas dos filhos. E só podiam. Num curto espaço de tempo e com a Pandemia ainda a contrariar a retoma económica. Mas, era nestes momentos, que se afirmavam os rasgos de génio, que sabiam aproveitar e antecipar as possibilidades de negócio. "Amiga, caso seja implementada a nova plataforma da AzorTours, acho que devíamos ser as primeiras clientes da empresa. Que achas?". "Concordo e assino por baixo. Só temos de escolher o local ou locais, onde queremos ir, alojamos e vamos comer, para escolher os pratos de algum restaurante agendado. De resto, ainda não percebi se temos de pagar mesmo que desistamos de lá ir.". "Temos de pagar. Mas podemos desistir com 48 horas de antecedência a marcação e ementa escolhida e ser reembolsadas.".

A Pandemia recrudescia, com a Ómicron a ocupar 90% das infeções e os números não paravam de crescer, embora as hospitalizações, entradas na UCI e mortes fossem, comparativamente, muito inferiores a Janeiro do ano anterior. Para as eleições legislativas do dia 30, previa-se que milhares de pessoas em confinamento fossem votar, de preferência entre as 18 e 19 horas, de acordo com a DGS. Tema que tinha dado e continuava a manter uma discussão acirrada. Teresa achava que, depois de 30 de Janeiro, se o resultado das Eleições fosse muito favorável a um dos grandes Partidos, que novas restrições iriam ser determinadas e que a sua possível viagem poderia não ter lugar. Beatriz, pelo contrário, achava que, após o pico que se adivinhava da COVID-19, tudo iria voltar ao quase normal, até porque era necessário aprender a viver com este Vírus e reativar a economia. "Desde que não apareça uma nova subespécie pior que a atual…". "E tu e o teu pessimismo a estragar a nossa viagem." Riram ambas, abraçando-se. Os tempos eram incertos. Ninguém se atrevia a fazer previsões sem acrescentar que isso dependia de *n* fatores. O mesmo que dizer: "Esta

previsão depende, no entanto, de…". E depois do "de" vinha quase tudo. Incluindo o desacerto dos dias do pico de contágios e da descida abrupta dos números de contágio. O que transformava alguns cientistas em adivinhos e outros em quase arlequins de políticos reinantes. De acordo com os ciclos políticos ou de conveniência. Porque se fala demais, se especula tanto, sem certezas, apenas com base em estatísticas que mais parecem futurologia do que representação da realidade? A convicção de que se é melhor, mais capaz, mais tudo… que é igual a nada.

"No final de Janeiro vamos ver quem vai votar e quem fica em casa...". "Acho que a abstenção vai aumentar. Tenho dúvidas da legitimidade de Eleições nestas circunstâncias, porque muitas pessoas não irão votar na perspetiva de que podem ser infetadas por outra pessoa com COVID." – Convicção de muitos comentadores, que comentavam por comentar. "E não é o mesmo que estar numa fila do supermercado ou noutro estabelecimento qualquer ou de quem espera nas urgências ou quer fazer um teste COVID?". "Verdade. Não tem mesmo sentido. Alguém disse que, desde o ano passado, as pessoas estão "Covidadas", tomadas pelas consequências e sequelas do COVID-19.".

Apesar de escaladas para substituírem colegas que lidavam diretamente com doentes infetados por COVID-19, Teresa e Beatriz conviviam mais, pelo menos dois dias por semana. Jantavam, quando as escalas coincidiam, ao final de cada turno, o que podia ser bastante tardio. O almoço, também sempre a desoras, não passava de uma sandes, um sumo e um café, mastigada e bebidas sempre a correr. Embora os números das UCI não fossem alarmantes, ficava sempre a ideia de que as pessoas estavam mesmo "covidadas", algumas ao recusar vacinarem-se. Era, aliás, uma tendência em muitos Países do Mundo, designando-se os "negacionistas". Em particular na Europa, exigia-se o Certificado de Vacinação para entrar em restaurantes e espaços de lazer, sem prejuízo de testes negativos para viajar.

Habituadas a ver pessoas morrer - nunca como desfecho rotineiro de uma ciclo de vida, por velhice associada a comorbidades ou de doença súbita -, custava-lhe aceitar a morte, fosse de quem fosse, mais de quem não se tinha vacinado. Assaltava-lhe a dúvida se essas pessoas estavam no uso das suas faculdades mentais, se não acreditavam nas evidências científicas ou, ainda e simplesmente, porque queriam marcar a diferença. O ser diferente, no uso do direito à liberdade que lhes assistia. O que podia ser também interpretado por uma atitude nada cívica e desprovida de respeito pelos outros que, com o seu comportamento, poderiam contagiar. As manifestações eram habituais, mas sem fundamentos sólidos contra os argumentos científicos. E havia também crianças, algumas que

morriam, por inconsciência dos pais. Doía tantas mortes que pareciam evitáveis. Do outro lado, estavam os que achavam que a vacina anti COVID-19 devia ser obrigatória, como algumas vacinas que eram administradas ainda em tenra idade. Na verdade, não era bem assim.

Mas, de acordo com o Plano Nacional de Vacinação, não havendo, regra geral, vacinação obrigatória, era considerado essencial a administração de determinadas vacinas, imediatamente após o nascimento, como contra a tuberculose (BCG) e poliomielite (VIP) e mesmo obrigatórias contra a difteria (DTPa) e o tétano, sob pena de não haver inscrição nos estabelecimentos de Ensino e continuação dos estudos. Posteriormente, eram recomendadas, em termos de manutenção contra o tétano e, a partir de idade mais avançada, contra e gripe e, agora, contra a COVID-19. No entanto, não sendo obrigatória, não se podia negar o emprego e acesso dessas pessoas a qualquer atividade ou função, em duvidosa violação Constitucional. Ninguém já contestava isso: a questão agora era o facto de se exigir uma prova da vacina COVID-19, através do seu Certificado, para ter acesso a certos estabelecimentos, como Hospitais, Centros de Saúde e restaurantes e a outras vertentes de comércio e lazer. Na verdade, não se estava a inovar ou a criar restrições, mas apenas a ampliar o que já estava previsto no Plano Nacional de Vacinação, relativamente a uma situação mais atual, que assentava num bem maior - a Saúde Pública -, estando provado que a vacinação era eficaz, diminuindo substancialmente as situações de gravidade extrema. Eram, também, os seus contornos diferentes, as variantes que ia apresentando, que motivavam uma maior ou menor condescendência das pessoas em se vacinar.

Havia até quem já falasse numa quarta dose. No pressuposto de que à Ómicron, surgisse uma nova variante, eventualmente ainda mais contagiosa e com efeitos mais graves, sem se saber qual. Mas a medida dos Serviços de Saúde foi a de diminuir o período de isolamento profilático, dos assintomáticos ou com sintomas moderados, apenas para sete dias e, posteriormente para cinco dias apenas. Apesar dos números continuarem a aumentar, em contaminação, internamento hospital e mesmo morte, havia que recuperar, como sempre, a economia e deixar as pessoas contaminarem-se naturalmente, para adquirir anticorpos, transformando a Pandemia em Endemia, até desaparecer naturalmente.

"Os governantes começam a habituar-se a mandar nas pessoas, com todas estas restrições. E gostaram disso, de cidadãos submissos. Estamos num novo tipo de ditadura." - Diziam alguns que, mesmo não sendo contra as vacinas, achavam que se obrigava ou aconselhavam as pessoas a restrições sem fundamento, como ao teletrabalho que, mesmo legalmente regulamentado, deixava ainda muitas incógnitas, dividindo especialistas em matérias como o

pagamento da entidade patronal das despesas acrescidas em casa versus o que se deixava de pagar nos transportes. Uma discussão ainda latente e que transpunha a porta do domicílio quando marido e mulher se encontravam em "clausura", como diziam alguns, mesmo sem estarem confinados. E o facto mais relevante era o da mulher, a quem competia, por convenção cultural apenas, fazer o almoço e o jantar. E se houvessem filhos, quem tratava deles? O machismo tradicional transformava os homens incompetentes para lidar com as tarefas de casa, sobrecarregando ainda mais as mulheres, até com as suas exigências e humor aziago, delapidando a pouca autoestima que ainda nelas sobrava, reduzindo-as à depressão eminente. Isso levava, felizmente, apenas nalguns casos, a situações dramáticas e a separações de facto, senão mesmo ao divórcio.

Os tempos eram diferentes. A vida tinha mudado. As necessidades também. O que tinha sido importante ontem, esfumara-se agora, como um filtro que deixara passar apenas o essencial e necessário. A vontade de reagir ficara, geralmente, reduzida a um comando matinal do querer que, depois do pequeno-almoço, redundava quase sempre em deixar a decisão para o dia seguinte. O dia decorria sem pressas, mas ao mesmo tempo obstinadamente rápido, apenas com os intervalos para ir buscar o almoço reforçado, porque parte era para aquecer e deglutir ao jantar. E assim se passava o dia, sentado no sofá, com as pernas estendidas sobre o pufe, a ver televisão, filmes pela segunda ou quarta vez. E se se queria ouvir música era uma canseira levantar ir escolher o CD, mas chegado ao fim, retirá-lo do leitor e substitui-lo era como dar, pelo menos, duas voltas ao Bairro, pelo que se ficava por aí, com sorte tirando uma soneca breve no sofá com umas almofadas a evitar que a cabeça assentasse na parede.

Isto era o que poderia acontecer nos dias de folga. Os que ainda trabalhavam e tinham de conviver com a família, ao mesmo tempo que mantinham as tarefas de trabalho em casa, como o atendimento a clientes que, de vez em quando questionavam da capacidade em ouvi-los com o choro de uma criança ou os berros de um adulto a perguntar onde estavam o azeite e o vinagre para temperar a salada.

Os ditos "Covidados", ainda em 2020 e agora, além das sequelas que a infeção poderia provocar e prolongar no tempo, mesmo sem terem sido infetados, pareciam ter também uma espécie de doença secundária que os fazia tementes a tudo e nada, mesmo que andassem na rua, puxando a máscara bem acima do nariz, quase tapando os olhos quando usavam óculos, mudando de passeio quando se cruzavam com alguém nem que fosse a mais de 20 metros de distância, bebendo o café levantando um pouco a máscara com uma das mãos e segurando a chávena com a outra. Ou, pior, levando a comida à boca pelo mesmo processo e só falando com o parceiro ou parceira depois de baixar a máscara, mesmo

mastigando ainda.

Havia um quê de alienação coletiva. O Boletim do COVID da DGS trazia subjacente uma ansiedade só explicável pela necessidade de fazer as pessoas cuidarem-se e mais, de se vacinarem. Mas nunca referia quantas pessoas não se haviam vacinado face ao total de hospitalizações, em particular nas UCI, e de óbitos em cada dia. É apenas um registo estatístico de onde se retiram poucas conclusões. Depois os Virologistas e Médicos de Saúde Pública, em autos de fé e os doutores dos modelos matemáticos a adivinhar o pico do contágio, que vai sendo adiado, sem explicação. Há quem tenha mudado de curso por não entender matemática. Talvez tenha percebido que, afinal, não é ciência tão certa ou quem a usa deveria ter estudado muito mais sobre a realidade. Seja como for, a verdade, é que ainda se sabe pouco desta Pandemia, apesar deste corona Vírus, SARS-CoV-2 (COVID-19), estar a ser estudado há vários anos. Há uma disfunção no Mundo, que acabará com a Humanidade, porque privilegia o lucro das empresas, incluindo as que produzem medicamentos, em detrimento dos habitantes do Planeta, porque centradas apenas no lucro.

Insanidade

A ilusão teima
em conduzir-me
por entre os escombros,
como se passeasse
pelo bosque mais belo
da Natureza.

Gentes, animais,
decepados, mutilados,
mortos ou moribundos
jazem, agonizam, agitam-se,
num cenário dantesco,
de um terramoto infame.

Mas a ilusão cega-me.
Em vez de dor e desgraça
mostra-me lírios brancos,
em vez de gritos lancinantes
o piar musicado de pássaros
em cerimónia de acasalamento.

Só então me apercebo
que o meu desvario tem raízes
que buscam o ventre da terra
que mergulham na lava ardente
do vulcão que resolvi habitar.

Avelino Rosa – 30-11-2013

Teresa e Beatriz, exaustas, jantavam num bom restaurante, longe do Hospital de Santa Maria. Tinham marcado uma mesa ainda antes de acabar o turno, abendo que provavelmente o dia continuaria relativamente calmo, até porque se os contágios haviam subido não se refletiam no número de internados e dos colocados em UCI, quando comparados com os resultados do ano anterior. Aliás, pedia-se uma restruturação do sistema de vacinação, libertando o médico presente em cada espaço, para retomar as suas funções normais e a tempo inteiro, sobretudo nos Centros de Saúde, para assegurar o normal acompanhamento de outros doentes.

Na verdade, a Dinamarca, onde a subvariante do Ómicron, BA.2, mais contagiosa que a original BA.1, fora responsável por um contágio mais massivos, acabara com todas as restrições, na lógica de que os efeitos reais da doença, face à percentagem dos cidadãos vacinados, não eram muito mais graves do que uma constipação ou gripe típicas do Inverno. Havia vários Países com esta linhagem do Vírus e até outros que já experimentavam a subvariante BA.3, mas em Portugal mantinha-se, por enquanto, a BA.1, a resvalar para a BA.2 que, não parecia mais grave. Apenas o número de mortes, mesmo sendo muito inferior a 2021, causava alguma preocupação, aliada ao facto de no final de janeiro de 2022, apesar de se ter previsto o pico da doença, não se entendia ainda quando pudesse acontecer nem como as subvariantes se comportariam no nosso País e, claro, o que poderia acontecer se surgisse uma nova variante mais agressiva.

Mas a vida tinha de continuar, apesar de todas as incógnitas. Afinal a Humanidade não tinha estado sempre sujeita a doenças graves, a Endemias e Pandemias? Uma equipa Espanhola não havia descoberto 130 mil Vírus, estimando chegar à volta de um milhão? Bastando usar, para isso, uma ferramenta de computação em nuvem (*Cloud*) que se alimentava da informação de muitas bases de dados genéticos. Já se sabia que o Homem vive com os Vírus que a Natureza lhe transfere ou devolve, quando criados por ele próprio. E começaram, desde há muito a ser catalogados, mas agora ficava-se a saber que eram ainda mais. Muitos mais mesmo. Restava saber, para a esmagadora maioria deles, como poderiam afetar o organismo humano e como poderiam ser diagnosticados. Se calhar, em tempo de Pandemia, agora nos nossos dias, em que a ciência evoluía com a tecnologia, a uma velocidade quase incontrolável, não deixava de existir alguma pretensão dos cientistas em mostrarem e demonstrarem resultados rápidos e, eventualmente, eficazes, numa competição entre Laboratórios de investigação, quando os lucros das empresas se mediam em milhões ou, de preferência, em milhares de milhão. Os passivos das empresas e os *crach's* também. E as dívidas públicas dos Países mais pobres ou eram perdoados ou usadas como espadas de Dâmocles sobre os cidadãos, diminuindo-lhe os rendimentos, por efeito do que lhes era pago ou por aumentos dos

impostos e taxas que tinham de pagar aos respetivos Estados.

No caso das vacinas, mesmo com a OMS a tentar remediar o impacto global, a verdade é que muitos Países, sobretudo asiáticos, africanos e sul-americanos, eram incapazes de assegurar à sua população os meios de vacinação adequados, vivendo de esmolar aos países mais ricos, que dispensavam uns milhares de vacinas mais por prestígio e reforço de interdependência do que por solidariedade e, em qualquer caso, muito longe do suficiente para manter uma vacinação uniforme capaz de por fim à Pandemia.

O Mundo, como sempre foi. Mantendo a sua primitiva linha de predominâncias e vassalagens. Primeiro os nossos, depois os outros, esquecendo que a cadeia de contágio só se quebra quando todos tiverem a imunidade necessária para combater o Vírus. É a realidade em que vivemos e sobrevivemos. Nem o Papa, sucessor de Pedro, pedra sobre a qual Cristo erigiu a sua Igreja, deu grande incentivo aos católicos para que invertessem esta situação. Ao contrário, a OMS e a própria ONU, por diversas vezes, invetivaram e recomendaram aos Estados mais ricos o dever que impendia sobre eles e em seu próprio proveito. O Mundo é assim. Assimétrico. A Diplomacia desmultiplica-se em afanosas refregas e condenações entre Estados pelos direitos humanos, querendo apenas acautelar as facilidades de comércio entre eles ou a supremacia bélica. De resto, tanto faz. Deixar cair o "amigo" que apoiou a sua posição que, até aí, parecia fazer sentido, deixa a marca de "satélite" e, com sorte, não inimigo direto de quem o aliado antes "combatia". A política, se fosse ciência, como alguns defendem, seria a mais estúpida e incoerente atividade do Mundo. Mas é ancestral, por vezes até ridícula, mas sempre fiel aos seus princípios de dúbia interpretação e fantasia de melindres. Nem vale a pena convocar Maquiavel, com o Príncipe. Já antes era assim e depois, melhor informados sobre as ideias e a dinâmica do poder, pior. Cometendo os maiores disparates e chacinas, sempre tendo por cerne a apetência pelo poder e o exercido da autoridade sem oposições. O poder autocrata, despudoramente disfarçado em Democracia.

O Tribunal Penal Internacional, criado em 1998, começou a funcionar em 2002, em Haia. Serve para julgar pessoas, em determinadas condições, por crimes de guerra, que foram bem conhecidos desde aquele ano. Havia quem defendesse que, nesta Pandemia, alguns chefes de Estado tinham deixado morrer milhares de pessoas por ausência de medidas de salvaguarda, sobretudo de vacinação, desviando os dinheiros públicos, doados ou próprios, para outras atividades e ações que bem poderiam esperar. Se a Saúde Pública não era um bem maior, então haviam cometido um crime. Um crime de Guerra.

A OMS, apesar de todos os senãos e da incerteza do futuro, na esteira dos Países Europeus que aliviavam as medidas, emitiu um Comunicado, dando a

entender que, sem ser possível afirmar o fim da Pandemia, haviam indicadores otimistas quanto à acalmia da doença com a sua nova variante, o que previa uma normalização dos contágios e suas consequências, sobretudo na Europa. Sem prejuízo das medidas adequadas e sempre que necessário.

Se somarmos a tudo isto as alterações climáticas, por nossa exclusiva culpa, bastaria pensar em Glasgow, na Escócia – COP26 -, para entender que o Mundo está dividido, neste caso com a Índia e a China a alterarem, à última hora, a expressão "eliminação por redução", referindo-se às Centrais Elétricas a carvão. Este e outros compromissos que se esperavam não acontecer foram elucidativos da vontade dos que se estavam marimbando para as alterações climáticas, apesar dos sinais evidentes, sabendo de antemão que acabarão por ser atingidos como os outros, sendo responsáveis pela aniquilação dos seus próprios concidadãos. Assim sendo, que importância tem a vacinação?

Em Portugal, alguns especialistas já haviam previsto e acompanhavam estas afirmações, mas o consenso tardava em assumir quando seria atingido o pico da Pandemia (ou, neste caso, Epidemia). Primeiro, afirmara-se que o pico surgiria a 20 ou 23 de Janeiro, depois já se falava em Fevereiro e até em Março. A disparidade de opiniões fez surgir, ainda em Janeiro, no Facebook um *post* que dizia. "O pico é em janeiro, o pico é em fevereiro, o pico é em Março… Estúpidos, o Pico fica nos Açores."

Assim ia a Pandemia em Portugal nos primeiros dias de Fevereiro de 2022, depois de Eleições, com abstenção inferior aos últimos atos eleitorais, com o Partido Socialista a obter uma maioria absoluta e o Primeiro-Ministro em funções devendo ser também o do novo Governo, mas então confinado em casa, por ter testado positivo no teste ao COVID-19.

"Já pensaste onde vamos de férias?". "Não é para os Himalaias?" – Perguntou Teresa, a sorrir. "Isso era apenas a brincar contigo, como já percebeste. Agora estive a ver a Internet e descobri que é mais fácil, para já, viajar dentro da Europa. Por exemplo, Veneza, onde dizem que já venceram a COVID-19." – Disse Beatriz. "Veneza? Isso não é mais para namorados?"- Perguntou Teresa. "Talvez, mas é um lugar onde sempre quis ir." – Insistiu Beatriz. "Então fica combinado. Só temos de marcar as datas." – Respondeu Teresa. "Temos de marcar férias ao mesmo tempo, pelo menos uma semana, e falar com os filhos e ver o que conseguem. Começa a haver uma grande esperança e abertura à retoma do Turismo." – Rematou Beatriz.

Estavam num restaurante gourmet, a saborear pratos de autor, acompanhados com um vinho quase divino de terras Alentejanas. O que já não faziam há muito tempo. Ou porque o vinho começara a fazer algum efeito ou porque o *stress* dos dias de trabalho acumulados davam lugar ao relaxamento dos corpos, a sorrisos e risos ao modo como se usavam os talheres, como se deglutiam os parcos conteúdos de cada prato, as piadas associadas que só naquele contexto pareciam fazer sentido e despertar os sentidos. Tentavam controlar, o mais possível, a sonoridade da descontração. Afinal, estavam num dos espaços mais famosos de Lisboa. Mas, uma ou outra gargalhada atraiu a atenção de alguns clientes, sisudos e reprovadores, como se estivessem a ouvir a Orquestra da Gulbenkian a tocar a Nona Sinfonia de Beethoven ou a assistir a uma missa na Sé Catedral, com o Cardeal Patriarca a discursar.

Um dos momentos mais hilariantes foi o "Ai" de Beatriz, quando Teresa a rir, com a cabeça quase dentro do prato e de pernas cruzadas, lhe acertou com o sapato direito mesmo no períneo. "Estás a tentar comer-me também?". "Desculpa amiga, foi sem querer.". "Ias magoando a minha "pipi", sua atrevida.". Teresa, num gesto apaziguador, mas sempre sorrindo, cortou e apanhou com o garfo um bocado da tarte de ananás e dirigiu-o à boca de Beatriz, que o recebeu e mastigou sem descolar os olhos dos de Teresa. "Sabe bem...".

Dir-se-ia que ambas, deliciadas com o jantar, sobretudo descontraídas do trabalho duro e que, tantas vezes, ia muito para além do dever a que estavam obrigadas, se tinham soltado, até porque aquela sexta-feira perspetivava também um fim-de-semana que já não gozavam há muito tempo. "Agora já não dá para usarmos o Metro, é melhor chamarmos um *Uber*.". "Sim, ficas em Miraflores e depois continuo até Queluz.". "Porque não ficas em minha casa? Como sabes, tenho um quarto de visitas como tu, onde tens tudo o que precisas.". Teresa ficou a pensar, mas pensar já não era faculdade funcional. Aceitou. Uma mensagem rápida a Eduardo e Teresa a informar que ia ficar em casa de Beatriz, porque estavam ambas muito cansadas.

E foram até Miraflores. Pelo caminho, uma morrinha parecia prende-las ao assento do carro. Quando chegaram, nem perceberam se tinham dormitado ou deixado as mãos entrelaçarem-se num incomum sonho. Estremunhadas, Beatriz foi a primeira a reagir, saindo do veículo e ajudando a amiga, que parecia, seriamente, afetada pela noitada. Entradas em casa, Teresa demonstrou uma fragilidade que levou Beatriz a ampará-la, ajudando-a a despir e a vestir uma das *t-shirts* que usava para dormir, e a metê-la na sua cama, para a poder manter próxima e permanentemente acompanhada. Ao deitá-la, deixou-lhe um beijo na testa pensando qualquer coisa como "dorme bem, querida.".

Beatriz estava perplexa, consigo mesma. Ainda hesitou antes de se deitar ao lado de Teresa, que parecia dormir profundamente. Mas deitou-se, de costas voltadas para a amiga. A uma hora qualquer, porque, por ali, o tempo havia perdido sentido e deixara mesmo de contar, Teresa, talvez sonhando, encostou-se a Beatriz, abraçando-a, acariciando-lhe os seios, o ventre, a púbis…. Beatriz sentiu uma vibração, como se o seu corpo fosse tangido como um instrumento em que cada corda correspondesse a um nervo, mesmo a um capilar mais recôndito, que a percorria de música, ora suave, ora penetrante e estridente, retomando os compassos e andamentos de uma Sinfonia, nova e desconhecida. Que as deixou em êxtase até de madrugada.

A relação de ambas nunca mais seria a mesma…

"Amiga, penso que deves estar chocada comigo. Achas que podemos continuar amigas depois desta noite?" – Perguntou Teresa, temendo a resposta de Beatriz. "Não estou chocada, mas se não te importares vou deixar de ser tua amiga..." Teresa deixou cair lágrimas repentinas sobre a travesseira, olhando Beatriz de soslaio: "Desculpa, eu não queria… ". "Deixar de ser minha amiga?". "Sim, claro, dói-me muito perder a tua amizade.". "Eu não disse que ias perder a minha amizade, apenas que deixávamos de ser amigas. Porque as namoradas não são amigas e o amor que sentem inclui a amizade. Entendeste?". Teresa teve de pensar um pouco. O ter acordado abruptamente e com a resposta de Beatriz, alguns neurónios estariam ainda bloqueados. "Quer dizer que agora somos namoradas?". "Não querias ir a Veneza?" – Rematou Beatriz, gozando com Teresa, sempre certinha, naquele seu ar de demónio das ocasiões mais imprevisíveis. Teresa olhava-a, incrédula, como se ainda estivesse a viver um sonho qualquer. Beatriz, beijou-lhe os olhos, bebendo-lhas as lágrimas e ajudando-a levantar-se. "Vamos tomar o pequeno-almoço!".

Pareciam mesmo namoradas, tocando-se, encostando os corpos, acariciando-se, beijando-se, enquanto preparavam as torradas, abriam o frasco de compota e

os iogurtes e ligavam a máquina de sumo fresco de laranja. Também a máquina do café para o final do pequeno-almoço. "Adoro-te!". "E eu a ti também!". "Vamos voltar par a cama?". "Claro que sim, apetece-me ainda… e a ti.". "Muito, mesmo.".

A manhã foi longa, doce em carícias e coisas que nem as namoradas saberiam contar. Eduardo e Isabel estranhavam que as mães ainda não tivessem dito nada e era já quase meio-dia. Quando Isabel ia ligar à mãe, recebeu uma chamada desta a perguntar se queriam almoçar com ela e Teresa. O almoço ficou marcado, para um restaurante normal, nos arredores de Lisboa, para as 13 horas.

Teresa e Beatriz estavam tão enamoradas que quase tinham esquecido os filhos. Mas não podiam, era para eles que elas viviam e, agora, também para si mesmas, tinham de reconhecer. Havia coisas que não podiam alterar, como o apoio que haviam prometido a Eduardo e Isabel, sobretudo por Belisa, a sua neta. Avós tão novas ainda. Teresa, ainda com 45 e Beatriz com quase 47 anos. Faltando cerca de um mês para Belisa nascer, era a altura própria para elas irem a Veneza e gozarem a sua lua-de-mel. E isso tinha sentido para duas mulheres? Porque não, se se amavam. "Embora me apetecesse, acho que não podemos fazer transparecer a nossa relação aos nossos filhos, não sei se iam entender…" – Disse Beatriz. "Concordo contigo, nem podemos usar termos como "querida" e "amor" na frente deles. Até acho que iam entender mas, à cautela, é melhor que eles não descubram a nossa relação, pelo menos antes do nascimento de Belisa.". "Mas que diabo aconteceu que, de repente, ficámos assim?". "De repente?!".

"Não sei, mas acho que há anos namoramos sem saber, que vimos lambendo as nossas feridas, eu sobretudo, nos nossos encontros, quase sempre a correr, mas em que nos temos apoiado incondicionalmente, mesmo em pequenas coisas, até pormenores sem importância…". "Tens razão, Teresa, a nossa amizade foi completa, mesmo quando vivias com Virgílio e eu já queria ver o meu marido longe de mim. Mas sempre resisti a assumir-me como bissexual ou mesmo lésbica. Nem sabia bem o que isso era e que encarava como mais um anátema que não queria carregar, muito menos quando sabia que tu e Virgílio eram felizes.". "Eu sei, querida, já sentia uma grande afeição por ti, para além de amiga, mas com a perda de Virgílio, senti que nunca mais amaria nenhum homem. Depois percebi que minha afeição por ti era mais do que isso. Precisava de ti, de te tocar, de te sentir, de me entranhar e sentir-te entranhada, apenas e só contigo, porque te amava.". "O que quer dizer que o destino nos levou, com as suas voltas e reviravoltas a um desfecho alheio à nossa vontade, mas objetivo e real agora.". "Sim, por isso temos de viver esta nossa nova vida, como se fossemos apenas uma, dando-nos tudo o quisemos e ainda não tivemos. De

acordo?". "Sim, e somos muito novas ainda, vamos gozar as nossas vidas e fazer felizes os nossos filhos!".

Teresa e Beatriz foram almoçar com os filhos, a Negrais, como haviam combinado, saboreando o leitão assado, servido ainda quente e com a pele estaladiça, acompanhado com vinho branco bairradino gaseificado. Uma delícia nos arredores de Lisboa.

Conversaram bastante durante o almoço. O tema principal continuou a ser a AzorTours e os progressos feitos até aí. Com a Pandemia a descer consistentemente, tudo levava a crer que as reservas já feitas e que, tudo levava a crer, poderiam exponenciar, permitiam antecipar um começo prometedor da AzorTours 2.0, como frisaram com algum humor. Entretanto, não se podia ignorar a barriga enorme de Isabel, dentro da qual Belisa aguardava vez em vir ao Mundo. Segundo a obstetra que seguia Isabel – colega de Teresa no Hospital D. Estefânia -, o parto estaria previsto para a terceira semana de Março e estava tudo bem. Teresa sabia disso, porque mantinha permanente contacto com a colega, a propósito desta e outras situações clínicas, como era normal.

"Então – disse Teresa – vocês podiam-nos marcar uma ida e estadia em Itália, a partir de 22 deste mês. Como vamos ter uns dias de férias, gostávamos de passar uns 2 a 3 dias em Roma e outros tantos em Veneza, de modo a voltarmos a 1 ou 2 de Março.". Depois de uma hesitação inicial, Eduardo prometeu tratar do assunto logo no dia seguinte. Depois do almoço, comentando com Isabel, questionou-se porque as mães de ambos queriam viajar até Itália e, sobretudo, querem ir a Veneza – onde eles próprios sempre tinham querido ir e previsto na sua agenda de viagens. "Faz-lhes a vontade e tenta dizer que, para ficar mais em conta, têm de partilhar o mesmo quarto e a mesma cama, mas referindo que a mesma é muito espaçosa.".

"Que maluqueira é essa, Isabel?". "Não é maluqueira Eduardo, apenas um *feeling* meu. Não viste como elas se olhavam? Não te zangues nem te armes agora em machista, mas acho que as nossas mães encontraram um amor "fora da caixa", chama-lhe como quiseres, mas parecem felizes assim. Não temos de as julgar nem devemos intervir.". Eduardo ficou a pensar, sem responder a Isabel. E achou que ela até teria alguma razão. Mas tendo sido ambas as mães casadas – a dele até por duas vezes -, parecia não fazer sentido este amor entre mulheres. Quando ia retomar a conversa com Isabel, percebeu que esta já dormia profundamente. Tentou também conciliar o sono, porque, afinal, que mal isso poderia ter. Sabia que podia contar com ambas, incondicionalmente, beneficiando de não ter de levar em conta os palpites e esquisitices de eventuais "maridos", com opiniões distorcidas por vidas atribuladas ou desviadas do suposto rumo, quando não negociadas em razão das várias razões que motivam

casamentos alimentados por interesses comerciais.

Logo agora que pensava propor a Isabel que cassassem, não por convicção ou convenção, porque, na prática, pelo menos no seio familiar, ficava provado de que nada servia, mas apenas porque, em Portugal, ainda era um modo de facilitar, administrativamente, uma maior estabilidade à filha que esperavam. E, aceitando que, com essa exceção de Belisa, estava, para já, avesso a alterações do *Clã Familiar*. Estava bem, assim, com Isabel e as putativas avós de Belisa. Depois da morte de Virgílio não lhe apetecia ter mais nenhum "pai" e, muito menos, um sogro, magro ou gordo, médico ou com outra profissão qualquer.

"Isabel perguntou-lhe, no meio da confusão que se gerara com a possível invasão da Ucrânia: "Já trataste da viagem das nossas mães?". "Não, esqueci-me completamente.". "Não te esqueças do que te disse!". "Não esqueço, não, mas prometes-me que também iremos a Veneza, depois de Belisa nascer e ainda este ano.". "Em que qualidade? Pais e namorados?". "E de marido e mulher, se também quiseres…". "Isso é um pedido de casamento?". "Aceitarias?". "Não sei. Tens de pedir primeiro.". "Muito bem. Depois do almoço, voltamos a conversar, mas entretanto trata tu, por favor, da viagem das avozinhas, que eu tenho um coisa importante para fazer…". "Depois do almoço?!". Isabel arrependeu-se do que havia dito, mas Eduardo saiu de imediato de casa, não lhe dando tempo para concluir a conversa.

Eduardo telefonou a Teresa e a Beatriz, para o ajudarem a encontrar, nesse mesmo dia, dois anéis de casamento. Encontraram-se num Centro Comercial, com uma ourivesaria conhecida por ambas. Elas até pareciam ter os meus gostos e, no caso, optaram por um anel simples, sóbrio, mas elegante que tinham certeza ser do agrado de Isabel. Eduardo provou o seu, mas ficava por saber-se qual a medida de Isabel. Beatriz foi lesta: "Ela tem uma mão igualzinha à minha, portanto é simples…". Só então Eduardo notou que a mãe e Beatriz usavam anéis pouco vulgares mas iguais. Isabel tinha mesmo razão. Por especial favor, os anéis teriam o nome de Isabel e Eduardo gravados, logo após o almoço.

Almoçaram no próprio Centro Comercial, para que Eduardo pudesse levantar os anéis, sem se deslocar, face à "urgência" da situação. – Riram ambas, com a piada de Teresa. "E queres que estejamos presentes quando fizeres o pedido?" – Perguntou Beatriz. Eduardo não sabia se havia de rir com elas se se mostrar zangado, mas respondeu num misto de envergonhado e pouco à vontade: "Não me parece necessário. Como vocês consideraram é urgente, ainda para hoje, daqui a bocado para ser mais preciso, e vocês ainda têm de trabalhar até ao final

da tarde.". Ambas, com uma cara fechada, que parecia prestes a desanca-lo, desataram a rir: "Este é o meu filho e teu genro.". "E Isabel a minha filha e tua nora.". Ambas deram um beijo nas faces de Eduardo. "Sei que a minha filha vai aceitar e que será muito feliz contigo.". "E podem contar connosco sempre e em tudo.".

Eduardo sabia disso e só lhes apeteceu dizer que ele e Isabel compreendiam e aceitavam a relação delas. Mas não quis dizer nada, por enquanto. Apenas, num gesto, incontido, que deixou ambas perplexas, agarrou nas mãos delas com o anel que entendeu de compromisso, beijando ambas e dizendo apenas: "Eu e Isabel gostamos muito de vocês.". E acrescentando que lhes pagava o almoço, porque ainda teria de esperar um pouco para voltar à Ourivesaria, deixando-as livres para voltarem ao trabalho.

Teresa e Beatriz tomaram o elevador para descerem ao estacionamento. Sozinhas, deram as mãos e beijaram-se. "Achas que os nossos filhos já entenderam o que se passa connosco?". "Pelos vistos não só entenderam como aceitaram. Fiquei muito feliz.". "Eu também!".

Eduardo, passados poucos minutos estava na posse dos anéis, devidamente acondicionados em caixas com um símbolo de matrimónio. A caminho de casa, esquecera-se da Pandemia, da invasão da Ucrânia pela Federação Russa e que já durava há alguns dias, e só pensava na surpresa que iria fazer a Isabel… E se ela não aceitasse? Não, isso não podia acontecer. Amavam-se e estavam prestes a ter uma filha. Mas…

Abrindo remotamente o portão do jardim da Vivenda, Eduardo estacionou mais para o interior, de modo a que a mãe, quando chegasse, pudesse colocar o carro atrás do dele, já que não pretendia sair mais de casa nesse dia. Abriu a porta e subiu até ao segundo andar encontrando Isabel no escritório, com uma música de fundo, enquanto trabalhava no Site da AzorTours. Para não a assustar, pensando em Belisa, ligou-lhe para o telemóvel. Quanto ela atendeu, com uma voz calma e natural disse-lhe que já tinha chegado a casa e estava mesmo atrás dela. Ela rodou a cadeira, indagando-se porque estava ele com um joelho no chão… com uma caixinha aberta com um anel que brilhava ao único foco de luz que deixava na penumbra todo aquele espaço de trabalho de ambos.

"Queres casar comigo?". Só então Isabel se lembrou da conversa que haviam tido de manhã, antes de ele sair. "Claro que quero, amor!"- Respondeu Isabel, colocando a caixa do anel sobre a secretária e resvalando da cadeira sobre Eduardo, deitado agora sobre a alcatifa. Com uma barriga enorme, que ele acariciava, ela quis sentir o marido e a filha dentro dela, num encontro de amor, sempre incondicional, que devotava a Eduardo e, agora, a ele e a Belisa. Ficaram o resto do dia, mimando-se…

Exceção feita para: "Trataste da viagem das nossas mães?". "Tratei e acho que

podem sair e voltar nas datas que previram. E, claro, com as especificidades que te disse…". "É verdade, quase me esquecia. Sabes que tens razão?". "Em quê?!". "Elas devem estar mesmo apaixonadas, até usam um anel igual, que acho de compromisso.". "A sério?". "Sim, não disse nada, mas beijei-lhes as mãos com o anel, quando nos desejaram felicidades.". "Senhor Eduardo, e porque nos desejaram felicidades?". "Não sou muito bom a mentir, certo?". "Não sei, depende…". Pedi-lhes ajuda para comprar os anéis para casarmos.".

"Hum… mães traidoras e beneficiando uma das partes. Além disso esqueceram-se de te dizer que este anel com o nome de cada um de nós é mesmo para um casamento.". "Mas, eu quero casar contigo…". "E eu também, mas só colocamos o anel, um no outro, quando casarmos legalmente. Temos de marcar uma cerimónia!". "Com convidados e tudo?". "Não, pode ser apenas com o Conservador do Registo Civil, em que elas podem ser as madrinhas.". "Foi por isso que não colocaste o anel?". "Claro, superstição apenas, digamos. Se queremos mesmo casar, temos de seguir as regras. De acordo?". "De acordo, senhora sabe-tudo!". "Amo-te, muito, mas quero mesmo casar contigo a sério e não apenas informalmente. Entendes?". "Entendo, amor. Vamos marcar o dia, de preferência antes do nascimento de Belisa.

Agora já na cama, após um lanche ajantarado, experimentavam mais de um amor que percorre as entranhas e escorre por todo o corpo, até aos lençóis. De lado, de costas para Eduardo, Isabel entranhava-o como uma parte de si, um órgão que fazia parte dela. A mão dele sobre o seu ventre, sentindo os "pontapés" de Belisa, atiçava-lhes o desejo, a vontade de se diluírem os três num único ser, resultado do amor de Eduardo e Beatriz. Amor é amor e o resultado também. É assim a vida. É isso que junta os bocados de que se faz a vida completa de cada um e de ambos.

"E as nossas mães?". Temos de lhes dizer que marcámos a viagem a Itália.". "Tens razão. Vamos nos divertir um bocado…". "Porquê?". "Quando lhe dissermos que só têm uma cama para ambas…". "Acho que vais ter uma surpresa.". Isabel enviou um *email* à mãe – que, tal como Teresa, estava de "Banco" -, dizendo-lhe que estava tudo marcado, nas datas pretendidas, mas que, em termos de Hotel, em Roma só havia um quarto com duas camas e em Veneza, apenas uma cama com uma dimensão razoável para duas pessoas, mesmo que obesas. Este pacote ficaria muito mais em conta do que qualquer outro e que valia mesmo a pena, até porque os hotéis em causa eram de referência e com cinco estrelas. Portanto, pedia que a informassem se aceitavam, para confirmar a reserva, o mais urgente possível.

Beatriz reencaminhou o *email* para Teresa, dizendo-lhe: "Tendo em conta o que o teu filho nos disse ao almoço e o que a minha filha parece corroborar, achas que vale a pena dizermos alguma coisa contra?". Teresa respondeu: "Não,

Beatriz. Se achamos que eles já entenderam e parecem ter aceitado, não vale a pena alterar a reserva. Quando houver oportunidade de abordar o assunto, diremos o que pensamos. Mas, conhecendo-os, acho que as nossas conversas vão mudar um pouco, quando nos afirmarmos como um casal, se comungares desta minha maneira de pensar e sentir.". "De acordo, querida, mas também acho que não vai haver mudança nenhuma, eles já se habituaram a nós assim. Acho que vamos, finalmente, ser todos felizes. Amo-te!". "Também te amo. Responde que estamos de acordo. Adoro os nossos filhos, sobretudo pela sua inteligência e aceitação da diferença. Quero ser uma avó especial, tal como tu! Beijos.". "Beijinhos, daqueles que ambas gostamos.".

Beatriz respondeu a Isabel, dizendo: "Tudo bem e aceite por ambas. Confirmem as reservas. Obrigado e beijinhos.". Isabel mostrou o telemóvel a Eduardo, que quase estava a adormecer. "Não te sentes chocado?". "Eu não, já percebi e aceitei que elas se sentem felizes. E isso faz-me feliz também. E tu?". "Muito feliz mesmo. Acho que assim seremos todas – todos, porque como homem passas a dominar o léxico -, alinhando numa mesma perceção da vida. Tu, ao apoiares as nossas mães, porque amas a todas, passas a fazer parte da minoria dos homens que, verdadeiramente, gostam das mulheres nas suas múltiplas facetas. É por isso que, cada vez mais, gosto de ti!".

Teresa e Beatriz viajaram para Roma e depois para Veneza. A sua "fuga" para fora do País, passando uns dias de férias em Itália, era um escape para reafirmarem e cimentarem a sua relação, num reconforto de múltiplas e inimagináveis atitudes de denegação do seu direito a serem felizes e mulheres por inteiro.

Em Roma deliciaram-se com a vista real e visita dos monumentos que haviam imaginado nas fotos da Internet e estudado um pouco historicamente, como o Coliseu, a Basílica de São Pedro no Vaticano, o Fórum, as Praças de Campidoglio e de Navona, o Panteão de Agripa, além de outros pontos de interesse, como as Catacumbas, que levaram as companheiras a abraçar-se, quase compulsivamente, com a imaginação aos saltos, após lerem o folheto distribuído à entrada, à medida que avançavam pelo monumento adentro… "Aqui e nas redondezas não podemos dizer a ninguém que somos médicas." – Dizia Teresa quase ao ouvido da companheira. Porque se sentia qualquer coisa que se entranhava na pele como se as almas (se existissem) dos inumados gritassem a todos os visitantes: "Deixem-nos em paz!". Claro que era obrigatória uma visita à Fonte de Trevi, onde se lançava uma moeda e se pedia um desejo. "O desejo pode ser combinado entre ambas?". "Teresa, que pergunta… Claro que tem de ser individual e silencioso. Vais desejar o mesmo que eu?". "Não sei o que vais desejar.". "Não sabes? Imagina….". "Então vou desejar o mesmo que tu.". E

atiraram as moedas, que rodopiaram na água até se misturar com tantas outras. "Desejaste o quê?". "A ti!". "Bom desejo para quando voltarmos ao Hotel.".

No último dia em Roma, ouvindo as notícias sobre os exercícios militares da Federação Russa com a Bielorrússia, junto das fronteiras com a Ucrânia, perceberam que este último País tinha sido invadido. Notava-se já um burburinho, conversas de condenação de Putin e dos oligarcas que detinham o poder na Federação Russa E já se falava em sanções exemplares, da União Europeia e dos Estados Unidos, além de muitos outros Países.

Apesar disso, Teresa e Beatriz sentiam-se felizes, sobretudo em Veneza. Na gôndola que as levou pelos canais, com o gondoleiro, armado em Luciano Pavarotti, a cantar "O sole mio", entrelaçaram os dedos, acompanhando a canção. Na cama do Hotel, de corpos colados, sentiram, finalmente, todas as sensações que lhes vinham da experiência e, agora, da leitura dos manuais que explicitavam como as amantes deviam satisfazer-se, explorando toda a sua sexualidade, mesmo o clímax menos inatingível, mas alcançável.

As notícias continuavam a fustigar a viagem, de ambas. Perante a resistência da Ucrânia e da possibilidade de a NATO, a quem aquele país queria aderir e a que pedia proteção, surgia uma ameaça, ainda velada, de um possível confronto nuclear. Os preços dos combustíveis continuavam a disparar, na perspetiva de a Federação Russa cortar o gás e o petróleo ao Ocidente, o que, a par do corte das importações do trigo e de adubos da Ucrânia e da Rússia, levavam a um aumento desmesurado do custo dos transportes e dos víveres, mesmo dos alimentos básicos.

"Amor, achas que o Mundo vai acabar?" – Perguntou Teresa à companheira. "Não, querida, não quero que o Mundo nem o nosso amor acabem. Mas acho que o relacionamento internacional vai mudar, mas não sei se para melhor se para pior." – Respondeu Beatriz. "Parece-me que se o Putin não conseguir dominar a Ucrânia será deposto pelos oligarcas russos, como todos os ditadores que não satisfazem quem o apoia.". "Bem pensado, mas não sabemos ainda o que vai acontecer. Na verdade, agora ainda me apeteces mais, imagina que invadem Itália. É melhor aproveitarmos...". "Ficaste glutona, amor…". "Foste tu que me ensinaste, não te queixes agora.". "E estou a queixar-me?". "Esquece, deixa-me saborear-te!".

Teresa e Beatriz regressaram a Portugal, 2 de Março. Tinham recusado que Eduardo as fosse busca ao aeroporto de Lisboa, até porque chegavam muito cedo e pensavam ficar em Miraflores, onde almoçariam e só depois Teresa seguiria

para Queluz. Cansadas da viagem, sobretudo porque tinham adormecido tarde na véspera. Mal chegaram a casa de Beatriz, deixando cair as malas no chão, beijaram-se e acariciaram-se, como se o Mundo fosse, de facto, acabar. Só a custo saíram da cama, já eram 13 horas. Tomaram um duche rápido, ao mesmo tempo, voltando a acariciar-se, agora ensaboando-se com gel de banho, e arrancando os últimos frémitos de uma viagem e de uma convivência que as marcaria e uniria para sempre.

Teresa, levada por Beatriz, só chegou a Queluz por volta das 15:30. Apenas Isabel estava em casa. Bem, não só, o Pluto mal viu a dona atirou-se a ela, exigindo todos os mimos que tinham ficado por dar durante oito dias. Isabel, com a sua imponente barriga, mal conseguia beijar a mãe e a Teresa. As futuras avós, disse ela, com ar saudável, mas com as faces manchas de castanhos, o "pano" da gravidez. "Estás linda, minha filha!". – Disse Beatriz. "E vocês parecem ótimas, até mais jovens ainda. Vou ligar ao Eduardo, dizendo que jantamos todos.". "Isabel, estamos um pouco cansadas da viagem e…" – Tentou dizer Teresa. "Problema vosso. Ou encomendo ou ajudo a preparar o jantar… sentimos falta da família.". Teresa e Isabel olharam-se e numa espécie de comunicação telepática, que nascia não sabiam donde, fez com que Teresa verbalizasse: "Se Beatriz estiver de acordo…". Beatriz estava de acordo. Restava apenas saber o que havia em casa para confecionar um jantar, por mais fulgurar que fosse.

A "investigação" não demorou muito. Havia "matéria-prima" mais do que necessária para confecionar um jantar razoável e até um gelado que remataria a refeição como sobremesa. Tinham dado ao Mundo filhos, com a inteligência e capacidade de viverem bem e em autossuficiência. Também os tinham ensinado ou tinham aprendido sozinhos, fruto da necessidade? Não, sempre haviam suprido as suas necessidades, ao mesmo tempo que os tinham ajudado a tornar-se independentes. A autossuficiência deles não era fruto do acaso mas da dedicação delas aos filhos que, mesmo face à sua profissão e à inépcia dos pais, com exceção de Virgílio, sempre que podiam, davam-lhes os ensinamentos para manterem uma alimentação saudável e ajudavam-nos a confecionava os alimentos. Claro que as empregadas domésticas de cada uma, ensinavam e ensaiavam os rudimentos e os procedimentos mais avançados de algumas receitas simples, ou mesmo mais complexas, que eles, ainda em terna idade, decoravam avidamente, a ponto de se sentirem à vontade na cozinha e adorarem confecionar cada prato, mesmo um pouco mais trabalhoso. Nalguns casos, com requintes de espantar.

Mas não era o caso nesse dia. Pão e uma feijoada de lulas, que Isabel pedira à empregada doméstica para comparar nesse dia, mas que havia substituído por uma sandes de atum, já que Eduardo não pudera vir almoçar, um chouriço e umas febras de porco, a temperar para ganharem melhor sabor, e que

aguardavam o grelhador, bastavam para uma refeição, complementada com o gelado. Água engarrafada, sumos e uma garrafa de vinho alentejano, asseguravam o acompanhamento.

Enquanto Isabel retomou o seu trabalho, alertando Eduardo para as avozinhas que jantavam com eles, Teresa subiu para o último andar com Beatriz: "Podes ficar hoje comigo, se quiseres.". "Querer eu quero, mas depende deles, minha querida.". "Vamos ver como decorre o jantar…". Entretanto, Teresa, sentada num dos sofás do seu escritório, pediu a Beatriz para se sentar num dos braços dele, no que ela assentiu, escorregado depois para o colo dela. Teresa abraçou-a, envolvendo-lhe os seios com as mãos. Encostaram as cabeças, sentido o calor das faces. O molhado dos beijos e assim ficaram vendo televisão.

Esta dava notícias da guerra, sobre a invasão da Ucrânia. Os portugueses férteis no humor, por vezes negro, diziam nas Redes Sociais que Putin devia receber o Nobel da Medicina, porque, apesar dos esforços dos cientistas e das vacinas, tinha conseguido, em poucos dias, acabar com a Pandemia. Porque nunca mais se tinha ouvido falar ou ver notícias sobre a COVID-19. Todas as rádios e televisões passaram a falar apenas da Guerra. A própria DGS havia decidido acabar com os Relatórios diários para os apresentar apenas semanalmente. Se havia COVID deixara de existir. Era sabido que bastava não falar de um assunto para que ele deixasse de ter existência em termos de Comunicação Social, pelo menos. Era o caso.

Isabel subiu para o andar superior, supondo encontrar as futuras avós, deparando-se com a mãe sentada no colo de Teresa. Não se mostrando espantada, apenas lhes pediu para a ajudarem a preparar o jantar, já que eram quase 19 horas e era necessário acender o braseiro e que Eduardo só chegaria por volta das 20 horas. Beatriz levantou-se como se uma mola a tivesse projetado e Teresa ficou encavacada, levantando-se com o apoio dos braços, como se estivesse com as pernas adormecidas. E estavam mesmo. Quase caiu no chão se Beatriz não a amparasse. "Filha, estávamos apenas…". "Mãe, poupa-me, deixa chegar o Eduardo e já lhe dizemos o que pensamos sobre vocês.". Teresa e Beatriz ficaram geladas. O que é que eles pensavam, que ela não pudesse explicar? Tinham assumido que os filhos haviam entendido e aceite a sua relação. Mas teriam entendido mesmo?".

Eduardo chegou cerca de meia hora depois e parecia bem-humorado. Na verdade as coisas haviam-lhe corrido bem durante o dia e os efeitos da guerra não pareciam ir provocar grandes desaires à AzorTours. "Como estão as avozinhas? Gostaram do nosso serviço? Estão dispostas a responder a um breve questionário de satisfação?". Deu um beijo enorme na boca de Isabel, dobrando-se todo pela saliência da barriga dela, e dois beijinhos nas faces da mãe e de Beatriz. E substituiu-as no grelhador durante alguns minutos, até que deu por

concluída a sua função de "grelhador-mor", como o designava Isabel.

Pediu às senhoras para se sentarem, porque ele as iria servir com todos os requintes. Teresa propôs-se a fazer esse trabalho e, de imediato, Beatriz, disponibilizou-se para ajudá-la. Mas Eduardo dispensou educadamente a ajuda, lembrando-lhe que não tinham respondido às suas perguntas. Ainda receosas com o que ele poderia dizer, limitavam-se a um comportamento passivo, não sabendo sequer o que poderiam esperar. "Gostámos muito.". – Atreveu-se a dizer Teresa.

Já todos sentados e a comer, com as mães ainda meio atordoadas, Eduardo insistiu: "Agora a sério, gostaram mesmo das vossas férias, apesar da guerra que estalou, entretanto?". As mães entreolharam-se, antes de Teresa, com voz firme e decidida responder: "Da notícia da guerra não gostámos e até temos medo que venha a espalhar-se, quer pela Europa, quer pelo Mundo. E, quem sabe se não acaba com uma guerra nuclear?". "Mãe, se houver uma guerra dessas morremos todos. Portanto de pouco serve nos queixarmos. Nem vamos ter tempo para isso. Mas, mesmo sabendo que Putin pode ser um anormal, temos também de levar em conta que ele, a família e os oligarcas russos não querem morrer. Donde, me parece que essa ameaça não passa de uma intimidação para ver se o Ocidente não entende que a guerra contra a Ucrânia vai ter muitas dificuldades, porque, afinal, o grande poder militar russo convencional, parece estar anquilosado.".

"Achas, então, que não devemos temer uma guerra nuclear?" – Perguntou Beatriz. "Só tenho uma certeza. Se isso acontecer, provavelmente nem vamos ter tempo para temer seja o que for.". "Então achas que não vai haver guerra nuclear?". – Perguntou, insistindo, agora Teresa. "Não. Observando os factos pela comunicação social, lendo artigos de análise da situação e ouvindo alguns comentadores que têm um efetivo conhecimento do terreno e dos Países em guerra, e sobretudo dos parceiros da AzorTours nesses mesmos Países, que formam a minha convicção pessoal. Que não é, necessariamente uma certeza, apenas uma opinião.". "Espero que tenhas razão, filho.". "Eu acho que temos a esperança de que tudo isto vai passar dentro de alguns dias. Uma guerra destas terá de acabar o mais breve possível. E a vida tem de continuar. Com Pandemia ou sem ela, com guerra ou com paz, temos de saber viver e colocarmos a nossa felicidade acima de tudo." – Referiu Beatriz, com as palmas de Isabel. "Na verdade, neste momento, é cedo para sabermos o que poderá acontecer, mas também acredito que vamos ultrapassar tudo isto em breve e voltar ao normal, nem que seja o da Pandemia." – Rematou Eduardo, com as palmas de todos.

"Ops! Estamos a discutir política, nada habitual nos nossos encontros, quando apenas queríamos saber se as nossas mães tinham gozado as suas férias.". "Gozámos sim, mas parece-me que pretendes insinuar qualquer coisa, para além

disso. Estou certa?" – Perguntou Teresa, meio irritada, mas direta como costumava ser e farta de falar de guerra como substituta do que os filhos pretendiam saber, com Beatriz em atitude apoio.

Eduardo olhou para Isabel, como se lhe desse a iniciativa da resposta. E ela entendeu: "Nós adoramos as nossas mães e sabem disso. Basta olhar para vocês e observar como se olham e se parecem sentir, olhar para o anel que trazem cada uma, as férias que lhes apeteceu gozar… Não temos certeza do que possam sentir uma pela outra, mas se for o que pensamos, adoramos, apoiamos e gostamos ainda mais de vocês. Fui clara?". "Foste, filha, Na verdade eu e Teresa descobrimos que nos amamos e que queremos viver juntas. Teresa…,. "Confirmo e gostava que nos apoiassem, sem dar muito nas vistas porque esta situação, apesar de tudo o que é dito, não é ainda bem aceite. Se concordarem, Beatriz ficará a viver, preferencialmente, nesta casa, pelo menos enquanto tivermos de cuidar de Belisa e depois podemos até passar mais algum tempo na casa dela em Miraflores. Que acham?". "Achamos ótimo. E adoramos tê-las connosco na mesma casa. Acho que posso falar também em nome de Isabel e, já agora, do Pluto.". – Rematou Eduardo, beijando de novo Isabel.

"Nós temos a sorte de vos ter por filhos… E saber que têm as vossas mentes abertas e sem tabus, aceitando a diferença… Vamos dispensar-vos todo o nosso amor e carinho…. E à vossa filha e nossa neta Belisa.". – Disseram Teresa e Beatriz, complementando-se.

"Também temos uma novidade, já agora…" "Digam!" – Exclamaram Teresa e Beatriz, ao mesmo tempo. "Decidimos casar e ainda antes de Belisa nascer."- Informou Eduardo, abraçado a Isabel. E já marcaram a data?". "Sim, na próxima semana, dia 9, de manhã, depois almoçamos e ainda vamos trabalhar, pelo menos uma parte da tarde.". – Complementou Isabel, a sorrir displicentemente. "Mas não há festa? E convidados?" – Quis saber agora Teresa. "Não, mãe, tudo o mais simples possível, só para que Isabel possa usar o anel que comprei com a vossa ajuda.". "Porque não o usas já filha?" – Perguntou Beatriz, espantada. "Porque ainda não casámos!". "E as "cotas" somos nós?!".

Desataram todos a rir. Até o Pluto, emitindo uns sons esquisitos, rebola no chão da cozinha como se tivesse ouvido uma piada canina ou, simplesmente, porque gostava de sentir que a família que o acolhera era feliz.

"Podemos saber quem escolheram para padrinhos.". – Perguntou Beatriz. "Sim, podem, mas não são padrinhos mas testemunhas, perante o Registo Civil, e achámos que podiam ser…" – Estava a responder Eduardo. "As "cotas"

Aceitam?". – Complementou Isabel, a gargalhar, como uma menininha à espera de outra. Beatriz e Isabel, que já haviam percebido que seriam as madrinhas ou testemunhas, ficaram comovidas, abraçando-se e beijando-se. Eduardo e Isabel, que fizeram o mesmo, como sempre, aliás, com um olhar de soslaio para as mães, pensando como duas mulheres tão maduras e profissionalmente realizadas se haviam apaixonado e agiam daquela maneira, como garotas do Secundário ou no início da Faculdade. Neste caso, Pluto ficou confuso. Todos lhe pareciam felizes, mas de um modo diferente, porque não riam. Resolveu que o melhor era ir fazer o seu lanche, que já tardava.

O casamento realizou-se na data e hora programadas. Ele de fato e uma gravata de marca, ela com um vestido oferecido pela mãe, elegante mas longe do de uma noiva tradicional, até porque a roupa tinha de acolher confortavelmente a sua enorme barriga. Exatamente como queriam. E com a aprovação das mães e testemunhas. "O teu cabelo ficou ótimo, Isabel. Estás uma noiva linda.". "Também acho.". "Então, e eu?" – Tu estás um homem tão charmoso de quem a minha filha vai sentir muito orgulho.". – Disse Beatriz, com uma lágrima quase a escorrer. Teresa, menos emotiva, beijou o filho na testa.

A cerimónia foi curta e rápida, num espaço pequeno, em que mal cabiam os quatro e a Conservadora que os casou. Teresa bem tentou captar uma foto de grupo, mas com muitas dificuldades. Teve de vir até à porta do gabinete, abri-la e "meter" todos na objetiva. Por coincidência, do casamento que se seguia, estava já presente na entrada, uma testemunha que, com um ar quase teatral, prometeu registar o momento com os cinco intérpretes presentes. E das cinco fotos que tirou, três ficaram impecáveis, assinalando a cerimónia. Teresa reconheceu que o homem deveria ser, como ela, um amante da fotografia. Agradeceu-lhe, com um encosto dos punhos de ambos, esforçando-se por significar com os olhos o seu agradecimento. Porque as máscaras que todos usavam ocultavam as entidades. Estropiavam as amizades, matavam as relações. Já se dera conta disso no trabalho – onde havia que cumprir os protocolos de segurança -, mas raramente interagia com outras pessoas na vida quotidiana, a não ser com a família.

Seguiu-se o almoço, num restaurante próximo, que além dos quatro, contava com os três colabores efetivos, e esposas, da AzorTours. Uma cortesia que Eduardo e Isabel não podiam dispensar. Doroteia, uma das esposas, sentiu que tinha de percorrer a barriga de Isabel, porque a dela tinha ficado assim até dar à luz o Pedro, aconselhando-a a que após o parto usasse umas pomadas para as estrias com que iria ficar, de certeza. O bolo, oferta das mães, cortado e servido após uma ótimo almoço, marcou com o café, a que quase todos aderiram, o

encerramento de uma cerimónia não necessária, mas simbólica, sobretudo para a família. As despedias dos colaboradores frisavam, além das felicidades aos recém-casados, o sucesso da AzorTours, como um incentivo, ainda mais explícito a Eduardo e Isabel, sabendo-se que todos temiam, já não pela Pandemia, mas pela Guerra em curso. Eduardo e Isabel iam agradecendo, reafirmando que tudo ia correr bem e que iam conseguir atingir os objetivos traçados.

"Estes tipos têm de falar, numa ocasião destas, da empresa? Que falta de…". – Remoía Teresa, desapontada. "Mãe, eles dependem da AzorTours e têm medo de ficar sem emprego. Sem meios para fazer sobreviver as suas famílias.". "Tens razão, filho. Temos de fazer tudo para manter a nossa empresa – enquanto olhava para toda a família -, a funcionar e a permitir que estas pessoas, que dependem de nós, possam continuar com trabalho, o que só será possível se conseguirmos que a AzorTours possa manter-se viável. Sei que tu e Isabel estão a fazer tudo para que isso possa acontecer, mas não se esqueçam que nós – Eu e Beatriz -, estamos na retaguarda a apoiar-vos em tudo o que for necessário.". Beatriz assentiu com uma inclinação de cabeça e abraçando Teresa. "Obrigado, avozinhas, mas, por enquanto, não vai ser necessário. Eu e Isabel temos quase a certeza de que tudo vai correr bem e que vamos expandir os negócios.". "Mas, obrigado a ambas pelo vosso apoio. Na verdade, a empresa é de nós todas… todos, quero dizer, quase te incluía como "Eduarda".". Riram mais que o habitual, já que o almoço havia sido acompanhado com um bom vinho do Douro, com uma graduação alcoólica de 14 graus. Ainda bem que vamos num TVDE." – Referiu Isabel. "Que quer isso dizer?". – Perguntou Beatriz. "Transporte individual e remunerado de passageiros em veículo descaracterizados a partir de plataforma eletrónica." – Esclareceu Eduardo, sorrindo. "Isso é o mesmo que Uber?" – Perguntou Teresa. "Não, mãe, além dessa empresa, existem outras com plataforma eletrónica idêntica. As "Apps" são distintas, embora parecidas.".

"E, olhem lá, têm de nos tratar mesmo por "avozinhas"?" – Refilou Beatriz. "Julgámos que gostassem que as tratássemos assim, já que vão ser avós muito jovens ainda e é uma maneira querida de o dizer...". "Tens razão, filha, desculpa. Acho que, nessa perspetiva, gostamos mesmo, não é Teresa?". "Sim, claro.". – Respondeu ela, enquanto encostava a cabeça ao ombro de Beatriz, mostrando que estava cansada e pronta e dormir e, quanto muito, sonhar.

Finalmente, estavam em casa, em Queluz, entrando na Vivenda, sob a atenta observação de Pluto, que esperava, um passeio na rua, para fazer as suas necessidades e marcações de chichi obrigatórias.

Beatriz e Teresa subiram para o segundo andar, onde iam descansar. O vinho do Douro fizera alguma mossa. "A tua língua sabe a vinho.". "E a tua também, até cheiras a Douro.". "Sabes que me apetecia fazer um cruzeiro no Douro?". "Eu também, podemos combinar.". "Que está a fazer?". "Gostas?". "Claro, mas não íamos descansar?". "Pois…". "Continua, por favor." "Adoro-te.". "Eu também!".

Eduardo e Isabel, que sentia necessidade de andar um pouco, foram passear o Pluto, ao sabor das suas paragens e arranques, sem pressas e abraçados, como se aconchegado do vento frio que percorria a rua com alguma suavidade. O tempo havia mudado, como previsto pela Meteorologia.

O céu estava carregado de pesadas nuvens que ameaçavam desabar em chuva e a tarde passara a quase noite, com as luzes das casas a serem ligadas.

"Daqui a pouco chove…". "Casamento molhado, casamento abençoado. Nunca ouviste?". "Sim, mas dispenso apanhar uma molha!". "Pronto, vamos para casa fazer amor.". "Estás bem Eduardo?". "Muito bem mesmo, mas temos de consumar o nosso casamento.". "Mas não temos feito outra coisa, até agora…" – Riu Isabel.

"Não é a mesma coisa. Hoje temos mesmo de completar a cerimónia do casamento!". "Marido, sempre à tua disposição, meu amor!".

Antropofagia

Se te amassasse mesmo
comia-te com pão e chouriço
ao pequeno-almoço tardio
degustando um vinho alentejano
reserva exclusiva do nosso amor
que se espraia pela planície mar
molhada e quente da loucura
que nos toma pelas manhãs
sem nunca acabar

No meio da dispneia que me tinge
de montanha e mar solto e revolto
mordia o teu ser, saboreando cada
pedaço, dos olhos aos pés de menina
fixando as pupilas de felina a dilatar
no êxtase da luz que te deslumbra

ainda sem te saciar.

Avelino Rosa, 22-08-2021

Isabel foi para a Maternidade Alfredo da Costa, onde Belisa iria nascer, no dia do Pai, a 19 de Março de 2022. Uma menina que reunia a esperança da família e também da própria Humanidade.

Com ela renasciam a esperança e os valores da Europa, finalmente unida e capaz de resistir à loucura dos homens que exacerbam os poderes que o povo lhes confere para servir o seu País e os seus concidadãos. É um mandato de responsabilidade, que só homens nobres podem aceitar e exercer, em benefício de todos, com equilíbrio e justiça.

Quando assim não acontece, o seu destino, com menor ou maior longevidade, acaba sempre num cadáver exangue, no invólucro da ignomínia, numa vala que, mesmo incomum ou erigida em panteão, o regista para sempre como Ditador. E todos devem relembrar que gente assim devia ter sido afastada da Sociedade, por desequilíbrio mental, mais ou menos evidente. Só que não é apenas um problema psiquiátrico, mas, sobretudo, um transtorno mental, equivalente, mais até de quem o apoia e suporta, numa ânsia de, mais do que obter Poder, beneficiar das benesses que a Ditadura lhe proporciona.

…….

Às 11 horas do dia 19 de Março de 2022, nasceu Belisa. Saudável, resoluta. Seria também uma réstia de esperança da Humanidade?

Março de 2022

1ª Edição

Odivelas, Abril de 2022

IGAC, Registo 297/2015
© Avelino Rosa

Resumo biográfico

Nasceu, a 17-06-1953, em São Caetano, Concelho da Madalena, Ilha do Pico, Região Autónoma dos Açores. Estudou no Liceu Nacional da Horta e viveu nesta cidade até 1972. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, em 1978. Funcionário público desde 1973, sendo Assessor Principal da carreira de Consultor Jurídico, na área da Cultura. Viveu em Macau, cerca de 15 anos, tendo exercido funções na Administração Pública do Território como Técnico Superior, Chefe do Departamento Técnico Jurídico e Subdiretor do Serviço de Administração e Função Pública, Vogal do Tribunal Administrativo e, cerca de nove anos, Diretor Municipal do Leal Senado. Membro da Direção do Clube Náutico de Macau durante oito anos, três dos quais como Presidente.

Publicações

- Diversos artigos em Revistas e Jornais.
- Os Municípios em Macau - Livros do Oriente, 1999.
- Macau (Via Hong Kong), um Romance de Amor - Editorial Diferença, 2002.
- Nas Asas da Net – Chiado Editora, 2015.
- Retalhos de Lava – e-Book, 2016, e versão impressa de 2018, AMAZON.
- O Meu Vício És Tu – e-Book, 2016 e versão impressa de 2018, AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol I – e-Book, 2016 e versão impressa de 2019. AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol II – e-Book, 2016 e versão impressa de 2020. AMAZON.

- Contos e outros Textos – e-Book e versão impressa, 2020, AMAZON.

- Vidas de Bruma - e-Book e versão impressa, 2022, AMAZON.

Página pessoal e Contactos

Página pessoal: http://www.avelinorosa.com

Procurar no "Google" ou noutro motor de busca por Avelino Rosa.

Email: avelinorosa069@gmail.com